

# COM UM PÉ NA SEPULTURA

SÉRIE NIGHT  
HUNTRISS



JEANIEPE FROST

Autora best-seller do *The New York Times*

nova século®

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Jeaniene Frost

COM UM PÉ NA SEPULTURA

SÉRIE NIGHT HUNTRESS



*One foot in the grave*  
Copyright © 2008 by Jeaniene Frost  
Copyright © 2012 by Novo Século Editora Ltda.

Produção Editorial: Equipe Novo Século  
Diagramação e Capa: Carlos Eduardo Gomes  
Tradução: Andrea Munhoz  
Preparação: Guilherme Summa  
Revisão: Fernanda Guerriero Antunes  
Diagramação para Ebook: Claudio Tito Braghini Junior

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
(Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Frost, Jeaniene

Com um pé na sepultura / Jeaniene Frost ; [tradução Andreia Munhoz]. -- Barueri, SP :  
Novo Século Editora, 2012. -- (Série night  
huntress)

Título original: One foot in grave.  
1. Literatura estrangeira I. Título. II. Série.

11-13893  
CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:  
1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2012  
IMPRESSO NO BRASIL  
PRINTED IN BRAZIL  
DIREITOS CEDIDOS PARA ESTA EDIÇÃO À  
NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.  
CEA – Centro Empresarial Araguaia II  
Alameda Araguaia 2190 – 11º Andar  
Bloco A – Conjunto 1111  
CEP 06455-000 – Alphaville – SP  
Tel. (11) 2321-5080 – Fax (11) 2321-5099  
[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br)  
atendimento@novoseculo.com.br

Para meu pai.  
Você é, e sempre  
será, meu herói.

# AGRADECIMENTOS

O ano que passou deixou claro para mim por que livros têm páginas de agradecimento. Escrever o primeiro esboço de um manuscrito pode até ser algo solitário, mas tudo o que vem depois disso não é.

Primeiramente, quero agradecer a Deus, por me dar mais do que eu jamais poderia querer.

Em seguida, agradeço a meu marido, Matthew, por todo o amor e apoio, que me fizeram acreditar ser possível realizar meus sonhos, e por me aceitar como eu sou, o que faz toda a diferença.

Agradeço aos fãs da série *Dark Huntress*. Seu entusiasmo por meus personagens significa mais para mim do que eu poderia um dia expressar.

Devo um agradecimento especial a minha editora, Erika Tsang, que arregaçou as mangas ao meu lado neste projeto. Além de seu *feedback* maravilhoso, ajudando a perceber o que deveria e o que não deveria ser feito para que esta história fosse contada, ela também dedicou pelo menos uma hora à discussão das potencialidades da dieta de um *ghoul* (espero que tenha recuperado seu apetite!). Você é a melhor, Erika.

Obrigada à minha agente, Rachel Vater. Não posso imaginar ninguém além dela me ajudando nessa jornada.

Minha gratidão imensa a Tom Egner, por minhas capas incríveis. Agradeço também ao maravilhoso pessoal da Avon Books, que fizeram de minha experiência no mundo editorial algo delicioso.

Os mais sinceros agradecimentos à Melissa Marr, Jordan Summers, Mark Del Franco e Rhona Westbrook, pela leitura do manuscrito de *Com o pé na sepultura* e por me manter no caminho. Obrigada também a Vicki Petterson, por horas de encorajamento suficientes para justificarem o pagamento por sessões de análise.

É claro: sou grata à minha família, em especial aos meus pais e às minhas irmãs. Seu apoio incondicional significa muito para mim.

Por último e não menos importante, quero agradecer novamente a Melissa Marr. É melhor que você saiba o quanto sua amizade tem sido importante nessa minha caminhada, estranha e repleta de obstáculos. Eu até poderia tentar expressá-lo, mas nós duas sabemos o quanto você é melhor que eu com as palavras.

# PRÓLOGO

– Você é *tão* arrogante.

Bones se aproximou até que poucos centímetros nos separavam.

– Sou poderoso. Mais do que você tem conhecimento. Isso é verdade, não arrogância. Todos os membros de sua equipe juntos não poderiam proteger você tão bem quanto eu posso, e você sabe disso. Quer minha ajuda ou não, você vai tê-la.

– Não se preocupe comigo, posso tomar conta de mim mesma.

De repente, fui agarrada pelos braços de Bones com minha cabeça inclinada para trás. Talvez tenha sido minha própria culpa. Eu tinha estado tão ocupada mantendo minhas defesas emocionais que acabei me esquecendo das físicas. E, verdade seja dita, nunca achei que ele fosse me morder.

Sim, eu baixava totalmente minhas guardas normais contra vampiros com Bones.

As presas dele se enterraram profundamente em meu pescoço. O tipo mais estranho de calor fluiu através de mim.

*Pare com isso*, eu queria dizer, mas parecia não conseguir formar as palavras. Ao invés disso, o que saiu foi um gemido primitivo. Bones apertou os braços em minha volta, inclinandome para trás, lambendo meu pescoço antes de afundar seus dentes novamente.

Eu me flagrei pensando que, se fosse morrer, ao menos morreria feliz.



# UM

Esperei do lado de fora da ampla casa de quatro andares em Manhasset, de propriedade de um tal Sr. Liam Flannery. Esta não era uma visita social, como qualquer um que me visse poderia supor. A longa jaqueta que eu vestia estava aberta, deixando minha arma e meu coldre de ombro claramente visíveis, assim como meu distintivo do FBI. Minhas calças eram largas, como também era minha blusa, para esconderem os dez quilos de armas de prata amarradas aos meus braços e pernas.

Minhas batidas foram respondidas por um homem mais velho de terno.

– Agente Especial Catrina Arthur – eu disse. – Estou aqui para ver o Sr. Flannery. – Catrina não era meu nome real, mas era o que estava escrito em meu distintivo falso.

O porteiro deu-me um sorriso forçado.

– Verei se o Sr. Flannery está. Espere aqui.

Eu já sabia que Liam Flannery se encontrava ali. Também sabia que o Sr. Flannery não era humano, nem o porteiro.

Bem, nem eu era humana, muito embora fosse a única de nós três a ter batimentos cardíacos.

Alguns minutos depois, a porta reabriu.

– O Sr. Flannery concordou em ver você.

Esse foi seu primeiro erro. Se eu tivesse que dizer alguma coisa a ele sobre isso, seria também a última.

Meu primeiro pensamento ao entrar na casa de Liam Flannery foi *Nossa!* Todas as paredes eram decoradas com madeira entalhada a

mão, o chão era de algum tipo de mármore de aparência muito cara e havia antiguidades distribuídas com muito bom gosto por todos os lugares visíveis. Estar morto com certeza não significava que não se podia viver bem.

Os cabelos em minha nuca arrepiaram-se conforme o poder preenchia a sala. Flannery não sabia que eu podia senti-lo, bem como sentia o poder de seu porteiro zumbi. Minha aparência era tão normal quanto a de qualquer outra pessoa, mas eu tinha alguns poucos segredos em minha manga. E um monte de facas, claro.

– Agente Arthur – Flannery disse. – Deve ser a respeito de meus dois empregados, mas já fui interrogado pela polícia.

Seu sotaque era inglês, o que não combinava com seu nome irlandês. Só de ouvir aquela modulação um calafrio subiu pela minha espinha. Sotaques ingleses me traziam algumas lembranças.

Eu me virei. Sua aparência era ainda melhor do que em sua foto no arquivo do FBI. Sua carne pálida e cristalina quase brilhava em contraste com a cor marrom de sua camisa. Vou dizer uma coisa sobre vampiros: todos eles têm a pele maravilhosa. Os olhos de Liam eram de um claro azul-turquesa e o cabelo castanho passava de seu colarinho.

É, ele era bonito. Provavelmente não tinha problemas para conseguir seu jantar. Mas a coisa mais impressionante nele era sua aura. Ela vertia de dentro dele em ondas repletas de poder e uma sensação de formigamento. Um Mestre vampiro sem dúvida alguma.

– Sim, é a respeito de Thomas Stillwell e Jerome Hawthorn. O Departamento apreciaria sua cooperação.

Minha educada protelação era para calcular quantas outras pessoas estariam na casa. Forcei meus ouvidos, mas até o momento não deparara com ninguém além de Flannery, o porteiro zumbi e eu mesma.

– Claro. Qualquer coisa para ajudar a lei e a ordem – ele disse com um oculto divertimento.

– E você se sente à vontade em conversar aqui? – perguntei, tentando conseguir dar mais uma espiada em volta. – Ou há algum lugar mais privado que prefira?

Ele começou a andar pela sala.

– Agente Arthur, se quiser conversar em particular comigo, me chame de Liam. E espero que queira falar sobre outra coisa além dos entediantes Jerome e Thomas.

Eu tinha muito pouca intenção de conversar tão logo tivesse Liam em particular. Como esteve implicado nas mortes de seus empregados, Flannery fazia parte de minha lista de afazeres, mas eu não estava ali para prendê-lo. As pessoas comuns não acreditavam em vampiros ou zumbis, então não havia um processo legal para lidar com aqueles que eram assassinos. Não, ao invés disso, havia um ramo secreto da Segurança Nacional e meu chefe, Don, tinha me enviado. Havia rumores sobre mim no mundo dos mortos-vivos, verdade. Eles haviam aumentado durante minha atividade neste trabalho, mas somente um vampiro sabia quem eu realmente era. E eu não o via fazia mais de quatro anos.

– Liam, você não está flertando com uma agente federal que o está investigando em um duplo homicídio, está?

– Catrina, um homem inocente não se aflige com as rodas da lei quando elas ressoam à distância. Pelo menos, eu agradeço aos federais por enviarem *você* para falar comigo, bela mulher que é. Você também me parece um tanto familiar, apesar de que tenho certeza: me lembraria de tê-la conhecido antes.

– Não nos conhecemos – eu disse imediatamente. – Acredite, eu teria lembrado.

Eu não tinha intenção de lhe fazer um elogio, mas isso o fez dar um risinho de uma forma insinuante demais para meu gosto.

*Seu filho da mãe presunçoso. Vamos ver por quanto tempo você irá manter esse sorriso afetado.*

– De volta ao trabalho, Liam. Vamos conversar aqui ou em particular?

Ele emitiu um som de derrota.

– Se você insiste em seguir por esse rumo, podemos então ficar mais à vontade na biblioteca. Venha comigo.

Eu o segui por mais salas suntuosas e vazias até a biblioteca. Esta era magnífica, com centenas de livros novos e antigos. Havia até mesmo pergaminhos em uma vitrine de vidro, mas foi a grande peça de arte na parede que chamou minha atenção.

– Isso parece... primitivo.

À primeira vista parecia ser de madeira ou marfim, mas examinada mais de perto, pareciam ser ossos. Humanos.

– Aborígine, aproximadamente trezentos anos de idade. Dada a mim por alguns amigos na Austrália.

Liam aproximou-se, seus olhos azul-turquesas começando a brilhar como esmeraldas. Eu sabia o que eram as manchas verdes em seu olhar. Luxúria e fome tinham a mesma aparência nos vampiros. As duas faziam os olhos assumirem um brilho esmeralda e as presas saltarem para fora. Liam estava faminto ou excitado, mas eu não iria satisfazer nenhum de seus desejos.

Meu celular tocou.

– Alô – eu atendi.

– Agente Arthur, ainda está interrogando o Sr. Flannery? – meu subordinado, Tate, perguntou.

– Sim. Devo terminar em trinta minutos.

Tradução: se eu não respondesse novamente em meia hora, Tate e minha equipe viriam atrás de mim.

Tate desligou sem mais comentários. Ele detestava quando eu lidava com as coisas sozinha, mas fazer o quê? A casa de Flannery estava silenciosa como uma tumba – aliás, o que talvez fosse – e fazia muito tempo que eu havia lutado com um Mestre vampiro.

– Acredito que a polícia disse a você que os corpos de Thomas Stillwell e Jerome Hawthorn foram encontrados sem a maior parte de seu sangue. E sem ferimentos visíveis que justificassem isso – eu disse, entrando direto no assunto.

Liam deu de ombros.

– O Departamento tem alguma teoria?

Oh, nós tínhamos mais do que uma teoria. Eu sabia que Liam havia fechado os buracos incriminadores nos pescoços de Thomas e Jerome com uma gota de seu próprio sangue antes de eles morrerem. *Bum!* Dois corpos drenados, nenhum cartão de visita do vampiro para irritar os camponeses – a menos que se soubesse por quais truques procurar.

Sem rodeios, eu disparei:

– Mas *você* tem, não tem?

– Sabe sobre o que eu tenho uma teoria, Catrina? Você tem um sabor tão doce quanto sua aparência. Na realidade, não pensei em nada mais desde que você entrou.

Eu não resisti quando Liam diminuiu a distância entre nós e levantou meu queixo. Afinal de contas, isso iria distraí-lo melhor do que qualquer coisa que me ocorresse.

Seus lábios nos meus eram frios e vibravam com energia, dando prazerosos formigamentos em minha boca. Ele beijava muito bem, sentindo quando aprofundar e quando *realmente* ir fundo. Por um minuto, eu realmente me permiti apreciar isso – Deus, quatro anos de celibato devem estar cobrando seu pedágio! –, mas depois voltei ao trabalho.

Meus braços o envolveram, dissimulando, quando puxei um punhal de minha manga. Ao mesmo tempo, ele deslizou suas mãos por meus quadris e sentiu as formas rígidas sob minhas calças.

– Que diabos...? – ele murmurou, saltando para trás.

Eu sorri.

– Surpresa! – E então ataquei.

Teria sido um golpe mortal, mas Liam era mais rápido do que antecipei. Ele golpeou meus pés assim que eu o apunhalei, então minha arma de prata errou seu coração por centímetros. Ao invés de reaver meu equilíbrio, deixei-me cair, rolando para longe do chute que ele dirigiu à minha cabeça. Liam moveu-se como um raio para tentar novamente, mas arremeteu para trás quando três das facas que lancei acertaram seu peito. Droga, eu tinha errado seu coração *de novo*.

– Santo Cristo! – Liam exclamou. Ele desistiu de fingir ser humano e deixou seus olhos voltarem a brilhar como esmeraldas, enquanto suas presas saltavam para fora em sua arcada superior. – *Você* deve ser a famosa Ceifeira Ruiva. O que traz o bicho-papão dos vampiros até minha casa?

Ele soava intrigado, mas não com medo; no entanto, estava mais cauteloso. Circulou em volta de mim quando abaixei rapidamente, jogando minha jaqueta longe para ter melhor acesso às minhas armas.

– O de sempre – eu disse. – Você matou humanos. Estou aqui para acertar o placar.

Liam efetivamente revirou os olhos.

– acredite, boneca, Jerome e Thomas mereceram. Aqueles filhos da mãe me roubaram. É tão difícil encontrar bons ajudantes hoje em dia.

– Continue falando, garoto bonito. Eu não me importo.

Virei a cabeça e peguei mais facas. Nenhum de nós piscava enquanto esperava o outro agir. O que Liam não sabia era que eu estava ciente de que ele pedira ajuda. Eu conseguia ouvir o zumbi furtivamente vir em nossa direção, mal conturbando o ar à sua volta. A tagarelice de Liam era apenas para ganhar tempo.

Ele balançou a cabeça em uma aparente autorrecriminação.

– Sua aparência devia ter me alertado. Dizem que a Ceifeira Ruiva tem o cabelo tão vermelho quanto sangue, olhos cinzentos

como fumaça e sua pele... Bem, aqui vem a verdadeira distinção. Nunca vi uma carne tão bela em um humano antes. Por Cristo, garota, eu nem ao menos ia morder você. Bem, não do jeito que está pensando.

– Sinto-me envaidecida que você queira transar comigo, bem como me matar. Verdade, Liam, que doçura.

Ele sorriu amplamente.

– Afinal de contas, o Dia dos Namorados foi há apenas um mês.

Ele estava me forçando em direção à porta e eu o deixei. Deliberadamente, puxei minha faca mais longa da perna da minha calça, aquela que era praticamente uma pequena espada, e troquei-a com minhas facas de lançar em minha mão direita.

O sorriso de Liam ampliou-se quando ele a viu.

– Impressionante, mas você ainda não viu a *minha* lança. Solte seus aparatos e eu a mostro para você. Pode até mesmo deixar algumas facas com você, se quiser. Isso apenas deixaria a coisa mais interessante.

Ele investiu para frente, mas não mordeu a isca. Ao invés disso, lancei nele as cinco facas em minha mão esquerda e girei para evitar o golpe do zumbi atrás de mim. Com um único golpe violento que reverberou através de meu braço, enfiei a lâmina em seu pescoço com toda minha força.

Ela saiu do outro lado. A cabeça rodou em seu eixo por um instante, olhos escancarados nos meus, antes de cair ao chão. Havia apenas um único jeito de se matar um zumbi, e era aquele.

Liam arrancou minhas facas de prata dele como se não passassem de palitos de dente.

– Sua vagabunda abominável, *agora* eu vou machucar você! Magnus foi meu amigo por mais de quarenta anos!

Aquilo sinalizou o fim dos gracejos. Liam veio para cima de mim com incrível velocidade. Ele não tinha armas, exceto seu corpo e dentes, mas estes eram formidáveis. Liam baixou seus punhos sobre

mim e eu retaliei com golpes vigorosos. Por vários minutos, nós apenas esmurramos um ao outro, destruindo todas as mesas e luminárias em nosso caminho. Finalmente, ele me atirou através da sala e eu me estatelei próximo à incomum peça de arte que tinha admirado. Quando ele veio até mim, eu o chutei e o lancei de costas dentro da vitrine. Então, arranquei a escultura da parede e atirei-a em sua cabeça.

Liam abaixou-se, praguejando quando a intrincada peça de arte despedaçou-se atrás de si.

– Você não tem nenhum maldito respeito por artefatos? Aquela peça era mais velha do que eu! E como *diabos* você conseguiu olhos assim?

Eu não precisava olhar para saber sobre o que ele estava falando. Meu olhar, anteriormente cinzento, deveria agora estar com um brilho tão verde quanto o de Liam. Lutar trazia à tona a prova de minha herança mista que meu desconhecido pai vampiro havia me deixado.

– Aquele quebra-cabeça de ossos era mais velho do que você, hein? Então, você tem duzentos anos? Duzentos e cinquenta? Você é forte, então. Espetei vampis com setecentos que não batiam tão forte como você. Vai ser divertido matá-lo.

Que Deus me ajude, mas eu não estava brincando. Não era divertido quando eu apenas furava um vampiro e deixava minha equipe varrer as sobras.

Liam sorriu para mim.

– Duzentos e vinte, boneca. Em idade sem pulsação, quero dizer. Os outros não valeram nada, além de pobreza e miséria. Londres era um esgoto naquela época. Está bem melhor agora.

– Que pena que você não a verá novamente.

– Duvido disso, boneca. Acha que vai apreciar me matar? Eu sei que vou *amar* ferrar você.

– Vamos ver o que você tem aí – zombei.



Ele voou pela sala – rápido demais para que eu o evitasse – e desferiu um golpe brutal em minha cabeça.

Isso fez luzes explodirem em meu cérebro e teria levado uma pessoa normal diretamente ao túmulo. Mas eu nunca fui normal, portanto, enquanto combatia a náusea, também reagi rapidamente.

Fiquei frouxa, deixando minha boca pender aberta e meus olhos rolarem para trás, enquanto caía no chão com minha garganta tentadoramente inclinada para cima. Próximo à minha mão relaxada estava uma de minhas facas de atirar que ele havia puxado de seu peito. Será que Liam iria me chutar enquanto estava caída ou veria quão ferida eu estava?

Minha jogada compensou.

– Assim está melhor – Liam murmurou e ajoelhou-se ao meu lado. Ele deixou suas mãos passearem pelo meu corpo e a seguir resmungou, achando graça: – Isso sim é um exército de um só: a mulher está vestindo todo um maldito arsenal.

Ele baixou o zíper de minhas calças de uma maneira prática. Provavelmente iria me despojar de minhas facas – isso seria a coisa mais inteligente a se fazer. Quando puxou minhas calças abaixo de meus quadris, contudo, ele parou. Seus dedos traçaram a tatuagem em meu quadril que eu tinha feito havia quatro anos, logo após ter largado minha antiga vida em Ohio em troca desta nova.

Agarrando minha chance, fechei minha mão por sobre o punhal que estava no chão e o enfiei em seu coração. Os olhos chocados de Liam encontraram-se com os meus quando ele congelou.

– Achei que se o *Alexander* não tinha me matado, nada iria...

Eu estava prestes a dar o giro final e fatal quando a última peça se encaixou. *Um navio chamado Alexander. Ele era de Londres e estava morto havia cerca de duzentos e vinte anos. Possuía uma peça de arte aborígine, dada a ele por um amigo na Austrália...*

– Qual deles é você? – perguntei, segurando a faca parada. Se ele se movesse, ela iria retalhar seu coração. Se se mantivesse

imóvel, não iria matá-lo. Ainda.

– O quê?

– Em 1788, quatro condenados viajaram para as colônias penais no sul do País de Gales em um navio chamado *Alexander*. Um escapou logo após a chegada. Um ano depois, o condenado fugitivo retornou e matou a todos, menos seus três amigos. Um deles foi transformado em vampiro por escolha própria; os outros dois, à força. Eu sei quem você não é, portanto diga-me quem você é.

Se isso fosse possível, ele estava ainda mais abismado do que quando apunhalei seu coração.

– Somente algumas pessoas no mundo sabem dessa história.

Dei uma rápida e ameaçadora sacudidela na lâmina que a deixou um pouco mais profunda. Ele captou a mensagem.

– Ian. Sou Ian.

*Filho da mãe!* Sobre mim estava o homem que tinha transformado o amor de minha vida em vampiro havia quase duzentos e vinte anos. Falando em ironias...

Liam, ou Ian, era um assassino confesso. Sem dúvida, seus empregados podem ou não tê-lo roubado, o mundo nunca careceu de tolos. Os vampiros jogavam com um conjunto diferente de regras quando a questão eram suas posses. Eram territorialistas ao extremo. Se Thomas e Jerome sabiam o que ele era e o roubaram, sabiam também das consequências. Mas não era isso o que paralisava minha mão. No final das contas, isso acabou se resumindo a uma simples verdade: posso ter abandonado Bones, mas não poderia matar o responsável por trazê-lo para dentro de minha vida.

Sim, pode me chamar de sentimental.

– Liam, ou Ian, se preferir, ouça-me com muito cuidado. Você e eu vamos nos levantar. Vou puxar fora esta faca e você vai fugir. Seu coração foi perfurado, mas você vai sarar. Estou devendo uma vida a alguém e escolhi a sua.

Ele me olhou fixamente. As luzes brilhantes em nossos olhos uniram-se.

– Crispin. – O nome verdadeiro de Bones surgiu entre nós, mas eu não reagi. Ian soltou uma risada dolorosa. – Só poderia ser Crispin. Eu já deveria saber pelo jeito como você lutou, sem mencionar que sua tatuagem é idêntica à dele. Truque sujo, fingir estar inconsciente. Ele nunca teria caído nessa. Ele a teria chutado até você parar de fingir.

– Você tem razão – concordei suavemente. – Foi a primeira coisa que Bones me ensinou. Sempre chutar alguém quando estiver caído. Eu prestei atenção. Você não.

– Ora, ora, pequena Ceifeira Ruiva. Então, você é a razão de ele estar em um estado de espírito tão deplorável nesses últimos anos.

Imediatamente meu coração apertou de alegria. Ian acabara de confirmar o que eu não havia me permitido cogitar. Bones estava vivo. Mesmo se ele me odiasse por tê-lo deixado, estava vivo.

Ian abusou de sua vantagem.

– Você e Crispin, hein? Não tenho falado com ele nos últimos meses, mas posso encontrá-lo. Eu poderia levá-la até ele, se quiser.

A ideia de reencontrar Bones causou um turbilhão de emoções em mim. Para encobri-las, eu ri debochadamente.

– Nem por ouro. Bones me encontrou e me transformou em isca para os alvos que ele fora pago para matar. Até me convenceu a fazer a tatuagem. Falando em ouro, quando você vir Bones novamente, pode dizer a ele que ainda me deve dinheiro. Ele nunca pagou minha parte dos trabalhos como prometeu. O único motivo de este ser *seu* dia de sorte é que ele me ajudou a resgatar minha mãe uma vez, então, devo isso a ele e você é meu pagamento. Mas se eu algum dia vir Bones novamente, será na ponta de minha faca.

Cada palavra doeu, mas foram necessárias. Eu não poderia colocar um alvo em volta do pescoço de Bones admitindo que ainda o amava. Se Ian repetisse o que eu disse, Bones saberia que não era

verdade. Ele não tinha se recusado a me pagar pelos trabalhos que fiz com ele – eu recusara o dinheiro. Nem tinha me convencido a fazer a tatuagem. Eu fiz os ossos cruzados iguais aos dele por causa de uma saudade inútil depois que o deixei.

– Você é metade vampiro. Tem que ser com esses olhos brilhantes. Diga-me... como?

Quase não fiz isso, mas pensei, que diabos. Ian já sabia de meu segredo. O *como* era anticlimático.

– Algum vampiro recém-morto estuprou minha mãe e, infelizmente para ela, seu esperma ainda conseguia se mover. Não sei quem ele é, mas algum dia vou encontrá-lo e matá-lo. Até lá, eu me acerto com patifes iguais a ele.

Em algum lugar no outro lado da sala, meu celular tocou. Não me movi para atendê-lo, mas falei apressadamente:

– É o meu apoio. Quando eu não respondo, eles entram à força. Mais força do que você pode encarar agora. Mexa-se devagar, levante-se. Quando eu retirar a faca, corra como o diabo e não pare. Você vai salvar sua vida, mas está deixando esta casa e não vai voltar. Estamos de acordo? Pense antes de responder, porque eu não blefo.

Ian sorriu firmemente.

– Ah, eu acredito em você. Está com uma faca em meu coração. Isso dá a você poucos motivos para mentir.

Eu não pisquei.

– Então, vamos com isso.

Sem outro comentário, Ian começou a colocar-se de joelhos. Cada movimento era uma agonia para ele, dava para ver, mas ele contraiu os lábios e não emitiu som algum. Quando ambos estávamos em pé, cuidadosamente retirei a lâmina de suas costas e segurei a faca ensanguentada na minha frente.

– Adeus, Ian. Suma daqui.

Ele atravessou uma janela à minha esquerda, estilhaçando-a em um borrão de velocidade que foi mais lento do que antes, mas ainda assim impressionante. Lá fora, na frente da casa, ouvi meus homens apressando-se até a porta. Havia uma última coisa que eu tinha que fazer.

Mergulhei o mesmo punhal em minha barriga, fundo o suficiente para me derrubar de joelhos, mas raso o bastante para evitar um ferimento mortal. Quando meu segundo oficial, Tate, entrou correndo na sala, eu estava arquejando e dobrada ao meio, sangue vertendo em cima do adorável carpete grosso.

– Jesus, Cat! – ele exclamou. – Alguém traga o Brams!

Meus outros dois capitães, Dave e Juan, saíram apressados para obedecer à ordem. Tate me pegou e carregou para fora da casa. Com a respiração entrecortada, dei minhas instruções.

– Um fugiu, mas não o persigam. Ele é forte demais. Não há mais ninguém na casa, mas deem uma verificada rápida e depois recuem. Temos que partir no caso de ele voltar com reforços. Eles nos massacrariam.

– Uma vasculhada e depois recuem, recuem! – Dave ordenou, fechando as portas da van para a qual eu havia sido levada. Tate puxou a faca e pressionou bandagens no ferimento, dando-me para engolir diversas pílulas que nenhuma farmácia comum possuía.

Após quatro anos e um time de brilhantes cientistas, meu chefe, Don, tinha conseguido filtrar os componentes no sangue de mortos-vivos para criar uma droga fantástica. Em humanos comuns, ela reparava ferimentos tais como ossos quebrados e sangramento interno como se fosse mágica. Demos a ela o nome de Brams, em homenagem ao escritor que tinha tornado os vampiros famosos\*.

– Você não deveria ter entrado sozinha – Tate me repreendeu. – Que diabos, Cat, da próxima vez me dê ouvidos!

Eu dei uma fraca risadinha.

– O que você disser. Não estou a fim de discutir.

Então, desmaiei.

# DOIS

Minha casa era uma pequena estrutura de dois andares no final de uma rua sem saída. O interior era quase espartano em sua nudez. Um único sofá no andar de baixo, estantes, algumas luminárias e um minibar carregado de gim e tônica. Se meu fígado não fosse metade vampiro, eu já teria morrido de cirrose. Certamente Tate, Juan e Dave nunca reclamaram de toda minha bebedeira. Um suprimento constante de bebida alcoólica e um baralho eram suficientes para fazê-los voltar. Pena que nenhum deles era um grande jogador de pôquer, mesmo sóbrios. Eu os embebedava e era engraçado ver suas habilidades com as cartas piorarem a cada segundo.

Então, como se alistar para esta vida de luxo? Meu chefe, Don, encontrou-me aos vinte e dois anos, quando me envolvi em um pequeno problema com a lei. Coisa típica da juventude, sabe? Matei o governador de Ohio e vários de seus funcionários, mas eles faziam tráfico de escravas e vendiam mulheres aos mortos-vivos em troca de comida e diversão. Sim, eles mereciam morrer, especialmente por eu ter sido uma das mulheres que eles tentaram vender. Eu e meu namorado vampiro, Bones, tínhamos aplicado nossa própria forma de justiça, o que resultou em muitos corpos.

Depois que fui presa, meus excêntricos relatórios patológicos denunciaram-me como não totalmente humana. Don me cooptou para liderar sua unidade secreta da "Segurança Nacional", fazendo-me uma oferta quintessencial que eu não poderia recusar. Ou uma

ameaça de morte, para ser mais exata. Aceitei o trabalho. Que escolha eu tinha?

Mas apesar de seus muitos defeitos, Don verdadeiramente se importava em defender aqueles que a lei comum não poderia proteger. Eu me importava também. Era por isso que eu arriscava minha vida, porque sentia que essa era a razão de ter nascido metade morta, apesar de parecer totalmente humana. Eu poderia tanto ser a isca como o anzol às criaturas que perambulavam pela noite. Não seria um felizes-para-sempre, verdade, mas ao menos eu tinha feito uma diferença positiva para algumas pessoas.

Meu telefone tocou assim que eu havia colocado meu pijama. Como era quase meia-noite, tinha de ser ou um dos rapazes ou Denise, porque minha mãe nunca ficava acordada até esta hora.

– Ei, Cat. Acabou de chegar?

Denise sabia o que eu fazia e o que eu era. Uma noite, enquanto cuidava de minha própria vida, deparei com um vampi tentando transformar o pescoço dela em um Grande Gole. Quando eu o matei, ela já tinha visto o suficiente para saber que ele não era humano. Para crédito dela, ela não gritou, desmaiou ou fez quaisquer das coisas que uma pessoa normal faria.

Ela simplesmente piscou e disse:

– Nossa. Eu lhe devo uma bebida, no mínimo.

– Sim – eu respondi. – Acabei de entrar.

– Dia ruim? – ela perguntou.

Mas ela não sabia que eu tinha passado a maior parte do dia me recuperando de um ferimento a faca autoinfligido, com a ajuda de Brams, nem do dúbio benefício de ter apunhalado a mim mesma com uma faca coberta com sangue de vampiro. Este, sozinho, tinha provavelmente feito mais para me curar do que as pílulas mágicas de Don. Nada, nada mesmo, curava como sangue de vampiro.

– Hum, o de sempre. E você? Como foi seu encontro?

Ela riu.



– Estou no telefone com você, o que será que isso significa? Na realidade, eu estava para descongelar um *cheesecake*. Quer vir aqui?

– Claro, mas estou de pijama.

– Não se esqueça das pantufas felpudas. – Eu quase pude ver o sorriso de Denise. – Sem elas, vai parecer que há algo de errado com você.

– Vejo você daqui a pouco.

Desligamos e eu sorri. A solidão ficou para depois. Pelo menos até acabar o *cheesecake*.

Àquela hora da noite, as ruas da Virgínia estavam praticamente desertas, mas meus olhos rastreavam, porque esse era o horário exato em que os mortos-vivos procuravam comida. Normalmente, era apenas um vampi fazendo uma boquinha. Eles usavam o poder de seu olhar e o alucinógeno em suas presas para beber e correr, deixando suas refeições com uma falsa memória e uma baixa contagem de ferro. Tinha sido Bones quem havia revelado isso para mim. Ele me ensinara tudo sobre vampiros: suas forças (muitas!) e fraquezas (poucas, e luz solar, cruzeiros e estacas de madeira não estavam entre elas), suas crenças (que Caim foi o primeiro vampiro, criado quando Deus o puniu por assassinar Abel, transformando-o em algo que deveria beber sangue para sempre, como um lembrete de que ele havia derramado o de seu irmão) e como eles viviam em sociedades piramidais onde o vampiro, no topo, governava todas as “crianças” que criou. Sim, Bones tinha me ensinado tudo o que eu sabia.

E, então, eu o deixei.

Desviei e pisei no freio quando um gato disparou em frente a meus pneus. Saltei para fora e o encontrei deitado perto de meu carro. Ele tentou correr, mas eu o peguei e examinei. Havia sangue

em seu focinho, alguns arranhões, e ele soltou um berro quando movi sua perna. Quebrada, sem dúvida.

Murmurando coisas sem sentindo para acalmá-lo, peguei meu celular.

– Acabei de atropelar um gatinho – eu disse a Denise. – Você pode encontrar um veterinário para mim? Eu não posso simplesmente largá-lo.

Ela emitiu um suave som de compaixão e foi buscar a lista telefônica. Após um momento, ela voltou.

– Esse fica aberto a noite toda e não está longe de você. Depois me conte se o bichano ficou bem, certo? Vou colocar o *cheesecake* de volta no freezer.

Desliguei, então telefonei para o veterinário para conseguir orientação sobre o caminho. Em dez minutos, estacionei na Arca Peluda de Noah.

Eu estava com um casaco sobre o pijama, mas, ao invés de botas, usava pantufas felpudas azuis. Eu provavelmente parecia uma dona de casa saída do inferno.

O homem atrás da mesa sorriu quando eu entrei.

– Foi a senhora que acabou de ligar? Sobre o gato?

– Isso.

– E seria a Sra...?

– Srta. Cristine Russell. – Esse era o nome que eu usava agora, outra homenagem a meu amor perdido, pois o nome humano de Bones tinha sido Crispin Russell. Minha maldição sentimental acabaria sendo meu fim.

Aquele sorriso amigável se ampliou.

– Sou o Dr. Noah Rose.

Noah. Isso explicava o nome brega do lugar. Ele levou o bichano para o raio X e voltou após alguns minutos.

– Uma perna quebrada, algumas escoriações e má nutrição. Ele deve ficar bom em algumas semanas. É um gato de rua?

– Até onde eu sei, Dr. Rose.

– Noah, por favor. Um gatinho bem gracioso, você vai ficar com ele?

A palavra *gatinho* me fez hesitar, mas passei por cima disso e respondi sem pensar:

– Sim.

Os grandes olhos do gato fixaram-se em mim, como se ele soubesse que seu destino havia sido selado. Com sua pequena perna engessada e pomada em seus arranhões, sua aparência estava verdadeiramente deplorável.

– Com comida e descanso, este bichano ficará como novo.

– Ótimo. Quanto lhe devo?

Ele sorriu de um jeito embaraçado.

– Nada. Você fez uma boa ação. Vai ter que trazê-lo de volta em duas semanas para eu remover o gesso. Quando fica bom para você?

– Qualquer hora tarde. Eu, hã, trabalho em horários estranhos.

– As noites não são problema.

Ele me deu outro sorriso tímido e algo me disse que ele não era tão flexível com todos os clientes. Mesmo assim, parecia inofensivo. Isso era uma raridade nos homens que eu conhecia.

– Que tal às oito na quinta-feira, em duas semanas?

– Está bom.

– Obrigada por sua ajuda, Noah. Eu lhe devo uma. – Carregando o gato, comecei a ir em direção à porta.

– Espere! – Ele contornou a mesa e, então, parou. – Isso não é nada profissional, mas se você acha que me deve, não que *deve*, mas... Sou novo na cidade e... bem, não conheço muitas pessoas. A maioria de meus clientes é mais velha ou casada e... o que estou tentando dizer é...

Levantei uma sobrancelha em questionamento e ele efetivamente corou.

– Deixe para lá. Se você não aparecer para a consulta, eu entenderei. Perdoe-me.

O pobre rapaz era um docinho. Fiz uma rápida avaliação feminina dele, bem diferente da avaliação de perigo que tinha feito assim que entrei. Noah era alto, moreno e charmoso de uma forma infantil. Talvez eu o pusesse em contato com Denise – ela tinha acabado de dizer que o outro rapaz não a tinha impressionado.

– Certo, Noah, a resposta é sim. Na verdade, minha amiga Denise e eu íamos jantar na segunda-feira à noite. Você é bem-vindo para se juntar a nós.

Ele soltou o ar.

– Segunda-feira está perfeito. Ligarei no domingo para confirmar. Eu normalmente não faço esse tipo de coisa. Deus, isso soa como uma cantada. Deixe-me pegar seu telefone, antes que eu fale tanto que você desista.

Com um sorriso, escrevi o número de meu celular. Se Noah e Denise se entendessem, eu discretamente sairia antes da sobremesa. Se ele fosse um idiota, então eu iria me certificar de que seria mandado para casa antes de perturbá-la ainda mais. Afinal, para que servem as amigas?

– Por favor, não mude de ideia – ele disse quando lhe dei meu número.

Ao invés de responder, simplesmente acenei dando boa-noite.

# TRÊS

Às dez para as seis da segunda-feira seguinte, meu telefone tocou. Dei uma olhada no número que apareceu e franzi o cenho. Por que Denise estava me ligando de sua casa? Ela deveria ter chegado aqui há quinze minutos.

– E aí? – atendi. – Você está atrasada.

Houve um som como se ela tivesse inspirado fundo.

– Cat, não fique brava comigo, mas... eu não vou.

– Você está doente? – perguntei, preocupada.

Outro som de inspiração profunda.

– Não, eu não vou porque quero que  *você* saia com Noah. Sozinha. Você disse que ele parecia um cara muito legal.

– Mas eu não quero sair para um encontro! – protestei. – Só estava fazendo isso para que você pudesse conhecê-lo e ter um jeito gracioso de pular fora se ele não fosse seu tipo.

– Pelo amor de Deus, Cat, eu não preciso de outro encontro, mas você precisa! Minha  *avó* tem uma vida amorosa mais agitada do que você. Olha, sei que você não fala do outro rapaz, seja ele quem for, mas nós somos amigas há mais de três anos e você tem que começar a viver. Entorpeça Noah com suas habilidades com a bebida, queime os ouvidos dele com sua linguagem, mas  *tente* se divertir um pouco com um homem que você não está pretendendo matar ao final da noite. Pelo menos uma vez. Talvez, assim, você não fique tão triste o tempo todo.

Ela tinha tocado num ponto sensível. Apesar de eu nunca ter mencionado coisas específicas sobre Bones, especialmente o fato de

ele ser vampiro, ela sabia que eu tinha amado alguém e depois o perdera. E ela sabia quão solitária eu me sentia, mais do que eu jamais admitiria.

Suspirei.

– Não acho que seja uma boa ideia...

– Eu acho – ela me cortou imediatamente. – Você não está morta, portanto, precisa parar de agir como se estivesse. É só um jantar, não é fugir para Las Vegas. Ninguém está dizendo que você precisa ver Noah de novo. Mas apenas saia dessa vez. Vamos lá.

Olhei para meu novo bichano. Ele piscou, o que também considerei como um sim.

– Tudo bem. Noah vai chegar em cinco minutos. Eu irei, mas provavelmente vou dizer algo completamente inadequado e estar em casa em uma hora.

Denise riu.

– Não importa, ao menos você terá tentado. Ligue-me quando chegar.

Eu me despedi e desliguei. Aparentemente, eu estava indo a um encontro. Preparada ou não.

Ao passar pelo espelho, olhei novamente para meu reflexo. Meu cabelo recentemente castanho fora cortado na altura do ombro e me fazia parecer uma estrangeira, mas era essa a ideia, no caso de Ian confirmar os rumores sobre minha aparência. Eu não precisava de nenhum vampiro ou zumbi alerta sobre quem eu era por causa da cor de meu cabelo. Loiras podem se divertir mais, mas eu queria um número maior de corpos. A Ceifeira Ruiva foi posta para descansar. Longa vida à Ceifeira Morena!

Quando Noah bateu na porta, eu estava tão preparada quanto poderia estar. O sorriso dele se congelou quando me viu.

– Você era ruiva antes, certo? Eu não imaginei isso em minha ansiedade?

Arqueei uma sobrancelha, não mais vermelha, mas cor de mel.

– Eu queria uma mudança. Fui ruiva minha vida inteira e queria algo diferente.

Ele consertou no mesmo instante.

– Bem, está bonito. *Você* está bonita. Quer dizer, você era linda antes e ainda está agora. Vamos, antes que você mude de ideia.

Eu já tinha mudado, mas aquilo não tinha nada a ver com Noah. Mesmo assim, por mais que eu detestasse admitir, Denise estava certa. Eu poderia passar outra noite me atormentando por alguém que nunca poderia possuir, ou sair e tentar ter uma noite agradável para variar.

– Más notícias – eu disse para ele. – Minha amiga, bem, teve um empecilho e não pôde vir. Desculpe. Se você quiser cancelar, entenderei completamente.

– Não – Noah disse de imediato, sorrindo. – Estou com fome. Vamos comer.

*É só um encontro*, lembrei a mim mesma enquanto andava até o carro dele. Que mal poderia haver?

Noah e eu fomos ao Renardo's, um bistrô italiano. Por cortesia, bebi somente vinho tinto, não querendo revelar minha inclinação para vastas quantidades de gim e tônica.

– Com o que você trabalha, Cristine? – ele perguntou.

– Pesquisa de campo e recrutamento para o Departamento.

Era um tanto verdade, se você chamasse caçar e matar criaturas da noite de *pesquisa*. Ou se definisse como *recrutamento* percorrer o país recolhendo os melhores homens que as forças armadas, as forças da lei, o FBI ou até mesmo o sistema de justiça criminal tinham a oferecer. Ei, não seria em uma operação que matava mortos-vivos que iríamos discriminar a quem contratávamos, certo? Alguns dos melhores membros de nossa equipe haviam certa vez usado camisa laranja. Juan era um graduado em código penal que escolheu trabalhar para Don ao invés de passar vinte anos atrás das

grades. A mistura podia não fazer da unidade a mais tradicionalmente comportada, mas com certeza era mortal.

Os olhos de Noah se arregalaram.

– O Departamento? Você é uma agente do FBI?

– Não tecnicamente. Nosso departamento é mais uma extensão da Segurança Nacional.

– Oh, então você tem um daqueles trabalhos em que poderia me contar o que faz, mas então teria que me matar? – ele provocou.

Eu quase me engasguei com meu vinho. *Você disse tudo, companheiro.*

– Hã, nada tão excitante. Apenas recrutamento e pesquisa. Estou de plantão constantemente, apesar disso, e trabalho em horários estranhos. Por isso Denise seria uma pessoa melhor para apresentar Richmond a você, ao invés de mim.

Isso eu disse diretamente para acabar com quaisquer ilusões. Noah era um doce, mas nada mais iria acontecer.

– Eu entendo de horários estranhos e de estar de plantão. Recebo mensagens de *pager* a qualquer hora para emergências. Nada tão sério quanto sua linha de trabalho, mas, ainda assim... Mesmo as menores coisas da vida merecem atenção. Sempre senti que a forma como você trata algo mais fraco do que você mostra seu verdadeiro caráter.

*Ora, ora.* Ele tinha acabado de subir um ponto em minha opinião.

– É uma pena que Denise não pôde vir – eu disse provavelmente pela quinta vez. – Acho que você gostaria muito dela.

Noah inclinou-se para frente.

– Tenho certeza que sim, mas não sinto por ela não ter vindo. Só usei o fato de conhecer pessoas como uma desculpa para chamar você para sair. Eu realmente queria sair com você. Devem ter sido aquelas pantufas felpudas.

Eu ri, o que me deixou assustada. Na verdade, eu esperava passar momentos miseráveis, mas isso era... bom.



– Vou manter isso em mente.

Eu o estudei por cima de minha taça de vinho. Noah estava com uma camiseta cinza de gola redonda e um casaco esporte, com calças em tom carvão. Seu cabelo negro tinha sido cortado recentemente, mas um cacho ficava caindo sobre sua testa. Noah certamente não tinha motivos para não ter encontros. Apesar de sua pele não ter aquela luminescência cremosa cristalina que brilhava à luz do luar...

Sacudi minha cabeça. Que droga, eu tinha que parar de me assombrar com Bones! Não havia esperança para nós dois. Mesmo se conseguíssemos vencer os obstáculos insuperáveis de meu trabalho de matar mortos-vivos, ou o ódio fervoroso de minha mãe por qualquer coisa com presas, *mesmo assim* nós não daríamos certo. Bones era vampiro. Ele ficaria jovem para sempre, enquanto eu inevitavelmente envelheceria e morreria. A única coisa que driblaria minha mortalidade seria me transformar e eu me recusava a fazer isso. Não importava quanto isso me partia o coração, tomei a única decisão que podia ao deixá-lo.

Maldição, era possível que Bones nem mesmo pensasse mais em mim. Ele provavelmente seguira adiante – havia quatro anos que não nos víamos. Talvez fosse hora de eu seguir adiante também.

– Você quer esquecer a sobremesa e sair para uma caminhada? – perguntei impulsivamente.

Noah não hesitou.

– Adoraria.

Dirigimos por quarenta minutos para chegar à praia. Sendo março, ainda estava frio e eu me envolvi em meu casaco sob a brisa gelada do mar. Noah andou bem próximo a meu lado, com as mãos dentro de seus bolsos.

– Eu amo o mar. Por isso me mudei de Pittsburgh para Virgínia. Desde que o vi pela primeira vez, soube que queria morar próximo a

ele. Há algo nele que me faz sentir pequeno, mas ainda fazer parte de um quadro maior. Isso soa cafona, mas é verdade.

Melancolicamente, eu sorri.

– Não é cafona. Eu sinto a mesma coisa pelas montanhas. Ainda volto lá sempre que tenho oportunidade...

Minha voz falseou, porque eu estava me lembrando de com quem eu estivera quando vi as montanhas pela primeira vez. Isso tinha que parar. Em uma explosão da saudade que eu tinha que esquecer, agarrei Noah e quase arranquei sua cabeça abaixando-a para a minha. Ele hesitou um ínfimo instante antes de responder, envolvendo seus braços à minha volta, seu pulso triplicando enquanto eu o beijava.

E tão repentinamente quanto comecei, eu o afastei.

– Desculpe. Isso foi rude de minha parte.

Um risinho trêmulo partiu dele.

– É esse tipo de rudeza que andei esperando. Na realidade, estava planejando uma manobra mais suave, como pedir a você para se sentar, colocar meu braço à sua volta... Mas gosto mais do seu jeito.

Deus, o lábio dele estava sangrando. Que estúpida fui ao me esquecer de controlar minha força. O pobre Noah aparentemente adorava abusos. Pelo menos, não lancei seus dentes garganta abaixo – ele teria objetado muito mais enfaticamente.

Noah agarrou meus ombros e dessa vez baixou sua cabeça com as próprias energias. Eu refreei minha força normal, beijando-o gentilmente e deixando sua língua entrar pelos meus lábios. Sua frequência cardíaca disparou mais ainda e seu sangue se encaminhou para a parte sul de seu corpo. Foi quase engraçado ouvir a reação de seu corpo.

Empurrei Noah para trás.

– Isso é o máximo a que estou disposta.

– Estou muito feliz com isso, Cristine. A única coisa que quero é vê-la novamente. Eu quero *mesmo* ver você de novo.

O rosto dele estava sério e muito honesto. Completamente diferente do meu com todos os meus segredos.

Suspirei novamente.

– Noah, eu levo uma vida muito... estranha. Meu trabalho me faz viajar frequentemente, partindo sem aviso e tendo que cancelar quase todos os planos que faço. Isso soa como algo em que você queira se envolver?

Ele assentiu.

– Soa ótimo, porque é *sua* vida. Adoraria me envolver nela.

A parte sensata de meu cérebro enviou-me uma clara mensagem: *Não faça isso*. Mas minha solidão a jogou no chão.

– Então, eu gostaria de ver você de novo também.

# QUATRO

Uma batida ribombou em minha porta, fazendo-me saltar da cama. Eram apenas nove da manhã. Ninguém aparecia assim tão cedo – todos conheciam meus hábitos de dormir. Até mesmo Noah, com quem eu vinha saindo havia um mês, sabia que era melhor não aparecer em um horário tão ímpio.

Desci, a força do hábito me fez colocar uma faca de prata no bolso de meu roupão, e olhei pelo olho mágico.

Tate estava do outro lado e também aparentava ter sido recém-acordado.

– O que há de errado? – eu disse ao abrir a porta.

– Precisamos ir ao complexo. Don está nos esperando e ele está ligando para Juan e Dave também.

Deixei a porta aberta e voltei ao andar de cima para colocar uma roupa. De forma alguma eu iria aparecer usando meu pijama do Piu-piu – isso dificilmente inspiraria respeito entre meus homens. Após mudar de roupa e escovar rapidamente meus dentes, entrei no carro de Tate, piscando ao brilho do sol da manhã.

– Você sabe por que estamos sendo arrastados até lá? Por que Don não me ligou primeiro?

Tate resmungou.

– Ele queria pedir minha opinião sobre a situação antes de falar com você. Houve alguns assassinatos em Ohio ontem à noite. Bem chocantes, nenhuma tentativa de esconder os corpos. Na realidade, eles estavam expostos.

– O que há de tão incomum nisso? Terrível, concordo, mas nada fora do usual. – Eu estava confusa. Nós não saíamos voando para cada cena asquerosa de crime ou jamais poderíamos cobrir todos eles. Havia mais do que ele estava me dizendo.

– Estamos quase lá. Vou deixar Don inteirar você do resto. Meu trabalho era pegar você.

Tate havia sido um sargento das Forças Especiais antes de se unir a Don e seus anos nas forças armadas transpareciam. *Siga ordens, não questione as decisões do comandante.* Era isso que Don adorava nele – e o porquê de eu frustrar tanto meu chefe, pois meu credo parecia ser exatamente o oposto.

Em vinte minutos estávamos no complexo. Como sempre, os guardas armados acenaram para que atravessássemos os portões. Tate e eu éramos uma visão tão comum que nem ao menos mostrávamos mais a identificação. Nós praticamente conhecíamos todos os guardas pelo nome, posto e número de série.

Don estava em seu escritório, andando sem parar perto de sua mesa, e minhas sobrancelhas saltaram para cima. Meu chefe era normalmente frio e contido. Essa era a segunda vez que eu o via andar de um lado para o outro em quatro anos desde que ele havia me recrutado. A primeira foi quando ele descobriu que Ian – ou Liam Flannery, como Don ainda pensava nele – tinha escapado. Don queria que eu trouxesse o vampiro para mantê-lo como um bicho de estimação, para que pudesse tirar seu sangue e, assim, fazer mais Brams. Quando voltei sem Ian, achei que Don iria arrebentar a costura das roupas. Ou causar uma trincheira no carpete. O fato de eu ter sido esfaqueada mal foi seu segundo pensamento. Don tinha um conjunto de prioridades realmente confuso, em minha opinião.

Em sua mesa estavam fotos que pareciam ter sido baixadas da Internet. Ele fez um gesto na direção delas quando entramos.

– Tenho um amigo no Departamento de Polícia do Condado de Franklin que escaneou essas fotos duas horas atrás e as enviou para

mim. Ele já havia isolado a área e impediu que mais policiais ou peritos médicos entrassem na cena. Vocês partirão tão logo a equipe seja montada. Pegue seus melhores homens, porque vai precisar deles. Teremos pessoal adicional de prontidão sob seu comando. Isso tem que ser resolvido imediatamente.

Condado de Franklin. Minha antiga cidade.

– Corte o mistério, Don. Você tem minha atenção.

Como resposta, ele me estendeu uma das fotografias. Era uma sala pequena, com uma pilha de partes frescas de corpos espalhadas sobre o carpete. Eu a reconheci de imediato, porque costumava ser meu quarto na casa de meus avós. O que estava escrito na parede me congelou e eu soube no ato por que Don estava fora de si.

## AQUI, BICHANO, BICHANO

Aquilo não era bom. De forma alguma. O fato de essa deliberada provocação ser endereçada a mim e na casa onde cresci mostrava duas coisas terríveis. Alguém sabia meu nome de guerra – e o meu verdadeiro<sup>\*</sup>.

– Onde está minha mãe? – Ela foi meu primeiro pensamento. Talvez eles apenas soubessem sobre Catherine Crawford, ou talvez soubessem sobre Cristine Russell também.

Don levantou uma mão.

– Nós enviamos homens à casa dela com instruções de trazê-la aqui. Estamos fazendo isso como precaução, porque acho que se eles soubessem quem você é e onde está agora, não teriam se incomodado com seu local de nascimento.

Sim, isso era verdade. Fiquei tão perturbada que não estava pensando com clareza. Isso tinha que parar, porque não havia tempo para tolices.

– Você tem alguma ideia de quem poderia ser, Cat?

– Claro que não! Por que teria?

Don ponderou por um instante, puxando os fios de sua sobrancelha.

– É uma coincidência que você esteja namorando Noah Rose há um mês agora e de repente alguém tenha encontrado você? Você disse quem você é? O que faz?

Dei a Don um olhar de repugnância.

– Você fez uma verificação completa do passado de Noah no minuto em que descobriu que eu o estava namorando. Sem minha permissão, eu poderia acrescentar, e, não, Noah não sabe nada sobre vampiros, o que faço ou o que sou. É melhor esta ser a última vez que eu tenha que assegurar isso a você.

Don fez um gesto de assentimento com a cabeça, então continuou a especular novamente.

– Você acha que poderia ser Liam Flannery? Você disse *qualquer coisa* que ele pudesse ter usado para rastrear você?

Um arrepio frio me atravessou. Ian tinha conexões com meu passado, sim. Através de Bones. Bones conhecia o antigo endereço de minha família, meu nome verdadeiro e costumava só me chamar de “gatinha”. Poderia ser Bones? Será que ele teria feito algo assim extremo para me arrastar para fora do esconderijo? Após mais de quatro anos, ele ainda pensava em mim?

– Não, não disse nada a Flannery. Não vejo como ele poderia ser o responsável.

A mentira saiu de minha língua sem pausa. Se fosse Bones, direta ou indiretamente, eu mesma lidaria com ele. Don e Tate achavam que o corpo dele estava guardado em gelo no *freezer* do porão. Eu não iria mudar aquilo.

Juan e Dave chegaram. Parecia que ambos também tinham acabado de ser acordados. Don inteirou-os da situação e sua implicação brevemente.

– Cat, vou deixar isso com vocês quatro – ele concluiu. – Pegue sua equipe e feche esse vazamento. Os aviões estarão prontos quando vocês o estiverem. E não se preocupe em me trazer quaisquer desgarrados dessa vez. Apenas elimine quem quer que saiba sobre você.

Eu assenti soturnamente e rezei para que minhas suspeitas estivessem erradas.

– Você esteve em casa desde que começou com esse Esquadrão da Morte Infernal? Acha que alguém vai reconhecer você?

Dave tinha mantido um fluxo estável de conversa enquanto circulávamos sobre a base aérea antes de pousarmos.

– Não, não volto desde que meus avós morreram. Eu tinha um amigo – e definitivamente eu *não* estava me referindo a certo fantasma alcoólatra tarado –, mas ele se formou na faculdade e mudou-se para Santa Mônica anos atrás.

Este havia sido Timmie, meu antigo vizinho. Da última vez que verifiquei, ele era um repórter de uma daquelas revistas independentes do tipo “a verdade está lá fora”. Aquelas que vez por outra deparam com uma história incrível e verdadeira e, então, tornam a vida de Don um inferno enquanto ele tenta encontrar maneiras de desacreditá-la. Timmie acreditava que eu havia sido morta em um tiroteio com a polícia, após ter assassinado meus avós, alguns policiais e o governador. Que jeito de ter alguém pensando em você. Don não havia poupado minha reputação ao me fazer desaparecer. Eu tinha até mesmo uma lápide e relatórios de autópsia falsificados.

– Além disso... – eu sacudi o passado como a uma capa de chuva molhada – com meu cabelo mais curto e castanho, eu estou bem diferente. Ninguém iria me reconhecer agora.

Exceto Bones. Ele me conheceria a um quilômetro e meio só pelo cheiro. O pensamento de vê-lo de novo, mesmo sob circunstâncias



tão assassinas, fazia meu coração bater forte. Quão baixo eu havia caído.

– Você tem certeza sobre trazer Cooper? – Dave cutucou-me e relanceou os olhos para a traseira do avião. Nós tínhamos nossa pequena área à frente. Não éramos nós os especiais?

– Sei que faz apenas dois meses que trouxemos Cooper, mas ele é esperto, rápido e implacável. Seus anos como policial disfarçado na divisão de narcóticos provavelmente ajudariam ali. Ele saiu-se bem nas operações de treinamento, então é hora de ver como ele vai se sair em campo.

Dave franziu a testa.

– Ele não gosta de você, Cat. Acha que você vai se voltar contra nós um dia por ser mestiça. Acho que ele deveria ser exposto ao suco e ter os últimos dois meses varridos de sua mente.

“Exposto ao suco” referia-se a técnicas de lavagem cerebral que Don havia aperfeiçoado com o passar dos anos. Nossos vampiros internos tinham suas presas ordenadas como cobras. As gotas alucinógenas que produziam eram então refinadas e colhidas. Quando combinadas com o usual método de atordoar mentes usado pelos militares, deixavam o participante alegremente alheio a quaisquer detalhes referentes a nossa operação. Era assim que fazíamos o desbaste de nossos recrutas e não nos preocupávamos com o fato de um deles tagarelar sobre uma garota com poderes sobre-humanos. Tudo o que lembravam era do dia do treinamento.

– Cooper não tem que gostar de mim, tem apenas que seguir ordens. Se ele não conseguir fazer isso, então está fora. Ou morto, se for morto primeiro. Ele é a menor de nossas preocupações agora.

O avião tocou o solo com um baque. Dave sorriu para mim.

– Bem-vinda ao lar, Cat.

# CINCO

A casa onde cresci ficava em um pomar de cerejeiras que parecia não ter sido colhido há anos. Talvez desde que meus avós foram assassinados. Licking Falls, Ohio, era um lugar que eu não tinha pensado que voltaria a ver, e a coisa mais assustadora era que o tempo parecia ter parado nesta pequena cidade. Deus, esta casa iria ganhar um tipo doentio de notoriedade. Quatro pessoas tinham sido mortas dentro dessas paredes. Duas supostamente por sua própria neta, que depois entrou em uma onda de assassinatos sem sentido, e agora esse casal. Era irônico: da última vez que eu havia entrado pela varanda da frente, também tinha sido por causa de um duplo homicídio. A dor explodiu dentro de mim diante da imagem mental de meu avô caído no chão da cozinha e as impressões palmares vermelhas de minha avó manchando as escadas por onde ela tentara fugir rastejando.

Dave e eu circulamos pela cozinha, com o cuidado de não mexer em nada além do necessário.

– Os corpos foram analisados? Algo foi encontrado?

Tate tossiu.

– Os corpos ainda estão aqui, Cat. Don ordenou que não fossem removidos até que você os olhasse. Nada foi confiscado.

*Ótimo.* Don era esperto demais para seu próprio bem.

– Eles foram fotografados? Documentados? Podemos rasgá-los para olharmos?

Juan retraiu-se com minha escolha de palavras, mas Tate assentiu. A casa estava cercada por tropas externas no caso de isso

ser uma armadilha. Era logo antes do meio-dia, então estávamos de certa forma seguros. Vampiros detestavam levantar cedo. Não, eu tinha sido trazida aqui especificamente e podia apostar que quem quer que tenha feito isso estava a sono solto.

– Tudo bem então. Vamos começar.

Uma hora depois, Cooper estava em seu limite.

– Vou vomitar.

Tirei os olhos de sobre os restos do que costumava ser um casal feliz. Sim, o rosto achocolatado de Cooper estava nitidamente verde.

– Se vomitar, você vai comer seu vômito no chão, soldado.

Ele praguejou e eu voltei a examinar o torso na minha frente. Ocasionalmente, eu ouvia seu estômago agitar-se, mas ele engolia a bile de volta e continuava trabalhando. Eu ainda mantinha as esperanças em suas habilidades.

Minha mão topou com algo estranho na cavidade do peito da mulher. Algo duro que não era osso. Cuidadosamente, puxei-o para fora, ignorando os sons de sucção líquida que fez ao ser retirado.

Tate e Juan se inclinaram sobre mim atentamente.

– Parece uma rocha de algum tipo.

– O que isso poderia significar? – Juan quis saber.

Senti-me tão rígida quanto a pedra em minha mão. Silenciosamente, gritei por dentro.

– Não é uma rocha. É um pedaço de calcário. De uma caverna.

– Fiquem recuados a oito quilômetros de todos os lados. Mais próximo do que isso, eles ouvirão suas batidas cardíacas. Sem apoio aéreo acima, sem rádio. Apenas sinais com as mãos, não queremos delatar nosso número. Entrarei na caverna pela abertura e vocês me darão exatamente trinta minutos. Se eu não sair, usem os foguetes e a explodam; a seguir, isolem o perímetro e vigiem suas costas. Se qualquer coisa além de mim sair daquela caverna, atirem até terem

certeza de que está realmente morta. E depois atirem nela um pouco mais.

Tate confrontou-me raivosamente.

– Esse plano é uma droga! Aquele míssil mataria só você, os vampiros apenas se desenterrariam mais tarde. Se você não sair, vamos entrar atrás de você. Ponto final.

– Tate tem razão. Não vamos explodi-la antes de eu ter uma chance de mostrar-lhe minha salsicha. – Até mesmo Juan soou preocupado. Sua insinuação foi, quando muito, morna.

– De forma alguma, Cat – Dave concordou. – Você salvou meu traseiro vezes demais para que eu aperte aquele botão.

– Isso não é uma democracia – o gelo pontuou minhas palavras. – Eu tomo as decisões. Vocês as seguem. Vocês não entendem? Se eu não sair em trinta minutos, então estou *morta*.

Nós falávamos enquanto voávamos no helicóptero para frustrar quaisquer ouvidos mortos-vivos. Eu estava paranoica a um grau fantástico após ter achado aquela rocha. Detestava acreditar, mas não conseguia imaginar quem mais poderia tê-la deixado além de Bones. Aquele souvenir da caverna era pessoal demais para ter sido Ian. Bones era o único que sabia da caverna e de tudo mais. Pensar nele trucidando aquelas pessoas me deu náuseas. O que poderia ter acontecido em quatro anos para mudá-lo tanto a ponto de fazer uma coisa tão abominável? Por isso eu precisava de trinta minutos. Ou eu o mataria ou ele me mataria, mas isso de qualquer maneira seria rápido. Bones sempre ia diretamente ao assunto e não esperaria uma reunião romântica. Não quando tinha acabado de me enviar um buquê feito de partes de corpos.

O helicóptero pousou a trinta e dois quilômetros de distância. Dirigiríamos os próximos vinte e quatro e andaríamos os últimos oito. Os três homens discutiram comigo o tempo todo, mas eu os ignorei.

Minha mente estava entorpecida. Eu havia desesperadamente desejado ver Bones de novo, mas nunca imaginei que seria assim. *Por quê?*, perguntei-me novamente, *Por que Bones faria algo tão terrível, tão extremo, após todo esse tempo?*

– Não faça isso, Cat.

Tate tentou uma última vez enquanto eu me envolvia em minha jaqueta. Ela estava forrada com armas de prata, úteis para muito mais do que aquecer. O inverno estava custando a aliviar seu aperto este ano.

Tate agarrou meu braço, mas eu o liberei com um puxão.

– Se eu morrer, lidere a equipe. Mantenha-os vivos. Esse é seu trabalho. Este é o meu.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa, eu saí correndo.

No último quilômetro e meio eu diminuí para uma caminhada, temendo o confronto. Meus ouvidos estavam afiados para pegar o menor som, mas era por isso que a caverna tinha sido um esconderijo tão bom. As profundezas e as alturas faziam brincadeiras com os ruídos. Eu não conseguia definir a posição exata de nenhum som. Surpreendentemente, pensei ter ouvido um batimento cardíaco conforme chegava mais perto, mas talvez fosse apenas o meu.

Quando toquei a entrada mais externa da caverna, senti a energia dentro. Poder vampiro vibrando no ar. Ai, Deus.

Logo antes de me inclinar na abertura de entrada, pressionei um botão em meu relógio. A contagem regressiva, trinta minutos exatamente, tinha começado.

Minhas duas mãos seguravam punhais de prata de aparência perversa e eu estava pesada com minhas facas de atirar. Trouxera até mesmo um revólver e o havia enfiado dentro de minhas calças, com o carregador cheio de balas de prata. Estar preparada para matar custava uma pequena fortuna.

Meus olhos ajustaram-se à luz quase inexistente. Devido a pequenas aberturas na rocha, a caverna não era completamente escura. Até ali a entrada estava liberada. Sons vinham de seu interior e a questão que eu havia me recusado a considerar assomou à minha frente. *Eu conseguiria matar Bones?* Seria eu capaz de olhar em seus olhos castanhos, ou verdes, e desfechar aquele golpe? Eu não sabia, por isso meu plano de apoio com o míssil. Se eu falhasse, eles não falhariam. Eles seriam fortes se eu provasse ser fraca. Ou se provasse estar morta, o que viesse primeiro.

– Aproxime-se – uma voz chamou.

Ela reverberou com ecos. Foi um sotaque inglês? Eu não poderia ter certeza. Meu pulso se acelerou e eu caminhei mais para o interior da caverna.

Houve algumas mudanças desde a última vez que a vira. A área que um dia imitava uma sala de estar estava destruída. O sofá estava partido, e não dividido em seções. O estofamento das almofadas jazia como neve no chão, a televisão estava estilhaçada e as luminárias fazia muito haviam visto sua última luz. A tela do vestiário que tinha resguardado meu pudor de curta duração estava em pedaços por toda a área. Alguém obviamente tinha destruído o local em um acesso de raiva. Francamente, eu estava com medo de olhar o quarto, mas mesmo assim dei uma espiada dentro e meu coração se apertou.

A cama estava reduzida a pedaços de espuma. Madeira e molas entulhavam o espaço e ficavam a centímetros dentro do chão. As pedras na parede estavam lascadas aqui e ali devido a um punho ou outro objeto duro que as atingira. Uma angústia transbordou dentro de mim. Aquilo era um feito meu, tão certamente como se eu tivesse usado minhas próprias mãos.

Uma corrente fria partiu a atmosfera atrás de mim. Girei com as armas preparadas. Encarando-me com olhos brilhando esverdeadamente havia um vampiro. Atrás dele havia mais seis. A

energia deles condensava o ar no espaço fechado, mas eles estavam distribuídos equilibradamente, se assim se pudesse dizer. Um deles crepitava com uma abundância de poder, mas seu rosto era completamente estranho para mim.

– Quem diabos são vocês?

– Você veio. Seu antigo namorado não estava mentindo. Não tínhamos certeza se devíamos acreditar nele.

Essa afirmação foi do vampiro à frente, de cabelo castanho encaracolado. Ele parecia ter vinte e cinco anos em termos humanos. Pela emanção que vertia de seu corpo, eu julgaria que teria aproximadamente quinhentos anos ou seria um jovem Mestre. Dos sete, ele era o mais perigoso e sua sentença anterior havia me apavorado tremendamente. *Seu antigo namorado*. Foi assim que eles souberam sobre mim. Mãe de Deus, não foi Bones quem matou aquelas pessoas, mas esses vampiros! O que teriam feito a ele para que falasse tanto me enojou como me enfureceu.

– Onde está ele?

A única pergunta que importava. Se eles tinham matado Bones, eu iria transformá-los todos em réplicas exatas do colchão atrás de mim. Indistinguíveis de uma partícula da outra.

– Ele está aqui. Ainda vivo. Se quiser que ele permaneça assim, vai fazer o que eu disser.

Os outros lacaios começaram a se espalhar, encurralando-me, sendo o quarto minha única saída. Como era uma área fechada, dali não viria ajuda.

– Deixem-me vê-lo.

Cabelo Encaracolado sorriu presunçosamente.

– Sem exigências, garota. Acha mesmo que essas facas vão proteger você?

Quando meus avós foram assassinados e eu enfiei um carro através de uma casa para resgatar minha mãe, achei que não conseguiria ficar mais brava. Como estava enganada. A mais pura

sede de sangue correndo através de mim me fez tremer. Eles tomaram meu tremor por medo e seus sorrisos ampliaram-se. O Encaracolado deu um passo à frente.

Dois dos punhais voaram de minha mão antes mesmo de eu ter articulado uma ordem em meu cérebro. Eles enterraram seus cabos no coração do vampi à minha esquerda, que estivera lambendo seus lábios. Ele caiu para frente antes de sua língua terminar seu insinuante caminho. Mais facas substituíram aquelas e mais uma vez minhas duas mãos estavam cheias.

– Agora eu vou perguntar de novo e não me irrite. Passei a manhã fazendo das tripas coração e estou com pouca paciência. A próxima está endereçada a você, Cachinhos Castanhos, a menos que me mostre o que quero ver. Seus rapazes poderiam me pegar logo após, mas você estará morto demais para se importar.

Meus olhos sustentaram os dele e o deixei ver que eu faria exatamente isso. A menos que eles me mostrassem Bones, eu iria presumir o pior e isso seria meu fim e, por Deus, eu os levaria comigo.

Deve ter havido algo em meu olhar que ele levou muito a sério. Ele voltou sua cabeça para dois de seus tenentes, que estavam aturdidos. Eles deram um último olhar para seu amigo, que estava lentamente começando a encolher, antes de se moverem. Uma faca não torcida não teria matado o vampi. Mas duas tinham feito o dano necessário em seu coração. Ao fundo, ouvi o tilintar de ferros e então descobri onde eles mantinham Bones. Que diabos, eu mesma havia sido acorrentada ali. Agora eu tinha certeza de que podia ouvir um batimento cardíaco. Eles tinham um humano mantendo guarda?

O líder estudou-me desapaixonadamente.

– Você é aquela que tem assassinado nossa espécie nos últimos anos. Uma humana com a força de um imortal, aquela chamada de Ceifeira Ruiva. Sabe quanto dinheiro você vale?



Minha nossa, *isso* sim era irônico. Ele era um caçador de recompensas e eu, seu alvo. Bem, era apenas uma questão de tempo, eu suponho. Você não pode acabar com centenas de criaturas e esperar que ninguém fique irritado.

– Muito, espero. Odeio estar em liquidação.

Ele franziu o cenho.

– Está zombando de mim. Sou Lazarus e você deveria tremer diante de mim. Lembre-se, estou com a vida de seu amor em minhas mãos. O que significa mais para você: o destino dele ou o seu?

Eu amava Bones o suficiente para morrer por ele? Com certeza. O alívio por ele não estar por detrás daquilo quase me fez sorrir diante de minha morte iminente. Em qualquer situação eu preferiria morrer a suspeitar de tanta crueldade nele.

Soluços trouxeram minha atenção de volta à situação. O que estava acontecendo? Um olhar de relance em meu relógio mostrou-me quinze minutos antes da hora do bombardeio. Bones teria que sair rápido antes de o míssil atingir o local. Lazarus não estaria por aí para recolher sua recompensa. Talvez eu dissesse isso a ele antes do cronômetro zerar.

Algo humano e choroso foi jogado na superfície perto de meus pés. Dei a ele uma olhada desdenhosa antes de me voltar para Lazarus.

– Pare de embromar. Não preciso ver um de seus brinquedos de mastigar para acreditar que vocês são todos malvados. Verdade, estou tremendo. Onde está Bones?

– Bones? – Lazarus disse, seus olhos disparando ao redor. – Onde?

Duas coisas me ocorreram quase ao mesmo instante. Primeira: pela expressão de Lazarus, ele não tinha ideia de onde Bones estava. Segunda: o rosto tomado de lágrimas voltando-se para cima

em minha direção pertencia ao idiotinha mentiroso que tinha me seduzido e abandonado quando eu tinha dezesseis anos.

# SEIS

– Danny? – eu disse em descrença. – Danny Milton? *Você* é o motivo de eu ter arrastado meu traseiro de lá da Virgínia até este fim de mundo?

Danny também não estava feliz em me ver.

– *Você* arruinou minha vida! – ele choramingou. – Primeiro o esquito do seu namorado aleijou minha mão, depois *você* não está morta e agora essas *criaturas* me sequestraram! Odeio o dia em que conheci *você*!

Eu bufei.

– Penso o mesmo de *você*, seu cretino!

Lazarus me olhou com suspeita.

– Ele disse que *você* o amava. *Você* só está fingindo não se importar agora para que eu não o mate.

– *Você* quer matá-lo? – Talvez eu estivesse enlouquecida com o conhecimento de que restavam menos de quinze minutos, ou talvez minha paciência tivesse simplesmente acabado. – Vá em frente! Aqui, deixe-me ajudar!

Puxei a arma detrás das minhas calças e atirei em Danny à queima-roupa. Lazarus e os outros vampiros ficaram momentaneamente abismados com essa reviravolta nos acontecimentos e eu aproveitei a vantagem. Os tiros seguintes foram direto ao rosto de Lazarus. Não me dei ao trabalho de atirar em seu coração, pois eu o queria vivo. Ele tinha informações para mim, se eu sobrevivesse, e esvaziei o pente de balas nele enquanto minha mão livre lançava facas nos cinco remanescentes.

Eles investiram contra mim. As presas afundaram-se e rasgaram minha carne antes de eu os lançar para longe de mim. Foi uma luta violenta, eu rodando em torno de rochas recortadas, esmurrando e talhando qualquer carne que não fosse minha. Eu estava intensamente consciente dos segundos que passavam enquanto lutava para manter minhas facas em mãos e as presas deles longe de minha garganta. Afinal, uma coisa era morrer por Bones, tivesse ele ficado maluco ou não. Outra *bem diferente* era morrer por aquele lamuriante imbecil do Danny Milton. Você poderia seguramente dizer que eu ainda tinha ressentimentos.

O último vampiro foi eliminado com um entalhe em seu coração e meu relógio mostrou menos de trinta segundos. Lazarus, que não havia morrido mesmo com o rosto cheio de balas de prata, arrastou-se em direção a Danny. Danny, ainda vivo, gemeu indefeso e tentou se afastar. Não havia tempo o bastante para tirar qualquer informação de Lazarus, que dirá matá-lo e resgatar Danny. Mal havia tempo para fazer uma única coisa.

Sem parar um instante para pensar, agarrei Danny e o joguei sobre meu ombro, correndo muito veloz para a entrada da caverna. Ele gritou com o impacto e me xingou entre arfares. O cronômetro chegou ao zero logo que a luz do sol apareceu. Atrás de mim, ouvi Lazarus correndo também, mas muito atrás. Ele nunca conseguiria. Nem eu. O tempo acabara.

Ao invés da explosão que eu esperava, havia vozes. Movimento bem próximo à entrada. Duas figuras entraram na caverna quando eu estava quase sobre elas. Eram Tate e Dave. Gritei, porque sabia que eles não poderiam me ver no escuro.

– Não atirem!

– Não atirem, é Cat! – Tate berrou.

O que veio a seguir aconteceu quase instantaneamente, embora fosse para sempre passar em câmera lenta em minha mente.

– Elemento hostil vindo rápido, mirem alto! – gritei e abaixei-me para liberar a linha de tiro.

Tate, que não havia baixado a guarda, atirou cegamente dentro da escuridão atrás de mim. Dave, ao contrário, havia abaixado sua arma para tentar me localizar no breu e deu de garganta com o rosto de Lazarus.

Houve um doentio gorgolejar quando sua artéria abriu. Eu gritei, derrubando Danny e correndo até ele. Lazarus atirou-o em minha direção com força e o corpo de Dave me atingiu em cheio. Sangue quente espirrou em meu rosto quando eu travei minhas mãos em volta de seu pescoço, inutilmente tentando deter o fluxo. Em meio a isso, Tate ainda estava atirando e Lazarus o arremessou contra a parede da caverna e fugiu. Lá fora houve *espocar* de mais armas de fogo quando as tropas de perímetro atiraram no vampiro em fuga.

– Homem ferido, homem ferido!

Juan correu para dentro da caverna, lanterna para baixo, seguido de perto por Cooper e outros três. Rasguei minha blusa para aplicar pressão no pescoço de Dave.

Dave mal conseguia falar, mas estava tentando.

– ... não... 'e... deixe... 'orrer.

Havia apenas uma única chance. Talvez nem mesmo isso.

– Segure-o – disparei para Juan. Então, arremeti profundamente dentro da caverna o mais rápido que conseguia.

Quando cheguei ao primeiro corpo, ergui-o sobre meus ombros e corri de volta.

– O que está fazendo? – Cooper quis saber.

Eu o ignorei, peguei uma faca e cortei fundo o pescoço do vampiro. Pingou sangue, mas não o suficiente. Arranquei totalmente a cabeça e virei o vampi de ponta-cabeça, segurando-o pelos pés. Agora uma corrente uniforme de líquido púrpura caiu diretamente sobre Dave.

– Abra a boca dele. Faça-o engolir – eu ordenei. *Deus, não deixe que seja tarde demais. Não deixe que seja tarde demais...!*

Juan abriu os lábios de Dave com lágrimas descendo por sua face. Ele também estava rezando, em voz alta e em espanhol. Rudemente, chutei o cadáver para mandar mais sangue para baixo e Juan forçou Dave a engolir.

A pele em volta do pescoço de Dave reagiu ao sangue morto-vivo, mas não tão rápido quanto deveria. O fluxo em sua jugular diminuiu mesmo quando as bordas começaram a fechar. Logo ele parou. Dave estava morto.

Lancei-me para fora da caverna, fervilhando de aflição. Alguns homens estavam vasculhando a área e eu agarrei o mais próximo.

– Onde ele foi? Você viu para onde ele foi?

O soldado, Kelso, empalideceu ao me ver coberta de sangue.

– Não sabemos dizer. Alguém disse “vampiro”, mas tudo o que vi foram árvores. Estamos procurando agora. Ele não pode estar longe.

– O diabo que ele não está – rosnei.

Um Mestre vampiro a todo galope, mesmo ferido, poderia correr até noventa e cinco quilômetros por hora. De jeito nenhum Lazarus iria fugir. De jeito nenhum.

Os três homens ainda estavam rodeando o corpo sem vida de Dave. Juan chorava sem constrangimento algum e os olhos de Tate estavam marejados de lágrimas.

– O vampiro atravessou o perímetro – comecei sem preâmbulos.

– Vou atrás dele. Tate, coloque-me um transmissor e faça a equipe seguir. Vou dizer a vocês neste instante, não dou a mínima para as regras, porque eu as estou mudando. Quando eu o pegar, somente os que fizerem exatamente o que eu disser estarão comigo. Se não fizerem, podem ficar para trás junto com o resto do pessoal. Eu não vou ver o corpo de mais nenhum outro homem hoje, não importa o que Don ache aceitável. Quem quiser estar lá quando esse vampi

levar o dele, venha comigo. Diga para o resto da equipe para ficar lá fora até sairmos.

Tate e Juan prontificaram-se imediatamente. Cooper hesitou. Eu o encarei e não pisquei.

– Dando uma de mulherzinha, Coop?

Ele disparou um olhar deliberado.

– Sou metade siciliano e metade africano. Os dois lados acreditam em retribuição. A única mulherzinha aqui é você, Comandante.

– Então ordene ao resto dos homens para aguardarem e siga-me. Vamos ver do que você é feito.

Ele voltou a cabeça para onde Danny jazia, ainda em choque.

– E ele?

– Leve-o aos médicos. Ele está com um ferimento a bala.

– Os vampiros atiraram nele? – Tate questionou, surpreso. Vampiros tradicionalmente não usam armas. Por que usariam, quando seus dentes são mais poderosos?

– Não. Eu atirei. Vamos, cada segundo conta.

Cooper jogou Danny sobre seus ombros e dirigiu-se para a luz sem comentários.

Eu o ouvi orientar às tropas para ficarem ali enquanto nós verificávamos a caverna em busca de sobreviventes. Enquanto ele fazia isso, fechei os olhos de Dave. Quando Cooper retornou, segurei a lanterna na minha frente para que eles pudessem ver aonde iam.

– Por aqui.

Quando alcançamos a área onde eu havia matado os outros vampiros, comecei a falar.

– Certo, homens, vou dizer isso apenas uma vez. Peguem uma faca, agarrem um vampi e, não importa se tiverem que sugar sangue das bolas deles, vocês vão beber o máximo de líquido que puderem. Humanos podem beber meio litro de sangue antes de o corpo automaticamente regurgitar. Eu espero meio litro em cada um

de vocês, e é para já. O vampiro que matou Dave era um Mestre e está correndo a mais de um quilômetro e meio por minuto. Não temos tempo para discutir sobre moralidade. Estes corpos estão murchando a cada segundo. Vocês estão dentro ou estão fora.

Assim falando, dei o exemplo e cortei o pescoço do corpo diante de mim, enterrando minha boca nele como um pit bull. Por um segundo, ninguém se moveu. Levantei minha cabeça e os chamei com o brilho esmeralda em meus olhos.

– Dave teria relutado em vingar qualquer um de vocês por causa de nojo?

Aquilo funcionou. Logo sons de sucção e de deglutição foram ouvidos na caverna. Tinha gosto ruim, decompondo-se rápido como estava, mas, mesmo após a morte, o sangue ainda continha poder. Após várias puxadas, senti a mudança começar. No segundo em que o gosto começou a ficar menos hediondo, joguei o vampiro para o lado, tremendo.

– Parem todos.

Houve uma satisfeita obediência. Com minha linhagem mestiça, era preciso muito menos para eu adquirir gosto por aquilo. Eles não corriam o risco de sucumbir ao ímpeto de se alimentar como eu.

– Cat?

Tate estendeu a mão para me tocar e eu me encolhi. O batimento cardíaco dele soava mais alto a meus ouvidos e eu sentia cheiro de sangue, suor e lágrimas nele. Era esse o objetivo. Eu conseguia sentir o cheiro dele agora – e de todos os outros.

– Não me toque. Espere. – Minhas mãos se fecharam em punho. Vagamente eu me lembrei de Bones me achatando sobre a cama, me impedindo de mastigar sua garganta para abri-la. *Agente, Gatinha, vai passar...*

Após respirar fundo várias vezes, eu conseguia pensar novamente. Sem protelar, fui até onde Lazarus jazera após eu atirar nele. Cheirei profundamente seu sangue e depois o lambi, deixando



seu odor encher meu nariz. Com macabra satisfação, voltei-me para Tate.

– Eu o peguei. Dê-me o transmissor e me sigam de carro. Quando eu parar de me mover, significa que ele está no chão. Descobriremos o que ele sabe.

– Cat... – Tate olhou maravilhado para suas mãos e, a seguir, em volta da caverna. Eu sabia que ele estava experimentando mais do que antes. – Eu me sinto...

– Eu sei. Vamos.

# SETE

As balas retardaram Lazarus, pois prata é como criptonita para vampiros. Lazarus tinha usado seu poder para curar a si mesmo, mas por não ter se alimentado ainda, ele não estava correndo em seu potencial máximo. A maior parte do sangue de Dave tinha se derramado sobre o chão, não em sua boca, e ele se lançara para dentro da floresta sem parar para outro petisco. Eu excedi minhas velocidades máximas anteriores e recuperei o tempo perdido; seu cheiro apontava o caminho como placas invisíveis em uma estrada. Além disso, eu conhecia esta floresta. Bones havia me treinado nela. Eu pulava com facilidade as raízes e os buracos nos quais Lazarus tropeçou, enquanto as memórias vinham tão rápidas e vívidas que eu quase conseguia ouvir a voz dele atrás de mim, caçoando com seu sotaque inglês.

*Isso é o melhor que pode fazer, Gatinha? É tudo o que você consegue? Se você continuar assim devagar, não será nada além de rubor nas bochechas de algum sujeito... Vamos lá, Gatinha! Esse é um jogo de morte, não uma droga de uma reunião para tomar chá!*

Deus, como eu o odiei naquelas primeiras semanas e, ah, como faria tudo para voltar no tempo e estar lá novamente. A lembrança me estimulou a ir mais rápido. Senti o cheiro de Lazarus cerca de oito quilômetros adiante. Ele não podia sentir meu cheiro, pois estava contra o vento, mas logo iria me ouvir. Eu esperava que ele estivesse com medo. Se não estivesse, iria ficar.

Lazarus saiu da floresta para cruzar uma estrada, esquivando-se do trânsito nas duas mãos. Momentos depois, eu fiz o mesmo. Os

freios guincharam quando alguns motoristas depararam com a confusão de borrões atravessando-se na frente deles. Cacei-o por quintais e sobre trilhos de trem, diminuindo a distância entre nós. Eu conseguia vê-lo agora, a apenas um quilômetro e meio adiante em direção ao lago. De forma alguma poderia deixá-lo chegar lá. Ele me faria perdê-lo se entrasse na água, devido a minha dependência de oxigênio. Procurei algo mais para me inspirar e imediatamente deparei com um par de olhos castanhos.

*Não se preocupe, amor. Eu voltarei antes de você perceber.*

As últimas palavras que Bones disse para mim. A última vez que ouvi sua voz. Essa foi toda a motivação de que precisei. Talvez, se eu corresse rápido o suficiente, poderia trazer tudo de volta e sentir seus braços em torno de mim mais uma vez...

Derrubei Lazarus por trás a menos de vinte metros da água. A faca de prata em minha mão entrou com toda minha angústia em seu coração, mas eu não a torci. Ainda não. Nós tínhamos que conversar antes.

– Como você sente isso, Lazarus? Dói, não é? Sabe o que *realmente* dói? Se ela se mover um pouco que seja...

Dei uma pequena virada na lâmina. Ele entendeu e ficou paralisado, seus olhos prateados tornando-se esverdeados.

– Solte-me imediatamente – ele ordenou em uma voz ressonante.

Eu ri maliciosamente dele.

– Boa tentativa, mas deu em nada. Vampiros não conseguem controlar minha mente, companheiro. Sabe por quê?

Pela primeira vez, eu o deixei ver o brilho em meu olhar. Com todas as balas que atirei em seu rosto, ele não tinha percebido antes.

Lazarus olhou fixamente meus olhos brilhantes sem entender.

– Não pode ser. Você respira, seu coração bate... É impossível.

– É, não é? A vida é ingrata e depois vem alguém e apunhala você.

Um carro guinchou até parar, depois ouvi passos correndo. Não precisei voltar os olhos para saber que se tratava de Tate, Juan e Cooper.

– Bem, amigos, vejam o que a gata encontrou – Juan falou com voz arrastada e maligna.

Suas armas estavam sacadas e apontadas. Lazarus tentou o controle mental mais uma vez.

– Atirem nela. Vocês querem atirar nela. *Matem-na* – ele ordenou, olhando para eles.

– Nós não queremos atirar nela – Tate corrigiu, disparando um único tiro na perna de Lazarus. – Queremos atirar em  *você*.

Lazarus gritou uma vez e então duas, quando Cooper apertou o gatilho também, atingindo-o na coxa.

– Parem de atiram... por enquanto. Tenho algumas perguntas para ele. E espero que ele seja estúpido e me dê uma desculpa para trinchá-lo como fez com aquele casal na noite passada.

Lazarus estava pasmo em sua impotência.

– O que é você? Como seus homens não estão sob meu controle?

– Por que eles acabaram de beber o suco de seus companheiros lá atrás e têm sangue morto-vivo correndo em suas veias. Como um controle remoto com pilhas fracas, seus sinais não estão atravessando. Agora, chega dessa porcaria. Vou fazer perguntas e meus amigos aqui vão cortar alguma parte de seu corpo fora cada vez que não responder para mim. Fiquem todos em volta, rapazes. Há muita carne para todos.

Eles se agacharam próximos a Lazarus e todas as mãos seguravam uma faca. Sorri ao virá-lo, aninhando-o em meu colo com a faca de prata ainda enfiada em suas costas.

– Agora me diga, como você conheceu Danny Milton...

O helicóptero levou o corpo de Dave embora e nós três o assistimos desaparecer no céu. Nosso helicóptero com o resto da equipe esperava ali perto. Éramos os únicos que não tinham embarcado.

– É assim que você se sente todos os dias, Cat? Mais forte, mais rápida... superior? É assim que eu me sinto com essa porcaria em meu corpo. Superior. Isso me assusta absurdamente.

Tate falou baixo, sem precisar gritar mesmo com as hélices giratórias se agitando à nossa volta. Minha resposta foi baixa também. Nas últimas horas, ele tinha ouvido os sussurros mais suaves a um quarteirão de distância.

– Pode acreditar, Tate, ver Dave sem sua garganta faz com que eu me sinta qualquer coisa, menos superior. Por que não me deu ouvidos e disparou aquele míssil? Ele estaria vivo agora se você tivesse obedecido.

Juan tocou meu ombro.

– Dave não faria isso, querida. Disse que de forma alguma ele iria detonar. Disse que teríamos que arrastar seu traseiro para fora dessa vez. Então, fomos até a caverna...

– Não é culpa sua – meu tom foi frágil. – É minha. Eu disse para não atirarem. Devia ter avisado sobre o vampiro antes. Primeira coisa, antes de mais nada. – Abruptamente, virei-me e caminhei em direção ao helicóptero. Eu estava quase à porta quando Cooper falou. Ele não tinha me dito uma única palavra desde a caverna.

– Comandante.

Eu parei e esperei. Minha espinha estava ereta.

– Sim, Cooper? – Eu merecia qualquer acusação. Estava no comando e um homem morreu. A responsabilidade era toda minha.

– Quando soube pela primeira vez o que você era, pensei que fosse uma aberração – sua voz estava simples e prática. – Ou um acidente da natureza, um erro, não sei. Mas o que sei é que você

lidera e eu obedeco. Assim como Dave fez. Ele não cometeu um erro ao fazer isso.

Cooper passou por mim e subiu no helicóptero. Tate e Juan pegaram cada um uma mão minha e, juntos, entramos.

Don batia sua caneta no relatório em frente a ele, um de muitos. Estávamos ambos deprimidos. O funeral de Dave havia sido mais cedo no mesmo dia. Antes de se unir a nós, Dave tinha sido bombeiro, então parecia que todos de sua antiga divisão estavam ali. Ver a irmã de Dave entrar em colapso ao fechar a tampa de seu caixão iria me assombrar para sempre. Dois dias haviam passado desde que retornamos de Ohio e Don estava lendo as descrições finais do que havia acontecido.

– Quatro anos atrás, após você resgatar sua mãe quando ela havia sido sequestrada por vampiros, histórias espalharam-se sobre uma humana ruiva com incríveis habilidades. Após seus anos conosco, esses rumores aumentaram. Lazarus foi posteriormente contratado para rastrear e matar essa misteriosa “Ceifeira Ruiva” – Don suspirou. – O que ainda não explica como ele ligou Catherine Crawfield a você. Não foi capaz de fazê-lo contar isso?

– Não – minha voz foi categórica. – Ele se debateu enquanto estávamos questionando-o e minha faca retalhou seu coração. Como ele descobriu que a Ceifeira Ruiva é a supostamente morta Catherine Crawfield, eu não sei. Talvez tenha sido apenas um palpite, como foi encontrar a caverna lendo relatórios policiais antigos que me ligam àquela área da floresta. Danny ele encontrou porque o cretino aparentemente gostava de contar vantagem sobre como dormiu com a infame assassina do governador.

– E o “aqui, bichano, bichano”?

– Anos atrás, Hennessey, o vampiro que dirigia as operações do velho governador, conhecia-me como Cat. Ele deve ter repetido isso às pessoas.

Don esfregou sua testa, um sinal de que estava cansado. Estávamos todos cansados, mas eu não conseguia dormir, via apenas a garganta de Dave quando fechava meus olhos.

– Suponho que tudo o que importa é que esse Lazarus não sabia de sua atual identidade. Vamos para a próxima preocupação. Foi medido que você estava a velocidades de mais de cento e trinta quilômetros por hora enquanto perseguia Lazarus e alguns dos membros da equipe disseram que depois que vocês três saíram da caverna, estavam com sangue em seus rostos. Algo que você queira me contar?

Don não era tolo. Ele sabia que minha melhor velocidade anterior era de noventa e cinco quilômetros por hora. Acrescente-se a isso níveis elevados de anticorpos em minha corrente sanguínea e ele tinha todos os motivos para suspeitar. Os três homens categoricamente negaram qualquer atividade incomum, mencionando Brams como o motivo de seus resultados patológicos. Por que eu facilitaria as coisas para ele?

– Não.

Don suspirou, girou sua cadeira para trás e olhou fixamente para a parede por um minuto. Quando se voltou, tinha desistido daquela linha de questionamento.

– Você atirou em Danny Milton. Essa é uma nova tática de negociação da qual eu não tenho conhecimento?

Ele soou vagamente aprovador. Danny não tinha muitos fãs, especialmente após ter quase acabado com meu disfarce e pela subsequente morte de Dave.

– Eu quis distrair os vampiros. Funcionou.

– Sim, funcionou. Nós o temos sob proteção a testemunhas. Não acho que ele será estúpido o suficiente para contar vantagem sobre você de novo. Não que haja algo que ele possa contar agora. O pessoal da limpeza esteve ocupado com ele.

O pessoal da limpeza. Um termo gentil para os lavadores cerebrais. Gostaria de ter atirado na cabeça dele ao invés de em sua lateral. Aí poderia ter apunhalado Lazarus e Dave estaria vivo. Agora Danny estava em dívida comigo por três coisas: minha virgindade, me denunciar à polícia anos atrás e Dave.

– Cat – Don ficou em pé e eu segui seu exemplo. – Sei que você está se culpando. Todos gostavam de Dave. Após a leitura dos relatórios, determinou-se que foi o próprio erro dele que o levou à morte. Ele deveria ter permanecido alerta ao invés de baixar sua arma. Foi um erro que custou sua vida. Estou dando a você duas semanas de folga. Sem treinamento, sem recrutamento, sem verificações. Clareie sua mente e livre-se da culpa. Há algo que se chama viver ao invés de simplesmente existir.

Eu dei uma risada sem humor.

– Viver? Que bela ideia. Vou tentar.



# OITO

– Cat, que bom ver você de novo.

As palavras de Don foram agradáveis, mas sua expressão me dizia que ele estava a ponto de me irritar. Era meu primeiro dia de volta das férias forçadas de duas semanas e, na realidade, eu estava feliz por retornar ao trabalho. Eu havia passado o tempo ou me condenando pela morte de Dave ou remoendo o fato de saber que Bones estava verdadeiramente perdido para mim. De alguma forma, eu o tinha imaginado ainda naquela caverna, esperando que eu decidisse retornar. Ilógico, irracional e incorreto, como acabou se mostrando. Seu cheiro em meu nariz sensibilizado foi quase inexistente de tão fraco. Bones não estava mais ali havia anos.

Portanto, de volta ao trabalho pesado onde minha vida estava constantemente em perigo? Parecia bom para mim.

– Há algo que você não sabe – Don continuou. – Foi um ato calculado não ligar para você imediatamente, mas está na hora de informá-la.

– O quê? – gelo pontuou cada palavra. – O que você em sua inteligência decidiu esconder de mim?

Ele franziu o cenho.

– Não seja sarcástica. Tomei minha decisão baseado na informação que era pertinente ao momento. Como está se recuperando de uma ação malfadada, não deveria ser tão rápida em recriminar.

Ai, ai. Ele estava na defensiva. Isso não era um bom sinal.

– Tudo bem, ponha para fora. O que eu não sei?

– Depois que Dave morreu, você estava compreensivelmente transtornada. Esse foi o motivo de eu dar um descanso a você. No quarto dia de suas férias, recebi uma ligação da proteção à testemunha. Danny Milton tinha desaparecido.

– Ele *o quê?*! – Eu pulei e esmurrei o tampo da mesa. Todos os papéis e equipamentos nela pularam. – Como você pôde não me contar isso? Não matei Lazarus por causa daquele merdinha chorão e Dave morreu por conta da minha decisão!

Don encarou-me calmamente.

– Não disse por causa da forma como você está reagindo agora. Dave era um soldado antes de conhecer você, Cat. Ele sabia dos riscos. Não tire isso dele. Isso faria dele menos do que ele era.

– Poupe o sermão para o domingo, pastor – eu rebati. – Alguma notícia de Danny? Um corpo, qualquer coisa? Como diabos ele sumiu quatro dias após deixarmos Ohio? Ele não foi levado a um local seguro como instruído?

– Nós o levamos de avião até Chicago e o tínhamos no hospital sob vigilância. Francamente, não sabemos o que aconteceu. Tate foi até lá após o ocorrido. Ele não viu nada. Ninguém mais viu ou ouviu falar de Danny Milton desde então.

– Foi um vampiro – minha resposta fora imediata. – Somente um vampiro poderia entrar e sair tão facilmente sem ser notado ou alertar os guardas. Provavelmente mexeu com a mente deles para que se esquecessem até mesmo de tê-lo visto. Alguma coisa deve ter sido deixada na cena. Vampiros sempre deixam uma pista – é seu cartão de visita! Vou até aquele hospital.

– Não, você não vai. A cena foi analisada e fotografada, mas essa não é a questão agora. A questão é se Danny ainda está vivo e, se estiver, se ele é um risco à segurança. Há *algo* que você tenha dito na frente dele que poderia ser usado contra você? Apesar de ele ter tido a memória alterada, existe algum risco para você?

Minha mente estava focada demais em quão sorrateiramente Danny fora levado. Tinha de haver uma pista. Tate apenas não havia conseguido encontrá-la.

– Deixe-me ver as fotos. Então, pensarei sobre sua pergunta.

Ele grunhiu em contrariedade.

– Vou dar a você as fotos. Farei mais que isso. Temos todos os itens aqui no complexo, até mesmo o menor fiapo. Vou mandar entregá-los em seu escritório e você pode desperdiçar seu tempo, mas, quando acabar, vai me dizer se existe algo que Danny poderia repetir que deveria nos preocupar.

Funguei rudemente.

– Farei isso, Don.

Trinta minutos depois, eu passava os olhos pelas fotos do quarto do hospital. Don tinha razão. Tudo parecia tão arrumado quanto poderia estar. Até mesmo a agulha de intravenosa que havia sido puxada do braço de Danny jazia inocentemente na cama, como se esperando pela próxima veia. Nenhuma marca de pés, digitais, nada de sangue ou fluido corporal, nem um maldito lençol fora de lugar. Um transporte molecular não poderia ser mais eficiente. Talvez fosse isso. Talvez Danny tenha sido irradiado para fora dali. Quase que valia a pena dizer isso a Don só para ver a expressão em seu rosto.

Depois de examinar as fotos por uma hora, fui para a parafernália pessoal e médica que estava enfiada em outra caixa de tamanho médio. Um par de sapatos, o cadarço nem mesmo gasto. Roupas, roupa de baixo, meias, creme de barbear (coloquei um pouco em minha mesa – sim, o bom e velho creme de barbear), cotonetes, bandagens, agulhas hipodérmicas cuidadosamente cobertas, um pacote de papel toalha, um relógio...

Pontos dançaram diante de minha visão. A mão que se estendeu para pegar o relógio tremia, tentou duas vezes e não conseguiu.

Meu coração martelava e parecia que eu ia desmaiar. Eu conhecia aquele relógio. Afinal, ele era meu.

Para qualquer outra pessoa, era um relógio antigo e comum. Nada chique, nenhuma grife cara, apenas um relógio comum que poderia ser masculino ou feminino. A falta de extravagância tinha sido deliberada para não chamar atenção, mas ele possuía uma característica extra que não vinha no modelo padrão. Apertando-se um botão quase invisível ao lado, uma mensagem era disparada. Uma mensagem de curta distância e conectada apenas a um *pager*. Aquele botão havia salvado minha vida um dia e a última vez que eu havia visto aquele relógio foi quando tirei-o do pulso e deixei-o em cima de uma carta de adeus que tinha escrito a Bones.

Se tivesse sido eu a ir a Chicago, teria encontrado o relógio. Se Don não tivesse me mantido fora de ação dessa *única* vez, teria sido eu lá. Eu, e não Tate, e Bones teria simplesmente me deixado seu bendito número de telefone. O *pager* só funcionava até uma distância de oito quilômetros. Ele estaria dentro dessa distância, esperando para ver se eu viria e apertaria aquele botão.

Segurei o relógio com tanta força que ele cortou minha pele. Como Bones soubera sobre Danny ou o que aconteceu, eu não fazia ideia, mas ele tinha sido rápido. Após todos esses anos, ele tinha me alcançado. Eu simplesmente não tinha pegado a mensagem a tempo.

A absoluta ironia de tudo aquilo me fez rir. Foi assim que Don me encontrou, no chão e dando risadinhas sem alegria. Ele me olhou com cautela, mas ficou próximo à porta.

– Você se importa em me dizer o que é tão engraçado?

– Oh, você tinha razão – arquejei. – Não há nada aqui. Nenhuma pista que seja. Mas você pode ficar sossegado quanto a Danny Milton. acredite quando digo que aquele homem está *morto*.

– De que tipo de vampiro estamos falando? – perguntei, enquanto subia na van. Normalmente, os rapazes não me pegavam em casa a menos que um ainda estivesse na cena. Quando Tate ligou para dizer que estava a caminho, desculpei-me com Noah, com quem tinha planos para jantar, e parti. Outra noite interrompida. Por que Noah ainda estava na área, eu não fazia ideia.

– Provavelmente um jovem, talvez dois – Tate respondeu.

Ele vinha sendo grosso comigo desde que minha relação com Noah havia começado. Eu não fazia ideia do que o levava a essa atitude, mas bastavam dois para brincar de esnober.

Não conversamos mais até estacionarmos no clube. Mesmo com a música pulsante, eu ouvia batidas de corações lá dentro. Muitas delas.

– Por que o clube não foi evacuado?

– Não há corpos, Comandante – Cooper disse. – Apenas alguém dizendo que viu uma mulher se debatendo com um pouco de sangue em seu pescoço. Depois, a mulher desapareceu. Don não queria deixar o vampi suspeitar, se ele ainda estiver aqui.

Cooper tinha superado minhas expectativas. Desde aquela tarde horrível na caverna, ele nunca mais questionou minhas ordens. Ele continuava me chamando de aberração na cara, mas isso não me incomodava. Agora era mais como: “Você é uma aberração, Comandante. Vamos lá, homens, vocês ouviram essa cadela! Mexam-se! Mexam-se!”. Ele podia me chamar pelo nome que quisesse, contanto que mostrasse a mesma dedicação.

– E o restante da equipe, está em alerta?

Essa era a abordagem mais canhestra de um assassinato em potencial que já tínhamos feito. Os rapazes nem ao menos estavam apropriadamente vestidos. Eles provavelmente imaginavam que aquilo era nada, uma vez que quem fizera o chamado de emergência parecia estar bêbado. Não seria o primeiro alarme falso que tínhamos recebido. Nem o quinquagésimo.

– Querida, vamos só entrar e verificar – Juan disse, impaciente. – Se não for nada, as bebidas são por minha conta.

Feito. Sem mais reclamações, coloquei meu casaco e nos dirigimos à porta. A noite de maio não estava fria, mas o casaco comprido escondia minhas armas. Os rapazes me deixaram entrar primeiro, como sempre e, tão logo cruzei a porta, soube que era uma armadilha.

– Surpresa! – Denise gritou.

A palavra foi repetida por diversos membros de minha equipe, bem como pelas duas dúzias de funcionários do sexo masculino do que claramente era um clube de *striptease*.

Pisquei estupidamente.

– Meu aniversário foi semana passada.

Ela riu.

– Eu sei disso, Cat! É por isso que sua festa é uma surpresa. Você pode agradecer a Tate, foi ele quem planejou o alarme falso como uma armação para trazer você aqui.

Eu estava sufocada pela emoção.

– Noah está aqui?

Denise fungou uma risada.

– Em um clube de *striptease*? Não. Você pode apostar que também não convidei sua mãe!

O simples pensamento de minha mãe dentro de um clube de *striptease* masculino me fez rir. Ela teria saído correndo e gritando porta a fora.

Tate se aproximou por trás e beijou-me levemente na bochecha.

– Feliz aniversário, Cat – ele disse com suavidade.

Eu o abracei. Somente quando o fiz é que percebi o quanto nosso recente estranhamento tinha me entristecido. Ele e Juan eram como os irmãos que eu nunca tive.

Juan puxou-me para seus braços por trás.

– Denise me contratou para ser seu gigolô hoje à noite. Você me diz quantos orgasmos quer e eu prometo fornecer. Vou dar a você uma definição totalmente nova do termo *criminoso gentil*, querida. Hum, seu traseiro parece um pedaço redondo de... ai!

O cotovelo de Tate em suas costelas o deteve. Revirei meus olhos.

– Ainda estou armada, Juan. E você ainda tem tempo em sua sentença por desmanche de carros. Você pode querer se lembrar disso. – Em seguida, dei uma olhada geral em volta e notei um rosto familiar. – Aquele é Don? Como vocês conseguiram fazê-lo vir a um lugar como este?

Don aproximou-se de mim, parecendo tão confortável quanto minha mãe estaria.

– Feliz aniversário atrasado, Cat – ele disse, dando-me um sorriso de autodepreciação. – Você não está feliz por Juan ter escolhido o lugar, e não eu? Teríamos *caffè latte* e *hors d'oeuvres* ao invés de bebidas alcoólicas e tangas. Alguém já trouxe gim para você?

– Aqui – Denise gritou empolgada, estendendo-me um copo no alto. Ela sorriu para Don. – Você deve ser o chefe dela. É exatamente como o imaginei.

– Você deve ser Denise. Meu nome é Don, mas não se lembre disso. Não deveria saber.

Ela acenou levianamente com a mão.

– Se isso o faz sentir-se melhor, vou ficar tão bêbada que nem vou lembrar meu *próprio* nome depois. Que tal isso em termos de segurança?

Ele me deu um sorriso gélido.

– Agora posso ver por que vocês duas se dão bem.

– Onde está minha aniversariante? – um jovem musculoso usando uma tanga de leopardo arrulhou enquanto se aproximava.

– Bem aqui! – Denise disse imediatamente. – E ela precisa de uma *lap dance*\* agora mesmo!

– Não se preocupe, papai, vou tomar conta de sua menina. – O *stripper* sorriu para Don.

Eu quase engasguei com meu gim.

– Ele *não* é meu pai – corrigi no ato.

– Não? Vocês têm os mesmos olhos, docinho. Ombros fortes e olhos penetrantes. Vou dar um jeito em você, linda, mas *você*... – ele piscou para Don. – Vou mandar Chip cuidar de você.

Denise começou a rir. Don pareceu ainda mais enojado do que quando foi confundido com meu pai.

– Se você precisar de mim, Cat – ele rangeu os dentes –, estarei no canto. Escondido.

O clube fechava às três da manhã. Don tinha gentilmente arrumado transporte para o resto de minha equipe, mas, mesmo com o barril de gim que eu tinha consumido, ainda estava sóbria o suficiente para levar Denise, Juan e Tate para casa.

Como Tate estava mais próximo de minha casa, foi minha última parada. Ele corajosamente tentou andar até a porta, mas seus pés insistiam em sair do seu caminho. Com frustração bem-humorada, acabei carregando-o para dentro. Felizmente, ele tinha pegado sua chave, portanto, não precisei revistá-lo para encontrá-la.

Apesar de ele já ter ido a minha casa várias vezes, eu nunca havia entrado na dele. O interior da casa térrea era limpo o suficiente para deixar um instrutor de recrutas feliz. Ele não tinha nenhum animal de estimação, nem mesmo um peixe dourado, e suas paredes eram despidas de qualquer peça de decoração. Quando cheguei a seu quarto, era a mesma coisa. Nenhuma decoração, só uma TV, e eu poderia ter jogado uma moeda em sua cama que ela saltaria de volta, mas depois de erguer Tate sobre ela e tirar seus sapatos, eu não estava com vontade. Ele tinha uma foto em seu criado-mudo. Era a única que eu tinha visto na casa inteira, então olhei-a com curiosidade. Era de mim, para minha surpresa, e



não era uma foto para a qual eu tivesse posado. Eu estava com o rosto voltado para a câmera em uma cena de crime. Ele deve tê-la tirado enquanto fotografava os corpos.

– Por que você tem isso? – perguntei em voz alta, sem realmente esperar uma resposta.

Tate murmurou algo que poderia ter sido meu nome e, com uma rapidez que eu não esperaria dele nesse estado, agarrou-me e me puxou para cima dele. Fiquei tão espantada que não me mexi. Tate me beijou, sua boca estava morna e com gosto de álcool, enquanto seus lábios se moviam sobre os meus como se estivessem famintos. Ele pressionou meus lábios e explorou o interior com sua língua. Quando ele estendeu as mãos para a parte da frente de minhas calças, eu finalmente reagi.

– Pare – falei bruscamente e o empurrei para trás com tanta força que sua cabeça ricocheteou na cabeceira.

Tate respirou pesadamente, seus olhos estavam de um azul-escuro, vidrados de embriaguez e outras coisas.

– Você nunca quis alguma coisa que não podia ter? – ele perguntou asperamente.

Fiquei sem fala. Quatro anos sem nada além de um relacionamento platônico e agora lá estava Tate olhando para mim de uma forma que deixaria o olhar mais lascivo de Juan no chinelo.

Ele deu uma risada sem humor e passou a mão por seus curtos cabelos castanhos.

– Chocada? Não deveria ficar. Eu quis você desde a primeira vez que a vi naquela cama de hospital, parecendo um bendito anjo com seu cabelo vermelho e seus grandes olhos cinzentos. Sim, estou bêbado, mas é verdade de qualquer forma. Talvez eu nem mesmo me lembre disso de manhã. Você não precisa se preocupar. Consigo lidar com as coisas do jeito que estão. Mas eu tinha que beijá-la hoje, não interessa o que vai acontecer depois.

– Tate, eu... eu sinto muito. – O que mais eu poderia dizer? Eu devia ter bebido demais da conta também, porque ele nunca tinha parecido tão atraente como agora, com aquele brilho quase perigoso nos olhos. Denise sempre havia dito que ele era a cópia exata de Brad Pitt em *Sr. e Sra. Smith*.

Ele sorriu ironicamente.

– Você consegue ouvir meu batimento cardíaco, não consegue? Quando bebi aquele sangue em Ohio, eu consegui ouvir o seu. Consegui sentir seu cheiro em minhas mãos.

– Você é meu amigo – minha voz tremeu um pouco, porque a crueza em seu rosto me alarmava e, em um nível mais primitivo, me excitava. – Mas *trabalhamos* juntos. Eu não posso dar a você mais do que isso.

Ele soltou um suspiro pelo nariz e meneou a cabeça brevemente.

– Eu sei que você não sente o mesmo por mim. *Ainda*.

Aquela única palavra me fez recuar e me dirigir para a porta. Ela estava carregada demais de significado para que eu ficasse mais um minuto.

– Responda-me uma coisa antes de ir. Uma coisa, e me diga a verdade. Você já amou alguém?

Isso me deteve e eu gaguejei minha resposta.

– Tate, eu... eu não acho que isso seja algo que deveríamos discutir...

– Besteira – ele me cortou. – Eu acabei de me abrir aqui. Responda à pergunta.

Talvez eu também tenha achado que ele poderia não se lembrar desta conversa de manhã, ou talvez fosse apenas pela honestidade dele. De qualquer forma, respondi com a verdade.

– Uma vez. Anos atrás, antes de conhecer você.

Tate não piscava e seus olhos mergulharam nos meus.

– Quem era ele? O que aconteceu?

Eu me voltei, porque dessa vez iria mentir. Quando respondi a ele, estava saindo pela porta.

– Você sabe quem ele era. Era o vampiro com quem eu estava dormindo e que destruiu seu carro no dia em que nos conhecemos. Então, você sabe também o que aconteceu a ele. Eu o matei.

# NOVE

O trabalho andava agitado e, de certa forma, isso era bom. A agenda frenética das duas últimas semanas minimizou, e muito, o embaraço com relação a Tate. Seria complicado sentir-me atrapalhada quando a vida estava constantemente em risco.

As coisas com Noah também não estavam cor-de-rosa. Apesar de seus melhores esforços, minhas ausências constantes desgastavam nossa já tênue relação de namoro. E, ultimamente, ele tinha começado a dar indiretas sobre querer “aprofundar” as coisas entre nós. Eu não o culpava por tentar – estávamos saindo havia cerca de dois meses –, mas isso não iria acontecer.

Eu já sabia que nós não daríamos certo, não importando o quanto ele fosse uma boa pessoa. Havia muitas mentiras entre nós, todas minhas, claro, e a questão principal parecia ser que eu ainda não estava pronta para deixar para trás minha ex-relação amaldiçoada. Ei, pelo menos eu tentei. Agora tinha que gentilmente dar o fora em Noah. Eu já tinha dito que entenderia se meu esquema fosse difícil demais para ele lidar com isso. Ou Noah era teimoso ou não estava pegando a dica. Eu tinha que começar a empregar métodos mais precisos, mas não queria dizer “Acabou!” e desligar na cara dele. Eu gostava de Noah e odiava a ideia de magoá-lo.

Então, meu telefone tocou espantosamente cedo em uma manhã de terça-feira. Saltei da cama para atender, já procurando roupas e amaldiçoando qualquer criatura sem pulso que estivesse causando problemas antes das oito, quando ouvi a voz de Denise.

– O que há de errado? – perguntei imediatamente.

– Nada! Desculpe ligar tão cedo, mas não pude esperar para dizer a você. Ah, Cat, estou tão feliz. Eu vou me casar!

Não destilei nenhuma objeção como “Tem certeza? Foi tão repentino!”. Ela estava saindo com seu novo namorado havia apenas duas semanas, mas Denise não era normalmente impulsiva e ela tinha dito que sabia que amava Randy e que ele sentia o mesmo por ela. Vendo seu olhar entusiasmado, eu sabia que qualquer coisa que dissesse sobre ela estar se apressando, esperar ou ter cautela cairia em ouvidos moucos, de qualquer forma. Além disso, ela já tinha muito com o que lidar. Os pais de Denise se recusavam até mesmo a conhecer Randy, uma vez que ele era católico e eles eram judeus. Os pais dele também não estavam particularmente arrebatados pelo cortejo tão curto. Quem disse que se apaixonar era fácil? Certamente não eu.

Eu estava planejando uma pequena conversinha com os pais dela. Há anos vinha tentando explorar o poder de meus olhos. Eles não eram tão potentes quanto os de um vampiro, mas eu daria o melhor de mim. Denise merecia um casamento feliz e eu moveria o céu e a terra para proporcionar isso a ela. O que poderia dar errado? Eles não poderiam mais se opor ao casamento do que já se opunham.

Insisti em comprar as flores, o bolo e contratar o fotógrafo. Eles arcariam com as despesas do resto. Denise tentou declinar, mas eu a ameacei com minhas facas e com minha TPM. Em minhas horas de folga, nos viramos para escolher seu vestido de noiva, os vestidos das damas de honra, as flores e os convites. Foi só quatro dias antes do casamento que eu conheci Randy. Para meu alívio egoísta, ele ia se mudar para a casa dela, e não o contrário.

Denise disse que ele era um consultor de software independente – um *gênio* da computação, ela enchia a boca para falar – e por isso

era mais fácil para ele se realocar do que ela, com seu trabalho local das nove às cinco.

Denise me convocou para ajudar a desempacotar as coisas e quando Randy estacionou em um caminhão de mudanças, tive minha primeira visão dele. Ele tinha por volta de um metro e oitenta, cabelos castanho-claros, óculos sem aro e uma constituição atlética esguia. Era charmoso de um jeito tranquilo, mas foi de seus olhos que eu mais gostei. Eles brilhavam quando ele olhava para ela.

Randy estendeu a mão para mim após dar um beijo em Denise.

– Você deve ser Cat. A Denise não consegue parar de falar em você. Obrigado por toda sua ajuda com o casamento.

Eu ignorei a mão dele e abracei-o ao invés disso.

– Estou tão feliz por finalmente conhecer você! E não se preocupe com a ajuda. Eu provavelmente nunca vou me casar, então estou vivendo isso indiretamente através dela. Vamos descarregar seu carro. Denise tem a prova final do vestido esta noite e ela não pode se atrasar.

Randy tossiu.

– Hum, querida, você não disse que tinha ajuda suficiente? Somos apenas nós três.

Denise riu.

– Não se preocupe. Cat vem de uma longa linhagem de fazendeiros. Acredite, nós poderíamos nos sentar e assistir, mas isso não seria educado.

Randy olhou com dúvida para mim. Denise, fiel a sua palavra, não tinha dito a ele nada sobre minha linhagem sanguínea. Ele simplesmente achava que eu trabalhava para o governo.

Randy seguiu-me até a traseira da caminhonete.

– Tem certeza disso? Vou me encontrar com meu amigo esta noite, um dos padrinhos de casamento, e ele se ofereceu para ajudar. Eu disse a ele que não precisava, porque Denise disse isso,

mas ainda posso ligar para ele. Você não vai querer sofrer um estiramento.

– Randy, muito gentil de sua parte, mas não se preocupe. Vamos terminar rapidinho.

Meia hora depois, Randy olhava abismado para sua mobília jeitosamente arrumada no belo sobrado de Denise. Às vezes, ser meio-morta não era tão ruim.

– Fazendeiros? – ele perguntou descrente, olhando para mim.

Eu sorri.

– Fazendeiros. Cinco gerações.

– Certo – ele disse. Denise escondeu uma risadinha.

– Vá tomar um banho – eu a apressei. – Temos que ir.

– Randy, a que horas você vai voltar hoje à noite? Será que Cat e eu deveríamos trazer o jantar?

– Sim. Vou me encontrar com meu amigo, então vai demorar um pouco.

Limpei minha garganta, forjando uma ameaça.

– Certo, estou indo! – ela cedeu.

– Obrigado por toda sua ajuda – Randy disse mais uma vez. – Não apenas com a mudança hoje. Ou o casamento. Denise me disse que você sempre esteve ao lado dela quando ela precisou. É raro ter uma amiga assim.

Ele olhava para mim sem dissimulação e eu soube por que Denise sentiu uma conexão com ele. Havia algo muito direto em seu olhar.

– De nada. – Eu não disse mais do que isso. De alguma forma, não foi preciso.

– Estou pronta – Denise falou alegremente minutos depois.

Dei mais um abraço de despedida em Randy.

– Foi ótimo finalmente conhecer você.

– E eu a você. Cuide da minha menina.

– Ah, ela cuida – Denise garantiu a ele. – Ela cuida.

Quatro horas depois da última prova de vestido e após um jantar não interrompido – pelo menos uma vez! –, deixei-a em casa e cheguei de volta à minha. Era perto de uma da manhã. Quase que começo de noite para mim.

Fiquei paralisada ao sair do carro e sentir uma leve carga no ar do lado de fora. Não havia sons incomuns, apenas os ruídos de fundo de pessoas nas casas vizinhas, e eu não percebi ninguém ali. Mesmo assim, estendi minhas mãos para sentir o ar vazio da entrada de carros como se ele tivesse forma. Havia a mais sutil impressão de energia inumana, não forte o suficiente para a fonte ainda estar lá, mas algo havia estado presente. Talvez fosse somente alguma criatura que tinha passado ali por perto. Não teria sido a primeira vez. A aura residual tinha algo que não parecia ameaçador. Vampiros ou zumbis emitiam vibrações diferentes quando estavam caçando para matar.

Dei de ombros mentalmente. Se alguma coisa morta maléfica havia me encontrado e tinha intenções maliciosas, estaria esperando dentro de casa. Para me resguardar, entrei cautelosamente e verifiquei todos os aposentos. Nada.

Tomei um banho e fui para a cama. Nenhum monstro debaixo dela – chequei, por uma estúpida precaução –, mas, ainda assim, aquele estranho sentimento persistia. Eu poderia jurar que alguém havia estado em minha casa. Mas isso era estúpido. Jesus, eu estava ficando paranoica como Don.

Fechei decididamente meus olhos, tentando barrar a memória daquela antiga prece antes de dormir: *se eu morrer antes de acordar...*

Dormi com uma de minhas facas sob a cama, dizendo a mim mesma que não estava sendo paranoica. Apenas cautelosa.

É, tá bom, então. Não acreditei nisso também.



# DEZ

– Denise, está quase na hora.

Estávamos isoladas em nossa própria sala privativa do clube de campo para evitar topar com o noivo. A cerimônia e a recepção aconteceriam no local. Denise sorria radiante para mim, enquanto eu ajustava seu véu.

– Não sei *o que* você disse a meus pais. Deve tê-los drogado, mas não me importo!

Eu a abracei, com toda a inocência. Não havia necessidade de dizer a ela que eu os *tinha* drogado, com a essência alucinógena de vampiro em seu chá gelado, e depois praticado meu controle mental com eles. Para minha surpresa, havia funcionado. Apesar de ainda consternados pelas diferenças religiosas, eles estavam ali.

Felicity bamboleou para dentro da sala. Eu não gostava dela, mas era prima de Denise e uma das damas de honra, portanto, a amabilidade fazia-se necessária. Enquanto eu estava ajudando Denise a ficar pronta, ela havia vasculhado os convidados em busca de homens solteiros. A mulher estava perpetuamente em chamas.

– O último padrinho finalmente apareceu – ela comentou.

Suspirei de alívio. Agora não teríamos que atrasar o casamento.

– Ele é uma delícia – ela continuou. Ela achava que qualquer um sem nenhuma deficiência física e com um pênis era uma delícia, mas guardei isso para mim mesma. – Eu só o vi de costas por um segundo, mas que traseiro.

– Hã, Felicity, você poderia pegar as flores? – sugeri, revirando meus olhos para Denise.

Denise sorriu.

– Boas notícias, Felicity. Ele vai ser seu par esta noite. Eu não cheguei a conhecê-lo, mas Randy disse que ele é solteiro.

Ela havia separado a comitiva dos noivos em uma longa mesa retangular com cadeiras alternadas entre homens e mulheres. Achei um pouco estranho ter a comitiva dos noivos dividida assim, mas aquele era o show dela, não o meu.

– Delícia – Felicity ronronou de novo.

Tive pena do homem. Ela provavelmente iria apalpá-lo por debaixo da mesa antes mesmo de os brindes começarem.

O irmão de Randy enfiou sua cabeça para dentro da sala.

– Você está pronta, Denise?

Ela se virou para mim mal contendo a excitação.

– Vamos nos casar!

Eu sorri para Philip.

– Vemos você lá na frente.

Denise abster-se da tradicional marcha nupcial em troca de uma balada instrumental. Ao invés de membros do cortejo conduzindo cada dama de honra pelo corredor, Randy e os padrinhos estavam esperando lá na frente. As damas de honra andariam uma após a outra em ordem hierárquica. Como a primeira dama de honra, eu era a última antes de Denise. Afofei a cauda de seu vestido uma última vez antes de tomar meu lugar no caminho de entrada.

Ao colocar meu pé na sala onde quarenta e cinco familiares e amigos estavam reunidos, senti uma onda de puro poder inumano. *Maldição, um dos convidados era vampiro.* Era melhor que ele ou ela estivesse planejando apenas comer bolo ou eu teria que ficar realmente esperta com a prataria. Seria um ótimo truque matar um convidado em uma recepção sem ninguém perceber. Meus olhos

varreram o aglomerado de pessoas à esquerda e à direita, procurando a fonte.

Minha mãe estava sentada ao lado de Noah, a quem Denise havia convidado antes de eu dizer a ela que eu estava tentando romper as coisas entre nós. Noah sorriu para mim enquanto eu vinha pelo estreito corredor. Retribuí o sorriso e fiz um inventário à moda militar. *Lado da noiva, sem problemas. Lado do noivo, sem problemas.* Por alguma razão, não me ocorreu olhar para frente, onde a comitiva nupcial estava em pé. Mesmo quando o fiz, levou um segundo até a identificação ser registrada em minha mente paralisada.

O cabelo dele estava diferente. Castanho cor de mel ao invés do loiro platinado de minha memória. Estava também mais longo do que antes, encaracolando-se sobre suas orelhas em vez de cobrir sua cabeça como um capacete acetinado. A pele pálida brilhava em contraste com o tecido cor de ébano de seu smoking, um contraste de tirar o fôlego. Olhos de um castanho tão profundo que eram quase negros pregados nos meus sem nem um pouco do choque que eu sentia.

Objetos em movimento permanecem em movimento com a mesma velocidade e direção, a menos que sofram a ação de uma força de desequilíbrio. Comprovei a Lei da Inércia de Newton, porque, apesar de minha respiração ter parado e meu coração pulado um batimento, eu, de alguma forma, consegui continuar andando pelo corredor.

O olhar de Bones devorava o meu. Dentro de mim uma sensação completamente desconhecida explodiu, fazendo minha mente descompassada demorar um segundo para diagnosticá-la. *Alegria.* Uma alegria pura e inalterada me inundou. Eu efetivamente estava prestes a disparar para frente e me atirar nos braços dele quando detive a mim mesma.

*O que Bones estava fazendo ali? E por que ele não pareceu surpreso por me ver?*

Aquilo me impediu de qualquer loucura, como precipitar-me sobre ele como tinha me sentido tentada a fazer. Se Bones não estava surpreso em me ver, então ele sabia que eu estaria ali. Mas *como* ele teria ficado sabendo? E a mais importante das perguntas: *como ele me encontrou? O que queria?*

Agora não era hora de descobrir. Era o casamento de Denise. Eu não o arruinaria causando uma cena. *Obrigada, Senhor, e a todos seus santos, pensei, por minha mãe não estar olhando atentamente para os padrinhos.* Ela não hesitaria em arruinar o dia de Denise de uma forma espetacular. O que quer que Bones tivesse em mente, eu lidaria com ele após o casamento.

Ou desmaiaria. O que acontecesse primeiro.

Sem maiores dramas, tomei meu lugar ao lado de Felicity. Ela inclinou-se e sibilou em meu ouvido quando Denise começou sua caminhada pelo corredor.

– Nem pense no gato, ele é meu.

– Cale a boca – retruquei baixo demais para os convidados ouvirem.

As palmas de minhas mãos estavam suando e meus joelhos pareciam geleia. Como é que eu conseguiria sobreviver a este casamento? A proximidade de Bones era inacreditável. Por quatro anos e meio eu tinha sonhado com ele e agora podia estender a mão e tocá-lo. Nem parecia ser real.

Randy recebeu Denise do braço de seu pai e eles deram-se as mãos. O juiz iniciou a versão modificada dos votos de casamento sem referências religiosas. Bones voltou-se e encarou o homem quando o resto dos padrinhos fez isso.

A cerimônia passou como uma névoa. Tive que ser cutucada por Felicity para aceitar o buquê quando chegou a hora da troca de anéis. Quando o juiz finalmente os declarou marido e mulher, senti-

me aliviada. Que horrível de minha parte. Era o casamento de minha melhor amiga e tudo o que eu queria era que ele acabasse para que eu pudesse ter um momento para me recompor.

Denise e Randy voltaram pelo corredor e eu quase corri quando chegou minha vez de segui-los. Philip tentou me conter em um caminhar pausado, mas puxei seu braço para acelerá-lo.

– Tenho que ir ao banheiro – menti em desespero. O que eu precisava era de um momento sozinha para recuperar meu equilíbrio arruinado. – Diga a Noah para não esperar por mim. Irei diretamente para as fotos depois.

Assim que deixamos o santuário, fui como um raio até o banheiro feminino, meu buquê de flores ficou esquecido no chão, onde eu o derrubara.

O banheiro era do outro lado do clube. Uma vez lá dentro, afundei-me no chão próximo à pia. Ó, Deus, ó, Deus, vê-lo fez com que cada emoção que eu tinha tentado esquecer voltasse rugindo com uma intensidade desapiadada. Eu tinha que conseguir ter controle sobre mim mesma. Rápido. Minha cabeça caiu por cima de meus joelhos dobrados.

– *Olá, Gatinha.*

Eu estava tão preocupada com meu ataque de nervos que não ouvi Bones entrar. Sua voz era macia como eu me lembrava, aquele sotaque inglês tão sedutor como antes. Levantei minha cabeça depressa e, em meio ao desmoronamento de minha vida tão cuidadosamente construída, encontrei a coisa mais absurda com que me preocupar.

– Deus, Bones, este é o banheiro feminino! E se alguém o vir?

Ele riu, em uma ondulação baixa e sedutora. Um beijo de Noah tinha menos efeito sobre mim.

– Ainda uma puritana? Não se preocupe, fechei a porta.

Se isso deveria amenizar minha tensão, teve o efeito oposto. Pus-me em pé rápido, mas não havia para onde correr. Ele estava

bloqueando a única saída.

– Olhe só você, amor. Não posso dizer que prefiro o cabelo castanho, mas quanto ao resto... você está suculenta.

Bones traçou sua língua por dentro de seu lábio inferior enquanto seus olhos deslizavam por todo meu corpo. O calor deles parecia friccionar minha pele. Quando ele deu um passo à frente, coleí minhas costas contra a parede.

– Fique onde está.

Ele reclinou-se relaxadamente sobre o tampo do balcão.

– Por que você está tão agitada? Acha que estou aqui para matá-la?

– Não. Se fosse me matar, não teria se incomodado com a farsa do altar. Você obviamente sabe sob qual nome estou vivendo, então teria simplesmente ido atrás de mim uma noite quando eu chegasse em casa.

Ele assobiou apreciativamente.

– Isso é verdade, querida. Você não se esqueceu como eu trabalho. Sabe que me ofereceram um contrato para a misteriosa Ceifeira Ruiva pelo menos umas três vezes? Um sujeito me ofereceu meio milhão por seu corpo morto.

Bem, nenhuma surpresa. Afinal, Lazarus tentou descontar um cheque no meu traseiro pela mesma razão.

– O que você disse, uma vez que acabou de confirmar que não está aqui para isso?

Bones endireitou-se e soltou o gracejo.

– Ah, eu disse sim, claro. Depois cacei os cretinos e joguei bola com suas cabeças. As ligações pararam depois disso.

Engoli em seco com a imagem que ele descreveu. Conhecendo-o, sei que foi exatamente o que fez.

– Então, por que você *está* aqui?

Ele sorriu e aproximou-se, ignorando minha ordem anterior.

– Não está feliz em me ver após todos esses anos? Sabe por que quis pegar você desprevenida? Para ver seus olhos e saber o que você sentiu naquele exato instante.

*Perigo. Perigo.* Menos de trinta centímetros nos separavam. Nunca fui capaz de resistir ao toque dele e não estava a fim de testar minha força de vontade agora. Tentei freneticamente pensar em uma forma de distraí-lo.

– Conheceu meu namorado?

Pronto. Aquilo foi dose. Os olhos dele se estreitaram e seus lábios se afinaram em uma linha apertada. É, Noah era brochante tanto para mim quanto para ele.

Pressionei minha vantagem. Perigo antes da paixão – era mais seguro.

– De qualquer forma, como você se esgueirou para dentro da vida de Randy para se tornar um padrinho neste casamento? Descobriu que minha melhor amiga iria se casar com ele? Você deve ter controlado a mente dele bem rápido. Eles só estavam noivos havia um mês.

Ele apontou um dedo perto de meu rosto.

O seu amigo Randy eu conheço há seis meses. Muito antes de Denise o ter conhecido. Sujeito incomum, você não acha? Sabe quais foram as primeiras palavras dele para mim, após ficarmos sentados lado a lado por uma hora em um bar? Ele disse: “Espero que isso não seja gravado em minha lápide, mas você não respirou esse tempo todo. Importa-se em me dizer como faz isso?”.

Eu pisquei. Denise havia dito uma vez que Randy pensava fora dos padrões. Bem fora dos padrões, aparentemente. E eu tinha subestimado o tamanho de suas bolas.

– Ele sabe o que você é?

Bones assentiu.

– Encarei-o com as luzes verdes de meus olhos acesas, sabe, e disse-lhe que ele não tinha visto coisa alguma. Ele piscou para mim

da mesma forma que você acabou de fazer e perguntou se era para aquilo funcionar.

Agora eu estava *realmente* impressionada. Randy tinha imunidade natural ao poder dos vampiros, mesmo o de alguém tão forte quanto Bones.

– Obviamente aquilo foi inesperado. Comecei a conversar com ele e nós nos tornamos amigos. Foi só essa semana, *depois* que aceitei minha posição neste casamento, que ele me encontrou em um bar com seu cheiro pelo corpo todo. Você o tinha ajudado com a mobília naquele dia.

Eu estava aliviada, ainda que ao mesmo tempo magoada por pensar que ver Bones foi somente devido a um acaso.

– Então, encontrá-lo hoje aqui foi apenas uma coincidência? Você, *hã*, superou o que aconteceu antes?

Ele travou os olhos dele nos meus.

– E não é que você gostaria de saber? Mas não acho que vou dizer a você. Pode esquentar sua cabeça com isso, como eu esquentei a minha desde que recebi sua maldita carta de adeus. No entanto, vou dizer uma coisa: nós temos assuntos inacabados entre nós. E é mais do que certo que vamos resolver isso, não importa quanto você prefira evitar.

*Ai, droga.* Eu tinha deixado um bilhete para ele porque sabia que não poderia encará-lo e dizer adeus. Agora, quatro anos depois, eu ainda não achava que era forte o suficiente.

– Cather... *hã*, Cristine! Você está aí dentro?

Minha mãe batia forte na porta e eu me curvei de alívio. Pelo menos uma vez eu estava feliz que ela estivesse por ali.

A boca de Bones contorceu-se.

– Acho que vou cumprimentar sua mãe, Gatinha. Já faz algum tempo.

– Você não...!



A ameaça que eu estive por proferir morreu em meus lábios quando ele abriu a porta. Ela olhou para ele estupefata por um segundo antes de reconhecê-lo. O rosto dela ficou púrpura.

– *Você! Você!*

– É adorável vê-la novamente, Justina – Bones disse, diabolicamente. – Você fica muito encantadora nessa cor.

– Seu *animal* imundo! – ela gritou com fúria. – Todas as noites rezei para que você estivesse morto e apodrecendo no inferno!

– Mãe! – eu disse cortantemente. Ele estava longe dos olhos dela, mas certamente não perto do coração.

Bones deu de ombros.

– Deveria ter falado um pouco mais alto. O Todo-Poderoso pode não ter ouvido você.

Apontei um dedo para a porta.

– Bones, o que quer que você queira me dizer, pode esperar até este casamento terminar. São minha amiga e seu amigo lá fora esperando por nós para tirarem fotografias com eles, e é isso que vamos fazer. Mãe, se você fizer uma única tentativa de estragar o casamento de Denise, eu juro por Deus que peço a ele para morder você.

– Ficarei feliz em fazer esse favor, Gatinha – ele me garantiu.

Voltei minha cabeça para a porta novamente.

– Fora!

– Senhoras – ele meneou a cabeça e saiu dali.

Observei-o ir embora antes de me dirigir até a pia e jogar água em meu rosto. Afinal de contas, eu tinha que ficar bonita para as fotos.

# ONZE

Minha mãe precisou de outras várias e atemorizantes advertências antes de concordar em não fazer nada para interromper a recepção. Nem notificar meu trabalho sobre Bones. Categoricamente jurei me transformar em vampira ali mesmo se ela fizesse isso.

– É isso o que ele quer de você, Catherine. Ele quer roubar sua alma e transformar você em um animal – ela disse pela terceira vez enquanto me acompanhava pelo corredor.

– Certo, então mantenha isso em mente e sua boca fechada, certo? E, pelo amor de Deus, me chame de Cristine. Você não consegue *ser* mais óbvia?

Chegamos à porta. Denise abandonou a pose que tinha com Randy e encontrou-nos na entrada.

– Oh, Cat, eu não sabia que o amigo de Randy era... – ela baixou a voz – vampiro! Mas não se preocupe. Falei com Randy. Ele ficou impressionado que você também soubesse que eles existiam! Nós temos tanto em comum. De qualquer forma, Randy jura que ele é inofensivo. Diz que o conhece há meses.

Minha mãe olhou para Denise como se ela tivesse três cabeças.

– *Inofensivo?! Não estamos falando de um cachorro que pode ou não morder! Estamos falando de um assassino...*

– Ahã – interrompi, tocando meu pescoço como ênfase. Ela fechou a boca e saiu andando. Mais adiante, ouvi Bones fungar uma risada. Ele tinha ouvido.

– Está tudo bem, Denise – eu a tranquilizei. – Ele sabe que, contanto que mantenha suas presas limpas, não teremos quaisquer problemas.

– Como ele sabe disso? – ela perguntou de forma prática. – Você falou com ele? Você ficou no banheiro um tempo e eu não o vi. Você o enquadrrou?

*Pelo contrário.*

– Hum, bem, eu meio que... hã – gaguejei, algo que não fazia há anos. – Eu o conheço. Quero dizer, já o vi por aí antes. Em Virgínia. Ele, hã, ele e eu temos um acordo. Ele não mexe comigo e eu não mexo com ele.

Denise aceitou isso sem questionar.

– Bem, então vamos tirar fotos. Fico feliz que vocês não vão brigar. Diga a ele para não mencionar nada sobre você a Randy, certo? Seu chefe perderia todos os pelos das bolas se descobrisse quantas pessoas sabem de você.

– Bem colocado. – Bem colocado mesmo.

Bones era o misterioso par de Felicity. Ela estava encantada, conseguindo apertar-se indecentemente contra ele em todas as fotos. Para tornar as coisas ainda piores, ele estava sendo charmoso. Eu poderia alegremente matar os dois depois das fotografias.

Mas eu não podia demonstrar o quanto isso me incomodava, pela mesma razão que eu não tinha corrido para os braços de Bones quando o vi pela primeira vez. Não interessavam quais fossem meus sentimentos, nada em nossas circunstâncias havia mudado. Portanto, eu não poderia me dar ao luxo de deixá-lo saber o quanto eu ainda me importava. Tudo o que poderia fazer era fingir que não estava nem aí – e esperar que Bones entendesse a atuação o suficiente para *me* deixar dessa vez.

Segui pelo caminho mais curto até o bar logo após o último clique da câmera. Só havia uma coisa que poderia ajudar essa noite

e era gim. Muito gim. Virei o primeiro copo de uma só vez em frente ao *barman*.

– Outro.

O atendente fez um rosto inquisitivo, mas colocou outro gim e tônica. Medei com os olhos o nível que ele selecionou e dei a ele um olhar duro.

– Mais álcool – eu disse, sucintamente.

– Afogando suas mágoas? – uma voz familiar caçoou atrás de mim.

– Não é da sua conta – retruquei, endireitando-me.

– Aí está você, querida!

Noah aproximou-se e deu-me uma beijoca no rosto. Bones estreitou os lábios em uma linha ameaçadora quando viu.

– Hum, Noah... Vou levá-lo até sua mesa. – Queria levá-lo para longe de Bones, que olhava para Noah como se preferisse beber de seu pescoço a aquilo que o bar tivesse a oferecer. Vi-o sentar-se em seu lugar, pois eu deveria me sentar separadamente à mesa principal, com o resto da comitiva nupcial. Minha mãe puxou-me de lado assim que deixei Noah. O rosto dela estava enrubescido.

– Sabe o que aquele animal fez quando você se afastou dele no bar? Ele *piscou* para mim!

Pega de guarda baixada, eu ri. Deus, isso era impagável. Ela deve ter soltado vapor pelas orelhas.

– Você acha que isso é engraçado? – ela quis saber, irracionalmente.

– Bem, mãe, ele arriscou a vida dele por você e, depois, você tentou ao máximo com que fosse morto. Pode ser que ele não goste de você.

Eu falei baixo, mas levemente, sem me preocupar com as ações de Bones para com ela. Ele jamais a machucaria, eu sabia, mas ela definitivamente iria pagar por algo. Só Deus sabia pelo que eu iria pagar.

Havia cartões de lugares na mesa principal, que era uma coisa longa e retangular que tinha todos de frente para a sala de recepções. Sentei no lugar marcado Cristine Russell. Randy sentou-se à minha esquerda, Denise à sua direita. À minha direita estava escrito Chris Pin. Quem...?

– Você deve estar brincando comigo – eu disse em voz alta. Por que eu simplesmente não me dava um tiro e acabava com aquilo?

– Justina, nós nos encontramos de novo – Bones apareceu e tomou seu lugar a meu lado quando eu saí de minha cadeira. – Não queria ser rude, mas acredito que sua mesa seja *ali*.

Ele inclinou sua cabeça na direção onde Noah estava sentado, alheio ao drama.

– Aí está você! – Felicity guinchou. Ela agarrou Bones pelo braço e sorriu para ele. – Você e eu estamos pareados para a noite, então pare de fugir! Espero que dance tão bem quanto aparenta.

– Vadia – murmurei, mas não baixo o suficiente.

– O que foi? – ela perguntou, ainda piscando recatadamente para Bones.

– Hã, boa sorte – minha voz elevou-se ao tom normal e eu me afastei.

Felicity mostrou-se presunçosa.

– Não preciso de sorte.

Engoli meu gim e em seguida fui até o bar. Minha mãe cravou os olhos em Bones e depois foi atrás de mim.

– Ah, Srta. *Russell* – Bones chamou. Eu congelei. A ênfase dele em meu nome falso foi deliberada. Mas, por outro lado, o que eu esperava? Eu tinha tomado o nome real de Bones como meu nome falso. Será que achei que ele não fosse perceber? Ou comentar? – Você poderia fazer a gentileza de me trazer um drinque? Você se lembra de minha preferência, tenho certeza.

Uma pilha de insultos passou por minha mente, mas respirei fundo e lembrei a mim mesma para ficar calma. Denise era minha

melhor amiga. Ela merecia uma recepção adorável, não um banho de sangue.

– Aquele imundo, devasso... – minha mãe começou.

– Pare com isso. – Alcancei o bar. Dei ao pobre *barman* um olhar assassino. – Copo grande. Só gim. Nem pense em comentar nada.

O rosto dele empalideceu e ele serviu de acordo com minhas especificações. Dei um longo gole antes de acrescentar:

– Ah, sim. É uma droga de uísque, puro.

# DOZE

Felicity deu uma olhada no copo com gim já meio vazio com o qual eu voltei e sobressaltou-se.

– Cristine, você não pode moderar sua bebida? É o casamento de minha prima, pelo amor de Deus!

O tom afetado dela me fez apertar meu copo com tanta força para evitar acertá-la na cabeça que estilhaçou. Um pouco de gim derramou-se na minha frente e a palma da minha mão começou a sangrar.

– Maldição! – gritei.

Todos voltaram suas cabeças. Bones suavizou uma risada fingindo uma tosse repentina.

– Você está bem? – Randy olhou preocupadamente para mim e envolveu seu guardanapo em volta de minha mão. Ele relanceou os olhos para Bones, que deu a ele um inocente levantar de ombros.

– Estou bem, Randy – gemi, mortificada.

A cabeça de Denise apareceu por detrás de seu novo marido.

– Você quer trocar de lugar conosco? – ela perguntou em voz baixa.

Eles achavam que eu estava perturbada por Bones ser um vampiro. Essa era a menor de minhas preocupações. A proximidade dele estava despedaçando meu autocontrole e a recepção mal havia começado.

– Cristine! – Noah veio até a mesa e tirou o guardanapo de minha mão. – Foi muito feio?

– Estou bem – rebati asperamente. A mágoa no rosto dele me fez encolher de remorso. – Só constrangida. Vou ficar bem. Volte a seu lugar. Não vamos piorar as coisas.

Noah parecia mais calmo e voltou à sua mesa. Eu sorri para mascarar meus pensamentos traiçoeiros.

– De verdade – acrescentei para o bem de Denise.

Juntei os cacos de vidro e comecei a empilhá-los no guardanapo ensanguentado. – Vou até o banheiro feminino para lavar isso e jogar fora o vidro.

– Vou com você – Denise ofereceu.

– Não! – ela pareceu espantada por minha resposta abrupta. Relanceei os olhos para minha direita e então de volta a ela. Os olhos dela abriram-se mais e ela entendeu a situação. Parte dela, pelo menos.

– Cris – ela se dirigiu a ele. – Você se importaria de ir com Cristine e ver se eles têm ataduras? O Randy disse... – ela fez uma pausa e então continuou com mais intensidade: – O Randy disse que você tem bastante experiência com ferimentos que sangram.

– Ah, você é médico? – Felicity arrulhou.

Bones levantou-se e deu a Denise um sorriso agradecido por sua escolha de palavras.

– Em Londres fui muitas coisas – ele respondeu evasivamente para Felicity.

Fiz uma parada no bar primeiro. O atendente deu um olhar arregalado em meu guardanapo ensanguentado.

– Gim. Sem copo, só a garrafa – eu disse sem rodeios.

– Hum, talvez a senhorita devesse...

– Dê a garrafa à dama, companheiro – Bones interrompeu, seus olhos esverdeados reluzindo.

Sem demora, uma garrafa fechada de gim foi posta em minha mão ainda sangrando. Abri a tampa com um giro, joguei no lixo os cacos de vidro e meu guardanapo ensanguentado e tomei um



demorado gole. Então, conduzi Bones para o canto mais afastado do estacionamento, onde havia menos carros. Ele esperou pacientemente enquanto eu bebia de novo. Eu estava lambuzando de sangue todo o exterior da garrafa, mas não me importei.

– Melhor? – ele perguntou quando parei para respirar. Os lábios dele curvaram-se em divertimento.

– Nem um pouco – eu devolvi. – Olhe, eu não sei quanto tempo minha mãe vai ficar quieta, mas, caso você não tenha notado, ela odeia você. Ela pode chamar as tropas e empalá-lo em uma fogueira com um espeto de prata. Você tem que ir embora.

– Não.

– Que droga, Bones! – minha raiva explodiu. Por que ele tinha que ser tão lindo, por que tinha que estar tão próximo e *por que* eu ainda o amava tanto? – Você está *tentando* ser morto? Uma ligação para meu chefe, é só o que é preciso e, pode acreditar, minha mãe está provavelmente acariciando o telefone celular e fantasiando sobre isso agora.

Bones revirou os olhos.

– Cretinos como seu chefe têm me perseguido a maior parte de minha vida de morto-vivo, mesmo assim eu ainda estou aqui enquanto que eles não. Nem sua mãe nem seu patrão me assustam, Gatinha. A menos que você escolha agora para termos nossa conversa há muito protelada, sugiro que voltemos às festividades. Mas pode esquecer sobre eu ir embora – ou você, aliás. Encontrei-a dias atrás. Há um motivo para que você não soubesse sobre isso até agora. Tente desaparecer novamente e dessa vez vai ser um voo curto, garanto a você. Além disso, nesse caso estaremos tendo nossa conversinha sob condições bem diferentes. Com você acorrentada em algum lugar de forma a não tentar fugir furtivamente de novo. Escolha suas circunstâncias, amor, mas eu esperei tempo demais por isso.

*Ai, ai.* Eu já sabia que Bones nunca blefava, mas, mesmo se não soubesse, a expressão nos olhos dele dizia que ele cumpriria cada uma de suas palavras.

– Foi você que eu senti do lado de fora de minha casa na outra noite, não foi? – perguntei acusadoramente. Tinha que ser. Foi na mesma noite que Bones tinha se encontrado com Randy no bar.

Um leve sorriso tocou os lábios dele. A brisa remexeu seus cachos castanhos; o luar acariciava a fisionomia cinzelada de seu rosto assim como seu smoking. Ele estava categoricamente devastador.

– Então, você me sentiu. Eu fiquei na dúvida se sentiria.

Não podia continuar olhando para ele. Eu podia ser imune ao poderes dos vampiros, mas Bones sempre foi minha criptonita.

– Temos que voltar para a recepção – foi tudo o que eu disse, retirando meu olhar do dele.

Ele estendeu a mão.

– Você se importa se eu tomar um gole de sua garrafa primeiro?

Eu estendi o gim, cuidando para não deixar meus dedos roçarem nos dele. Ao invés de beber da garrafa, no entanto, Bones segurou-a e olhou fixamente em meus olhos conforme lambia meu sangue da lisa superfície de vidro. A língua dele delineava a volta de cada contorno da garrafa e um calor me invadiu enquanto eu assistia, hipnotizada. Quando não havia sobrado sequer uma gota vermelha, ele a devolveu para minha mão repentinamente trêmula.

*Pense em seu trabalho!*, meu cérebro gritava. *Pense em qualquer coisa que não seja como era o toque daquela língua sobre sua pele!*

Dei um passo para passar por ele, mas ele segurou minha mão. Eu a puxei, mas era como tentar mover aço soldado.

– Pare com isso – Bones disse brandamente, puxando uma faca. Meus olhos se escancararam, mas ele apenas fez um talho ao lado da mesma mão que segurava a minha e, então, pressionou seu

sangue em meu corte, que formigou à medida que cicatrizava com o contato.

Eu retirei minha mão. Dessa vez ele permitiu, mas o verde turbilhonando em seu olhar dizia que ele tinha sido afetado pelo toque tanto quanto eu ao sentir sua pele na minha.

É, eu tinha que sair dali. *Imediatamente.*

Eu virei e me afastei, de alguma forma conseguindo não olhar para trás.

A recepção foi o inferno na terra. Felicity iniciou uma conversa sugestiva ininterrupta tão logo Bones retornou e ele não fez nada para desencorajá-la. Soturnamente, eu permaneci ali, bebendo com a determinação dos condenados enquanto os observava.

Justo nesta noite Noah recebeu uma mensagem no *pager* vinda do hospital veterinário. Ele desculpou-se profusamente com Denise antes de ir embora, mas eu mal notei sua saída.

Denise e Randy foram quase os últimos a ir embora. Eles partiriam para sua lua de mel em dois dias e voltariam para a casa dela agora. Eu os beijei e desejei toda a felicidade do mundo, enquanto me fixava no fato de que fazia cinco minutos que não via Felicity e Bones. Eles ainda estavam aqui, que eu soubesse.

Incapaz de me controlar, procurei por eles, seguindo a trilha invisível de energia que flutuava dele. Quando eu os encontrei, retesei-me.

Eles estavam no canto do pátio fora da sala de recepção. Estava um breu, mas eu vi tudo muito bem. As costas de Felicity estavam voltadas para mim e os braços dela estavam em volta dele. O luar brilhava em sua pele, destacando seu rosto quando ele curvou-se para baixo e a beijou.

Eu já fui esfaqueada, levei tiros, fui queimada, mordida, apanhei até desmaiar vezes sem conta e até mesmo tive uma estaca enfiada em mim. Nada disso chegou aos pés da dor que senti ao ver os

lábios dele nos dela. Um som suave escapou de mim, mal agitando o ar, mas foi um som de pura agonia. Naquele instante, Bones levantou seus olhos e os fixou diretamente em mim. Seu olhar parecia estar gritando *Não gostou? O que vai fazer a respeito?*

Fugi tão rápido quanto pude, correndo até meu carro e praticamente ligando-o com violência. O territorialismo que todos os vampiros possuíam estava fervilhando dentro de mim. Eu tinha que ir embora ou iria matar Felicity e, tecnicamente, ela não tinha feito nada de errado. Não, era eu quem tinha um problema. Ela estava simplesmente beijando o homem que eu amava – e tinha abandonado.

# TREZE

Eu estava tão transtornada que tinha de fazer alguma coisa. Na noite seguinte deveríamos investigar o Clube GiGi, um local onde duas garotas tinham desaparecido. Seus corpos não haviam sido encontrados, mas algo na forma como a polícia descartara qualquer conexão com o clube soava como influência de vampiros. Felizmente, o clube ficava próximo. A uma hora de distância. Mesmo ainda com o traje de dama de honra, preendi algumas facas em minhas pernas e dirigi diretamente para lá. Danem-se os reforços. Tate e os rapazes poderiam tirar a noite seguinte de folga. Eu estava indo caçar vampiros e iria fazer isso sozinha.

Cinquenta minutos depois, saí do carro, ainda pisando duro com a irritação, e estava no meio do estacionamento quando um grito fez minha cabeça chicotear pelo entorno. Havia um jovem, com sangue no pescoço, agitando os braços e gritando por ajuda próximo à entrada do clube. Ninguém olhava. Todos passavam diretamente por ele. Foi só quando alguém passou *através* dele que eu compreendi.

– Ei, amigo! – gritei, adiantando-me. – Aqui!

Diversas cabeças se voltaram. O segurança me lançou um olhar muito estranho, sem dúvida perguntando-se exatamente quanto álcool eu já havia consumido. O rapaz ensanguentado ficou com uma expressão de imenso alívio em seu rosto e veio zunindo em minha direção com um movimento rápido e nebuloso.

– Graças a Deus! Ninguém está me ouvindo e minha namorada está *morrendo*! Não sei por que todo mundo está me ignorando...

Droga. O único fantasma consciente com o qual eu havia encontrado sabia muito bem que estava morto. A maioria dos fantasmas era apenas fragmentos de uma imagem, reencenando a si mesmos em um algum evento há muito passado e em uma repetição inconsciente e incessante. Não eram assustados nem confusos e nem se perguntavam por que de repente ninguém prestava atenção neles.

– Onde ela está?

Talvez aquilo fosse inútil. A namorada dele poderia ter morrido anos atrás, mas ele estava vestindo roupas atuais, complementadas com um *piercing* em uma sobrelanceira e outro na língua. Imagine levar *aquilo* para a eternidade.

– Lá dentro! – Ele atravessou correndo através da porta, enquanto eu fiquei a abrir caminho empurrando as pessoas na fila.

– Procurando meu namorado – eu disse à guisa de explicação aos diversos olhares hostis. – Sei que ele está aí dentro com aquela vagabunda com quem eu trabalho.

Isso fez as mulheres ficarem do meu lado. Elas me empurraram apressadamente para frente dizendo: “Vá pegá-lo, docinho!”. O segurança nem mesmo pediu minha identidade quando atravessei as portas. Imagino que eu parecia ter mais de vinte e um.

O rapaz morto guiou-me até uma porta no lado mais afastado do clube, passando pelos banheiros. Estava trancada, mas eu dei um belo puxão e ela abriu com o trinco estourado. Isso revelou um estreito corredor às escuras que eu segui até outra porta trancada. Ah, uma sala privativa incrementada com revestimento à prova de som. O som pulsante da música era quase inaudível aqui dentro.

Não vi mais o fantasma. Havia apenas uma garota em uma cadeira de couro de frente para a porta e ela claramente não estava em perigo mortal, a menos que você considerasse seu pintar de unhas dos pés perigoso. Seus olhos escancararam-se quando ela me viu.

– Como você entrou aqui? Esta é uma área somente para sócios!  
Eu sorri e estendi uma das muitas credenciais que carregava.

– Polícia, docinho. Isso me torna sócia em qualquer lugar –  
respondi, dirigindo-me para a única porta atrás dela.

Ela balançou a cabeça e voltou a pintar suas unhas.

– Você não vai querer entrar aí dentro, pode acreditar. Mas o funeral é seu.

Com essa questionável mostra de preocupação, aplicou outra camada de cor-de-rosa no dedo do pé em frente a ela enquanto eu abria a porta.

O fantasma do rapaz estava lá dentro e fez um gesto em direção a uma garota inconsciente nos braços de um vampiro.

– Ajude-a, por favor!

Havia cerca de meia dúzia de vampiros ali dentro. Nenhum deles parecia mais velho do que eu em termos de anos mortos-vivos. No chão havia dois corpos. Um deles era o de meu fantasma, que pairava freneticamente próximo à igualmente jovem garota sendo degustada. Ela ainda estava viva, mas não por muito tempo a julgar por seu pulso. O vampiro não tinha nem mesmo feito uma pausa para olhar para o fantasma, muito embora eu soubesse que o imbecil do morto-vivo poderia vê-lo. Eu teria me sentido embaraçada se o espectro de alguém que eu havia acabado de matar estivesse disparando à minha volta enquanto eu estivesse comendo, mas esse verme parecia *blasé*. O outro corpo era também de uma jovem, e havia uma terceira garota agarrando-se à vida no colo de outro vampiro. Os olhos dela tremularam e então se fecharam quando pousei meu olhar nela.

– Você deveria ter dado ouvidos a Brandy – um dos vampiros ronronou para mim em uma má imitação de voz sinistra.

– A Srta. Dedos Cor-de-rosa? – perguntei erguendo meu vestido.

Eles olharam com interesse conforme a bainha ia mais alta pelas minhas pernas. O meu erguer de saia não era para distração, apesar

do benefício secundário. Era para acessar as facas que eu havia prendido em minhas pernas. Quando elas foram reveladas, os ânimos na sala mudaram de famintos e lascivos para cautelosos.

– Agora, seus desgraçados – eu disse enquanto girava minha cabeça sobre os ombros e segurava algumas facas. – Permitam que eu me apresente.

– Você esqueceu um.

Eu estava prestes a arremessar mais facas quando a voz dele me deteve. Bones entrou e lançou um olhar meticuloso à carnificina. A maior parte dos vampiros eu despachei com minhas lâminas, mas os que mataram os garotos eu destrocei com minhas mãos nuas. Era o mínimo que eu poderia fazer.

– Quem?

O sorriso dele era agradável.

– A vagabundinha que estava procurando um revólver, mas ela não está mais fazendo isso.

Deve ter sido Brandy com suas unhas cor-de-rosa. A expressão benigna dele não me enganava. Conhecendo-o, ela devia estar usando aquela cor no inferno agora.

– Estas duas garotas ainda estão vivas. Dê sangue a elas. O seu vai agir mais rápido do que o que eu tenho a oferecer.

Bones pegou uma faca que eu entreguei a ele e cortou a palma da mão, indo até cada garota e fazendo-as engolir seu sangue.

– Ela vai ficar bem? – o fantasma perguntou, pairando acima de sua namorada.

Gradualmente ouvi o pulso dela retornar em um ritmo lento, mas constante, conforme o sangue de Bones agia nela, compensando os danos. Após um momento, eu sorri.

– Sim. Ela vai ficar bem agora.

Ele retornou o sorriso, mostrando que em vida tivera covinhas. Deus, ele era tão jovem! A seguir, ele fechou o rosto.



– Eles não estão todos aqui. Há mais três dessas criaturas. Eles disseram que voltariam.

Provavelmente saíram para buscar mais jantar. Filhos da mãe.

– Vou pegá-los – eu prometi. – Não se preocupe. Esse é o meu trabalho.

Ele sorriu novamente... e então começou a desaparecer em seus contornos, ficando cada vez mais indistinto, até que não restasse nada dele.

Eu mantive os olhos fixos em silêncio. Então:

– Ele se foi?

Bones sabia o que eu queria dizer.

– Suspeito que sim. Ele alcançou o que queria, agora seguiu em frente. Às vezes, umas poucas pessoas teimosas permanecem o suficiente para fazer uma última coisa.

E ele havia confiado em mim para tomar conta daquela última coisa para ele. Poderia não haver muitas coisas que eu pudesse dizer que era boa ao fazer, mas vingar pessoas que tiveram suas vidas roubadas era definitivamente minha especialidade.

Dirigi-me à porta.

– O que pensa que está fazendo? – Bones perguntou.

– Pegando a Srta. Dedos Cor-de-rosa e empilhando-a com o resto deles – eu a joguei sobre meus ombros. – Depois vou esperar até que os amigos deles voltem e vou acabar com a raça deles.

Bones veio atrás de mim.

– Parece divertido.

Estávamos na pista de dança, mais próximos aos banheiros. Qualquer um que buscasse acesso àquela medonha sala privativa teria que passar por nós antes. Eu tinha me negado a dançar com ele, apesar de essa ser nossa melhor opção de disfarce, mas Bones simplesmente arrastou-me para a pista de uma forma muito semelhante àquela feita por ele em nosso primeiro encontro.

– Você é uma assassina *profissional*, não é? – ele perguntou. – Não pode ficar circulando pelo corredor com sangue salpicado sobre si e esperar agir discretamente.

Meu vestido lilás tinha mesmo manchas nele. Eu tinha lavado o sangue de minhas mãos no banheiro, mas não havia como consertar aquilo. Bones tinha razão, eu me sobressairia como um dedão inflamado perambulando pelo corredor, ou até mesmo no bar. Pressionada contra ele na pista de dança, no entanto, ninguém veria.

O problema era que ficar pressionada contra Bones na pista de dança estava fazendo misérias com meu autocontrole. A última vez que eu o havia segurado assim tinha sido na manhã em que o deixei. Eu me lembrava dela como se tivesse sido ontem: eu lutava contra as lágrimas e lembrava a mim mesma que deixá-lo era a única opção.

Sim, algumas coisas não haviam mudado.

Procurei por alguma distração em volta. Qualquer coisa que não fosse focar-me no quanto eu tinha sentido falta de estar em seus braços.

– De qualquer forma, por que está aqui? Pensei que estaria ocupado com Felicity, pela forma como vocês dois pareciam estar.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Você se incomodou por me ver beijá-la? Não posso imaginar por quê. Você não me disse em seu bilhete para prosseguir com minha vida?

Um golpe baixo. Comecei a me afastar, mas ele me apertou mais forte. Era ficar ali ou causar uma cena, e possivelmente deixar de pegar os assassinos.

Com raiva, comecei a dançar novamente, odiando ainda me importar tanto quando aparentemente somente raiva havia restado em Bones.

– Eles sabiam o que eu era, Bones. Os homens que vieram ao hospital naquele dia, eles sabiam tudo através de meus relatórios da patologia. E eles sabiam sobre vampiros. O que estava no comando...

– Don? – ele acrescentou.

Ah, então ele havia feito sua lição de casa.

– Sim, Don. Ele disse que tinha procurado sua vida toda por alguém forte o suficiente para lutar contra vampiros e que não fosse um deles. Ele me ofereceu um acordo. Ele nos mudaria de lugar e eu lideraria sua equipe. Em troca, ele prometeu deixar você em paz. Nós não poderíamos todos sobreviver de outra forma. Teríamos sido caçados como animais e você sabe que minha mãe teria preferido morrer a ir com você. Ela também teria preferido me ver morta a ser transformada em vampiro e, vamos encarar, isso era o que você acabaria querendo que eu fizesse!

Bones deixou escapar um fungar amargo, rodopiando-me um pouco forte demais.

– Toda essa coisa maldita foi por causa disso? Você acreditou que eu a transformaria em vampiro? Que diabos, Gatinha, chegou a lhe ocorrer *conversar* comigo ao invés de simplesmente fugir correndo?

– Não faria diferença. Você acabaria insistindo nisso – retruquei teimosamente.

– Você devia ter confiado em mim – ele resmungou. – Quando foi que eu menti para você?

– Quando mentiu para mim? – eu rebati. – Que tal quando sequestrou e matou Danny Milton? Você jurou para mim que nunca tocaria em Danny, mas não suponho que ele esteja de férias no México dando bicadinhas em margaritas, está?

– Você me fez jurar não matar, aleijar, mutilar, desmembrar, cegar, torturar, sangrar ou infligir qualquer dano a Danny Milton. *Ou* estar por perto enquanto alguém fizesse isso. Você deveria economizar sua preocupação para alguém que valha a pena. Danny

abriu mão imediatamente de você, como se você fosse um mau hábito. Você sabe que o bloqueio da lavagem cerebral não se mantém sob os olhos de um Mestre vampiro. Pelo menos o idiota finalmente foi útil. Ele me disse onde você vivia. Virgínia. Consegui restringir você a três estados e Danny me economizou muito tempo. Foi por isso que disse a Rodney para matá-lo rápido e sem dor – e eu não fiquei para assistir.

– Seu bastardo – consegui dizer.

Bones deu de ombros.

– Desde o dia que nasci.

Dançamos em silêncio por alguns minutos. Eu continuava a olhar em volta atrás de uma pele de cristal delatora nos clientes, mas até o momento Bones e eu éramos os únicos não humanos. *Onde estão vocês, seus chupadores de sangue? Aqui, presinhas, presinhas, presinhas...*

– Então, há quanto tempo você namora o veterinário de estimação? – Bones perguntou.

O deboche no tom dele retesou minha espinha.

– Não é da sua conta.

Ele deu uma risada curta.

– É mesmo? Você parecia que estava prestes a cravar uma estaca no coração de Felicity agora há pouco, e ainda assim se ressentir de uma simples pergunta?

A música mudou para algo mais lento. Eu amaldiçoei isso, Bones e os assassinos que me colocaram nessa situação.

– Eu queria cravar uma estaca no coração dela porque ela é uma vadia que me irrita. Não teve nada a ver com você.

A risada de Bones ficou mais macia.

– Mentirosa.

Ele aproximou-se mais, seu corpo roçando no meu ao ritmo da música. A sensação de seus músculos movendo-se em ondas insinuantes por baixo de suas roupas fizeram minhas mãos se

cerrarem. Agora eu estava lutando contra algo além das lágrimas ao lembrar a mim mesma que nunca daria certo entre nós.

As narinas dele se inflaram. Internamente, praguejei. Eu poderia fingir indiferença tanto quanto quisesse, mas Bones era um vampiro. Ele seria capaz de dizer com uma farejada o quanto estava me afetando.

– Talvez você tenha sentido, sim, a minha falta no final das contas – ele disse baixo, manchas esverdeadas aparecendo em seu olhos.

Eu fingi estar entediada.

– Não se envaideça, você é apenas um bom dançarino. Felicity pareceu pensar assim também.

– Me ver com Felicity era o mínimo que você merecia após eu ter que assistir àquele ursinho de pelúcia humano bajulando você – Bones retrucou rudemente. – Sinceramente, Gatinha, o que passou por sua cabeça? Sua mãe tem mais bolas do que Noah.

– Não há nada de errado com as bolas dele! – rebati, e depois enrubesci. Como se eu soubesse, e, meu Deus, eu tinha mesmo dito aquilo?

Bones bufou e me rodopiou antes de me puxar mais para perto.

– Certo. Não me admira você ficar tão entusiasmada perto de mim. Calculo que você se sentia melhor transando com você mesma do que com ele. Deve ser frustrante.

Os quadris dele estavam roçando nos meus enquanto ele escarnecia de mim. A raiva me grassou, recobrando minha lascívia. De forma alguma eu iria admitir que não tinha dormido com Noah ou, que diabos, com ninguém desde Bones. Frustrante? Aquilo não dava conta nem de começar a descrever o que eu estava sentindo.

Mas bastavam dois para jogar o jogo do sarcasmo. Eu ergui uma perna, enrolando-a em volta do quadril de Bones, e dei uma remexida circular contra ele que deixou seu olhar totalmente verde.

– Parece que não sou a única aqui que está frustrada, Sr. Enrijecimento Ótico. Você talvez queira atenuar seus olhos. As pessoas vão notar.

Bones fechou os olhos, então travou suas mãos em volta de minha cintura e curvou-se até sua boca tocar meu ouvido.

– Cuidado, amor. Posso estar bravo com você, mas isso não significa que eu não a queira mais. Então, se fizer isso de novo, vou transar com você bem aqui, neste instante, e dane-se quem quiser assistir.

Sua repentina rigidez embaixo enfatizou que ele não estava fazendo uma ameaça vã. Isso me assustou – e me atíçou de formas que eu nem mesma queria contemplar.

Bones deu uma profunda inspirada. Eu tremi, sabendo que, como vampiros não precisavam respirar, ele estava inalando o traiçoeiro cheiro de meu desejo.

– Ah, Gatinha... – a voz dele se aprofundou. – Agora você está me desafiando, não está?

Fui salva de uma resposta – ou pior – quando a energia no ambiente mudou. Bones também sentiu isso, muito mais claramente do que eu. Ele ficou tenso e seus olhos abriram-se de repente, não mais verdes, mas órbitas de profundo marrom.

– Eles estão aqui.

# QUATORZE

Os vampiros consistiam de dois homens e uma mulher. Eles se moviam pelo bar com uma graça sensual e letal que nenhum mortal poderia imitar. Contudo, pena que os mortais em volta deles não conseguissem sentir o perigo. Pelo contrário, eles competiam e usavam de estratagemas para chamar a atenção dos belos predadores.

Então, eles fizeram algo que me fez gemer alto. Eles se separaram. Maldição. Eu estava esperando que todos eles se dirigissem em massa a sua sala de refeições secreta, permitindo que Bones e eu bloqueássemos sua saída e os matássemos a nosso bel-prazer. Mas claro que isso teria sido fácil demais.

– Vou ter que chamar minha equipe – eu disse baixinho para Bones. – Cercar o perímetro.

Ele deu um fungar desdenhoso.

– Certo. Seus soldadinhos de brinquedo estão a bem mais de uma hora de distância e eu praticamente consigo sentir a sede de sangue vertendo desses cretinos. Eles vão se alimentar logo. Se você esperar, alguém vai morrer.

Ele tinha razão. Aqueles três já pareciam estar pegando seus aperitivos. Se um deles voltasse àquela bagunça da área privativa e desse o alarme, os outros dois poderiam fugir. Além disso, eu não podia simplesmente fazer minha atuação de sempre ao me oferecer para uma mordida de degustação. O sangue em meu vestido arruinava minha aparência de lanchinho inocente.

– Alguma ideia? – perguntei.

Bones sorriu.

– Tenho.

Ele me surpreendeu ao agarrar a garota mais próxima a ele, puxando-a para perto. Suas mãos em concha seguraram a cabeça dela enquanto ele aproximava seus rostos bem próximos um do outro. Eu estava para perguntar a ele que droga ele achava que estava fazendo quando seus olhos brilharam, parcialmente escondidos por suas mãos. Levou apenas um instante. Os olhos de Bones voltaram a seu marrom normal e ela olhava fixamente à frente com uma expressão muito obediente.

– Vá até o banheiro feminino – Bones disse a ela – e troque de vestido com essa mulher.

Eu estava sacudindo minha cabeça em admiração quando um pensamento me ocorreu.

– Você poderia ter feito isso *antes*, então nós não precisaríamos dançar juntos!

Bones simplesmente sorriu.

– Eu poderia, sim.

Dei a ele um único olhar ameaçador antes de conduzir a garota ao banheiro. Recebemos alguns olhares estranhos quando ambas entramos na mesma cabine, mas não era hora de se preocupar com piscadelas e cotoveladas. Rapidamente despi meu vestido e ela fez o mesmo, exatamente como instruído a ela. O dela era um pouco apertado e bem mais indecente do que meu vestido de dama de honra. E deixava as costas de fora, portanto, tive que tirar meu sutiã. Quando saí da cabine, dei uma olhada em mim mesma no espelho. Meus peitos estavam marcados pelo decote baixo e qualquer um poderia dizer que eu não estava usando sutiã.

*Exatamente como nos velhos tempos, pensei ironicamente. Pareço uma vadia e Bones é o meu apoio enquanto vou atrás de assassinos com presas excitados. A única coisa que faltaria seria tirar minha roupa de baixo.*



Então, sorri. E voltei à cabine.

Quando abordei o vampiro que parecia estar mais próximo de levar sua acompanhante a um passeio só de ida, não me preocupei com conversa fiada. Simplesmente, com uma cotovelada, empurrei para o lado a loira com quem ele estava falando e joguei minha calcinha no peito dele.

– Assim que vi você – ronronei – soube que não iria precisar disso.

*Isso* chamou a atenção dele. Ele deu uma olhada em minha calcinha, então a levou ao nariz e inspirou fundo. *Argh!*, pensei, mas meu sorriso não vacilou. Em seguida, ele empurrou para o lado sua acompanhante que protestava.

– Deixe para lá – ele disse para ela.

– Vadia – ela sibilou para mim antes de cair fora.

Jesus. Eu tinha acabado de salvar a vida dela e que agradecimento recebi?

Coloquei meu braço no dele, certificando-me de esfregar meu seio nele.

– Você não é do tipo que gosta de conversa, eu espero.

A resposta dele foi começar a me encaminhar através do aglomerado de pessoas. Não vi Bones, mas isso não me preocupou. Se eu não o via, os outros vampiros também não. Eu podia não confiar em minhas emoções em relação a ele, mas não hesitava em confiar a ele minha vida.

Estávamos indo pelo corredor e quase chegando à primeira sala escondida quando meu acompanhante parou e deu uma inquisitiva inalada.

– O que...? – ele começou.

Eu não o deixei terminar. Minha mão desceu à frente de meu vestido e eu enfiei a lâmina de prata em seu coração antes que ele

tivesse a chance de formar outra palavra. Foi simples, de verdade. Ele estava de costas para mim, nem suspeitou do perigo.

A seguir, eu o arrastei rapidamente para dentro da sala, resmungando e tentando não deixar nem uma mancha de sangue. Graças a Deus que vampiros não jorravam sangue como nos filmes, porque mesmo pequenas gotas eram o bastante para seu olfato apurado.

Lá dentro, verifiquei as outras duas garotas. Elas ainda estavam desmaiadas, mas Bones tinha dito que seus pulsos estavam estáveis o suficiente para encetarmos nossa operação ferroadada. Notei como elas estavam pálidas e franzi o cenho. Os outros dois vampiros tinham que ser derrubados rapidamente. Aquelas garotas precisavam estar em um hospital, e não deitadas no filme de terror que era esta sala com corpos para todos os lados.

Um engasgar chocado fez minha cabeça levantar. No vão da porta, a vampira estava perfeitamente parada, mas seu acompanhante humano não. Ele engasgou de novo, depois começou a gritar.

– Ah, droga – suspirei.

Ela golpeou-o na cabeça com tanta força que ele ficou inconsciente antes de atingir o chão. Na sequência, arremeteu para mim em um borrão de velocidade suas presas estendidas de forma assassina.

Eu a deixei vir, girando de costas no último segundo e então chutando com minhas pernas. O movimento dela juntamente com minha manobra a fizeram chocar-se contra a parede atrás de mim. Saltei sobre ela antes de ela ter uma chance de se recompor, direcionando minha faca a seu coração e dando duas fortes e satisfeitas giradas.

– Gatinha, lá fora!

Saí pela porta e fui pelo corredor instantes após ouvir o grito de Bones, mas mesmo assim mal tive tempo para vê-lo perseguir o

último vampiro, que estava disparando clube afora. Tudo por uma boa e discreta execução do trio.

Empurrei as pessoas em minha passagem com o mesmo borrão de velocidade dele. Uma vez no estacionamento, somente pausei tempo suficiente para pegar um celular de uma pessoa azarada o bastante para tê-lo grudado em seu ouvido quando passei correndo.

– Obrigada! – falei alto. – Ele liga de volta! – e desliguei na cara de quem quer que estivesse do outro lado da linha. Digitei o número enquanto mantinha um olho em Bones conforme ele zigzagueava atrás de nosso último perpetrador. Ele estava a cerca de quarenta e cinco metros na minha frente e ganhando terreno. Maldição, eu tinha esquecido como era rápido.

– Tate – arfei assim que ele respondeu. – Não posso falar, mas precisamos de um grupo de contenção no Clube GiGi, urgente. Há corpos de vampiros, corpos humanos, três vítimas ainda respirando e um montão de testemunhas.

– O que você está fazendo no Clube GiGi? – Tate berrou. – Isso era para ser conosco, amanhã à noite!

Pulei uma cerca, rasgando meu vestido emprestado, e encetei um breve jogo de velocidade *Frogger*<sup>\*</sup> ao disparar por uma rua movimentada.

– Não posso falar agora – respondi sem fôlego. – Estou perseguindo um vampi. Ligo para você depois.

Então, descartei o telefone e saquei uma faca em seu lugar.

Eu não conseguia mais ver Bones. Ele tinha arremetido para fora de minha linha de visão enquanto estava concentrada em não ser acertada pelo tráfego. Continuei correndo na mesma direção, no entanto maldizendo meus saltos altos e me debatendo se seria mais rápido parar e tirá-los – malditas correias de tornozelo – ou me manter correndo com esses potenciais quebra-pescoços. Não daria um charmoso epitáfio? *Aqui jaz Cat. Morta não por presas, mas por sapatos italianos.*

Eu estava no meio de um campo de futebol vazio, prestes a dizer “Que se dane” e tirar os sapatos – pois correr de salto na grama equivalia a pisadas muito instáveis – quando vi um repentino brilho esverdeado à distância. Olhos de vampiros, brilhando no escuro. Danem-se os saltos, toda velocidade à frente. Vi bem quando Bones arrancava sua lâmina do peito do vampiro. Eles estavam na área interna de uma construção cercada. Mentalmente, dei um suspiro de alívio. A essa hora, as turmas de trabalho havia muito tinham ido embora. Bom. Sem testemunhas com quem se preocupar.

Parei ao lado de Bones assim que pulei a cerca, meu coração correndo com a adrenalina e a corrida. Ele deu um chute final no corpo e depois se voltou para me encarar.

– Você e eu temos que conversar, Gatinha.

– *Agora?* – perguntei em descrença, gesticulando para o vampiro morto perto dos pés dele.

– Parece que ele não vai a lugar algum, então, sim. Agora.

Imediatamente, comecei a andar para trás. Tinha ficado tão envolvida na última hora pegando os assassinos que esquecera de que as coisas eram bem diferentes entre mim e Bones. Que estúpida. Senti-me tão confortável em nossa rotina de caça aos bandidos que acabei em uma construção deserta sem ter para onde fugir. Se tivesse sido esperta, teria ficado para trás no Clube GiGi e deixado Bones perseguir sozinho o último cretino.

Bones observou meu esgueirar para trás e seus olhos se estreitaram.

– Não dê outro passo.

– Eu... Eu tenho que voltar ao clube, minha equipe está a caminho... – eu me esquivei.

– Você ainda me ama?

A pergunta direta quase me fez tropeçar. Eu desviei os olhos, mordendo meu lábio e odiando-me pela mentira que eu estava por dizer.

– Não.

Ele não disse nada por tanto tempo que arrisquei uma espiada. Bones estava me olhando tão dura e fixamente que eu me perguntei se ele era capaz de ver através de minha cabeça.

– Se não me ama, por que, então, não matou Ian? Você tinha uma faca no coração dele. Tudo o que tinha a fazer era girar. Afinal de contas, seu trabalho é matar vampiros, mas você o deixou viver. Foi como se estivesse me mandando um maldito cartão no dia dos namorados.

– Sentimentalismo – usei como boia de salvação. – Pelos bons tempos.

A boca dele se contorceu.

– Bem, amor, como diz o ditado, nenhuma boa ação fica impune. *Você devia tê-lo matado, porque agora ele está procurando por você.* Você causou uma grande impressão. Enquanto eu nunca a forçaria a nada contra sua vontade, Ian quer encontrá-la para fazer justamente isso.

– Do que você está falando?

Bones sorriu, mas não agradavelmente.

– Ele está apaixonado, claro. Ian é um colecionador de coisas raras e não há ninguém mais raro do que você, minha bela mestiça. Você está correndo perigo. Ian não sabe que eu a encontrei, mas logo ele próprio vai rastreá-la.

Refleti sobre isso e depois dei de ombros.

– Não importa. Derrotei Ian antes e posso fazer isso de novo.

– Não da forma como ele vai jogar. – Havia algo na voz dele que me fez olhá-lo atentamente. – Eu conheço meu *sire*<sup>\*\*</sup>. Ian não irá apenas vir até você uma noite e tentar levá-la com uma luta justa. Ele vai agarrar todos os que você gosta e depois tentar um acordo com você, nos termos dele. E acredite em mim, você não vai gostar deles. Agora, sua única vantagem sou eu. Devido a sua inteligente descrição de nosso relacionamento, Ian acredita que você me odeia

e vice-versa. Isso foi bem hábil. Especialmente a parte do dinheiro. Ainda quer um cheque?

– Dou um a *você* se for embora.

Bones ignorou isso.

– Além disso, você ainda tem um preço por sua cabeça. Eu disse no banheiro que me ofereceram contratos por você, os quais eu rastreei até a fonte, mas não sei quem está por trás desse agora. Ele ou ela está sendo bem discreto. Portanto, há outra ameaça pairando sobre você que é ainda mais perigosa do que Ian e, goste ou não, vai precisar de minha ajuda.

– Vampiros e zumbis vêm atrás de mim o tempo todo – eu disse, desdenhosamente. – E se precisar de ajuda, tenho minha equipe.

– Humanos? – seu tom escorreu desprezo. – A única forma de eles serem capazes de protegê-la é incapacitarem o matador fazendo-o comer demais!

– Você é *tão* arrogante.

Bones aproximou-se até que poucos centímetros nos separavam.

– Sou poderoso. Mais do que você tem conhecimento. Isso é verdade, não arrogância. Todos os membros de sua equipe juntos não poderiam proteger você tão bem quanto eu posso, e você sabe disso. Agora não é hora para sua teimosa insistência em enfrentar tudo sozinha, Gatinha. Quer queira minha ajuda ou não, você vai tê-la.

– Que droga, Bones, quantas vezes vou ter que dizer que a melhor forma de você me ajudar é ir *embora*? Agradeço o aviso sobre Ian, mas se permanecer a minha volta, *você* é que vai estar em perigo. Não se preocupe comigo, posso tomar conta de mim mesma.

A sobrelha dele arqueou-se insolentemente.

– E isso vale para você também, amorzinho. Não tenho nem um pouco de medo de seu chefe ou seu bando de homens felizes<sup>\*\*\*</sup>. Você quer se livrar de mim? Então vai ter que me matar.

Ai, que droga. Eu não poderia fazer isso. Que diabos, eu não soube como matá-lo quando achei que ele tinha trucidado uma família inocente!

– Então, *eu* vou partir – eu disse, a frustração me tornando descuidada. – Fugi uma vez, posso fazer isso de novo!

De repente, fui agarrada pelos braços de Bones com minha cabeça inclinada para trás, sem notar nele mais do que um espasmo de alerta. Talvez tenha sido minha própria culpa, e não devido à velocidade dele. Eu tinha estado tão ocupada mantendo minhas defesas emocionais que acabei me esquecendo das físicas. E, verdade seja dita, nunca achei que ele fosse me morder.

Sim, eu baixava totalmente minhas guardas normais contra vampiros com Bones.

As presas dele se enterraram profundamente em meu pescoço. Exatamente como uma vez, anos atrás, quando ele tinha me mordido, o que a lógica dizia que deveria doer, ao contrário, apenas dava uma sensação gostosa. Muito, *muito* gostosa e que aumentava a cada longa puxada de sua boca. O tipo mais estranho de calor fluiu através de mim, apesar de que, com meu sangue indo para Bones, eu deveria estar me sentindo fria, não aquecida.

*Pare com isso*, eu queria dizer, mas parecia não conseguir formar as palavras. Ao invés disso, o que saiu foi um gemido primitivo. Bones apertou os braços em minha volta, inclinando-me para trás, lambendo meu pescoço antes de afundar seus dentes novamente.

Eu estremeci de prazer mesmo quando um alerta disparou em mim. *Ele ia me matar? Transformar-me em um vampiro?* Nenhuma das possibilidades me agradava. Pontos começaram a aparecer em minha visão, assumindo que meus olhos ainda estivessem abertos. Acrescente isso ao estrondo em meus ouvidos, o que poderia ser meu batimento cardíaco ou o som que se ouve antes de se desmaiar.

Meus pulsos bateram em suas costas. Foi só isso que fui capaz de fazer para dizer a ele que parasse, uma vez que minha boca parecia boa apenas para fazer pequenos ruídos de êxtase. Foi quando percebi que *poderia* pará-lo, se realmente quisesse. Minha faca de prata ainda estava em minha mão. Eu podia sentir o metal frio em meus dedos.

Bones deve ter sentido também. Ele me afastou um instante, gotas de sangue manchando sua boca como rubis, e então, lentamente, deliberadamente, curvou-se para meu pescoço mais uma vez. A sucção subsequente, longa e profunda, enfraqueceu meus joelhos e enviou tamanho tremor de arrebatamento através de mim que eu me flagrei pensando que, se fosse morrer, ao menos morreria feliz.

Mas eu não precisava morrer. Tudo o que eu tinha a fazer era apontar a lâmina e dar um bom impulso nela para viver. Bones não estava restringindo meus braços. Eles estavam frouxos em suas costas, uma de suas mãos embrenhada em meus cabelos, a outra me amparando. A cor cinza abrangendo minha visão tornou-se mais profunda, o som em meus ouvidos quase ensurdecedor. Seria ele ou eu, pois estava claro que ele não iria parar.

Meus dedos apertaram-se em volta da faca para apunhalar... depois relaxaram. Ela escorregou de minha mão, a qual usei para trazer Bones mais para perto. *Eu não posso fazer isso*, foi meu último pensamento. *Além disso, havia formas muito piores de morrer.*



# QUINZE

A consciência foi voltando aos poucos. Primeiro e mais importante que qualquer outra coisa, percebi que meu coração ainda estava batendo. *Tudo bem, não estou morta nem transformada em vampiro. Sempre um ponto positivo.* A seguir, descobri que havia um travesseiro embaixo de minha cabeça. Um pouco mais de percepção revelou que eu estava deitada de lado debaixo de um cobertor. O quarto estava escuro, cortinas fechadas. Braços me circundavam por trás, quase da cor dos meus próprios.

Foi quando acabei de acordar completamente.

– Onde estamos?

Com quem eu estava não era a questão, apesar de minha cabeça ainda estar ruim.

– Na casa que estou alugando em Richmond.

– Por quanto tempo fiquei desmaiada? – Detalhes tolos pareciam importantes, o porquê eu não sei.

– Quatro horas, mais ou menos. Tempo suficiente para você roubar todas as cobertas. Fiquei ouvindo seu ronco e observando você se enrolar nas roupas de cama, e percebi que foi disso que eu mais senti falta. Abraçá-la enquanto dorme.

Eu me sentei, minha mão foi imediatamente para minha garganta. Como esperado, estava tudo certo. Nenhuma perfuração ou inchaço para mostrar o que havia acontecido. Bones tinha fechado os buracos com uma gota de seu sangue, apagando as marcas do que ocorrera.

– Você me mordeu – eu disse acusadoramente, mas com muito menos raiva do que tinha intencionado. A combinação do suco das presas dele ou a perda de sangue faziam as coisas não ficarem tão... estressantes. Eu deveria estar estressada. Apesar de estarmos ambos vestidos, eu estava na cama com Bones e isso não era uma boa ideia se eu quisesse manter minha distância emocional.

– Sim – foi tudo o que ele disse. Ele nem ao menos se incomodou em sentar-se, permaneceu esticado nos travesseiros.

– Por quê?

– Muitas razões. Quer ouvir todas?

– Sim – meu tom ficando um tanto enfático. Ele parecia despreocupado demais para meu gosto.

– Primeiramente, para provar uma coisa – ele disse, finalmente se sentando. – Você poderia ter me matado. Convenhamos, *deveria* ter me matado. Você estava com um vampiro sugando sua vida e uma faca de prata na mão. Somente um tolo não teria usado aquela lâmina... ou alguém que se importa mais do que está admitindo.

– Seu filho da mãe, você me mordeu para me *testar*? – exclamei, saindo da cama e depois cambaleando com uma repentina onda de tontura. Aparentemente, Bones tinha limpado o prato. – Garanto que você teria se arrependido profundamente se eu *tivesse* fatiado seu coração. Como pôde ser tão estúpido? Você poderia ter sido morto!

– E você também – ele disparou imediatamente. – Francamente, após anos me perguntando como você se sentia a meu respeito, valia a pena arriscar a vida para descobrir. Admita, Gatinha. Você não me esqueceu tanto quanto eu não a esqueci, e todas as suas negações, mentiras ou o palerma que você está namorando não vão mudar isso.

Tive que desviar os olhos. Ouvi-lo dizer que não havia me esquecido foi como um martelo recoberto de veludo acertando meu coração. Mal registrei o insulto feito a Noah.

– Isso não importa – eu disse, afinal. – Não vai dar certo entre nós, Bones. Nada pode mudar o que você é e eu *não vou* mudar aquilo que sou.

– Responda-me uma coisa, Gatinha. Quando estamos apenas eu e você, ninguém mais, você se incomoda por eu não ser humano? Eu sei o que o resto deles pensa – sua mãe, o pessoal de seu trabalho, seus amigos –, mas *você* se incomoda por eu ser um vampiro?

Na realidade, eu nunca tinha pensado nesses termos. Havia sempre outras coisas a considerar. Tirando-se isso, contudo, não houve pausa em minha resposta.

– Não. Eu não me importo.

Os olhos dele se fecharam por um segundo. Então, eles se abriram com um brilho intenso.

– Eu sei que você me deixou por achar que tinha que me proteger, que eu não conseguiria lidar com os obstáculos diante de nós. Portanto, tentou tocar sua vida, porque acreditou que nunca daria certo entre nós. Mas, sabe, eu não consegui tocar minha vida por saber que nós *poderíamos* dar certo. Eu tenho procurado você desde o dia em que me deixou, Gatinha, e estou farto de ficar sem você. Você tomou sua decisão sobre as coisas, agora me deixe tomar as minhas.

– Do que é que você está falando?

– Estou falando sobre você confiar em mim, o que devia ter feito quatro anos atrás. Sou forte o suficiente para lidar com o que for que seu trabalho ou sua mãe joguem em cima de mim. Você ainda se importa comigo e eu com certeza não desisti de você. Podemos vencer os obstáculos em nosso caminho, se você nos der uma chance.

Oh, se ao menos... Deus, se *ao menos* fosse tão simples assim!

– Mesmo se você deixar de lado meu trabalho e minha mãe, ainda assim estaremos condenados, Bones. Você é um vampiro. Eu

realmente disse a verdade sobre não me importar, mas você irá! O que irá fazer quando eu envelhecer, simplesmente me dar um analgésico para minha artrite? Você vai querer que eu mude. Vai se ressentir se eu recusar e isso vai nos destruir.

Ele me olhou fixamente sem piscar.

– Só para você saber: eu nunca vou forçá-la a se tornar vampiro. Nunca vou pressioná-la, coagi-la, trapaceá-la nem culpá-la. Isso está claro o suficiente?

– Então, tudo bem para você eu ficar enrugada, grisalha, decrépita e depois morrer? – perguntei asperamente. – É isso o que você está dizendo?

Algo que poderia ter sido piedade brilhou no rosto dele.

– Gatinha, sente-se.

– Não – um arrepio correu pela minha espinha. O que quer que fosse, para ele parecer tão compassivo de repente, deveria ser ruim. Eu encararia isso em pé. – Você me diga. O que eu não sei? Estou morrendo ou algo assim? – Isso explicaria a falta de preocupação dele por eu envelhecer.

Bones se levantou e ficou diante de mim.

– Você nunca se perguntou quanto tempo irá viver? Alguma vez já se questionou de verdade sobre isso?

– Não – eu ri amargamente. – Achei que seria morta bem rapidamente com meu trabalho.

– Pense além disso – ele continuou. Meu coração começou a bater forte. – Você é metade vampiro. Nunca ficou doente, seu corpo se cura a uma velocidade inumana e você não pode pegar nenhuma das doenças que aflige a população viva. Até mesmo venenos ou drogas precisam ser administrados em doses massivas antes de afetarem você, portanto, *o que a faz pensar que viveria somente até a média de idade?*

Minha boca abriu para debater, mas pendeu solta. De certa forma, foi semelhante à noite em que minha mãe me contou o que

eu era, pois negar foi minha primeira resposta.

– Você está tentando me confundir. Eu tenho batimentos cardíacos, respiro, menstruo, raspo as pernas... Estou *viva*. Tive uma infância!

– Você uma vez me disse que suas diferenças emergiram mais notadamente na puberdade. Provavelmente foi o surto hormonal, a mesma coisa que pode disparar defeitos congênitos em humanos que ampliou suas características de *nosferatu*, e elas têm crescido desde então. Seu pulso e respiração somente tornam mais fácil matá-la, mas você não é humana. Nunca foi. Apenas os mimetiza melhor do que os vampiros.

– Mentiroso! – gritei.

Ele não recuou.

– Sua pele não envelheceu um dia desde que você me deixou. Nem uma linha, nem uma ruga. Está certo que você tem apenas vinte e sete anos e não estaria mostrando sinais maiores até mais tarde, mas mesmo assim. Deveria haver alguma diferença nos poros, na textura... – Ele traçou minha bochecha com o dedo para ênfase. – Mas não há. E tem também a história do sangue.

Minha mente rodopiou.

– Que sangue?

– O meu. Não tive chance de dizer isso antes, porque você me deixou dois dias depois. Provavelmente não faz diferença no quadro maior, mas aqui está. Na noite em que nós resgatamos sua mãe, você bebeu meu sangue. Não apenas algumas gotas para sarar, mas mais de um litro. Apenas isso acrescentaria cinquenta anos à vida de um ser humano normal. Para a sua, quem sabe? Dobraria, facilmente.

Joguei minha mão para trás, mas ele a agarrou antes de eu poder estapeá-lo.

– Seu filho da mãe! Você não me disse isso. Você não me *alertou*!

– Isso teria mudado sua decisão? Você achou que nós dois fôssemos morrer naquela noite, se estiver lembrada, sem mencionar que teria feito qualquer coisa para salvar sua mãe. E, sinceramente, você conseguiria viver tanto quanto eu sem ele. Não aceite minha palavra nisso. Vá ver seu patrão. Olhe-o nos olhos e pergunte aquilo que ele já sabe. Toda a patologia que devem ter feito ao longo dos anos, tenho *absoluta* certeza de que ele sabe. É por isso que não tenho que pressioná-la para que se transforme em vampiro. Com sua herança mestiça e o consumo ocasional do meu sangue, você vai viver o tanto que quiser, exatamente sendo o que é.

Isso não poderia estar acontecendo. As paredes pareciam desmoronar em cima de mim. Tudo o que eu queria era fugir da verdade e ficar sozinha, longe até mesmo de Bones. Especialmente de Bones.

Entorpecidamente, andei em direção à porta, mas ele bloqueou meu caminho.

– Aonde pensa que está indo?

Eu o empurrei.

– Para fora. Não posso olhar para você agora.

Ele não se moveu.

– Você não está em condições de dirigir.

Deixei escapar uma risada amarga.

– Por que você simplesmente não abre uma veia para mim, então? O que são outros cinquenta anos, não é?

Bones estendeu a mão, mas eu me afastei para trás.

– Não me toque.

Eu sabia que um pouco do que eu estava sentindo era uma reação irracional de raiva. Aquela velha história de atirar no mensageiro e tudo mais. Mas eu não conseguia evitar.

Bones deixou sua mão cair.

– Tudo bem. Para onde você quer ir? Eu dirijo para você.

– Me leve para casa.

Ele abriu a porta.  
– Depois de você.

Bones me deixou em casa com um comentário final de que me veria na noite seguinte. Não respondi. Isso me causou muitas emoções misturadas e eu já tinha muito o que pensar.

Assim que entrei, liguei para Don para dizer que eu estava bem. Como esperado, havia numerosas mensagens em minha secretária eletrônica, tanto dele como de Tate. Conseguia entender a preocupação deles – afinal, minha última ligação tinha sido horas atrás para dizer que eu estava perseguindo um vampiro. Depois não houve mais nenhum rastro meu.

Fabriqueei uma história sobre uma perseguição de horas que terminou no local da construção, coincidentemente não longe do Clube GiGi, esperando que Bones tivesse deixado o corpo do vampi ali, caso contrário, eu teria de inventar uma rede alternativa de mentiras. Então, disse a Don que estava exausta por perseguir o vampi e que não iria trabalhar até o dia seguinte. Ele não questionou minha recontagem dos eventos. Por que questionaria? Eu nunca tinha mentido para ele antes.

Do lado bom das coisas, Don me informou que as duas vítimas estavam no hospital e esperava-se que se recuperassem plenamente. Mal sabia ele que havia sido preciso a intervenção de um vampiro para salvá-las do ataque de outro vampiro. Longe de mim explicar essa ironia para meu chefe.

Depois, tomei um banho, lavando o sangue que ainda havia mim. Se ao menos fosse fácil assim lavar de mim os erros de minha vida... A voz de Bones continuou a ecoar em minha cabeça. *Tenho procurado você desde o dia em que me deixou... Você vai viver o tanto que quiser, exatamente sendo o que é... Você tomou decisões sobre as coisas, agora me deixe tomar as minhas...*

Até ontem, tudo fazia sentido para mim. Eu sabia o que tinha que fazer, não questionava minhas decisões – apesar de algumas doerem insuportavelmente – e sabia a direção na qual ia minha vida. Hoje, tudo isso havia mudado. Eu tinha mais perguntas do que convicções, não sabia o que diabos estava fazendo e havia descoberto que poderia viver mais tempo ainda para ferrar com minha vida do que eu previamente imaginara.

Eu gostaria de poder falar com Denise. Ela tinha o dom de cortar o papo furado para encontrar sabedoria no caos. Mas o casamento dela havia sido na noite passada. Sim, dizer que ela não estava disponível era colocar a questão brandamente.

Eu só ligaria para minha mãe se quisesse uma motivação de último minuto para pular de uma ponte. Ela era cheia de preconceitos cegos, não de sabedoria, e uma ligação para ela poderia me deixar seriamente tentada a acabar com tudo. Embora eu tivesse de admitir estar bem chocada pelo fato de as primeiras palavras de Don para mim não terem sido: “Então, onde está o vampiro do casamento?”. Minha mãe não tinha dado com a língua nos dentes acerca de Bones... ainda. Sendo como ela era, isso demonstrava uma contenção admirável.

Não havia ninguém em minha equipe com quem eu pudesse discutir meu tumulto pessoal. Mesmo aqueles que eu considerava amigos, Tate, Juan e Cooper, não poderiam ser confiáveis sobre isso.

Noah, bem... Eu tinha que falar com ele, tudo bem, mas não seria para confidenciar meus segredos mais profundos. Seria para dizer que tudo estava acabado entre nós. Eu tinha deixado as coisas irem longe demais e isso não estava certo. Eu já estava sendo desleal, e seria ainda mais se deixasse mais tempo escoar.

Andei pela casa por mais uma hora, cansada, mas sabendo que nunca dormiria. Meu gato cansou-se de ficar seguindo meus calcanhares enquanto eu tentava abrir buracos no carpete e foi para o andar de cima. Mesmo andando, as palavras de Bones me



perseguíam. *Tenho procurado você desde o dia em que me deixou... Você vai viver o tanto que quiser, exatamente sendo o que é... Você tomou decisões sobre as coisas, agora me deixe tomar as minhas...*

– A quem estou enganando? – finalmente perguntei em voz alta, frustrada. Eu estava menos interessada nas intenções de Ian em me localizar, no contrato sobre minha vida ou em qualquer outra coisa que não fosse isto: será que eu e Bones tínhamos mesmo uma chance juntos? Ao descobrir sobre minha longevidade, o maior obstáculo a nossa relação tinha sido removido. Lógico, eu trabalhava para a versão governamental da Assassinos da Sepultura S/A e minha mãe preferiria espetar agulhas em seus olhos a me ver namorar um vampiro... mas e se Bones tivesse razão? E se nós dois *tivéssemos* um futuro juntos? Meu Deus, após todos esses anos, eu mal conseguia acreditar que tinha uma chance de pensar sobre isso novamente.

Agora a questão era *o que eu estava inclinada a arriscar para descobrir?*

# DEZESSEIS

Don me olhou com leve curiosidade quando entrei em seu escritório mais tarde naquele dia. Mas ela logo se transformou em suspeita quando fechei a porta e a tranquei atrás de mim. Normalmente, eu tinha que ser lembrada até mesmo de fechá-la.

– O que está acontecendo, Cat? Você disse que era urgente.

Sim, eu tinha dito. Tinha pensado sobre Bones dizendo que Don sabia do segredo de minha longevidade e isso tinha me deixado extremamente irada. Hora de virar o jogo.

– Sabe, Don, tenho uma pergunta e espero que você seja honesto comigo.

Ele puxou a ponta de sua sobrancelha.

– Acho que você pode contar com minha honestidade.

– Posso? – perguntei com sagacidade. – Tudo bem, então me diga: há quanto tempo você vem me ferrando?

Isso o fez parar de puxar sua sobrancelha.

– Eu não sei do que você está falando...

– Porque se eu fosse ferrar  *você*  – eu interrompi –, arrumaria uma garrafa de gim, uma música de Frank Sinatra... e uma mesa de emergência com desfibrilador para o ataque cardíaco que você teria. Mas você, Don, tem me ferrado há anos e eu nem ao menos tive qualquer bebida, música, flores, doces, coisa alguma!

– Cat... – ele souou cauteloso. – Se você tem um objetivo, chegue logo a ele. Essa analogia está ficando gasta.

– Quantos anos eu tenho?

– Você acabou de fazer aniversário, sabe quantos anos tem. Você tem vinte e sete...

A mesa dele foi espatifar-se no outro lado da sala, espalhando lascas de mogno. Papéis voaram e seu computador caiu com um baque no carpete. Isso aconteceu em menos tempo do que levou o piscar de seus olhos chocados.

– *Quantos anos eu tenho?*

Don passou os olhos por sua mobília arruinada antes de recompor-se e contemplar-me através do espaço agora vazio entre nós.

– Dezenove ou vinte, a julgar por sua densidade óssea e relatórios da patologia. Seus dentes também confirmam isso.

O final da puberdade, quando meu corpo aparentemente decidiu parar de envelhecer. Soltei uma risada azeda.

– Imagino que não vou precisar estocar *Oil de Olay\**, não é? Seu filho da mãe insensível, algum dia você iria me contar? Ou estava apenas esperando para ver se eu viveria o suficiente para notar?

Ele deixou a dissimulação de lado e, se eu não o conhecesse bem, diria que parecia aliviado.

– Eu acabaria informando você, claro. Quando fosse o momento certo.

– Sim, e você sabia que tinha bastante tempo, não sabia? Quem mais sabe? – comecei a andar de um lado para o outro, mantendo a atenção nele enquanto ele calmamente sentou em meio às ruínas de seu escritório.

– Tate e o patologista-chefe aqui, Dr. Lang. E seu assistente, Brad Parker, provavelmente.

– Você disse a Tate sobre as décadas adicionais à vida dele? Ou estava esperando por um “momento certo” para isso também?

Don passou de sereno para desconfortável no espaço entre essas sentenças. Quando ele hesitou, dei o bote.

– Nem tente me dizer que não sabe do que estou falando! Você testou todos nós naquela noite em Ohio e a cada maldita semana depois daquilo, como sempre. Você não disse a eles?

– Eu não tinha certeza – ele se esquivou.

– Bem, então me deixe garantir a você. Eles beberam, cada um, cerca de meio litro de sangue de vampiro devidamente envelhecido. Isso vai dar a eles, o quê? Outros vinte anos, pelo menos? Sabe, eu sempre pensei que você nos proibisse de beber sangue da fonte porque tinha medo de que tomássemos gosto por isso, especialmente eu, mas estava preocupado com mais do que isso, não estava? Você já sabia o que poderia acontecer! Como foi que descobriu?

O tom dele foi gélido.

– Alguém que eu conhecia muitos anos atrás começou a lutar do lado certo, como eu, e depois passou a gostar mais do inimigo. Ele não envelheceu em décadas. Foi quando descobri o que o sangue de vampiro poderia fazer e é por isso que o Brams é tão minuciosamente selecionado e filtrado. Ele não carrega nenhum veneno nele.

– Esse veneno ao qual está se referindo corre em metade de meu DNA – eu rebati. – É por isso que você não está nem aí toda vez que saio em uma missão onde posso acabar morta? Por que é só uma cobra a menos com que se preocupar?

– No início foi assim – ele bruscamente retrucou, levantando-se agora também. Ele abriu seus braços em um gesto abrangente. – Olhe para você. Você é como uma bomba coberta de pele. Todo esse poder, toda essa habilidade inumana... Eu achava que você cansaria de suas limitações e se livraria delas. Cruzaria a ponte completamente. Foi por isso que eu disse a Tate quando você se alistou para estar preparado para matá-la. Mas você nunca hesitou e não sucumbiu à urgência por mais poder. Francamente... foi inspirador.

Don sorriu de uma forma autodepreciativa.

– Cinco anos atrás, eu estava bem desiludido acerca do caráter humano quando exposto à influência sobrenatural. Quando eu a descobri, pensei que você iria ceder muito mais rápido pelo que havia em seu sangue. Sim, eu a enviei às missões mais arriscadas para maximizar sua utilidade antes de se rebelar e ter que ser destruída. Isso, no entanto, não aconteceu. Você, que carrega em sua estrutura genética a mesma corrupção com a qual deparei tantos antes de você, provou ser a mais formidável de todos nós. Em resumo, e para não dramatizar demais, você me deu esperança novamente.

Eu o olhei fixamente. Ele não baixou os olhos diante de meu olhar duro. Por fim, dei de ombros.

– Eu acredito no que estou fazendo, acredite você em mim ou não. Vou tirar uma semana de folga para analisar isso e definir meu próximo passo. Quando eu voltar, vamos ter outra conversa, que vai incluir Tate, Juan e Cooper. Você vai contar a eles sobre as consequências do sangue que eles beberam. E você está errado sobre uma coisa, Don. Não é o sangue de vampiro que corrompe. Isso só acontece se a pessoa que o bebe é corrupta desde o início. Mas não confie em minha palavra sobre isso, veja os rapazes. Eles sentiram o mesmo poder, sentiram como o sangue os poderia tornar diferentes... e, mesmo assim, não se tornaram maus. O sangue de vampiro não muda o que você é, apenas amplia isso, para melhor ou para pior. Lembre-se disso, embora eu tenha a sensação de que vou ter que refrescar sua memória.

– Cat. – Don me deteve quando eu chutava os destroços para abrir a porta. – Você *vai* voltar, não vai?

Dei uma pausa com a mão no batente da porta.

– Ah, sim, eu vou. Goste você disso ou não.

Não fiquei surpresa ao sentir a mudança de energia em minha casa naquela noite. Eu estava na cozinha, esquentando um jantar congelado no micro-ondas, quando, de repente, soube que não estava sozinha.

– É educado bater – eu disse antes de me virar. – Minha porta da frente não está quebrada, sabia?

Aquela sensação de poder se intensificou quando Bones entrou na cozinha.

– Sim, mas assim é mais dramático, não concorda?

Soou o bipe para meu jantar. Eu o tirei do micro-ondas, peguei um garfo e me sentei à mesinha de jantar. Bones sentou de frente a mim, observando-me com moderada cautela.

– Não vou me incomodar em oferecer um pouco a você – eu disse levemente. – Meu pescoço e eu sabemos que você já comeu.

Uma insinuação de desaprovação tocou os lábios dele.

– Eu disse a você que não se tratava de comer.

– Não, tratou-se de você me convencer de que tinha razão – espetei um pedaço e mastiguei. – Da próxima vez, será que você poderia usar outra coisa *que não* minha jugular para sua demonstração?

– Não foi sua jugular. Isso a faria desmaiar rápido demais e eu queria que você tivesse tempo para tomar sua decisão sobre me matar ou não – Bones respondeu, sustentando meu olhar. – Então, mordi em volta de sua jugular. Foi por isso que demorou mais... e o porquê de eu conseguir apreciar a extração de seu sangue para dentro de mim ao invés de somente engolir um jorro de fluxo arterial.

Isso me fez hesitar para engolir a próxima porção. Os olhos de Bones possuíam um turbilhão esverdeado devido à memória, como menta no chocolate, e se eu fosse honesta, também admitiria uma

onda interna de prazer com a recordação. A mordida dele poderia ter passado por preliminares, tão boa que tinha sido.

Mas havia coisas mais importantes para abordar, apesar de minha libido certamente discordar disso.

– Então – eu disse ao terminar de mastigar –, você está empenhado em não ir embora até que esse perigo com Ian tenha passado e que você tenha neutralizado quem quer que esteja acenando com um cheque pelo meu corpo, certo?

Bones assentiu.

– Correto.

– E você provavelmente me seguiu hoje quando fui a meu trabalho, apenas aguardando para ver se eu tentaria dar no pé, certo?

Um erguer de ombros.

– Vamos dizer que nenhum avião teria conseguido sair daquele chão hoje.

Meu olhar endureceu.

– Portanto, suponho que você me seguiu depois até a casa de Noah e bisbilhotou isso também?

Bones reclinou para frente com uma expressão perfeitamente fria no rosto.

– Eu normalmente nunca machucaria um inocente, mas admito certa falta de racionalidade em relação a você. Você salvou a vida de um homem hoje ao romper com ele, porque se eu tivesse ouvido qualquer coisa diferente acontecendo naquela casa, eu o teria partido ao meio.

– Você teria tentado – eu expus. – Noah não acredita em vampiros, zumbis ou qualquer coisa mais sobrenatural do que Papai Noel. É melhor você não o ferir.

– Gatinha, se eu tivesse a intenção de matar Noah, teria feito isso antes mesmo de você saber que eu estava na cidade. Mas você não poderia esperar que eu ficasse girando os polegares e ouvindo

você transar com ele. Lembra de sua reação na noite passada quando beijei Felicity?

Sim, tinha havido um impulso intenso de rasgá-la membro a membro. Territorialismo dos vampiros. Realmente não importava quem era inocente ou não.

– Certo – eu reconheci. – Nós dois ainda temos sentimentos um pelo outro. Você acha que pode dar certo independentemente de meu trabalho e do ódio virulento de minha mãe por vampiros. Como você de qualquer forma está se recusando a partir por causa de Ian e o contrato sobre mim...

Ele começou a sorrir.

– Você está levantando a bandeira branca?

– Não tão rápido assim. Estou dizendo que podemos levar as coisas devagar. Ver se isso não explode em nossas caras. Não estou falando em declarar amor eterno um pelo outro enquanto eu caio de pernas abertas.

O sorriso dele alargou-se.

– Há posições alternativas.

Aquelas palavras – e a expressão nos olhos dele – roçaram em mim como um carinho físico. Inspirei profundamente. Por isso eu havia me decidido por um mandato de celibato. De forma alguma eu conseguiria manter minhas emoções na coleira se eu acrescentasse sexo à mistura. Eu estaria gritando meu amor imortal por Bones em exatos cinco segundos.

– É pegar ou largar.

– Feito.

Eu pisquei, parte de mim não acreditando no que estava acontecendo. Isso era real? Ou apenas outro sonho louco, um dos milhares que eu tivera com Bones?

– Certo.

Eu não sabia o que dizer. Ou fazer. Apertar mãos? Selar com um beijo? Gritar: “Pro inferno com o celibato!” e rasgar as roupas dele?



Devia haver um manual de namoro entre mortos-vivos – eu estava perdida ali.

Bones tombou a cabeça para um lado e, a seguir, emitiu um som de resignação.

– Gatinha... sua resolução está para ser posta à prova mais cedo do que você imaginava.

*Hã?*

– Do que você está falando?

Ele se levantou.

– Sua mãe está aqui.

# DEZESSETE

Levantei-me com um salto.

– Ai, droga! – O pânico me fez tentar andar sem ter saído totalmente da cadeira e eu obviamente tropecei. Foi demais para meus reflexos de meio-morta. Então, flagrei Bones pelo canto do olho.

– Ei, o que você está fazendo?

Ele tinha ido calmamente para a sala ao lado para se sentar no sofá.

– Vou ficar bem aqui. Você acabou de concordar em nos dar uma chance e eu me recuso a ser enfiado dentro do guarda-roupa desta vez. Você vai ter que sair do caixão com sua mãe a meu respeito. Eu deveria ter forçado isso antes. Ao invés disso, ela soube de nosso relacionamento somente depois de ter os pais assassinados por vampiros diante de si. Não é de se estranhar que ela tenha me levado a mal.

– Levado você *a mal*? – A memória da morte de meus avós esaldou meu tom de voz. – Ela tentou fazer você ser morto!

Uma batida estrondou na porta. Minha mãe nunca tinha sido delicada.

Bones arqueou uma sobrancelha.

– Você vai atender ou quer que eu atenda?

Eu podia ver a palavra “desastre” escrita na minha frente. Mas, pela postura de seu maxilar, eu não iria conseguir convencê-lo a se esconder. E ele era realmente forte demais para que eu o enfiasse no guarda-roupa novamente.

– Só um segundo, mamãe! – gritei. Em seguida, remexi tudo atrás de uma garrafa de gim. Cara, eu ia precisar dela.

– Ela vai correr direto até Don – murmurei.

– Deixe que vá – Bones rebateu. – Eu vou ficar.

Dei a ele outro olhar irritado antes de ir até a porta. Aquilo era o fim do “levar as coisas com calma” nesta relação – parecia que eu estava prestes a mergulhar de cabeça até o fundo. Suponho que não houvesse hora melhor do que agora para ver se Bones tinha razão sobre superar nossos obstáculos. Esse obstáculo em especial era mais aterrador do que Don jamais poderia ser.

Minha mãe voou para dentro de minha casa tão logo abri a porta. Ela já estava xingando.

– ... liguei para o celular de Noah procurando por você e ele me disse que você rompeu com ele! Você acha que eu não sei por que, Catherine, e estou aqui para dizer a você que isso vai acabar. *Agora*. Você dispensou aquele lixo assassino anos atrás e vai fazer isso de novo! Eu *não* vou me acomodar e vê-la se tornar o mesmo tipo de demônio infernal que você herdou...

A voz dela transformou-se em um sibilar quando ela viu Bones no sofá, observando-a com o que poderia somente ser chamado de divertimento.

– Olá, Justina – ele falou com a voz arrastada. – É adorável vê-la novamente. Não vai se sentar?

E, como ênfase, ele deu batidinhas com a mão no espaço vazio ao lado dele.

O rosto dela foi de branco a vermelho em um único olhar. Fechei a porta e dei um gole em minha bebida. Que comece a histeria.

Ela se voltou para mim com um acesso de ira.

– Pelo *amor de Deus*, Catherine! O que há de *errado* com você? Ele jogou um feitiço em você novamente?

Aquilo trouxe uma imediata risada de Bones. Ele saiu do sofá com uma graciosidade tranquila, andando até ela enquanto ela dava

vários passos para trás.

– Se alguém foi enfeitado aqui, Justina, fui eu. Sua filha jogou um feitiço em mim cinco anos atrás e eu ainda não consegui me libertar dele. Oh, e você vai adorar saber, nós decidimos retomar nosso relacionamento. Não se incomode em nos dar os parabéns, acredite, sua expressão já nos parabeniza o suficiente.

Tomei um gole mais longo da garrafa. Bones tinha obviamente decidido não matar minha mãe com gentilezas e estava indo diretamente para a garganta. Típico vampiro.

O tom de minha mãe foi ácido.

– Achei que você tinha aberto mão de sua prostituição quando o deixou, Catherine, mas parece que apenas a postergou.

O rosto de Bones transformou-se em pedra e ele respondeu a ela antes de eu conseguir disparar uma resposta indignada.

– Nunca mais fale com ela desse jeito. – Havia um puro tom de aviso no chicotear de suas palavras. – Você pode me chamar de qualquer nome que quiser e ainda mais, mas não vou ficar inerte enquanto você a calunia com sua própria ignorância.

Ela recuou outro passo e algo na expressão dela mudou. Como se afinal percebesse que tinha que enfrentá-lo diretamente, e não apenas através de mim.

– Você vai ficar aí e simplesmente deixá-lo me ameaçar? – ela exigiu de mim em seguida, mudando de tática. – Suponho que você apenas se recostaria e o deixaria sugar minha vida também?

– Ai, mãe, pare com isso – eu gritei. – Ele não vai machucar você, o que é certamente menos do que você faria com *ele* se tivesse oportunidade. Perdoe-me se não a defendo quando se irrita por ele não querer que você fique me ofendendo com palavras. Deve ser aquela falha em meu caráter.

Ela balançou um dedo para mim.

– O sangue não nega, meu pai costumava dizer, e ele tinha razão! Olhe para você! Você se rebaixou, deixando um bom homem

por causa de um animal imundo e uma coisa que nem é um animal!  
*Ainda mais inferior!*

– Estou aqui, Justina, e é melhor se acostumar com isso. Quer me chamar de animal? Volte seus olhos nesta direção, então.

Bones postou-se em minha frente até que ela tivesse de olhar para ele ou desviar o olhar. Minha mãe fixou a atenção nele pela primeira vez, olhando diretamente em seus olhos. Para seu crédito, ela não recuou diante do olhar severo dele. Ela era muitas coisas, mas covarde não era uma delas.

– Você... Como é seu nome mesmo?

A zombeteira alusão dela à falta de importância dele me fez esconder um sorriso atrás de suas costas. Ela sabia muito bem qual era o nome dele.

– É Bones. Não posso dizer que é um prazer ser apropriadamente apresentado, mas já era hora, você não concorda?

Consegui vê-la pelo lado do ombro dele. Ela deixou seu insultuoso olhar apreciá-lo de cima a baixo e, por fim, deu um desdenhoso erguer de ombros.

– Não concordo, na realidade. Bem. Não é que você é bonito? – não era um elogio da forma como saiu dos lábios dela. – O pai dela era bonito também, simplesmente maravilhoso. Claro que você deve saber disso. Ela é a cara dele. Às vezes, eu mal podia aguentar olhar para ela devido à semelhança.

Uma pontada de dor me fatiou, porque eu tinha sentido aquilo minha vida toda. Ela podia me amar, mas não me aceitava. Talvez nunca aceitasse.

– Pode ser que ela se pareça com ele, não posso dizer com certeza – Bones respondeu prontamente. – Não cheguei a conhecer o sujeito. Mas, deixe-me assegurar, ela tem muito de você nela. A teimosia, para começar. A coragem. Um gênio abominável quando está irritada. E ela também pode guardar rancor muito bem, mas

você a supera nisso. Já se passaram mais de vinte e sete anos e *ainda* a está punindo pelo que aconteceu com você.

Isso a fez avançar até que ela apontou o dedo a poucos centímetros do peito dele.

– Como se atreve?! Você tem a coragem de jogar na minha cara o que um de sua espécie fez, o que você sem dúvida também fez, seu *diabo* assassino e sujo!

Bones também avançou. Eles tocaram-se pés com pés.

– Se eu fosse meramente um diabo assassino, então teria dado cabo de você anos atrás. Isso teria tornado *minha* vida muito mais fácil, garanto. Você a tinha com os pés amarrados quando aqueles lobos vieram com sua propositazinha gananciosa e todos nós sabemos por que ela a aceitou, não sabemos? Não a incomoda nem um pouco que ela venha se sentindo tão miserável quanto eu nesses anos passados, ou que ela tenha enfrentado mais experiências de quase morte do que a droga do Houdini. Não, você se acomodou em sua satisfação porque ela está lá fora matando vampiros ao invés de estar transando com um! Bem, Justina, espero que tenha aproveitado seu interlúdio, porque ele acabou. Eu voltei para ficar.

Ela me deu um olhar carregado por sobre os ombros dele.

– Catherine! Você não pode falar sério sobre ficar com essa criatura! Ele vai tirar sua alma, ele vai transformar você...

– Minha alma pertence a mim e a Deus, mamãe. Bones não poderia tirá-la nem se tentasse. – Fiquei frente a frente com ela e respirei fundo. *Defina seu território. Agora ou nunca.* – Mas não vou mais deixar você ou qualquer outra pessoa decidir o que fazer com minha vida pessoal. Você não precisa gostar de Bones. Que diabos, pode odiá-lo com toda sua alma no que me diz respeito, mas, enquanto eu estiver com ele, *vai* ter que tolerá-lo. E também Don e os outros, ou... ou eu vou embora para nunca mais voltar.

Ela apenas me encarou neutramente, revezando seu olhar entre nós dois. Então, um brilho apareceu em seu olhar. Eu ri

amargamente.

– Tente, mãe. Tente ligar para meu trabalho e fazer com que o matem. Você viu o que ele fez com eles na estrada anos atrás, e isso quando ele nem ao menos estava irritado! Além disso, se vierem atrás dele, eu mesma os matarei. Não interessa quem seja. – Eu a deixei ver em meu olhar que estava falando sério. Eu poderia fazer de tudo para evitar isso, mas, caso acontecesse, eu manteria minha palavra. – Depois, eu e Bones vamos desaparecer. Permanentemente. É isso o que você realmente quer? Afinal de contas, se eu ficar com você e com eles, tenho muito menos chances de querer me tornar um vampiro. Mas se tirarem de mim todo meu apoio humano... bem, nunca se sabe.

Eu estava desavergonhadamente brincando com seus maiores medos, mas ela fez por merecer isso. Os lábios de Bones se curvaram.

– Veja pelo lado bom – ele incitou minha mãe com demoníaco intento. – Se nos deixar em paz, ela pode se cansar de mim com o tempo. Mas, ao nos forçar a fugir, você me dá outras alternativas... – Ele deixou a sentença em aberto.

– Como se eu acreditasse em qualquer coisa que você diga – ela disparou de volta. – Seria bom para todos se você simplesmente enfiasse uma estaca em si mesmo e morresse de vez. Se realmente a amasse, faria isso.

Bones deu a ela um olhar enfadado e, então, mandou ver.

– Sabe qual é seu problema, Justina? Você está desesperadamente precisando dar uma boa transada.

Joguei para baixo um gole de gim para encobrir a risada que queria sair. Deus, eu já tinha pensado nisso, milhares de vezes!

Ela deixou sair um bufar ultrajado. Bones o ignorou.

– Não que eu esteja me oferecendo, entenda. Meus dias de prostituição acabaram nos anos de mil e setecentos.

O gim foi abruptamente sugado de volta para dentro de meus pulmões quando eu arquejei. Ele *não* tinha acabado de falar para minha mãe sobre sua antiga profissão – meu querido Jesus, faça com que eu tenha ouvido errado!

Eu não tinha e Bones continuou.

– ... mas tenho um amigo que me deve um favor e ele poderia ser persuadido a... Gatinha, você está bem?

Eu tinha parado de respirar assim que ele casualmente admitiu sua ocupação anterior. Acrescente-se isso ao líquido preso em meus pulmões e, não, eu não estava bem.

Minha mãe estava distraída. Uma torrente de insultos irrompeu de sua garganta.

– Seu *sodomita* molestador imundo, degenerado...

– Isso não é uma volta à infância dela? Você está mais preocupada consigo mesma do que com sua filha, desgraça de mulher. Não vê que ela está engasgando?

Bones deu-me um tapa nas costas quando tossi para expelir o gim de minha traqueia. O primeiro respirar me queimou quando veio. Meus olhos lacrimejaram profusamente, mas ao menos fui capaz de inspirar mais uma vez, dolorosamente, e depois mais uma vez.

Tranquilizado por eu estar respirando novamente, Bones retomou de onde minha mãe havia parado.

– Sodomita está incorreto, Justina. Minha clientela era apenas de mulheres, não homens. Só queria esclarecer isso. Detestaria que você pensasse algo errado de mim. Claro, se não confia em minha recomendação para uma transada, desconfio que o amigo de sua filha, Juan, poderia aceitar a árdua tarefa de...

– *Chega!* – ela berrou, abrindo a porta com violência.

– Volte sempre – ele disse depois que ela bateu a porta atrás de si com força suficiente para chacoalhar as janelas.



– Ela vai diretamente a Don – falei, a voz rouca devido a minha tentativa acidental de respirar gim.

Bones apenas sorriu.

– Não, ela não vai. Está irritada, mas não premeditada. Foi um choque para ela ver você enfrentá-la. Ela vai ficar rancorosa por algum tempo e depois vai esperar por uma oportunidade. Apesar de qualquer coisa que ela tenha dito, nunca se arriscará a que você a deixe. Ela não tem mais ninguém e demonstra isso.

Eu não estava convencida.

– Mesmo assim, você devia zelar por suas costas. Eles podem enviar uma equipe atrás de você.

Bones riu.

– Com que finalidade? Seria necessário um pequeno exército para me encurralar e eu poderia ouvi-lo chegando. Não se preocupe, amor. Não sou tão fácil de matar. Agora, você vai querer ficar com essa roupa? Ou quer se trocar?

– Para quê? – perguntei com suspeita.

– Vou levá-la para jantar – ele respondeu. – É uma atividade tradicional de namoro, não é? Além disso, seu aperitivo está frio e não parecia muito gostoso quando estava quente.

– Mas e se... – comecei, mas parei.

Pela expressão dele, sabia o que eu estava por dizer: *Mas e se formos vistos juntos?* Se eu tinha falado a sério sobre dar uma chance a nossa relação, então teria que reconciliar Bones e meu trabalho. Mais especificamente, teria que reconciliar Don com Bones. Ou parar de trabalhar – e esperar piamente para não ser a próxima missão de extermínio da equipe.

*Agora ou nunca.*

– Vou me trocar, espere por mim.

Bones me deu um sorriso irônico.

– Estou bem acostumado a fazer isso.

# DEZOITO

Apesar de meus medos, três dias se passaram sem nenhuma notícia de minha mãe ou meu trabalho. Eu estava impressionada por Bones parecer estar certo e minha mãe não ter corrido até Don gritando: "Nosferatu, credo!" ou alguma variante disso. Ela realmente temia me perder tanto quanto Bones disse? Após passar minha vida inteira sentindo que minha mãe seria mais feliz sem mim, era muito estranho pensar que ela sacrificaria um pouco de seu preconceito atroz para ter um relacionamento.

Ou estava apenas esperando o momento apropriado. Isso parecia ser mais o caso.

Bones me levava para sair todas as noites. Íamos jantar, ao cinema, a bares ou simplesmente andávamos por Richmond. Se eu fosse ser honesta, admitiria que nunca fora mais feliz em minha vida. Todas as vezes que eu abria a porta e o via em pé ali, meu coração pulava e se agitava loucamente. Ele devia escutar isso, claro, mas nunca comentou nada. Bones estava se mantendo dentro do mandato "vá com calma" que eu havia imposto, esperando que eu tomasse a iniciativa.

O que estava se tornando cada vez mais difícil não fazer. Certamente, eu tinha dito para ir com calma, mas quanto mais tempo eu passava perto de Bones, menos me lembrava de por que pensara que ir com calma era uma boa ideia. Toda vez que ele segurava minha mão, toda vez que nossos corpos se roçavam, que diabos, toda vez que ele me deixava na varanda e ia embora sem nada além de dar um beijo de boa noite, eu sentia a dor do desejo.

Eu não aguentaria ir com calma por muito mais tempo. Eu acabaria por atacá-lo.

Na quarta noite, Bones disse que queria fazer o jantar para mim ao invés de sair. Eu concordei, perguntando-me se essa não era a forma de ele ajeitar uma noite mais romântica – sem objeções. Se meu corpo conseguisse o que queria, a sobremesa não seria um item alimentício.

Como eu não tinha em minha casa nada além de comida pronta para micro-ondas, ele foi primeiro à mercearia. Saí até a varanda para deixá-lo entrar, sorrindo para seus múltiplos sacos de mantimentos, e então fiquei confusa quando a expressão dele se endureceu.

– Estamos sendo observados.

Bones não se voltou quando disse isso. Anos de prática me fizeram resistir ao impulso de olhar em volta. Peguei alguns sacos dele e fiz uma pergunta suave.

– Ian?

– Não. É seu homem, o mesmo de Ohio. Está lá adiante na rua, no carro dele, e, pelo jeito que o pulso dele acabou de disparar, você foi flagrada. Ele sabe o que sou.

– Tate? – Ele era a única pessoa que Bones tinha visto em Ohio quando Don usou sua tática de recrutamento “una-se a mim ou morra”. – Você acha que minha mãe ligou para ele?

Bones usou seu corpo para me induzir a entrar.

– Pela sua taxa cardíaca, ele está chocado. Não, ele não fazia ideia. Provavelmente pensou em oferecer um pouco de companhia na esperança de você ceder e transar com ele. Babaca.

Comecei a andar de um lado ao outro. Bones guardou os mantimentos como se não estivesse nada preocupado. Praticidade era definitivamente seu forte. *Isso é o que eu ganho por treinar os rapazes para notar aquelas leves nuances na aparência e no movimento que separam um vampiro do resto da população*, pensei.

Aparentemente, tinha feito meu trabalho muito bem, uma vez que Tate percebeu o que Bones era do fim do quarteirão. Forcei minha audição, enviando meus sentidos para o lado de fora. Em um segundo, também ouvi a respiração e o batimento cardíaco acelerados de Tate. É, ele estava abalado, poderíamos dizer isso com segurança.

No instante seguinte, o carro dele acelerou. Ele começou a dirigir na direção oposta à de sua casa e não era difícil imaginar para onde ele estava indo.

– Eu queria mais tempo – eu disse, com brando desespero.

Bones simplesmente misturou um gim com tônica e o deu para mim, mas eu o engoli antes do gelo refrescá-lo.

– Melhor, amor? – Os lábios dele se curvaram. – Essa coisa é como seu cobertor da sorte.

– Gosto do sabor. Isso é o que todos os bêbados dizem, não é? – Em um esgotamento repentino, suspirei.

– Você quer que eu vá embora ou espere para ver o que eles vão fazer? Eu lhe disse, se vierem com reforços, nós os ouviremos bem antes de chegarem. Você decide.

Após um minuto de análise, olhei para ele.

– Bem, eles descobririam logo de qualquer forma, suponho. Vou calcular que Tate vá levar meia hora para chegar ao complexo, outros trinta minutos pelo menos com Don para decidir o curso de ação, e depois outros trinta minutos para enviar a equipe até aqui, se for isso que eles decidirem. Tate não sabe que nós o vimos, então não vai pensar que há pressa. Você bem que pode ficar. Se eu consegui enfrentar minha mãe, Don vai ser fichinha.

Tentei usar um pouco de humor para encobrir a reviravolta em meu estômago, mas Bones sabia que eu me sentia bem menos confiante do que soava.

– Vai ficar tudo bem, Gatinha. Você vai ver.

Exatamente uma hora depois, meu celular tocou. Eu quase o quebrei em minha precipitação para atendê-lo.

– Alô? – Para meu crédito, não houve traço algum de apreensão em meu tom. Do outro lado da linha, Don soou menos cortês.

– Cat? É você?

– No meu celular, quem mais poderia ser?

Houve um momento de silêncio e, então, ele cautelosamente perguntou:

– Está tudo bem aí?

Oh, então ele pensou que talvez eu tivesse seduzido um vampi até minha casa para algum joguinho. Bem, um ponto para ele por me dar o benefício da dúvida. Tate não tinha feito isso.

– Tudo bem. Por quê? O que está acontecendo?

Houve outro silêncio e, a seguir, Don disse:

– Há uma emergência. Em quanto tempo você consegue chegar aqui?

Relanceei os olhos para Bones. Ele deu de ombros.

– Dê-me uma hora.

– Uma hora. Estarei esperando. – *É, eu não duvidava disso.*

Depois que desliguei, explodi:

– Não vou desistir de você!

Assim que as palavras deixaram minha boca, percebi que as falei a sério. Os últimos dias tinham me lembrado exatamente quão triste eu tinha ficado sem Bones. Será que eu devia retornar à minha vida vazia só para que todos a minha volta pudessem se sentir mais confortáveis? Não, obrigada.

Bones riu ferozmente.

– Com absoluta certeza. Não vou embora só por que eles podem não nos dar suas bênçãos.

– Mas não vou deixar o trabalho, apesar disso. – Inconscientemente, eu já tinha tomado essa decisão também, mas não a tinha expressado em voz alta até agora. – Isso é mais do que

um trabalho para mim. Sou capaz de fazer a diferença na vida de pessoas que não têm para onde se voltar, Bones. Eu sei que preciso lidar com Don e os rapazes, mas não vou sair a não ser que eles me forcem a fazer isso.

– Que diabos – Bones suspirou. – Se quiser continuar com sua cruzada para livrar o mundo de assassinos mortos-vivos, pode fazer isso comigo. Você não precisa deles.

– Mas eles precisam de mim. Se eles me deixarem sem opção, partirei, mas lutarei para fazê-los reconsiderar.

Ele me olhou fixamente com um misto de frustração e resignação. Por fim, jogou suas mãos para cima.

– Tudo bem. Terei de pensar sobre o que fazer quanto a isso, e também quanto a Ian, apesar de termos pouco tempo com ele. Talvez um mês, se a sorte ajudar. Não diga a seu chefe quem eu sou ainda, se seu homem lá não tiver percebido. Há alguns detalhes que preciso acertar antes de eles notarem que você não me matou em Ohio no final da contas.

– Que detalhes? Com Ian?

– Não. Com Don. Sujeito interessante. Tenho feito umas pesquisas sobre ele nos últimos meses. Estou esperando para confirmar algumas informações e direi a você quando as tiver.

*Don?*

– Que informações?

– Direi a você quando as tiver – ele repetiu. Então, mudou de assunto. – Você sabe que vou segui-la até lá, mas quão seguro é esse prédio seu? Se eles tentarem forçar você a partir, para onde a levariam? Para a pista de decolagem?

– Sim, eles tentariam me levar por ar, se fossem pegar pesado. Aviões normalmente não decolam dali, então se vir um taxiando, as chances são de que eu esteja nele.

– Você não tem que ir lá, mas posso ver que enfiou isso na cabeça. Pense um pouco: se eles não puderem persuadir você a

desistir de mim e acharem que tentará escapar se a detiverem, o que os impedirá de simplesmente a matarem? Posso garantir que avião algum vai decolar com você nele, mas não aprecio o fato de você entrar no que poderia ser uma armadilha. Quanto você confia nesses homens?

Eu realmente pensei sobre isso, fria e impessoalmente. Então, neguei com a cabeça.

– A não ser que eles tenham esgotado todas as outras opções, não vão puxar o gatilho. Eles tentariam me salvar primeiro. Se eu começasse a matar pessoas, então tentariam acabar comigo, mas de outra forma... não. Esse não é o estilo de Don.

Voltei meus olhos para ele porque queria que visse os meus quando eu falasse a parte seguinte.

– Quando eu o deixei, pensei que fosse a única maneira de salvar você e minha mãe. Realmente pensei. Mas, com o passar dos anos, acabei conhecendo Don. Ele pode ser um filho da mãe insensível, mas não é a criatura de sangue frio que primeiramente achei que fosse. Don não iria deixar minha mãe sem defesa se eu partisse com você, não importa o que ele ameaçou fazer quando nos conhecemos. Sim, ele me mataria se pensasse que eu iria destruir sua operação, mas só faria isso como último recurso. Não estou com medo de entrar lá, mas, como disse, não vou desistir de você só porque Don não vai gostar que você seja um vampiro e eu o esteja namorando.

Bones veio até mim. Muito gentilmente, acariciou meu rosto. Depois, sua mão deslizou por meu cabelo e ele se inclinou. Quando seus lábios tocaram os meus, soltei um gemido. O choque instantâneo que me percorreu poderia ser do poder dele, porque meus lábios formigavam no contato com os dele. Mas achei que poderia ter algo a ver com outra coisa, especialmente quando senti um impulso mais forte conforme a língua dele roçava pela minha. Eu o puxei para mais perto, até que nossos corpos estivessem

pressionados tão apertadamente quanto nossos lábios. De uma só vez, a necessidade que eu havia suprimido por anos voltou rugindo à superfície. Minhas mãos apertaram-se em seus ombros e depois correram por ele com uma frenética e repentina urgência de senti-lo mais.

Os braços de Bones moveram-se por minhas costas para me apertar agressivamente contra ele. Sua boca assolou a minha com uma fome que fez meu pulso disparar ao céu e um pulsar voraz explodir lá embaixo. Ele deve ter ouvido isso, porque esfregou sua virilha na minha com um movimento firme e friccionado que quase me fez chegar ao clímax onde eu estava.

Afastei-me dele com firmeza. Ou fazia aquilo naquele momento ou jamais faria. Bones segurou meus braços enquanto o brilho esverdeado de seus olhos ardia nos meus. Suas mãos flexionavam-se em minha pele, como se ele estivesse lutando para decidir se me puxaria de volta ou me deixaria ir.

– Se eu beijar você novamente, não vou parar – ele disse, rudemente.

O aviso foi um eco de meus próprios pensamentos. Eu respirava em arfadas curtas que pareciam zombar de mim com seu ritmo excitado. *Fique*, elas diziam. *Don vai levar pelo menos outra hora para aparecer com reforços...*

– Não podemos, não agora – eu gemi. – Ou vai ser muito fácil para os rapazes matarem você, assim que eu já o tiver preso embaixo de mim.

Bones riu, mas isso soou mais como um rosnado.

– Ficarei feliz em arriscar.

Fui para trás, literalmente abrindo seus dedos em meus braços.

– Agora não – eu disse mais uma vez, embora o que realmente queria fazer fosse gritar: *Sim, agora, e depressa!* – Vou ter que cuidar disso. Passou da hora, você não acha?

Ele lançou um olhar frustrado para o volume em suas calças.



– Já passou *muito* da hora.

Eu ri.

– Não isso, você sabe o que eu quis dizer.

Bones passou a mão por seu cabelo, dando-me um olhar que dizia que ele ainda estava decidindo se iria me jogar no carpete. Tive de desviar o olhar, temendo que o que ele visse em meus olhos fosse apenas encorajá-lo.

– Certo – ele disse, afinal. – Seu trabalho. Vamos repassar as possibilidades, caso eles recebam mal as notícias. Quero que esteja preparada para escapar se precisar.

– Oh, não se preocupe com isso – retruquei, com um cansado sorriso recolhido. – Tenho uma rota de fuga planejada há anos.

# DEZENOVE

O guarda na entrada não acenou para que eu passasse como usualmente fazia.

– Desculpe, mas... hã, temos que checar seu veículo.

Escondi um sorriso com minha mão. Então, Don estava agitado.

– O que há, Manny? Novas regras?

– Sim, é isso – ele concordou instantaneamente.

Outros três homens armados circularam meu Volvo. Eles exploraram o interior, o chassi e até mesmo o motor. Finalmente, Manny aprumou-se e assentiu.

– Vá em frente.

Fui parada no segundo portão e também no terceiro, o mesmo procedimento repetido. Demorei mais de vinte minutos só para entrar no trecho de seis quilômetros e meio que recortava a volta da construção principal. Eu não tinha sido tão plenamente revistada assim desde meu primeiro ano com Don.

Mal sabia ele que Bones não precisava ser carregado nas minhas costas. Ele tinha ido até lá em sua nova e estilosa motocicleta, e esperava fora de vista próximo à pista de decolagem. Só para garantir.

Uma vez dentro do prédio, os guardas foram menos diligentes. Passei pelos pontos de averiguação com facilidade. Aparentemente, eles estavam apenas preocupados com o fato de eu trazer um visitante indesejável. Quando entrei no escritório de Don, vi que Juan e Tate estavam lá também. Ah, que ótimo, era uma intervenção.

– Olá, rapazes – eu disse a eles.

Juan assentiu com a cabeça, mas Tate nem ao menos olhou para mim. Don levantou-se de sua mesa.

– Cat. Você está vinte minutos atrasada.

– Tive contratempos – não pude resistir. – Os guardas quase tiraram minhas roupas para me revistar no caminho até o complexo.

– Feche a porta, Juan – Don ordenou, friamente.

Com um gesto, ele indicou minha cadeira usual. Sentei-me e prontamente coloquei meus pés em cima de sua nova mesa.

– Bela cor – comentei. – É mais bonita do que a antiga. Qual é a emergência? – *Como se eu não soubesse.*

– Você – Tate disparou.

Don acenou para que ele ficasse em silêncio e deu-lhe um olhar de advertência. Então, ele estava brincando de Papai Urso e Tate e Juan eram o apoio de reforço.

– Cat, acabei de dizer outro dia como era impressionante você nunca ter falhado em sua função aqui. Parece que falei cedo demais. Sabemos sobre o vampiro. O que você tem a dizer por si mesma?

Dei a ele um sorriso gélido. Bones tinha dito para não revelar quem ele realmente era e para mim isso estava bom por ora. Deus sabia que eles já estavam suficientemente aturdidos.

– Está me espionando? Achei que tinha abandonado isso havia muito tempo. Seu filho da mãe xereta, o que você tem a ver com quem namoro contanto que eu faça meu trabalho?

Essa não era a resposta que ele estava esperando. Don obviamente pensou que eu me encolheria sob seu olhar fulminante. Mas se minha mãe não pôde me acovardar, então ele não tinha a mínima chance.

– Você está namorando um vampiro! Acabou de admitir isso! – Tate explodiu.

Eu dei de ombros.

– Você conhece o antigo ditado. É só morrer para ser de matar na cama.

– Cristo – Juan murmurou.

– Esse eu não conhecia – Don disse, friamente. – Você não consegue ver a enormidade do que está admitindo? Está fraternizando com o inimigo da maneira mais comprometedoras possível, colocando em risco as vidas de todos a quem comanda. Essa criatura está sem dúvida usando você para se infiltrar em nossa operação.

Isso me fez bufar rudemente.

– Ele não dá a mínima para sua operação, Don. acredite ou não, ele se importa mais comigo do que com o que acontece aqui.

– Não consigo ver como isso é possível – Don berrou, sua compostura cedendo. – Veja a influência que ele já exerce sobre você, fazendo-a arriscar sua vida por causa de sexo. E pareço me lembrar de que a associação pessoal com vampiros era expressamente proibida em nosso acordo quando você entrou.

Eu não iria corrigir a errônea suposição de Don sobre minha relação e, além disso, já tinha decidido mudar meu *status* de celibatária. Além do mais, Tate claramente não tinha reconhecido Bones, ou essa coisa toda estaria acontecendo de um jeito bem diferente. Bem, quem poderia culpá-lo? Ele só o tinha visto por um décimo de segundo – logo antes de Bones demolir seu carro, beber seu sangue e arremessá-lo pelo ar. E o cabelo dele também estava diferente.

– Sim, bem, muitas coisas mudaram desde então, não mudaram? – observei brandamente. – Tome como exemplo a invenção do Brams. Ou os vampiros presos nas instalações. Oh, e não esqueça os anos adicionais na vida deles.

Virei minha cabeça na direção de Juan e Tate. A expressão de Don confirmou que ele não tinha dito nada a eles. Não havia nada como enevoar a questão para redirecionar o calor.

– Isso não é relevante agora – Don ralhou.

Ergui uma sobrancelha zombeteira.

– Vamos perguntar a eles, não é? Tate, Juan, vocês dois sabiam que se beberem sangue de vampiro, isso acrescenta pelo menos vinte anos a suas vidas naturais? Eu não sabia disso, mas o bom e velho Don aqui sabia. Ele sabia o que aconteceu em Ohio, mas não pensou em contar para vocês. Suponho que ele achou que não estariam interessados.

– *Madre de Dios*, isso é verdade? – Juan exclamou. Tate pareceu um pouco atordoado também, e eu não perdi a chance com ele.

– Não é legal quando alguém sabe quanto tempo você poderia viver e mantém isso para si mesmo, não é? Pelo menos *eu* disse a Don que você deveria ser informado, quando *você* não me deu a mesma cortesia!

– Isso é alguma forma de vingança? – ele perguntou em voz baixa.

A dor nos olhos dele tinha pouco a ver com essa última revelação e tudo a ver com minha anterior confissão. Naquele exato instante, vi uma coisa para a qual estivera cega antes. Deus, Tate estava apaixonado por mim. Estava tão claro que nem mesmo eu pude deixar de notar.

– Não, não tem nada a ver com aquilo. – Nenhum motivo para mentir ali. – Tem a ver com *qualquer* um de vocês e é assim que vai ficar.

– De maneira alguma permitirei que esse comportamento continue – Don afirmou categoricamente. – Muitas vidas estão em risco e eu me importo com isso mesmo que você não.

Fiquei de pé e me avultei sobre ele.

– Dane-se, *chefe*. Eu me importo com cada homem em minha unidade e provei isso vezes sem conta. Você não acredita em mim? Então me despeça.

– Querida, não seja tão precipitada – Juan implorou. Don não tinha se movido. – Estamos preocupados com você. E se esse vampi descobrir o que você é...

– Ele sabe – eu interrompi.

Don praguejou abertamente. Isso me fez piscar. Ele nunca perdia sua calma.

– Como ele sabe disso, Cat? Você disse a ele? Você desenhou um maldito mapa de nossa localização e deu-lhe números também? Espero que ele seja impressionante na cama, porque você acabou de arruinar tudo pelo que trabalhamos!

– Não, eu não disse a ele – conforme eu falava, improvisei. – Eu o conheci anos atrás. Ele sabia o que eu era naquela época e ele deixou Ohio antes de toda aquela porcaria acontecer. Eu não o tinha visto até um mês atrás, quando deparei com ele por aqui. Ele tem apenas cem anos e sou mais forte do que ele, portanto, ele sabe que tem que manter sua boca fechada ou eu o matarei. Aí está.

– Como você pôde fazer isso? – Isso veio de Tate, que me deu um leve olhar de repulsa. – Como pôde transar com um cadáver? Você realmente foi de um extremo ao outro. Primeiro Noah, depois diretamente para a necrofilia!

Aquilo me irritou.

– Será que todos esquecem que sou metade vampiro? Quando falam besteiras sobre os mortos-vivos, estão também falando de mim! É como *skinheads* tentando convencer Halle Berry a marchar em sua parada pró-nazista! Como pude fazer isso? Por que não me diz você, Tate? Ou você, Juan? Vocês dois tentaram transar comigo. Acredito que isso faça de vocês necrófilos também.

Foi um golpe baixo, propositalmente. Eles tinham que parar de enxergar todos os vampiros como maus e Deus sabia que esse era um hábito difícil de quebrar. Afinal de contas, eu havia demorado anos para ser menos tacanha – e estava apaixonada por um.

Don tossiu, não gostando da direção da conversa.

– Ninguém esquece o que você é. Contudo, isso não muda qual é sua missão. Você mata mortos-vivos. Todos vocês matam. Essa é uma importante tarefa com grande responsabilidade. O que impediria seu amante de fazer um favor a sua espécie informando onde mora a esquiva Ceifeira Ruiva? Afinal de contas, se você estiver morta, então dificilmente pode ameaçá-lo.

– Juan, com quantas mulheres diferentes você dormiu nos últimos quatro anos? – perguntei abruptamente.

Ele coçou seu queixo.

– *Yo no sé*, querida, talvez... cerca de uma por semana? – ele respondeu antes de Don dar a ele um olhar de censura.

– Isso não é necessário!

– Eu acho que é – eu disse cortantemente. – Uma por semana, mais ou menos. Isso é mais do que duzentas mulheres diferentes nos últimos quatro anos que ele trabalha aqui. E um comentário à parte: Juan, você é um *galinha*. Mas quantas delas foram cuidadosamente averiguadas para garantir que não eram um Renfield\* ou subordinadas de algum zumbi? Seus filhos da mãe machistas, sou a única censurada por causa de quem eu namoro! Bem, já me cansei desta sessãozinha de castidade. Don, a coisa fica assim: ou você confia em mim ou não. Nunca falhei para com você e não vou sair, a menos que você me obrigue. Ponto final. Agora, a menos que você tenha uma emergência *real*, eu gostaria de voltar a minhas férias. E a meu cadáver, obrigada.

Marchei até a porta, mas Tate não se moveu da frente dela.

– Saia do meu caminho – eu disse em um meio-tom de ameaça.

– Cat – Don levantou-se e pegou meu cotovelo levemente. – Se não temos nada a temer de sua associação com esse vampiro, então você não vai se importar em passar no laboratório para uma amostra de sangue. Você não tem bebido sangue indiscriminadamente, tem?

Funguei em descaso.

– Não é minha bebida favorita, sinto muito. Mas se me checar no laboratório o faz se sentir melhor, tudo bem. Você na frente.

– Serei franco com você – Don disse enquanto andávamos para o segundo nível, Tate e Juan atrás. – Não sei o que vou fazer sobre isso. Tenho a equipe a considerar. Não me sinto confortável em arriscar a vida deles baseando-me somente em sua palavra de que essa criatura não é perigosa.

– É aí que entra a parte da confiança. Além disso, se ele quisesse ferir a equipe, poderia ter feito isso no fim de semana passado no Clube GiGi. Não estrague uma coisa boa por causa de preconceito cego, Don. Ambos sabemos que você precisa de mim.

Ele me analisou enquanto eu entrava no laboratório.

– Quero acreditar que você não pode se voltar contra nós. Mas não sei se consigo.

Mais tarde, após o processamento provar que eu não estava superabastecida com suco de nosferatu, Tate foi comigo até meu carro. Ele não tinha dito uma única palavra desde o escritório de Don e eu também não. Eles estavam me deixando ir, mas eu sabia que nada havia sido acertado. Assim estava bom – eu não tinha nada a esconder agora. Bem, quase nada.

Tate abriu minha porta por hábito de gentileza. Eu deslizei para dentro, mas não a fechei. Os dedos dele estavam batendo em meu teto.

– Aposto que pensou que foi justiça poética eu não saber sobre o quanto mais poderia viver. Eu disse a Don para contar a você sobre sua idade três anos atrás, quando eles tiveram certeza. Ele discordou e ele é o patrão. Às vezes, você tem que simplesmente seguir ordens, mesmo que não queira.

– Às vezes – encarei-o sem piscar. – Não sempre. Não quando isso afeta seus amigos, mas temos opiniões diferentes sobre isso.

– Sim, bem, temos opiniões diferentes sobre um monte de coisas – os olhos de um azul-escuro encontraram-se com os meus. – Você



realmente me pegou lá dentro. Primeiro, casualmente admite ter um namorado vampiro, depois diz a todos que tentei transar com você. O que vem a seguir? Vai puxar um cacete para fora e dizer que na verdade você é homem?

O tom amargo dele não levava humor algum, mas sorri levemente.

– Encurrele-me em um canto e eu saio com garras. Você sabe disso. Eu gostaria que todos vocês tivessem pelo menos um pouco de fé. Eu me importo com minha equipe e com o trabalho que faço. Se não me importasse, por que suportaria essa porcaria?

A boca dele se contorceu.

– Você pode ter enganado Don, Cat, mas não a mim. Eu vi seu rosto esta noite. Você nunca sorri para ninguém da forma como sorriu para aquele vampiro. Por isso, eu não acredito que isso não vá subir à sua cabeça. Já subiu.

# VINTE

Bones apareceu pontualmente às sete na noite seguinte. Tínhamos planos de jantar cedo e, depois, escapar – até a manhã seguinte, de qualquer forma. Assim que deixamos o complexo na noite anterior, Don colocou vigilância em mim vinte e quatro horas. Aquilo era para matar qualquer ânimo. Eles provavelmente tinham microfones apontados para minha casa também, para potencial máximo de espionagem.

Aquilo me irritou absurdamente. Por que Don achava que, se fosse deixada sem supervisão, eu faria reuniões para dar um mapa de seu complexo a cada pessoa sem pulso em um raio de cento e cinquenta quilômetros? Se Don não tivesse um forte cronograma “pelo bem máximo”, eu poderia ter me demitido do emprego naquele exato momento.

Eu estava remoendo aquilo tudo quando abri a porta para deixar Bones entrar... e então parei e arregalei os olhos para ele.

Ele estava de calças pretas sob medida e camisa azul-marinho, sua pele radiando em contraste com a cor escura do tecido. Uma jaqueta de couro preta assentava-se folgadoamente sobre seus ombros e complementava seu conjunto. Foi a jaqueta que prendeu minha atenção. Era longa, chegando-lhe até as panturrilhas.

– Nossa, isso é o que acho que é? – deixei escapar.

Bones sorriu e deu uma voltinha.

– Gosta? Afinal de contas, você ficou com *seu* presente de Natal – ele acenou com a cabeça para o Volvo em minha garagem –,

então, pareceu-me que não havia nada mais justo que eu pegar o meu, especialmente por você ter levado minha outra jaqueta.

A jaqueta que eu tinha comprado para ele para o Natal anos atrás lhe caía perfeitamente. Nunca tive a chance de entregá-la a ele, uma vez que Don tinha saltado sobre mim antes das festas. Bones deve tê-la surrupiado de seu esconderijo embaixo da placa solta do gabinete da cozinha em meu antigo apartamento. Eu tinha dito a ele onde estava um dia antes de abandoná-lo. A visão de Bones voltando para pegá-la quase me fez debulhar em lágrimas.

Algo disso deve ter transparecido em meu rosto, porque a expressão dele se amenizou.

– Perdoe-me, amor – ele disse, puxando-me para seus braços. Eu quase pude ouvir câmeras disparando enquanto os espões de Don davam um *zoom* em nós. – Não achei que isso a deixaria triste.

Coloquei rédeas em minhas emoções.

– Estou bem – eu disse com vivacidade, dando uma leve afagada no couro. – Você fica ótimo com ela. Exatamente como achei que ficaria, exceto por seu cabelo diferente, claro.

Bones meneou a cabeça, fazendo seus cachos cor de mel balançar.

– Esta é a minha cor natural. Não me importei muito em tingi-lo ultimamente e o platinado realçava ainda mais, não acha? Qual você prefere?

Considerarei aquilo.

– Como eu o conheci loiro, simplesmente parece o certo para mim. Mas não se preocupe. Não vou abrir a água oxigenada depois.

Ele riu baixo.

– O que for deixá-la mais excitada.

Os olhos dele passaram por mim quando ele disse isso, fazendo-me sentir quente por todos os lugares que olhou. Eu usava um vestido de noite curto e simples, sem mangas, com decote em V na frente e atrás. Maquiagem leve, sem joias, e *definitivamente* nem

uma gota de perfume. Todos os vampiros que conheci detestavam isso. Com seu olfato, isso seria pesado demais, não importando quão moderadamente aplicado.

– Pronta para ir? – ele perguntou suavemente.

– Ahã. – De alguma forma, não consegui dar uma resposta mais articulada que isso.

Deus, há quase literalmente anos, eu não desejava nada além de passar a noite em seus braços e muito em breve realizaria meu desejo. Então, por que estava tão nervosa de repente? Você poderia pensar que eu, de alguma forma, teria me metamorfoseado em uma adolescente na noite do baile de formatura.

Bones subiu em sua motocicleta, uma chamativa Ducati novinha. Ele sempre gostou de motos, apesar de elas não serem meu tipo favorito de transporte. Mesmo assim, era a escolha óbvia para nossos planos de escapar da perseguição de Don. Um dos motivos é que eu não ficaria surpresa se Don tivesse ordenado rastreadores e escutas em meu carro quando eu o encontrei no dia anterior. Outro era que *ninguém* pegaria um vampiro em uma motocicleta.

Bones deu-me um olhar de divertimento quando coloquei meu capacete e subi na traseira da moto.

– Eu consigo ouvi-los, estão se agitando como ratos agora. Vamos ver quão bem eles conseguem nos acompanhar. Vou pegar leve no começo.

E acelerou a moto, disparando rua abaixo sem ligar para o limite de velocidade. Apertei meus braços em volta de sua cintura. Sim, isso definitivamente me lembrou dos velhos tempos.

O restaurante para onde Bones me levou chamava-se Skylines. Ficava no topo de um prédio de vinte andares com vista para a cidade. O vidro dava às paredes externas uma visão desobstruída e nossa mesa estava bem à janela. As luzes vermelhas e brancas dos carros rastejando-se pela rua abaixo de nós prenderam meu olhar e eu, indolentemente, me perguntei quais continham os homens de

Don. Com todo o barulho do tráfego circundante e os ocupantes do prédio, era difícil dizer. Apesar disso, eles estavam lá fora, eu sabia. Tudo o que eu podia era não acenar para eles de minha posição à janela.

– Mostrando a eles que não tentamos escapar? – comentei, após o garçom pegar nosso pedido de vinho e entrada.

Ele me deu um sorriso.

– Não queria que eles viessem aqui apontando armas e arruinassem nosso jantar. Vamos, você nem ao menos olhou o cardápio.

Corri a vista pelas opções de comida em minha frente, mas fiquei voltando meu olhar para Bones. Não era somente eu que o estava admirando. As feições perfeitamente moldadas de Bones, combinadas com sua graça insinuante, tinham feito todas as cabeças femininas se virarem quando ele entrou. Seu cabelo mais escuro contrastava com a maciez brilhante de sua pele e eu me perguntei como seria sentir seu comprimento mais longo em minhas mãos. O botão de cima de sua camisa estava aberto, dando-me uma leve visão de seu peito, o qual eu sabia ser duro como a mesa à qual sentávamos. Lembrei-me de quão erótico era descer minhas unhas por suas costas e puxá-lo mais para perto. Como seu poder pulsava contra minha pele quando nossas carnes se fundiam. Quão verdes seus olhos ficavam quando ele estava dentro de mim. E como sua habilidade vampírica para controlar para onde o sangue fluia em seu corpo fazia com que ele pudesse fazer amor comigo até eu estar mais do que satisfeita.

Não admira que eu não conseguisse me concentrar no cardápio. Comida? Quem precisava disso? De repente, não estava nem um pouco nervosa sobre mais tarde. Na realidade, queria que mais tarde fosse muito mais cedo.

Bones deve ter percebido isso, porque seus olhos começaram a brilhar com manchas esverdeadas.

– Pare com isso, amor. Assim fica muito difícil eu me comportar.

– Eu não sei o que você quer dizer – eu disse, enquanto cruzava de novo as pernas, deixando-o ouvir o roçar de minha pele uma vez que estava sem meia-calça.

Nosso vinho foi trazido. Dei um gole enquanto mudava de posição na cadeira e casualmente aflagava meu colo. Após anos de prática, uma coisa que eu tinha refinado à perfeição era como deixar um vampiro excitado. Era praticamente meu modo de vida, só que, neste caso, não haveria uma estaca de prata no final. Que animador!

Bones inclinou-se para frente.

– Você sabe como está linda? – Havia uma provocativa ponta em sua voz. – Absolutamente encantadora. Vou passar horas fazendo minha boca se lembrar de cada centímetro de seu corpo e mal posso esperar para ver se seu gosto é tão bom quanto me lembro.

O vinho permaneceu em minha boca por um momento antes de eu o engolir. Essa era a parte que não era normal para mim. Meus alvos anteriores nunca tinham produzido uma reação tão ardente.

– Temos mesmo que ficar para a refeição toda? – Meus olhos travaram-se nos dele e eu toquei sua mão com um dedo. – Vamos apenas levar para viagem, que tal?

Ele abriu a boca para responder – e de repente eu estava rolando por baixo de mesas próximas com ele em cima de mim. Houve um som de vidro estilhaçando-se e gritos estridentes. Mesas foram destroçadas e pessoas foram derrubadas de suas cadeiras enquanto eu me perguntava que diabos havia acontecido e por que minha testa estava queimando.

Devo ter instintivamente fechado meus olhos, pois quando os abri subitamente, gritei. O rosto de Bones estava bem ao lado do meu e um buraco sangrento manchava seu cabelo de vermelho antes de começar a se fechar.

– Você levou um tiro! – eu disse, engasgando. – Alguém tentou matar você!

Demorou um instante para os fatos se registrarem em minha cabeça. Estávamos no chão. Ele tinha rolado para longe de nossa mesa, mas eu ainda conseguia ver onde estávamos antes. Três buracos haviam perfurado o vidro e nenhum deles estava próximo de sua cadeira.

Bones me colocou em pé com suas costas para a janela e a verdade me atingiu antes mesmo de ele responder.

– Não eu, Gatinha. Você.

# VINTE E UM

Não tive tempo para digerir a notícia.

– Segure-se em meu pescoço e não solte – Bones disse a seguir com irada ferocidade. – Vamos pegar o cretino.

Ele passou ambos os braços em volta de mim no mesmo instante em que me agarrei a seu pescoço e, então, saltou para trás diretamente através da parede de vidro a nossas costas. O barulho ensurdecedor do vidro estilhaçando para fora afogou meus gritos diante da repentina queda livre de um prédio de vinte andares. Minhas pernas penderam desamparadamente e meu estômago deu um solavanco para cima com uma nauseante elevação. O vento agulhou meus olhos, que estavam fixos com horror no chão que rapidamente se aproximava. A pressão que eu mantinha em volta do pescoço dele enrijeceu-se como o aperto dos condenados e, em seguida, uma coisa inacreditável aconteceu. Começamos a diminuir a velocidade.

Incrédula, olhei para cima para ver se um paraquedas tinha miraculosamente aparecido, mas não havia nada além das luzes do prédio. Antes mesmo de poder condicionar minha mente àquilo, no entanto, senti um sopro furioso e, depois, não estávamos mais caindo. Estávamos deslizando diagonalmente pelo o ar em direção a uma van preta que tinha acabado de acelerar para dentro do tráfego. Meus gritos morreram em minha garganta, obstruídos por atordoamento.

Carros guincharam, tanto pela direção errática da van quanto pelas pessoas que pisaram nos freios em descrença ao ver uma



forma escura passar como um raio acima deles. A van estava correndo, mas íamos mais rápido. Bones a alcançou em segundos e agarrou o para-choque traseiro, lançando o veículo ao ar sem ao menos me soltar de sua outra mão.

Isso terminou com uma colisão espetacular. Carros que vinham desviaram-se e mais freios chiaram. Bones lançou-se para cima com um único arranque que nos livrou da confusão do tráfego e baixou-me na calçada com uma curta instrução.

– Fique aqui.

Ele correu como um raio em direção à van destruída antes de eu poder sequer gaguejar uma resposta. Houve estalos de tiros mais gritos dos espectadores, e momentos depois ele apareceu com um homem pendurado em seu ombro.

– Vamos.

Bones segurou-me firme mais uma vez e, logo depois, o chão deixou nossos pés. Meus olhos esbugalharam-se. Mãe de Deus, estávamos indo tão *rápido*. Para evitar que meus pés balançassem loucamente como minha mente estava fazendo, enrosquei minhas pernas nas dele e as apertei, quase temerosa de olhar para baixo para ver a que altura estávamos.

Dez minutos depois, Bones baixou-nos no beco de um armazém tão cuidadosamente quanto se tivesse descido de uma calçada. Eu estava arfando de surpresa e olhando fixamente para ele como se nunca o tivesse visto antes.

– Você pode voar? – falei o óbvio entrecortadamente.

Ele relanceou os olhos para mim enquanto chacoalhava o desafortunado assassino como a uma boneca de pano.

– Eu lhe disse que eu era mais forte do que você imaginava.

Continuei a encará-lo. Bones teria parecido indiferente – se acaso não estivesse sacudindo a alma do homem em suas mãos.

– Mas você pode *voar*? – repeti finalmente, pasma.

– Sou um Mestre vampiro. Se um Mestre consegue ficar poderoso o bastante e velho o bastante, esse é um dos privilégios. Há outros, mas podemos chegar a eles mais tarde – Bones disse quando os olhos do homem tremularam ao abrir, focaram-se nele e então se arregalaram. Ele estava acordado agora e parecia estar como eu havia ficado quando Bones nos catapultou através daquela janela. Apavorado ao extremo.

Bones o derrubou no chão e ajoelhou-se diante dele. Um lampejo esmeralda verteu de seus olhos e, após um comando seco, o homem parou de se debater e sentou-se inerte.

– Esta mulher – Bones disse, indicando-me com uma virada de sua cabeça. – Por que você tentou matá-la?

– Negócios – o homem retrucou monotônico, hipnotizado pelas brilhantes órbitas fixas nele. – Fui contratado para isso.

*Outro* assassino de aluguel. Suponho que Bones não tinha se enganado sobre aquele contrato por mim.

– Quem contratou você? – Bones perguntou imediatamente.

– Não sei. O contrato surgiu, instruções em anexo, e o dinheiro era para ser transferido mediante conclusão. Às vezes pego serviços através de referências, mas não dessa vez.

– Gatinha – Bones não interrompeu o contato olho a olho –, escreva isso.

Ele pegou sua carteira. Uma pequenina caneta estava presa a ela. Usei o primeiro pedaço de papel que encontrei, uma nota de dinheiro.

– Nome.

– Ellis Pierson.

Um nome sonoramente normal que combinava com a aparência dele. Pondo-se de lado o nariz sangrando e os hematomas, ele pareceria tão ameaçador quanto o Mickey Mouse. Ellis tinha cabelos pretos bem cortados, uma pança e bochechas redondas como as de um bebê. Contudo, o cretino era obviamente bom com um rifle e

uma mira. Eu estaria sentindo falta de vários pedaços favoritos de meu cérebro agora se não fosse por Bones ter me tirado do caminho. Como ele soubera dos tiros ainda estava além de mim.

– Pseudônimos, todos eles.

Havia vários. Eu iria precisar de mais dinheiro.

Uma após a outra, Bones fez perguntas sobre o contrato por mim e ele sabia melhor do que ninguém quais perguntas fazer. *Ossos do ofício*, pensei sardonicamente enquanto escrevia. *É preciso um assassino para interrogar outro.*

Meu maxilar travou-se quando Ellis descreveu com uma voz oca como havia recebido instruções muito especiais em relação a meu assassinato. Deviam ser tiros somente na cabeça, um mínimo de três balas, e a uma distância não inferior a noventa metros. Sem bombas no carro, veneno, confrontação física ou qualquer contato próximo a meu carro ou residência. Ellis não sabia o que eu era, mas quem quer que o tenha contratado devia ter uma ideia muito boa. Essas estipulações eram específicas demais para serem coincidência.

Ao final, eu tinha escrito em mais de uma dúzia de notas diferentes e minha mão estava com câimbras por causa da caneta minúscula. Considerando a alternativa, contudo, eu não ia reclamar. Finalmente, Bones sentou-se sobre suas ancas e perguntou se havia algo mais que Ellis não havia mencionado.

– O cliente estava ansioso no último e-mail e modificou o prazo-limite. Disse que as circunstâncias requeriam resultados imediatos. Meu preço seria aumentado em vinte por cento se o serviço fosse feito esta noite. Eu a segui de sua casa até o restaurante. Mais fácil escapar com a confusão ali.

*Desgraçado.* Alguém com pressa me queria morta e, fosse quem fosse, também sabia onde eu morava. Uma sensação doentia espalhou-se por mim, pois havia apenas um seletor número de pessoas que sabia disso.

Eu não achava que iríamos entregá-lo à polícia, mas a rapidez com que Bones puxou Ellis para si e travou sua boca em seu pescoço ainda assim me deixou pasma. Essa não era a primeira vez que eu presenciava uma morte por presas, mas foi a primeira vez que não fiz nada, apenas assisti. O coração de Ellis primeiramente bateu mais rápido, depois desacelerou e, por fim, parou.

– Isso dói? – friamente quis saber quando Bones o liberou, deixando-o cair ao chão.

Ele limpou os lábios com as costas de sua mão.

– Nem perto do que ele merecia, mas não temos tempo para isso.

Com um toque agora suave o bastante para acariciar um bebê, ele traçou seus dedos pelo arranhado em minha têmpora. Eu sabia o que era. O raspão de uma bala.

– Tão perto de perder você – ele sussurrou. – Eu não teria conseguido suportar isso, Gatinha.

Ele me puxou para ele, com força, e uma reação tardia à minha experiência de quase morte me avassalou. Houve pessoas que tentaram me matar antes, claro. Vezes sem conta, mas um tiro a longa distância parecia tão... vil. Eu tremi.

– Frio? Quer minha jaqueta? – Ele começou a tirar sua jaqueta de couro, quando eu o detive.

– Você está quente. Nunca o tinha sentido assim quente.

O motivo de sua nova temperatura estava a três metros de nós, mas não me importei. Eu o abracei e desfrutei seu calor incomum. Então, puxei seu colarinho, fazendo saltar um botão, só para poder sentir sua pele aquecida de encontro com minha bochecha.

– Não faça isso, amor – Bones disse com uma voz tensa. – Está muito difícil me controlar.

Mas eu não queria o controle dele naquele instante. Nem o meu. Lá no restaurante, estive a nanossegundos de ser explodida para o

além, mas aqui estava eu. Viva, sem ferimentos e sem desejar perder outro momento.

Beijeí sua clavícula, sacrificando outro botão para acessá-la. As mãos de Bones apertaram-se em minhas costas. As ondas de poder liberado que emanavam dele deixaram-me excitada. Sob minha boca, a pele dele parecia agitar-se com toda aquela voltagem implorando para ser liberada. Minha língua veio para fora, deslizando sobre o peito dele e seguindo pelos sulcos firmes – até que Bones puxou minha cabeça para cima e pressionou sua boca contra a minha.

Havia um gosto metálico em sua boca, mas isso não me repeliu. Ao invés disso, beijeí-o como se quisesse devorá-lo, sugando sua língua enquanto rasgava sua camisa. Bones me ergueu e andou rapidamente até a ponta do estacionamento, onde estava mais escuro. Algo duro e irregular tocou minhas costas, mas não me virei para ver o que era. Estava ocupada demais correndo minhas mãos pela carne morna que sua camisa rasgada havia revelado.

Houve um puxão em meu vestido e a frente rasgou. Os lábios de Bones deixaram uma trilha quente de meu pescoço até meu seio, suas presas arranhando deliciosamente minha pele. Um gemido estrangulado partiu de mim quando ele empurrou meu sutiã para baixo e sugou com força meu mamilo. Pulsações de desejo, tão agudas que eram quase dolorosas, queimaram dentro de mim.

Movi minha mão por entre nossos corpos apertadamente moldados com o único propósito de destruir suas calças. Então, todos os pensamentos sumiram quando os dedos dele deslizaram por sob minha calcinha e entraram em mim. Reclinei-me para trás com força suficiente para bater minha cabeça no que quer que estivesse me apoiando; gritos rasgados de necessidade vertiam de mim. Minha virilha contorcia-se de prazer a cada nova fricção, a intensidade dentro de mim crescendo – até que a mão dele sumiu, deixando-me úmida e ansiosa.

– Não posso esperar – Bones sussurrou impetuosamente.

Se falar ainda estivesse em meu controle, eu teria concordado imediatamente. Mas todas as minhas habilidades vocais estavam acomodadas nos arroubos de sensações inacreditáveis que os dedos dele causaram. Bones mexeu-se, ouvi outro rasgão e, então, ele entrou profundamente dentro de mim. Sua boca exigiu a minha no mesmo instante, abafando meu grito de êxtase por sua carne dura a me preencher. Em seguida, houve a mais doce ponta de dor quando ele começou a se mover ritmicamente, quase rudemente, dentro de mim.

Minha mente foi presa de uma única confusão desconexa: *mais forte-mais rápido-mais-sim!* Era só o que eu conseguia pensar enquanto fincava os dedos em suas costas, desesperada para ficar mais perto de alguma forma. O braço de Bones estava sob meus quadris, segurando-me mais apertadamente mesmo quando a solidez em minhas costas balançou com nossos movimentos. Entre seu beijo, meu aperto e aquele apoio desconhecido, eu mal conseguia respirar, mas não me incomodei. Tudo o que importava era a paixão cada vez maior que fazia meus nervos se contraírem e se torcerem em frenesi.

– Não pare, não pare! – gritei, mas isso apenas saiu como um berro abafado contra sua boca.

Entretanto, Bones deve ter traduzido, pois intensificou sua velocidade até eu não ter nem mesmo certeza se estava ainda consciente. Espasmos começaram a estremecer de dentro para fora de mim, conforme meu corpo convulsionava com uma sobrecarga de prazer. Ouvi Bones gemer, quase inaudível sobre meu coração disparado, e momentos depois senti a umidade de sua descarga dentro de mim.

Demorou alguns minutos antes de eu conseguir falar.

– Alguma coisa está me espetando... nas costas.

Eu ainda estava arfando. Bones não estava, claro, toda aquela coisa de não precisar respirar. Ele me puxou dali e bateu os olhos no objeto agressor.

– Um galho.

Afinal, olhei para trás. Sim, havia uma árvore. Com um galho bem amassado na frente.

Minhas pernas deslizaram pela cintura dele até que eu estava novamente em pé. Dei uma olhada em meu vestido. Arruinado. Suponho que eu não poderia reclamar, não diante de como a camisa de Bones estava em frangalhos. Então, tardiamente, olhei em volta do estacionamento para ver se tínhamos dado um show para alguém. Ninguém pasmo por perto, obrigada, Senhor. Uma coisa boa essa loja estar fechada e Bones ter escolhido uma árvore em uma área não iluminada.

– Isso tirou o fardo de anos de privação – murmurei, ainda deleitando-me com formigamentos residuais.

Bones estava beijando meu pescoço. Diante de minhas palavras, parou.

– Anos? – ele perguntou, serenamente.

Senti uma vergonha inexplicável de repente. Sim, com o que tinha acabado de acontecer, timidez não faria sentido, mas era verdade. Uma coisa era me arriscar a ser pega com minhas calças arriadas – literalmente – em público durante o calor do momento. Outra bem diferente era ser pega com meu anterior celibato ao sabor da brisa.

Ainda assim, era tarde demais para consertar. Inspirei profundamente.

– Sim. Noah foi o primeiro cara que namorei desde você, e nós não... bem. Não fizemos. Bom, você entendeu.

Bones deslizou suas mãos em meus braços em um carinho lento.

– Não teria importado se tivesse havido outros homens depois de mim, Gatinha. Oh, eu teria me ressentido, não se engane, mas, no

fim, não teria importado. Apesar disso, você irá me perdoar por confessar que estou muito, muito feliz por não ter havido.

Ele me beijou, longa e explorativamente. Então, afastou-se com um som de resignação.

– Temos que sair daqui, amor. Logo alguém vai nos achar.

Sim e, com um cadáver do outro lado do estacionamento, se fosse um policial, seríamos acusados de muito mais do que exposição indecente.

– Bones – parei. Certo, eu não tinha o direito de perguntar, uma vez que o havia abandonado e dado instruções por escrito para que ele seguisse com sua vida. Mas não consegui me conter. – Vou dizer a mesma coisa, não importa, mas... e você? Prefiro saber a imaginar.

Ele olhou meus olhos com franqueza.

– Uma vez. Chegou perto o bastante para contar. Não vou dar uma de Clinton e chamar isso de algum nome diferente. Depois de Chicago, quando deixei aquele relógio e você não veio para mim, fiquei meio fora de estação. Achei que talvez você tivesse verdadeiramente me esquecido, ou não se importasse. À mesma época, uma antiga amante minha estava na cidade. Ela me convidou a seu quarto e eu fui.

Ele parou aí, mas eu não podia deixar por isso. Era típico de minha parte.

– E aí?

Apesar de o olhar dele não vacilar, sua expressão se contraiu.

– Ela e eu estávamos na cama, eu a tinha saboreado e, então, parei antes de ir adiante. Estava imaginando que ela era você e não conseguia fingir mais. Portanto, me desculpei e fui embora.

Saboreou-a. Eu sabia que ele não estava se referindo a se alimentar. Um ciúme escaldante me preencheu e fechei meus olhos à imagem mental de sua boca *daquela* jeito em outra mulher.

– Não importa – consegui dizer e falei a sério. Mas, Deus, mesmo assim doía.



– Desculpe – ele disse. Pude ouvir o remorso manchando sua voz. – Eu nunca deveria ter deixado ir tão longe. Estava bravo, solitário e sentindo-me no direito. Não é uma combinação nobre.

Abri meus olhos. A lua destacava-se contra o céu da noite e seus raios pareciam fazer a pele de Bones brilhar.

– Não importa – eu disse novamente, com mais firmeza dessa vez. – E, para constar, eu não soube sobre o relógio até depois do fato. Não estou dizendo que teria fugido com você se o tivesse encontrado mais cedo, mas... eu teria apertado aquele botão. Não teria conseguido me conter.

Ele sorriu. Ver isso amenizou um pouco a dor de sua confissão anterior.

– Também nunca fui capaz de me conter quando se refere a você, Gatinha. Mas precisamos realmente ir agora.

Limpei minha garganta.

– Hã, a pé?

– Não – ele riu ao subir as calças. – Da forma mais rápida.

– Ainda não consigo acreditar que você não me disse que podia voar – reclamei. – Consigo pensar em algumas ocasiões em Ohio quando isso teria me economizado o dinheiro da gasolina!

– Não contei na época por medo de mostrar a você, mais ainda, que eu não era um homem normal.

Considerando-se meus muitos preconceitos à época, era difícil culpá-lo por tal precaução.

– Você também consegue saltar sobre prédios altos com apenas um pulo? – perguntei, após uma pausa.

Ele envolveu seus braços em mim, o ar de sua risada bateu em meu pescoço.

– Tentaremos isso amanhã à noite.

Apontei com a cabeça para o homem morto do outro lado do estacionamento.

– O que vamos fazer com ele?

– Deixá-lo. Tenho certeza de que seu pessoal chegará logo, então, ele é problema deles. Vamos voltar para minha casa para descobrir quem contratou o finado Ellis Pierson.

Seus braços se comprimiram e houve uma expulsão de ar quando ele saltou para cima, como se seus pés tivessem foguetes invisíveis. Dessa vez não apertei os olhos, mas coleime a ele conforme a distância entre nós e as ruas abaixo aumentava.

– Você não dá trombadas, dá? – consegui perguntar com falta de ar.

Ele riu, o som levado pelo vento.

– Não ultimamente.

# VINTE E DOIS

Bones tinha deixado seu laptop e outras possíveis informações incriminadoras na casa que estava alugando, para a qual fomos. Por outro golpe de sorte, seu celular estava guardado dentro do casaco de couro que ele ainda vestia. Não voltaríamos mais para minha casa por razões óbvias. Pela pressa da misteriosa fonte por detrás do atentado contra minha vida, poderia haver outro assassino esperando por mim. Eu teria que mandar outra pessoa para alimentar meu gato no dia seguinte.

Assim que estávamos seguros dentro da casa e pude me concentrar em algo mais do que “Caramba, muito alto, muito rápido!”, minha mente rodopiou em possibilidades.

– Você acha que Ian teve algo a ver com o assassino?

– De forma alguma – Bones disse sem hesitar. – Ian a quer viva para que ele possa acrescentar você à sua coleção. Seria um pouco difícil fazer isso se sua cabeça estivesse em pedaços.

Lembrei-me daqueles três buracos na janela.

– Como você percebeu que tinha que me tirar do caminho?

– Ouvi os disparos dos tiros. Ele não usou silenciador.

Minha cabeça estava a pouco mais de um metro da janela na hora. Nossa, ele tinha se movido *rápido*.

Ele leu meu olhar.

– Não rápido o bastante. Uma das balas atingiu sua pele. Isso é devagar demais para mim.

Dei uma risada sem humor.

– Isso é mais rápido do que eu jamais pensei ser possível. E o truque de voar também me impressionou. Mesmo assim, não podemos nunca voltar *àquele* restaurante novamente. Você destruiu o lugar e nem chegamos a pagar por nosso vinho.

– Ambos sabemos o que deve ser, Gatinha – Bones disse, ignorando isso. – Obviamente, Don decidiu não confiar em você.

Analisei isso e, então, meneei a cabeça.

– Não é Don. Não faz sentido. Ellis disse que tinha recebido o contrato uma semana atrás. Isso significa que o assassinato foi planejado *antes* de qualquer um saber que você entrou em minha vida. Don não tinha razão para me querer morta, então. Eu estava jogando pelas regras dele.

Bones levantou-se e começou a andar de um lado para outro.

– Você tem razão. Ainda estou tão agitado por quase ter seus miolos sobre mim que não estou pensando com clareza. Certo, então, Don parece limpo. *Talvez*. Mas isso significa que há um traidor em seu complexo. Esse não é apenas um contrato à revelia de algum sujeito morto-vivo que quer a misteriosa Ceifeira Ruiva eliminada. *Esse* é de alguém com conhecimento de quem você é, o que é e seus movimentos. Quantas pessoas correspondem a isso?

Reflexivamente, esfreguei o ferimento próximo à linha de meu cabelo.

– Minha unidade inteira, os cientistas de Don, alguns dos guardas... cerca de cem pessoas.

Ele franziu o cenho.

– É um grande número de suspeitos e isso significa que não vai demorar para Ian encontrar você também. Vou ter que fazer uma visita em seu trabalho. Farejar o Judas em potencial, um por um.

– Bones – marchei até ele –, você não está entendendo. Aquele lugar é fortemente armado e pesadamente guardado. Eu sei, ajudei a projetar a segurança! Só há duas formas de um vampiro entrar no complexo sem um massivo banho de sangue. Uma é ressequido.

Eles estocam esses vampiros em gelo para estudos. A outra é quase tão desagradável quanto – espetado com prata próximo ao coração e transportado dentro de nossa cápsula. Mantemos esses vampiros vivos por causa de seu sangue para a produção de Brams. É isso. Fim da história.

Ao invés de ser desencorajado, ele bateu seu dedo no queixo e em seguida pegou seu celular e discou.

– Sim, obrigado, eu espero... Certo, uma pizza grande, porção extra de queijo, pepperoni, champignon. Dois litros de Coca também. Ahã, dinheiro. Quarenta minutos. Este é o endereço...

Quando ele desligou, pisquei para ele, confusa.

– Isso é um código para alguma coisa?

Ele riu.

– Sim, é um código. Para uma pizza grande e refrigerante. Você não chegou a comer nada e não podemos deixá-la passar fome por minha causa. Não se preocupe, é tudo para você. Como você sabe, estou satisfeito. Agora, fale-me sobre essa cápsula.

– Essa é a pior ideia que você já teve.

Meu maxilar doía por causa de meus dentes travados. Eu estava praticamente rouca de discutir, mas Bones estava imperturbável.

– Esta é a única maneira de eu poder chegar à distância de faro de qualquer um que esteja tentando acabar com você. Se for um lacaio de um vampiro ou zumbi, sentirei o cheiro nele. Ou ele vai tentar fugir ou feder a medo. De uma forma ou de outra, iremos saber.

– Ou você vai ficar embalado em gelo ao lado de Switch.

– Isso não vai acontecer, amorzinho. Faça a ligação.

Bones me deu seu celular pela quinta vez. Com um olhar seco, eu por fim o peguei e disquei. Isso não vai dar em nada.

– Don, sou eu – eu disse quando ele atendeu.

– Cat, você está ferida? – Para o crédito dele, ele soou genuinamente preocupado.

– Não, mas alguém está tentando mudar isso. Escute, estou indo aí. Vejo você em uma hora. Não deixe ninguém, *ninguém* mesmo, sair até eu chegar aí. Convoque quem quer que esteja fora. Temos um informante.

– Claro, venha imediatamente. Discutiremos isso quando você chegar aqui. Mas ninguém aqui poderia estar envolvido...

– Você quer que eu vá aí ou não? Esses são meus termos e sou bem inflexível quanto a eles, uma vez que minha cabeça quase rompeu a amizade com meus ombros na noite passada.

Ele deu uma pausa e suspirou.

– Se é isso que a faz sentir-se segura. Onde está seu, hã, companheiro?

– Ele saiu, não sei para onde. No momento estou mais preocupada com meu próprio traseiro.

– Apresse-se. Vou chamar as equipes, mas se você não chegar em uma hora, vou liberá-las de novo.

Desliguei e quase atirei o telefone em Bones.

– Feliz agora?

Ele pressionou seus lábios na casca em minha têmpora.

– Ainda não, mas vou ficar. Vá direto para lá, não pare por nada.

Comecei a sair, mas então parei.

– Bones, antes de fazermos isso, preciso lhe dizer uma coisa. Você sabe que ainda me importo com você, obviamente, mas é mais do que isso. Eu... Eu ainda amo você. Nunca deixei de amar, na verdade, apesar de ter tentado sair fora disso durante esses anos. Não espero que você se sinta do mesmo jeito, mas...

– Nunca deixei de amá-la – ele me cortou, vindo até mim para me tomar nos braços. – Nem por um instante. Mesmo quando estava muito irritado por você ter me deixado, sempre amei você, Gatinha.

Ele me beijou, um beijo lento e profundo, como se tivéssemos todo o tempo do mundo. Eu queria que tivéssemos, mas, naquele momento, eu temia que talvez nunca mais fosse vê-lo.

Com um suspiro entrecortado, empurrei-o para trás.

– Vou dar outro beijo em você mais tarde. Neste instante, estou apavorada demais com o que você está fazendo.

Bones sorriu, imperturbável, e delineou meu lábio inferior com seu dedo.

– Vou aguardar ansiosamente. Há mais uma coisa, e você tem que jurar fazer exatamente o que eu disser. Pegue isso – ele colocou um envelope selado em minha mão. – Esconda isso em suas roupas e não o abra até eu dizer a você. Esta é a informação que andei esperando e preciso estar lá quando você a vir. Jure para mim que vai esperar.

– Pare de ser melodramático – enfiei o envelope na frente de minha camisa, acomodando-o em meu sutiã. – Palavra de escoteiro, certo?

– Amo você – era difícil ficar irritada com ele assim.

Isso me deteve à porta, minha mão na maçaneta.

– Não morra. Não importa o que aconteça.

Pela expressão em meus olhos, ele sabia o que eu queria dizer.

– Não deve chegar a isso, mas, se chegar, tentarei não matar nenhum deles.

– Certo – meu tom foi frágil. – Não sei se eles mostrarão a mesma cortesia.

Dessa vez, quando dirigi até os portões da guarda em uma motocicleta e tirei meu capacete, deixaram-me passar rapidamente, sem hesitação. Afinal de contas, eu não poderia exatamente esconder um vampiro no guidão, poderia? Fui direto à entrada, literalmente deixando a moto à porta, e era esperada por Tate e Juan. Os dois estavam com aparência horrível.

– Cristo, querida, pensamos o pior – Juan exclamou.

Tate foi menos expressivo, mas olhou fixamente o arranhão em minha testa como se fascinado.

– Jesus. Isso é da bala?

– Com certeza – eu disse, levemente. – Vocês foram meus espiões na noite passada? Ou pegaram o relatório em segunda mão?

Nós nos dirigimos ao escritório de Don. Para meu alívio, vi as portas do prédio serem lacradas prontamente atrás de mim. Isso era bom, Don estava mantendo todos dentro.

Tate ainda parecia perturbado.

– Na realidade, assisti no vídeo. Você estava sendo filmada. Don está com as gravações.

– Pelo menos vou ver como estava meu vestido, apesar de ele estar arruinado agora.

– Você estava linda, querida – acredite que Juan nunca perde uma oportunidade, não importam as circunstâncias. – Livre-se daquele homem pálido e sem pulso e eu tomarei conta de você.

– Aquele homem pálido e sem pulso salvou minha vida, Juan – lembrei-o friamente. – Eu não ficaria linda com três buracos encravados em minha cabeça, ficaria?

Don ficou em pé quando entramos, uma raridade. Ele me encarou por um momento e algo lampejou por seu rosto que eu não pude definir.

– Deixe-me ver – comecei sem amenidades.

Ele sabia ao que eu me referia e apertou um botão que ligou a tela de plasma enquanto Tate fechava a porta.

Quem quer que estivesse filmando teve melhor ângulo de visão do que meu quase assassino. Aquilo parecia ser de um prédio vizinho, uma vez que o declive era menos abrupto. Desapaixonadamente, assisti à filmagem sem som de Bones e eu em nossas cadeiras, o garçom nos trazendo o vinho, ele inclinando-se para frente e eu acariciando sua mão. A cena seguinte era um



borrão de movimento volátil que desafiava rastreamento a olho nu. Houve a inacreditável visão da janela explodindo para fora e uma forma vestida de negro em queda livre antes de o *zoom* ir para o acidente com a vã abaixo.

O câmara aparentemente tinha parado de filmar e começado a se mover, porque a cena seguinte era muito mais mundana. Mostrava o cadáver de Ellis Pierson e um *close* nos ferimentos perfurantes na garganta. Bones não tinha se incomodado em fechá-los. Ele sabia que minha equipe iria colher a evidência.

Don desligou o filme e concedeu-me um olhar de velada expectativa.

– Suponho que aquele era o atirador contratado?

– Sim. Meu namorado não ficou feliz com o jantar interrompido.

– Oh, seu namorado jantou, claro – Tate murmurou sarcasticamente.

– Sabe, Tate, não posso dizer que me importei muito na hora. Afinal de contas, eu tinha acabado de ouvir uma descrição detalhada de como ele foi pago para estourar minha cabeça.

– Cat – Don pousou as mãos em sua mesa ao sentar-se. – Você precisa nos falar sobre o vampiro com quem está. Você começa a namorar um morto-vivo e, de repente, é alvo de assassinato? De alguém que sabia exatamente onde você estaria? É coincidência demais.

– Você esqueceu o que acabou de ver? – meu tom de voz repleto de exasperação. – Aquele vampiro levou uma maldita bala na cabeça por mim! Explique-me como isso pode ser hostil!

– Estudei essa gravação quadro a quadro, Cat – Tate respondeu sem rodeios. – Ele se moveu mais rápido do que a velocidade de um tiro, literalmente, e então pulou de um prédio e *voou!* Portanto, ele não apenas deve ser um Mestre vampiro, mas também deve ser o Mestre vampiro mais absurdamente poderoso que já encontramos.

Uma boa coisa Tate não ter reconhecido Bones de Ohio, apesar de ter estudado a gravação da noite passada. Talvez fosse como dizia o preconceituoso ditado, exceto por Tate, que todos os vampiros eram iguais. Mesmo assim, aquela era uma questão para depois. Deixe-os pensar que Bones era apenas algum vampiro novo que eu tinha conhecido. Mais tarde eles saberiam da verdade, mas, por ora, servia ao plano mantê-los na ignorância sobre quem ele era.

– Não sou uma idiota, Tate. Percebi a mesma coisa depois que ele terminou com o assassino, mas, como eu disse, *e/e* obviamente não me quer morta. Embora ele ache que alguém próximo a mim quer, só que por um ângulo diferente. Ele acha que é alguém daqui e que Don é a chave.

– O quê?

– Hã?

– *Quê?*

Eles falaram de uma só vez e eu acenei com a mão.

– Ele não me falou muito, mas disse que tinha que confirmar isso. Estou com o celular dele, ele ligará quando tiver terminado. Mas ele mencionou um nome e disse que essa pessoa estava relacionada. Talvez você o reconheça, Don, porque para mim não significa nada.

Nessa parte, Bones tinha sido muito específico. Não pisquei quando meus olhos encontraram os do homem mais velho.

– Maximillian. Já ouviu falar dele?

Algo que eu nunca tinha visto aconteceu ao rosto de Don. Ele ficou branco e quase pareceu que iria desmaiar. Desgraçado. Para Don parecer tão afetado, ele reconheceu o nome, claro.

– Por que parece que alguém acabou de andar sobre sua sepultura, chefe? – eu disse de forma suave.

Tate e Juan também lançaram olhares em sua direção, mas seus rostos estavam inexpressivos. Talvez Don fosse o único a par do segredo.

Don abriu sua boca para falar, mas foi salvo quando seu celular tocou. Ele deu uma olhada no número, atendeu e então me deu um olhar velado e cobriu o fone.

– Eu, hã, tenho que sair para o corredor, onde o sinal é melhor.

– Alguma coisa errada? – perguntei de imediato.

– Não, não – ele me garantiu enquanto se afastava. – Dê-me um momento.

Don deixou o escritório e, pelos sons, o subnível inteiro também, porque não pude ouvir nada mais vindo dele.

Tate usou a interrupção para vir para cima de mim.

– Cat, você precisa nos dizer quem é esse vampiro com quem está se relacionando e o que mais sabe sobre ele, porque ele sabe muito mais do que está mostrando.

Irritei-me por ser tratada como uma estagiária.

– O nome dele é Crispin, ele tem morado na Virgínia e cercanias nos últimos dez anos, e consegue aguentar a noite inteira na cama.

– *Aí está. Pegue e lide com isso.*

Tate me disparou um olhar raivoso.

– Quem bom para ele, mas isso ainda não nos diz nada de útil.

Dei de ombros.

– O problema maior não é quem é esse Maximillian ou por que está ligado a este lugar? Você conhece o nome?

– Não – sua negação foi imediata. Pela expressão dele, não achei que estivesse mentindo, mas não poria minha mão no fogo.

Então, o celular de Tate tocou. Ele o olhou e franziu o cenho.

– Sim... *O quê?* Certo, estou a caminho. – Tate desligou e se levantou. – Tenho que ir, Don precisa de mim. Juan, ele quer que você espere aqui com Cat. E diz que nenhum de vocês deve deixar esta sala até ele voltar.

Tate saiu. Ficamos apenas Juan e eu.

– Entre o ciúme de Tate e a paranoia de Don, eles provavelmente estão em uma conversa a três com minha mãe para discutir minha

falta de cérebro – eu disse, amargamente. – Depois de mais de quatro anos e de todas as vezes que arrisquei minha vida, é isso que eu recebo. Ficar de molho com você sendo minha babá. Que piada.

Juan não disse nada, mas seu silêncio disse tudo.

– Juan – virei-me para encará-lo. – Você é o único que não está operando com juízo embaçado. Há coisas muito mais importantes em uma pessoa do que sua temperatura. Você já viu o suficiente para saber disso. Não os deixe estragar tudo por causa de preconceito. Apenas analise todos os fatos antes de se apressar em condenar alguém, é só o que eu peço.

– Eu devo a você, querida. Você salvou minha vida muitas vezes – o tom folgazão de Juan partira e ele estava igualmente sombrio. – Vou dar a você o benefício da dúvida, mas seu amante... Eu não devo nada a ele.

Eu peguei sua mão e a apertei.

– Então, faça isso por mim. *Por favor.* Por mim.

A porta se abriu quando Don e Tate retornaram. Don foi o primeiro a falar.

– Cat, estou enviando alguns homens para escoltar sua mãe até aqui, onde ela ficará segura até termos determinado quem está por trás da ameaça a sua vida. É só por precaução. Tenho que fazer algumas ligações e alguns outros funcionários para agrupar, então você pode esperar em seu escritório. O complexo ficará lacrado quando eles partirem, como você requisitou. Conversaremos quando eles voltarem.

Meu estômago contorceu-se em ansiedade, mas reprimi isso. Bones tinha dito para eu confiar nele. Dessa vez, eu simplesmente faria isso.

– Tudo bem. Vá em frente. Vá pegar minha mãe.

Tate pegou o braço de Juan e quase o lançou porta fora.

– Estamos a caminho.

# VINTE E TRÊS

O tempo se arrastava. Já tinham se passado bem mais de três horas quando eu ouvi barulhos no canto mais distante do complexo. Diversos homens de minha equipe estavam lá, falando alto, vozes excitadas. Aquele era o único caminho de entrada do exterior para o quarto subnível, onde alojávamos os vampiros. Forcei meus ouvidos, e então ouvi as inconfundíveis campainhas de alarme para o elevador reforçado que era somente usado para transportar a cápsula para dentro.

Precipitei-me diretamente ao escritório de Don. Ele estava ao telefone e, com um ar de confiança suprema, baixou-o ao gancho.

– Eles estão voltando e estão com a cápsula. Que diabos está acontecendo, Don?

– Sente-se – ele inclinou a cabeça em direção à cadeira e sentei com um bufar. – Temo ter notícias perturbadoras, Cat. Não disse antes porque não podia arriscar que você se colocasse em risco ao sair. Sua mãe me ligou mais cedo, pois estava com medo. Aparentemente, seu novo namorado vampiro telefonou para ela para dizer que estava indo até lá. Assim que ele chegou, atacou-a. Ela está bem, teve somente alguns cortes e hematomas. Depois que chegamos, ele, hã, rendeu-se e foi trazido para cá. Ele já insinuou que sabe quem está atrás de você e que está trabalhando nisso. Os homens o estão guardando agora e irão questioná-lo em detalhes.

– Quero vê-lo – eu disse imediatamente.

Don negou com a cabeça.

– Sem chances. Você está envolvida demais emocionalmente e isso está embaçando sua objetividade. Cerca de uma hora atrás, seu acesso aos níveis inferiores foi restrito. Você não vai ter contato algum com nenhum dos vampiros. Sinto muito, mas suas ações determinaram minha reação. Não seja dura demais consigo mesma. Muitos outros também foram vítimas da influência deles. Que isso sirva de lição para você; eu a manterei informada.

Ele estava me dispensando. Bati os pés no chão, irritadíssima.

– Muito bem, se você quer ser irredutível quanto a isso, então me deixe falar com Tate antes de ele interrogá-lo. Pelo menos isso você pode fazer. Traga Tate para cima se você está com tanto medo que eu cause uma cena lá embaixo. Ele pode me encontrar em meu escritório.

Don me olhou com uma irritação levemente velada, mas pegou seu telefone e fez a ligação.

– Ele vai estar aqui em quinze minutos.

Bati a porta atrás de mim.

Se Tate esperava que eu estivesse trêmula em meu sofá quando abri minha porta, ficou desapontado. Eu estava sentada friamente atrás de minha mesa e indiquei a porta com a mão.

– Feche-a.

Tate fechou-a e então cruzou os braços sobre seu peito.

– Vim porque você pediu, mas pode poupar seu fôlego, Cat. Nada do que diga vai mudar coisa alguma. Nós o pegamos com a mão na massa com sua mãe. Ela tem sorte de estar viva, se você conseguir enxergar algo além de sua preocupação com seu amante e chegar a se importar com isso.

Ele parecia levemente desgostoso comigo, apesar de seu batimento cardíaco ter se acelerado quando fiquei de pé perto dele.

– Ah, eu me importo mais do que você imagina, Tate. Não apenas com ele, mas com você também. Por isso vou fazer um

pedido primeiro e esperar que você faça a coisa certa. Leve Juan com você e deixe-o sair. Depois, vamos trancar o prédio no módulo de emergência e descobrir quem é nosso espião. Podemos fazer isso de duas maneiras, mas *será* feito.

As narinas dele se inflaram e ele balançou a cabeça.

– Você está fora de si, Cat. Simplesmente perdeu a noção por completo! Deus, nenhuma transa vale tanto a ponto de jogar sua vida fora por...

– Eu o amo – interrompi.

Ele praguejou violentamente antes de terminar com:

– Agora *sei* que você está louca! Você somente o viu algumas vezes e acha que está amando? Isso é completamente insano!

Ele agarrou meus ombros e me deu um forte chacoalhão. Eu apenas fechei minhas mãos sobre as dele.

– Tate, uma vez você me acusou de não confiar em ninguém. Você tinha razão, eu não confio. Vou confiar em você agora, apesar disso, e espero que você confie em mim. Quando você o viu hoje, quando olhou em seus olhos e *realmente* o viu... ele não pareceu familiar?

– Claro que sim. Assisti sem parar áquele maldito vídeo por horas! E fui eu que o vi do lado de fora de sua casa na outra noite.

Eu apertei minhas mãos.

– Não na noite passada ou no vídeo. Mais para trás. Para falar a verdade, você apenas o viu por um segundo, mas foi memorável. Afinal de contas, você atirou nele. Logo antes de o carro colidir contra ele.

– Isso é...

Tate parou. Um crescente olhar de reconhecimento surgiu em sua fisionomia. Ele me olhou fixamente com olhos cada vez mais escancarados e, em seguida, sua boca comprimiu-se em uma linha fina e dura.

– *Ora* – a palavra foi suave. – Não é que você nos tapeou a todos, Catherine Crawford?

Eu inspirei profundamente.

– Ele é o Bones, o vampiro que eu disse a você que amava e matei em Ohio, mas eu não o matei. Eu o deixei e entreguei outro corpo como sendo o dele. Eu não o vi até recentemente, quando estava no casamento de Denise. Isso tudo hoje foi uma armadilha para trazer Bones aqui para que ele pudesse encontrar o traidor. Ele sabia que se fosse até a casa de minha mãe, ela ligaria para as tropas e eu tinha dito a ele que as únicas maneiras de entrar aqui seriam ou naquela cápsula ou morto. Bones escolheu a cápsula, apesar do risco de poder ser morto assim que estivesse preso dentro.

Tate ainda parecia estar confuso.

– Eu quase o matei. Eu o estava segurando naquelas amarras e sabia que tudo o que precisava fazer era sacudi-lo e aquelas pontas de ferro iriam destruir seu coração. Juan me deteve. Ele me disse que iríamos interrogá-lo antes de condená-lo. Já faz mais de quatro anos. Você não viu esse vampiro até recentemente, mas amou-o todo esse tempo?

– Sim.

Tate riu, um pequeno ladrar duro.

– Claro. Mas isso não significa que vou quebrar todas as regras instituídas sobre vampiros e deixá-lo sair.

– Ele *vai* sair – meus dedos entraram em suas mãos. – A única pergunta é: você vai estar consciente quando ele fizer isso? Você é meu amigo, Tate. Em muitos sentidos, meu melhor amigo, mas quero ser bem clara: vou deixá-lo sair e destruir qualquer um em meu caminho para fazer isso. Você. Juan. Don. Qualquer um. Quero você comigo, como meu parceiro e amigo, mas *farei* isso sozinha se não tiver outra escolha.

Ele parecia querer me estapear.



– Maldita seja, Cat. Maldita seja! Você esteve com ele por quanto tempo no total? Seis meses? Você está a meu lado por mais de malditos quatro anos! Ele vale tanto assim para você? Mais do que tudo pelo que lutou e tudo o que fez? Pense, pelo amor de Cristo!

Olhei diretamente dentro de seus olhos e não hesitei.

– Sim, ele vale. Talvez você não possa entender. Você alguma vez deveu tudo a alguém? Todas as suas forças, todas as suas vitórias, cada minúscula coisa que significa algo em sua vida... tudo isso pode ser rastreado até essa única pessoa? Isso é o que Bones é para mim.

Tate de repente me puxou mais para perto.

– Sua vadia, eu entendo, porque isso é o que você é para mim.

Eu não o empurrei para trás, deixei-o ficar a apenas alguns centímetros de mim.

– Se passei adiante algo de valor, é porque aprendi com ele primeiro. Então, você deve a ele também.

Algo brilhou em seu olhar azul-escuro mesmo quando seus ombros afundaram.

– Não devo porcarias alguma a ele. Mas, sim... Devo a você. Esse é seu preço?

– Se quiser chamar assim. – Melhor negociar do que deixá-lo desacordado.

– É muito mais do que abrir aquela cápsula, Cat. Há quatro níveis com guardas altamente treinados e haverá um travamento automático tão logo alguém flagrar um prisioneiro andando pelos corredores. Ele não pode lançar seu olhar esverdeado de submissão em todos eles. Alguém vai disparar o alarme. Você sabe disso, você projetou tudo aquilo!

– É por isso que você vai descer até lá tranquila e casualmente com Juan e eu vou ficar aqui e desativar a segurança.

Tate afastou-se de mim e começou a andar de um lado para o outro.

– Don mudou seu acesso de computador tão logo descobriu sobre você e o vampiro. Seus códigos não funcionam mais. Até os meus só vão até ali.

Ignorando isso, peguei meu celular e disquei.

– Randy, estamos dentro do cronograma. Em exatos dez minutos, puxe a tomada. Todos os níveis, exceto o quarto e o elevador de conexão até o um. Desativação plena, pré-histórica. Dê um beijo em Denise por mim. Devo uma a você.

Desliguei e olhei para Tate.

– Desça agora. Em dez minutos, toda a energia será desligada e este lugar vai se tornar uma tumba. Apropriado, não acha? Uma vez que *vamos* deixar sair um homem morto. As únicas coisas que irão funcionar serão aquelas que eu quero que funcionem. Você pensou mesmo que, após todos esses anos, eu não teria deixado para mim algumas senhas de *backdoor*\* no caso de Don se voltar contra mim?

Ele ficou ali parado, com um olhar de descrença.

– Se podia fazer tudo isso, por que se incomodou em pedir minha ajuda?

– Você é meu amigo – repeti, abrindo uma gaveta na mesa e colocando a arma que estava ali dentro de minha calça. – Ainda quero liderar esta equipe, apesar de nenhum de vocês parecer acreditar nisso. Apresse-se, você tem apenas nove minutos agora...

Denise estava certa a respeito de Randy. Ele realmente era um gênio com computadores. Com as senhas que lhe dei, ele invadiu a unidade central de processamento e inseriu um vírus, o qual ele controlava remotamente, que congelava tudo. Nem mesmo os telefones funcionavam. A torre de celular vizinha, que interceptava nossos sinais sem fio, também tinha acabado de ter uma queda de energia. Meu telefone era via satélite e ainda funcionava, e, quando as luzes se apagaram, fui a única a não me assustar com a repentina escuridão. Apenas segui até o elevador e esperei.

Quando as portas se abriram, Bones estava bem na minha frente. Joguei meus braços em volta dele enquanto dava instruções a Tate e Juan, que estavam cautelosamente para trás no canto mais distante.

– Vigiem esta porta. Ninguém se aproxima, nem mesmo Don.

– O que você vai fazer? – Tate perguntou quando eles passaram por nós saindo do elevador.

– Dar sangue a ele. Aquela caixa o drenou. Ele precisa de reposição.

– Meu Deus, Cat...

Eu apertei o botão manual e as portas do elevador se fecharam, efetivamente cortando os protestos de Tate.

– Eu sabia que você conseguiria, amor – Bones disse.

Abracei-o com força.

– Deus, fiquei doente de preocupação nestas últimas horas.

Ele me beijou, gentilmente explorando cada fenda de minha boca enquanto corria suas mãos por mim. Eu o apertei, sentindo-me mal devido aos múltiplos buracos em suas roupas onde as pontas de prata da cápsula tinham-no furado.

– Não há necessidade de preliminares – sussurrei, interrompendo o beijo. – Simplesmente me morda agora.

Bones riu baixo.

– Você é sempre impaciente.

Os lábios dele então fizeram o caminho até meu pescoço conforme ele empurrava meu cabelo para trás. Sua língua circulou a concavidade em minha garganta por um instante antes de suas presas se afundarem em mim. Eu tremi, instintivamente apertando-o mais firmemente diante da sensação daquele duplo furo. Essa foi diferente das duas outras vezes em que ele me mordeu. Menos erótica e mais predatória. Mesmo assim, meu coração se acelerou, meus joelhos se enfraqueceram deliciosamente e o mesmo calor estranho me invadiu.

As portas do elevador se abriram no mesmo instante em que Bones levantou sua cabeça. Houve o ameaçador som de uma arma desembainhando enquanto eu puxei a minha ao mesmo tempo.

– Para trás, Tate! Se você atirar, eu atiro também.

Devíamos estar compondo uma bela cena, Bones lambendo as últimas gotas de sangue de suas presas e eu com minha arma apontada para todos, menos ao vampiro bebendo de mim. Que diabos, eu podia entender a reação de Tate, mas isso não significava que eu iria deixá-lo atirar em Bones. Juan também tinha sacado sua arma, mas ao menos a baixara. Cara esperto.

Bones olhou para Tate e não se incomodou em retrair suas presas.

– Não se preocupe com ela, companheiro. Eu nunca a machucaria, mas vi o jeito como você a olha, então não espere o mesmo passe livre.

– Tate – eu disse em aviso. – Baixe a arma.

Tate me encarou.

– Maldição, Cat. Espero que saiba o que está fazendo.

– Está tudo bem, Gatinha – Bones disse. – Ele não vai atirar.

Tate baixou sua arma ao mesmo tempo em que uma repentina tontura pela perda de sangue me fez oscilar. Bones pegou minha arma e casualmente a estendeu a Juan, que se espantou com o gesto.

– Você a chamou de Gatinha? E ela deixou? Ela me deixou em *coma* por *três* dias quando eu a chamei disso! Minhas bolas nunca se recuperaram por ela tê-las amassado contra minha *espinha!*

– E ela deveria ter feito isso mesmo – Bones concordou. – Ela é minha Gatinha e de mais ninguém.

Eu o cutuquei no peito.

– Você se incomoda? Estou um pouco tonta aqui.

– Desculpe, amor.

Ele me levantou enquanto suas presas cortaram sua língua com uma mexida de suas mandíbulas. Havia várias formas de eu pegar um pouco de sangue dele, mas imaginei que ele tinha escolhido essa por causa de seu comentário a Tate. Devolvi o beijo enquanto engolia aquelas gotas necessárias. Bem típico de Bones matar dois coelhos com uma cajadada só – ao mesmo tempo enfatizando sua afirmação e retornando minha força.

Don escolheu esse momento para passar pela multidão de pasmos espectadores bem a tempo de me ver acomodada nos braços de um vampiro com meus pés pendendo acima do chão.

– Que *diabos* está acontecendo?

Bones me baixou e foi até meu chefe em um piscar de olhos. Para o crédito de Don, ele não tentou correr.

– Você deve estar bem determinado a me matar para chegar a tal ponto – ele comentou, elevando seus ombros.

– Não estou aqui por você, meu velho – Bones disse, olhando-o de cima para baixo. – Estou aqui para descobrir o espião que você tem em seu jardim. Mas antes vamos ter uma conversinha, nós três. Você a manteve na ignorância por tempo demais.

– Tate, Juan, certifiquem-se de que ninguém passe por aquela porta e ninguém fique entusiasmado. O local está seguro, mas alguém pode puxar uma arma. Permaneçam atentos. – Inclinei minha cabeça em direção ao escritório de Don. – Depois de você, chefe.

Don sentou-se, como se fosse uma visita qualquer, e não como se fosse nosso refém, e sentamos em frente a ele.

– Don, gostaria de apresentá-lo a Bones. O verdadeiro Bones, não o impostor no gelo no refrigerador. Você deve se lembrar dele de Ohio, onde ele deu uma aparência nova à estrada.

– Todos esses anos, Cat – Don disse com tristeza. – Você esteve trabalhando para o outro lado todo esse tempo. Bravo, fui

totalmente enganado.

Minha boca se abriu em indignação, mas Bones adiantou-se a mim.

– Seu filho da mãe ingrato, a única razão de eu não colocá-lo na ponta de meus dentes agora é por causa dela. Ela acha que você é um homem decente, embora eu não concorde, e não traiu sua confiança de forma alguma. Mas não se pode dizer o mesmo de *você*.

Eu revirei os olhos. Uma ameaça de morte, ótima forma de começar uma conversa.

– Eu de forma alguma enganei você, Don – eu disse. – Quando deixei Ohio, pensei estar deixando Bones para trás de uma vez por todas. Ele me rastreou e me encontrou há apenas duas semanas, e eu jamais fiz coisa alguma para trair esta operação.

Don balançou a cabeça em autorrepreensão.

– Eu devia ter percebido que era uma armadilha. Nenhum vampiro jamais se rende. Como conseguiu fazer sua mãe participar disso?

– Não fiz nada disso – eu disse, soturnamente. – Bones disse a ela que queria encontrá-la sem meu conhecimento. Sabíamos o que ela faria.

Bones fungou.

– Quando cheguei à casa dela, ela já havia deixado os dois olhos roxos e derrubado toda e qualquer mobília do lugar. Mas voltando a você, Don. Na maior parte de meus anos, tive um negócio. Eu encontro pessoas e sou bom nisso. Portanto, imagine minha surpresa quando passei momentos terríveis para rastreá-la e, depois, com minha incapacidade em descobrir mais coisas sobre o pai dela. Agora, falhar em encontrar um eu posso entender, mas dois? Ambos escondidos tão cuidadosamente, quase como se ocultos... pela mesma pessoa.

Um mau pressentimento subiu pela minha espinha. Bones apertou minha mão.

– Duas coisas sempre me pareceram estranhas quando ela desapareceu com o vento. A primeira foi como você a encontrou tão rapidamente. Você surgiu com todas as informações sobre ela no dia em que foi presa. Preciso demais, tudo isso. Tal pesquisa leva tempo. Você teria que tê-la mantido sob as vistas por algum tempo. E como teria sabido disso? Somente de uma forma: você já sabia quem ela era.

– O quê? – saltei de minha cadeira com um grito. – Don, o que você tem escondido?

– Sente-se, amor. – Bones me segurou quando eu já estava para voar pela mesa e estrangular Don. Por sua vez, Don estava pálido como um pergaminho. – A segunda coisa que me deixou perplexo foi que não havia registros de mortes recentes que se encaixassem na descrição do pai dela à época em que a mãe dela foi estuprada. Nem mesmo de indigentes. Foi Ian quem resolveu a charada. Você o conhece como Liam Flannery, Don, e você a mandou atrás dele, mas ele não era o típico alvo dela, era?

– Não – respondi por Don, cuja boca estava selada em uma linha apertada. – Não era. Vá ao ponto, Bones.

– Eu de certa forma esperava que Don se adiantasse e terminasse isso por mim, mas ele está se mantendo calado. Provavelmente esperando de todo o coração que eu esteja apenas jogando verde, não é? – Don não respondeu. Bones emitiu um suspiro pesaroso. – Abra aquele envelope que dei a você, Gatinha.

Com dedos trêmulos, retirei o papel de minha blusa, rompendo o selo e desdobrando a única página dentro. Era um artigo com foto, mas a legenda embaixo enevoou-se em um borrão, pois tudo o que eu precisava fazer era olhar para o rosto. O homem em pé com um sorriso possuía cabelo ruivo, as maçãs do rosto altas, nariz reto, um maxilar que era masculino porém assustadoramente semelhante; e

eu não poderia dizer com certeza, mas apostaria que aqueles eram olhos cinzentos. Apesar de esmaecida, a semelhança era inacreditável. Finalmente eu tinha um rosto para associar a meu ódio, e era um espelho de mim mesma. Não admira que minha mãe tivesse tamanhos problemas.

Tão absorta estava em devorar a imagem de meu pai, que demorei um minuto para olhar a outra pessoa na foto, com um braço em volta dos ombros de meu pai.

“Família celebra comenda de oficial federal”, estava escrito no título.

Os anos não haviam sido gentis, mas eu o reconheci imediatamente. Uma risada furiosa escapou de mim e eu atirei a página em Don.

– Bem, a vida não é simplesmente uma grande piada? Uma *imensa* piada cósmica de uma linha só! Agora sei exatamente como Luke Skywalker se sentiu quando Darth Vader disse a ele quem era, só que você não é meu pai. Mas é irmão dele.



# VINTE E QUATRO

Olhei para meu chefe.

– Será que eu deveria chamá-lo de Tio Don? Seu filho da mãe, para *quantas* missões suicidas você me enviou sabendo que eu era sua sobrinha? Você e minha mãe têm muito em comum, *vocês* dois é que tinham que ser parentes!

Don afinal quebrou seu silêncio.

– Por que eu deveria pensar que você seria diferente? Trinta e cinco anos atrás meu irmão mais velho estava investigando Liam Flannery quando desapareceu. Anos se passaram. Achamos que ele estava morto e ninguém nos falava sobre o último caso em que esteve envolvido. Entrei para o FBI para descobrir o que havia acontecido com ele. Com o tempo, também descobri o que meu irmão estava realmente perseguindo. Jurei que continuaria com sua caçada e faria justiça a ele, mas então, um dia, do nada, ele veio até mim. Ele me disse para esquecer Liam e o submundo que eu estava rastreando ou iria me matar. Meu próprio irmão. Não pude acreditar.

– Seis meses mais tarde, sua mãe foi atacada na mesma cidade em Ohio onde eu o havia seguido. Quando li a descrição de seu estuprador, soube que era ele e soube que ele tinha finalmente passado dos limites. Então, cinco meses depois, ela deu à luz uma criança. Documentada com uma anomalia genética no nascimento. Sim, suspeitei desde o início e decidi checar você periodicamente enquanto criava este Departamento. Os anos se passaram, nada aconteceu e comecei a me esquecer de você. Então, seu nome apareceu relacionado a uma série de estranhos assassinatos e

roubos de sepulturas. Eu estava a caminho de Ohio quando seus avós foram mortos.

Don sorriu, mas sem alegria.

– Também acredito que a vida é um acidente cômico. Nesse ponto, Deus havia me dado a única coisa forte o bastante para deter meu irmão e sua espécie, e tratava-se de sua própria filha. Sim, eu a usei enquanto aguardava você se transformar como ele, mas isso não aconteceu. Quando finalmente acreditei que você era diferente, eu a enviei para capturar Flannery para que eu pudesse usá-lo para forçar Max a aparecer. Mas, como acabou se vendo, Liam escapou. Estou supondo que foi ele quem enviou o atirador atrás de você na noite passada.

Minha mente rodopiou com essa última revelação explosiva. *Ian* tinha transformado meu pai? O mesmo homem que transformara Bones tinha sido também aquele que gerara Max? Aquilo fazia Ian parcialmente responsável pela minha existência meio-morta. Inacreditável.

– Não foi Flannery quem contratou aquele atirador – Bones afirmou. – Ele a quer viva. Não, tem que haver outra pessoa que está tentando matá-la. Alguém afiliado a este local.

Don emitiu um suspiro zombeteiro.

– Como você vai descobrir quem é esse mítico traidor? Vai torturar todo o pessoal?

Bones o olhou ameaçadoramente.

– Para alguém que estudou vampiros por anos, você certamente não dá muito crédito a eles. Esqueceu disso?

Ele fez brilhar o verde em seus olhos e sua luz atingiu o rosto de Don. Ele desviou o olhar.

– Os enfeitiçantes olhos de nosferatu. Muitas vezes desejei ter a habilidade de arrancar a verdade das pessoas através do olhar, mas sem todas as outras consequências.

– Sim, bem, há um preço pelo poder e é sempre pago. Devo soltá-la, Gatinha, para que possa esmagar a cabeça dele?

Bones não soou preocupado com a ideia. Olhei fixamente para Don. Percebi que tínhamos os mesmos olhos. Como eu nunca tinha notado isso antes?

– Eu deveria matá-lo pelo que fez comigo, mas não vou. Acontece que entendo o que é esperar por vingança melhor do que a maioria das pessoas. Isso pode fazer com que você precipite as coisas, como enviar sua sobrinha para ser morta para que um dia possa encurralar seu irmão. Além disso – um erguer de ombros –, tirando minha mãe, você é a única família real que me restou. Você pode vir conosco ou ficar, não me importo, mas se vier, não interfira. Acha que consegue lidar com isso?

Don se levantou.

– Posso lidar com isso.

Tate e Juan estavam em pé do lado de fora da porta.

– Tudo certo entre nós, Cat? – Tate perguntou. Ele lançou um olhar a Bones, que estudava os funcionários boquiabertos com olhos experientes.

– Por ora. Tate, você e Don podem ajudar. Vamos começar com o óbvio. Onde está a equipe? Eles sabem o que sou e também onde moro. Depois desta sala, eles serão nossa próxima parada.

– Convocamos todos os trinta, eles estão na sala de treinamento, mas estão armados lá, Cat. Teremos que trazê-los em grupos para que não enfiem uma estaca no Sr. Dentes Pontagudos ao vê-lo – Tate concedeu um olhar depreciativo a Bones, que havia assumido sua forma de vampiro, para horror do pessoal, e estava farejando um por um.

– Acha que eu me preocuparia com uma sala cheia de humanos?  
– Bones replicou. – Deixe-os ficar com seus brinquedos. Isso irá ensinar a eles uma valiosa lição. Não importa quão bem ela os treinou, eles não são ela.

Juan piscou.

– Ele pode derrubar todos mesmo que tenham prata com eles?

Conquanto eu quisesse contradizer isso, pois trabalhei arduamente no treinamento deles, a verdade era que eles nunca tinham cruzado com um vampiro tão forte quanto Bones. Especialmente em um espaço fechado, fosse do tamanho de um campo de futebol ou não.

– Sim. Mas isso é necessário, Bones? Para poupar tempo? E não vá matar nenhum deles. São meus homens.

– É mais eficiente aproveitarmos o tempo. Todos em um só lugar é mais rápido do que grupo a grupo. O culpado será aquele que tentar me matar com mais insistência. Ou que molhar as calças, o que seja. Esta sala está limpa, nenhum deles é seu vira-casaca. Não se preocupe com seus homens felizes, Robin Hood. Eles viverão para morrer outro dia.

– Quero estar lá – Don parecia profissionalmente intrigado. – Nunca vi um Mestre vampiro em ação. Apenas seus nojentos resultados finais.

– Aí é que você se engana novamente – Bones afirmou. – Você a vê lutando há anos, então, tem visto um Mestre vampiro em ação. A única diferença é que ela também tem um batimento cardíaco.

Nossa sala de treinamento era mais do que uma academia. Era uma composição de um completo curso de obstáculos com cordas de balanço, quedas de escombros, terrenos irregulares, desafios aquáticos e muito espaço para correr. A fraca luz de emergência dava vantagem a Bones, fornecendo apenas uma iluminação sutil. Bones insistira para que nós permanecêssemos na repartição de Don, que contemplava a área de cima. Ele não queria que eu fosse vítima de uma estaca ou tiro na briga.

Foi algo digno a se assistir, claro. Houve gritos quando seu rosto pálido tornou-se visível nas luzes intermitentes, seguidos de um

frenesi de movimento que nem eu consegui seguir plenamente.

– Cristo – Juan murmurou em reverência. – Veja como ele voa.

Bones estava arremessando-se de um lado para outro em direções que desafiavam a gravidade conforme desmantelava a cuidadosa formação que eu tinha ensinado aos homens, derrubando-os com seu corpo e espalhando-os como pinos. Tate balançou a cabeça em desgosto.

– Anos de trabalho diretamente por água abaixo. Isso me faz querer bater neles pessoalmente.

– Cooper está tentando reagrupá-los – observei. – Opa! Lá vai ele para o chão. Maldição, Bones pode mesmo ser um filho da mãe. Vou precisar de meio litro de seu sangue para curar a todos.

– O que a faz pensar que ele faria isso? – Don perguntou, ceticamente.

– Porque vou *pedir* a ele, só por isso. Você é realmente obtuso. Ele entrou em nossa cápsula por mim antes, e você ainda acha que ele vai se recusar a doar um pouco de sangue para me deixar feliz? Burro.

Meu chefe – ou devia dizer, meu *tio* – não respondeu.

– Tudo bem, Gatinha – Bones falou em voz alta. – Eles estão limpos. Um bando nada mau de sujeitos.

Quase que informalmente, ele chutou uma das formas caídas, conseguindo um resmungo em troca. Balancei minha cabeça diante da expressão de Tate.

– Eu disse que ele me ensinou tudo o que sei. Chute quando estiverem caídos. Essa é a regra favorita dele. Você está familiarizado com o resto delas.

– Que diabos, Cat, ele ficou lá por menos de dez minutos. Como ele pode dizer que nenhum deles está envolvido? A maioria está inconsciente agora!

– Eu confio nele – respondi simplesmente. – Bones não diria isso a não ser que tivesse certeza e isso basta para mim.

Juan estava com uma expressão aturdida em seu rosto conforme estudava os remanescentes de nossa equipe. Então, um sorriso repuxou seus lábios.

– Aquilo – ele disse enfaticamente – foi demais!

Foi só quando nos aproximamos do andar de patologia que Bones apressou seu passo. Seus olhos ficaram verdes tão logo as portas do elevador se abriram e ele me deu um beijo firme e rápido antes de me jogar novamente para dentro.

– Fique aqui – ele disse bruscamente. – Sinto cheiro de algo.

Bones se afastou, seguido por Juan e Don. Tate permaneceu atrás comigo.

– Isso é uma droga de caça às bruxas – ele murmurou. – Sentindo cheiro de algo? O que ele pode sentir...

– Psiu! – eu disse, apurando meus ouvidos para pegar cada nuance de som na sala ao lado. Houve um barulho de tumulto de muito pouca duração, um grito e a seguir uma chacota de desprezo mortal.

– Bem, agora, o que temos aqui? Não, você não vai se virar, olhe bem aqui para mim...

– Ele pegou alguém – eu disse a Tate e passei por ele.

No laboratório, Bones mantinha nosso patologista assistente, Brad Parker, pregado à parede por sua mão pálida. O brilho em seu olhar iluminava a sala com uma verde luminescência fantasmagórica.

– Certo, então, onde estamos? Diga-me tudo o que você esteve aprontando e seja específico. Pode começar com quaisquer parceiros.

– Um – Brad murmurou. – Ele se parece muito com ela.

Eu congelei. O olhar de Don encontrou-se com o meu conforme um arrepio me atravessou. Não havia dúvidas sobre a quem Brad se referira. Bones relanceou os olhos para mim uma vez e a seguir voltou sua atenção ao homem diante dele.

– Mesmo? Agora me diga tudo o mais...

Dessa vez, Juan e Tate tomaram nota e eu meramente ouvi pela segunda vez naqueles dias enquanto uma trama para me matar era descrita. Brad o chamou de um nome diferente, mas o perpetrador era claramente meu pai. Aparentemente, após Ian ter ligado a semelhança de família entre a Ceifeira Ruiva com quem ele havia se atracado e seu próprio lacaio Max, meu pai tinha decidido que não queria ser papai. Ele havia me rastreado através de Don, sabendo que deveria ser ele quem estava por trás de mim. Encontrando um, o outro não estaria longe, ele assumiu corretamente.

Com seu conhecimento interno tanto do Departamento quanto de seu irmão, Max tinha progredido com admirável rapidez. Então, encontrou o que estava procurando em Brad Parker, um homem cuja lealdade poderia ser comprada e que sabia o suficiente para fazer compensar o pagamento. Tinha quase funcionado. Não fosse por eu estar em um encontro com um vampiro, minha cabeça teria sido explodida.

Quando Bones terminou, ergueu uma sobrancelha para Don.

– Tem mais perguntas para ele?

Don parecia pasmo.

– Não, posso dizer seguramente que você cobriu tudo. Tate? Juan? Algo mais?

Mudos, eles menearam suas cabeças. Tate foi mais rancoroso em sua silenciosa resposta, seus lábios apertados em uma linha reta, mas Juan olhou para Bones com um brilho de admiração. Já era um começo.

– Está considerando prendê-lo?

A pergunta foi novamente endereçada a Don. Apreciei o gesto por detrás dela. Bones estava adiando o destino de Brad. Para minha surpresa, Don acenou com uma mão.

– Você sabe que não vamos deixá-lo vivo, não com o que ele sabe. Só não faça uma lambança.

Tate ficou enfurecido.

– Pelo amor de Cristo, podemos levá-lo para baixo e atirar nele!

– Não seja infantil, Tate – Don rebateu. – Bala ou mordida, o fim é o mesmo, e é direito dele. Ele o encontrou, nós não. Cat poderia estar morta em breve se ele não o tivesse encontrado e, apesar do que ela pensa de mim, não quero que isso aconteça.

Don olhou diretamente para mim quando disse essa última parte e o entendimento surgiu quanto ao que isso seria. Ele estava dando uma oferta de paz na forma da jugular de Brad Parker. Não era bonito, mas, por outro lado, era um começo.

– Seja rápido – eu disse para Bones. – Sei que você não quer ter pressa, mas não demore. Ele não vale a pena.

Eu não deixei a sala, mas Tate saiu em uma explosão de fúria. Juan agitou-se, mas ficou, e Don permaneceu onde estava. Bones não se incomodou com a plateia. Mordeu o pescoço de Brad com suas presas totalmente estendidas, engolindo profunda e repetidamente. Ninguém a não ser eu ouviu o inevitável som da morte quando ela ocorreu e que, fiel a meu pedido, foi rápida.

– Aí está, meu velho – Bones disse um minuto depois ao deixar Brad cair frouxamente no ladrilho. – Nem uma gota derramada.

Fui até ele passando por cima de Brad, que estava esparramado a seus pés. Bones beijou minha testa com lábios mornos. Duas mortes em dois dias – ele provavelmente estava abarrotado. Se bem que seu jantar da noite passada havia sido drenado pela cápsula.

– Você sabe que irei atrás dele, Don. – Não havia necessidade de dizer o nome, e, de alguma forma, eu não queria.

– Sim, eu sei. – Ele avaliou a nós dois juntos e puxou sua sobrancelha. – Quero falar com você em particular, Cat. Há algumas coisas que precisamos discutir.

– Podemos falar, mas Bones vem junto. Na realidade, mesmo se ele não pudesse nos ouvir, e ele pode, eu simplesmente diria a ele depois.



Bones deu um sorriso presunçoso para Don. Bem, ele tinha ganhado o direito a um pouco de soberba.

Don tossiu.

– Se insiste. Juan, você removeria...? – ele fez um gesto vago para o corpo de Brad enquanto nós o seguíamos de volta a seu escritório.

# VINTE E CINCO

– Você vai nos deixar? – Don começou sem preâmbulos quando fechei a porta.

Era uma boa pergunta, uma vez que agora eu sabia o que ele havia escondido de mim nesses anos todos. Olhei em volta para o escritório de Don e depois ele. Don e eu não tínhamos feições semelhantes, mas ele era sangue do meu sangue, tão certamente quanto minha mãe. Após vários instantes em silêncio, percebi que não o odiava por suas mentiras, tanto diretas quanto por omissão. Quem era eu para julgá-lo tão duramente por seus erros? Afinal de contas, eu mesma possuía um número excepcional deles.

– Não.

Don deixou escapar um suspiro que poderia ter sido alívio, mas Bones correu a mão por seu cabelo, frustrado.

– Que inferno. Você simplesmente não pega o caminho mais fácil.

– Preciso fazer isso.

Bones olhou-me fixamente por um longo momento, depois virou-se para Don.

– A única forma de você ficar com ela é se eu estiver junto. Considere isso um acordo dois por um. Não vou impedi-la de fazer o que ela considera seu trabalho, mas *não* vou vê-la morrer por ele. Nenhum desses homens é forte o bastante para dar apoio a ela, mas eu sou. Você a quer? Então, vai me ter também.

Por essa eu não esperava. Claramente, nem Don. Ele ficou boquiaberto.

– Você não pode esperar que eu permita um vampiro dentro de uma operação projetada para *matar* vampiros! Isso não é nem loucura, é suicídio!

Bones deu um sorriso paciente e sentou-se, batendo os dedos na mesa de Don.

– Veja, companheiro, eu posso dar uma banana por sua operação, mas acontece que me importo muito com a vida dela, portanto, vou fazer uma oferta e você vai aceitá-la.

Don piscou diante da aridez da afirmação. Eu mesma estava curiosa para ouvir qual era essa oferta, porque era novidade para mim também.

– Por que o sucesso de suas missões depende dela? – Bones continuou. – Porque ela é seu combatente mais forte. Sem ela, você tem um grupo de homens que poderiam ir razoavelmente bem em uma guerra comum, mas contra zumbis e vampiros, são carne morta. Você sabe disso também. Por isso você ficou transtornado quando descobriu quão letal ela era aos vinte e dois anos. E não pense que esqueci que foi *sua* manipulação que me manteve sozinho nesses últimos anos. Só por isso, eu desejaria descascar sua pele feito laranja com você vivo e gritando, mas isso está fora de cogitação.

– Bem fora – eu disse, irritada.

Bones continuou como se eu não tivesse falado.

– Mas como ela insiste em continuar trabalhando aqui, temos que chegar a um acordo. Por mais habilidosa que ela seja em uma batalha, ninguém é infalível. Se ela tombasse em uma luta agora, sua operação estaria terminada, pois você não tem ninguém forte o suficiente para substituí-la. Essa é a primeira parte do que estou oferecendo. Você nunca vai ter que se preocupar se ela vai voltar ou não de um trabalho, porque, a menos que eu esteja murcho no chão, ela voltará.

– Você quer trabalhar para mim? – Don perguntou assombrado.

Bones riu.

– Não para você, meu velho. Para ela. Eu só daria ouvidos a ela, pelo menos.

Minha expressão devia estar tão assombrada quanto a de Don, porque Bones fez uma pausa e pegou minha mão.

– Não vou disputar controle com você. Você pode ter todo o comando que quiser, contanto que estejamos juntos. Vou guardar meus comandos para nosso quarto.

Eu enrubesci. Bones apenas riu e levou minha mão para seus lábios.

Don também parecia achar que uma mudança de assunto era premente.

– Qual é a segunda parte de sua oferta?

Bones endireitou-se, mas ainda segurava minha mão.

– Ah, a segunda parte, e é por isso que você não vai me recusar. Posso dar a você o que secreta e ardorosamente tem desejado desde que começou com seu pequeno projeto de ciências aqui.

– E o que você pensa que isso seria? – Don perguntou, abertamente cético.

– Vampiros – Bones respondeu. – Você quer fazer seus próprios vampiros.

– Não, ele não quer! – neguei imediatamente.

No entanto, Don não estava pulando em sua própria defesa. Ao invés disso, olhava para Bones de uma forma muito estranha. Como se ele tivesse acabado de se tornar interessante a seus olhos.

Bones recostou-se em sua cadeira.

– Você quer o que todo comandante de tropas quer: soldados leais que sejam mais fortes do que o inimigo. Quantas vezes desejou que sua equipe tivesse os poderes dela? Com que frequência sentiu falta de soldados abençoados com as mesmas vantagens de seus inimigos? Essa é uma oferta única, companheiro. Você escolhe seus melhores e eu os tornarei melhores.

Abismada, assisti a Don considerar a oferta, e depois apoiar suas mãos na mesa.

– E se eles mudarem de lado e se voltarem contra nós? Isso acontece, como bem sei, e aí eu teria soltado a devastação sobre mim mesmo e o remanescente de minha equipe.

– Simples. Eles ameaçam você, portanto, a ameaçam, e eu os mato. Eu não hesitaria um instante em eliminar um perigo a ela e você já tem dois corpos que comprovam isso. Contudo, um período de aprendizagem poderia tranquilizar sua mente. Escolha seus potenciais e dê a eles sangue puro. Veja como eles lidam com o novo poder. Se eles não puderem controlar um pouco, então não podem controlar o resto dele. Mas se conseguirem... – Bones deixou a sentença pendente.

– Deixe-me esclarecer as coisas – Don disse com vivacidade. – Você vai acompanhar Cat nas missões de forma a minimizar o risco dela. Você também concordaria em transformar soldados selecionados em vampiros. Eles ficariam sob sua supervisão, seriam exterminados se necessário, e dirigidos por mim através dela. Entendi direito?

– Sim. – Nenhuma hesitação na resposta de Bones. Eu ainda estava estarelecida com toda a negociação.

– Algo mais?

– Eu tenho algumas condições – interrompi, agarrando a oportunidade. – Meu esquema muda. Sua operação acaba de sofrer uma séria atualização, Don, portanto não quero ouvir quaisquer reclamações. Primeiro, chega de vigilância. É melhor eu não ver *nem* ouvir mais ninguém de minha equipe me espionando, porque, depois desta noite, minha localização será secreta. Dessa forma, ninguém poderá torturá-los ou conseguir informações usando o olhar verde, ou fazer com que se entreguem por dinheiro, como Brad Parker fez. E tudo o mais aguarda até lidarmos com meu pai. Seu irmão tem prioridade, não concorda, *tio*?

Don permaneceu silencioso por vários instantes. Por fim, ele deu um sarcástico sorriso.

– Bem, Cat, Bones... Suponho que temos um acordo.

Negociação completa, mas havia ainda algumas pontas soltas antes de podermos ir embora.

– Minha mãe ainda está aqui?

– Ela está em um dos abrigos antiaéreos. Você quer vê-la?

– Não. Mas a mantenha lá. Se meu pai sabia onde me encontrar, então ela não está segura em sua casa.

– Também não podemos deixar sua equipe por aí para Max os capturar e descobrir que estou envolvido, Gatinha – Bones afirmou.

– Quanto ao resto de seus funcionários, libere-os. Eles não vão se lembrar de ter me visto.

– E quanto a Noah? – Isso veio de Don e eu estremei.

– Ele não sabe de nada.

– Não é isso o que ele quer dizer – Bones afirmou ponderativamente. – Noah poderia ser uma boa isca para você, saiba ele disso ou não. Max poderia imaginar que você ainda tenha sentimentos por ele.

Eu não tinha pensado nisso.

– Então ponha vigilância em Noah, Don, trabalho e casa. A qualquer sinal do sobrenatural, nós entramos. Talvez possamos pegar Max em sua própria armadilha.

– Farei os arranjos agora – Don prometeu.

Nós nos levantamos. Tinha sido um longo dia e ainda não havia terminado.

– Bones, enquanto você e Don brincam de Olhos Brilhantes com os outros funcionários, vou falar com a equipe sobre seu novo *status*.

Bones sorriu.

– Dê minhas lembranças a seu homem, Gatinha. Mal posso esperar para começar a trabalhar nele.

Eu sabia a quem ele se referia.

– *Com* Tate, Bones. Não nele.

O sorriso dele se ampliou.

– Certo.

Uma hora mais tarde, minhas têmporas pulsavam com uma horrível dor de cabeça. Tate, como eu esperava, tinha subido pelas paredes. Juan havia ficado inesperadamente indiferente após eu ter respondido algumas de suas preocupações, e como Cooper era o terceiro capitão, ele tinha despertado de sua comoção e sido informado de que a causa disso era agora oficialmente unir-se a nossa equipe. Tate esperava que Cooper lhe desse apoio, mas na realidade ele tinha aceitado a coisa melhor do que Juan.

– Ele arrasou nossos traseiros, Comandante. Se ele nos quisesse mortos, suponho que estaríamos.

– Ele é o mesmo vampiro que me treinou, Coop. Ah, e estou dormindo com ele, para economizar o trabalho de Tate em anunciar isso a seguir. Tem algum problema quanto a isso?

Cooper nem hesitou.

– Você é uma aberração. Por que não iria querer uma aberração também?

– Não posso acreditar nisso – Tate disse em desgosto.

Bones entrou na sala. Tate fulminou-o com o olhar quando Bones colocou seu braço em volta de mim.

– Sentindo-se melhor, companheiro? – ele perguntou a Cooper. – Se não estiver, vai se sentir logo. Don tirou meio litro de mim agorinha, Gatinha – ele disse com um sorriso. – Parece que o patologista-chefe não quis me espetar. O pobre sujeito estava bem agitado, não consigo imaginar por quê.

– Pode ser porque você fez do assistente dele seu jantar, amigo – Juan comentou ironicamente.

Cooper não ouvira falar daquilo. Ele desviou seu olhar para mim.

– Nós o estamos deixando comer gente?

– Aparentemente – Tate grunhiu.

– Brad Parker tramou com outro vampiro para me tirar de minha miséria, Cooper – disparei um olhar sórdido a Tate. – Ficou sabendo de ontem à noite? Bem, pode agradecer ao finado Sr. Parker por entregar minha localização e minhas fraquezas.

Cooper olhou para Bones e, em seguida, deu de ombros.

– Então, ele mereceu. Embora tenha sido muito rápido. Ele devia ter sido torturado antes.

Bones sufocou uma risada em minha têmpora.

– Você e eu vamos nos dar admiravelmente bem, soldado.

Tate murmurou algo profano e foi a gota d'água para mim.

– Quero você comigo nisso, Tate, mas não posso forçá-lo. Você está dentro ou está fora? Decida agora.

Tate cruzou seus braços sobre o peito.

– Estou dentro, Cat. Jamais abandonaria você. Especialmente com a morte bafejando em seu pescoço.

– Muito engraçado – repliquei, porque Bones estava a centímetros de minha garganta. – E como você sabe, ele não respira. Agora que os detalhes de nossa nova equipe foram acertados, estou indo embora. Tenho uma reunião de família para planejar.



# VINTE E SEIS

Nós estacionamos no lado sul do *campus* do Instituto Politécnico da Virgínia. Bones desligou sua motocicleta e a deixou apoiada em uma árvore. Dei uma olhada pelos prédios com a fachada de rochas e ruas de pedras, e limpei a garganta; ainda havia estudantes vagando por ali apesar de ser onze da noite.

– Achei que tinha dito que iríamos encontrar um vampiro importante e poderoso. Você parou aqui para fazer um lanchinho primeiro?

Bones riu.

– Não, amor. É aqui que vamos encontrá-lo. Bem, abaixo daqui, na verdade.

Minhas sobrancelhas se ergueram.

– *Abaixo* daqui?

Ele pegou meu braço.

– Vem comigo.

Atravessamos o *campus* até o Derring Hall. Ver todos aqueles rostos jovens andando por ali me lembrou de meus dias de faculdade. Eu não tinha me formado – toda aquela coisa de matar o governador e ser arrastada por Don interferiu em meus planos para um diploma. Mesmo assim, tinha tido mais do que a chance de sair de minha cidadezinha e viajar. Quem imaginaria que seriam minhas habilidades com uma faca de prata – ao invés de me graduar com louvor – que me dariam uma passagem para uma nova vida?

Uma vez dentro do Derring Hall, descemos. Após várias curvas e depois de um longo corredor, estávamos no porão. Havia um guarda

ali e Bones foi direto até ele com um sorriso simpático – e em seguida atingiu-o com seu olhar.

– Deixe-nos passar e nunca estivemos aqui – ele disse. O guarda assentiu e permitiu que passássemos por ele sem perder aquela expressão vidrada em seu rosto.

Não havia quaisquer outras pessoas no porão. Bones me levou por várias salas de estocagem até que chegamos a um pequeno portão trancado. Ele casualmente arrebitou o ferrolho do portão e o segurou aberto para mim.

– Depois de você, Gatinha.

Entrei e aguardei à entrada de um estreito túnel que levava para dentro da escuridão. Nas paredes havia placas de CUIDADO, AMIANTO! e outras, anunciando perigo.

– Será que a gente não poderia ter se encontrado no Starbucks?  
– observei.

Bones fechou a grade atrás de si.

– Menos chances de alguém nos ver ou ouvir aqui embaixo. Ninguém sabe nem que Mencheres já está nos Estados Unidos.

– E você disse que Mencheres é o mesmo vampiro que transformou Ian – comentei pensativamente. – Portanto, isso faz dele algo como seu vovô de presas.

Após uma curta caminhada, o túnel ampliou de tamanho. Tubos e fios corriam pelas paredes e a temperatura mudou rapidamente de normal para quente. Assim que passamos por essa seção, havia múltiplas passagens a se escolher. Era como um labirinto ali embaixo.

Bones começou a ir para o túnel à direita.

– Ele é meu *grandsire*, sim, mas ainda mais importante, ele é um vampiro muito poderoso com quem Ian não gostaria de se indispor. Uma vez que seu pai, Max, é membro da linhagem de Ian e ainda está sob sua proteção, qualquer ataque contra Max seria o mesmo que um ataque contra Ian no mundo dos vampiros.

– Mas o fato de Max ter tentado estourar minha cabeça antes não faz diferença? – perguntei com irritação.

– Você não tem um Mestre reivindicando-a sob sua linhagem – Bones retrucou em um tom sereno. – Você lembra que eu disse que os vampiros operavam sob uma forma de feudalismo? Quando um vampiro transforma alguém, toma a pessoa sob sua proteção e, da mesma forma, assim o faz o Mestre no topo. Mas você não foi transformada – nasceu, então nenhum vampiro jamais declarou responsabilidade por você. Isso a deixa sem um Mestre para defendê-la contra um ataque externo.

– Portanto, apenas matar Max assim que eu o encontrar poderia deflagrar uma guerra plena com o pessoal de Ian, como se já não houvesse problemas suficientes com o tesão de seu *sire*, só para começar.

Bones assentiu.

– E é por isso que vou mudar seu *status* no mundo dos vampiros. Vou declarar você sob minha proteção, mas primeiro preciso me libertar da linhagem de Ian. Caso contrário, qualquer coisa que eu reivindicar como minha é também dele, uma vez que ele é o chefe de nossa linhagem. É por isso que estamos nos encontrando com Mencheres. Ian estaria bem menos inclinado a me retaliar se Mencheres escolhesse se aliar a meu lado.

– Ian sabia que você esteve me procurando... antes?

– Após sua disputa com ele, sim. Eu disse a ele que eu a estava caçando para limitar o dano que faria ao mundo dos mortos-vivos. Quando ele expressou seu desejo por você e me deu sua descrição de nossa relação anterior, eu disse algumas coisas deselegantes para desencorajá-lo de sua perseguição.

– Tais como...

– Vejamos... Disse a ele que você se lamuriava sem parar, roncava com um volume abominável e era péssima na cama. Ah, e que você carecia de higiene.

– Você *o quê?*

Ele riu.

– Ora, Gatinha, eu tinha em mente seus melhores interesses. Afinal de contas,  *você* me chamou de caloteiro e disse que me recusei a pagá-la por seu trabalho. Não ficou preocupada com minha reputação, ficou?

– Eu estava tentando proteger você, não caluniá-lo!

– Eu também. Mas Ian não caiu na minha descrição e continuou obcecado por você. Não tanto quanto eu, claro, mas ele não sabia disso.

Eu lidaria depois com o jeito de ele tentar desencorajar Ian. Afinal de contas, ele poderia ter dito *qualquer coisa* em vez de dizer que eu era uma péssima transa lamurienta, malcheirosa, que roncava como um trombone.

Atingimos uma bifurcação no túnel. Dessa vez, Bones foi para a esquerda e nos aventuramos ainda mais dentro das entranhas do *campus*. *Isso é o que chamo de privacidade*, pensei. Devíamos estar a pelo menos quinze metros abaixo do solo ali.

– E que tal você simplesmente matar Ian e eu matar Max? – murmurei. – Isso resolveria muito essa contenda política dos mortos-vivos, se quiser saber minha opinião.

Bones parou. Agarrou meus ombros e seu rosto ficou muito sério.

– Se chegasse ao ponto de ter que escolher entre você ou Ian, Gatinha, sim, eu acabaria com ele. Mas, apesar de nossas muitas rixas através dos anos, ou do fato de ele estar sendo um cretino impiedoso nessa perseguição a você... – Bones fechou seus olhos por um momento. – Nós temos uma ligação – ele disse, afinal. – Ian me transformou naquilo que sou e tem sido parte de minha vida por bem mais de dois séculos. Se houver um modo de resolver isso sem matá-lo, será esse o caminho que vou seguir.

Uma onda de vergonha me varreu. *Idiota*, açoitei a mim mesma. *Você deveria saber disso*.

– Me perdoe. Claro que você não poderia simplesmente matá-lo. Também não pude, quando soube quem ele era.

Bones sorriu de forma sutilmente desagradável.

– Posso ter que matá-lo antes disso terminar. Mas, se o matar, pelo menos saberei que foi minha única escolha.

Começamos a andar de novo. Ocasionalmente, vi grafites pelas paredes, mostrando que esses túneis não eram sempre livres de visitantes.

– Afinal, por que tudo isso está aqui embaixo?

– Costumavam ser túneis de vapor antigamente – Bones respondeu. – Era como eles aqueciam a universidade acima. Agora também são usados para cabos telefônicos, de computador e elétricos. Algumas partes desses túneis chegam até a usina de energia. É fácil se perder aqui, se não souber para onde está indo.

Finalmente atingimos outro vértice e, ali, para minha surpresa, havia vapor subterrâneo.

Bones parou.

– É aqui que vamos encontrar Mencheres.

– Não pode ser – funguei.

Após um minuto, houve um rangido. Então, tal qual uma coisa saída de um antigo filme de Drácula, uma porta como a de uma cripta abriu-se vagarosamente em uma das paredes e um vampiro de cabelo escuro saiu por ela. *Só está faltando uma capa*, pensei irreverentemente. *Aí então ficaria perfeito.*

Mas o vampiro não vestia uma capa, e senti o poder deslizar por toda minha pele, agudo como um choque elétrico. *Nossa. Quem quer que fosse, carregava uma voltagem bem alta.*

– *Grandsire* – Bones disse, adiantando-se. – Obrigado por ter vindo.

Mencheres não aparentava mais que trinta anos. Possuía longos cabelos negros, olhos cor de carvão e um formato aquilino de nariz que, combinado com sua pele levemente amorenada, sugeria etnia

do Oriente Médio. Mas foi seu nível de poder que me estarreceu. Sua aura crepitante não era igual a nada que eu já tivesse visto antes. Não era de admirar que Bones tenha dito que Ian não gostaria de ter Mencheres como inimigo. Sentindo o poder dele, nem eu.

– Bones – ele disse, abraçando meu amante. – Faz muito tempo. Certo, pelo menos ele soou amigável.

Bones virou-se para mim.

– Esta é Cat.

Adiantei-me e estendi minha mão, incerta de qual seria o protocolo apropriado. Mencheres deu-me um leve sorriso e a pegou. Assim que seus dedos fecharam-se sobre os meus, quis puxar minha mão de volta. *Zing!* Eu bem que poderia ter enfiado meu dedo molhado em um soquete de lâmpada. Consegui dar a ele um aperto de mão o mais rápido possível, depois soltei, usando de todo meu controle para não esfregar minha mão e tirar a dormência dela. Mais tarde eu teria de perguntar a Bones qual era a idade exata de Mencheres. Eu estava apostando que ele contava seus aniversários em milênios, não séculos.

Assim que os cumprimentos adequados foram trocados, Bones entrou de cabeça.

– Estou deixando a linhagem de Ian – ele anunciou. – Ian a quer e ela deseja matar um dos dele, então você pode ver por que preciso afastar-me de minhas lealdades a ele e ser chefe de minha própria linhagem.

Mencheres passou seu olhar para mim.

– Você acha mesmo que matar seu pai vai tornar sua vida de alguma forma melhor?

Eu não estava preparada para aquela pergunta, portanto, minha resposta foi um pouco balbuciada.

– Hã, sim. *Claro* que sim, na verdade. Para começo de conversa, não teria que me preocupar com assassinos mirando para minha

cabeça e, também, isso seria muito, *muito* prazeroso.

– A vingança é a mais vazia das emoções – Mencheres disse, desdenhosamente.

– Ganha de raiva reprimida – disparei de volta.

– Eu não disse que era o pai dela que ela queria matar – Bones interpôs em voz suave. – Como soube disso, *Grandsire*?

É, como? Minhas sobrancelhas se arquearam. Mencheres deu de ombros.

– Você já sabe como.

Bones pareceu aceitar isso. Eu não.

– *E?* – cutuquei.

– Mencheres vê coisas – Bones respondeu. – Visões, vislumbres do futuro, esse tipo de coisa. É um de seus poderes.

Ótimo. Tínhamos que convencer um vampiro *swami*<sup>\*</sup> a tomar nosso partido. Suponho que, se podia ver o futuro, ele já soubesse se essa seria ou não uma boa ideia.

– Tem alguma dica sobre compra de ações? – Não consegui evitar a pergunta. – O salário do governo é uma droga.

– Você vai declará-la como uma de seus? – Mencheres perguntou a Bones, ignorando-me. – É por isso que quis se encontrar comigo em segredo? Para pedir meu apoio caso entre em guerra com Ian por causa dela?

– Sim – Bones disse sem piscar, enquanto fiz de tudo para não soltar um *Você já não devia saber disso, Srta. Cleo?*

Mencheres lançou-me um olhar tal que eu me agitei desconfortavelmente. Jesus, eu não tinha dito isso em voz alta.

Bones suspirou.

– Gatinha, suponho que preciso informar a você que Mencheres também pode ler mentes humanas e, pela expressão dele, de mestiços também.

Ai, ai. Eu estava *tão* encrencada.

– Ops! – eu disse. Em seguida, meus olhos se estreitaram. – Não mentes de vampiros, imagino, ou você não teria fraseado dessa forma.

– Não, mentes de vampiros não – Bones reconheceu. A boca dele se contorceu. – A menos que venha escondendo algo, *Grandsire*.

Mencheres também tinha um sorriso sutil.

– Se eu tivesse esse poder, isso teria me salvado de muitas decisões erradas. Não, apenas humanas. E mestiças. Você disse a ela sob que pretexto você a reivindicaria como sua, Bones?

Pela forma como Bones de repente ficou tenso, não precisei de habilidades de leitura de mentes para saber que alguma informação havia efetivamente sido deixada de lado.

– Desembuche – eu disse em advertência.

Bones enfrentou meus olhos.

– Todos os vampiros são territoriais. Você sabe disso. Eu a encontrei, mordi e transei com você. Tudo antes de Ian sequer deitar olhos em você. No mundo dos vampiros, isso faz de você minha... minha propriedade, a não ser que eu de livre vontade abraço mão de meus direitos de...

– *Filho da mãe!* – explodi. – Bones! Diga-me que você *não* intencionava rosnar sobre mim como se eu fosse um pedaço de carne que não queria compartilhar!

– Não vejo dessa forma, então por que se importar com qual brecha eu usei? – Bones disparou de volta. – Eu francamente não vejo por que Mencheres até mesmo trouxe isso à tona.

– Porque eu me recuso a ficar a seu lado a menos que ela esteja ciente de todas as ramificações – Mencheres retrucou, friamente.

Bufei.

– E ele não precisou de poderes especiais para imaginar que eu ficaria irritada. Nem você, obviamente, porque com certeza deixou esse detalhe de fora. De jeito nenhum, Bones. Não, de jeito nenhum. Vá em frente, declare sua independência de Ian e seja



Mestre de sua própria linhagem. Mas pode esquecer chamar a si mesmo de *meu* Mestre, com ou sem brecha.

– Você percebe como está sendo hipócrita? – ele perguntou em tom escaldante. – Anteontem, eu disse a Don que verdadeiramente acataria suas ordens nas missões, mas agora se recusa até mesmo a ter estranhos *pensando* que você obedeceria às minhas?

Abri minha boca – e não tive nada com que refutar àquilo. Malditas pessoas que discutiam usando lógica. Isso é o que eu chamo de injustiça...

– Tem de haver outra forma – foi o que defini em um tom mais racional. – Ao invés de contornar Ian com brechas machistas, deve haver algo que possamos fazer para que ele concorde em me deixar em paz.

– Não é machista – Mencheres disse com um erguer de ombros. – Se Bones fosse mulher e você homem, ele ainda teria a mesma reivindicação sobre você. Vampiros não discriminam por gênero. Essa é uma falha humana.

– Que seja – rebati, não interessada em comparar a justiça da cultura humana com a nosferatu.

Então, algo começou a se formar em minha mente. Talvez houvesse uma forma de usar a estrutura social dos mortos-vivos a meu favor...

Dei a Bones um amplo sorriso.

– Você vai dizer a Ian que me encontrou. E vai se oferecer para me levar até ele.

# VINTE E SETE

– Cat – don levantou os olhos de sua papelada. – Entre. Estou examinando os relatórios da patologia do outro dia. – Ele pareceu quase alegre ao voltar seu olhar para Bones. – Você tem um componente bem pesado em seu sangue. Poderíamos praticamente nos livrar de nossos outros vampiros internos se extraíssemos meio litro por semana de você.

– Vai me extrair como uma seringueira? – Bones perguntou, divertido. – Você é um sanguessuga bem ganancioso, não é?

– Viemos por uma razão, Don. Você poderia chamar Juan, Tate e Cooper? Assim podemos passar por isso somente uma vez.

Curioso, Don fez a ligação. Os três homens entraram na sala depois de vários minutos e, quando a porta se fechou, comecei sem preâmbulos.

– Todos vocês sabem que sou mestiça. O que vocês não sabem, e que eu não sabia até recentemente, é que o vampiro que estuprou minha mãe é irmão de Don – Don parecia visivelmente desgostoso ao ser exposto, mas ignorei isso. – Lembrem-se de Liam Flannery, de Nova York? Seu nome verdadeiro é Ian e ele é o vampiro que transformou Bones. Ian também é o vampiro que transformou meu pai, Max. Don também sabia *disso* há anos, e essa é a razão real de nos ter enviado para trazê-lo. Após nosso confronto, Ian ficou entusiasmado por eu ser mestiça e decidiu que me queria como seu novo sabor da semana. De acordo com Bones, Ian é do tipo que não hesita em usar as pessoas com quem eu me importo para assegurar

minha concordância. Há uma maneira de tirá-lo de minhas costas sem um total banho de sangue, mas é perigoso.

Essa era a parte difícil. Meu plano era apenas desafiar Ian a lutar comigo, no esquema “o vencedor fica com tudo”, mas Bones tinha apontado que Ian provavelmente iria se recusar. Não, Ian precisava sentir que estava no controle e só havia uma forma de garantir isso. Bones emitiu um suspiro de exasperação e prosseguiu.

– Vejam, para que ela possa virar a mesa sobre Ian, ele precisa ter certeza de que tem algo que exerça poder sobre ela. Um refém valioso, mais especificamente. Agora, Ian é um sujeito esperto que provavelmente não mataria alguém que fosse uma útil ferramenta de barganha. Ela pretende resgatar quem quer que seja a isca e depois usar os guardas de Ian como fichas de barganha para forçá-lo a jurar que a deixará-la em paz. Se Ian fizer um juramento de sangue com essa promessa, ficará preso a isso no mundo dos vampiros e seria visto de forma muito depreciativa se acaso se recusasse a barganhar por sua gente por causa de luxúria. Mas até ele chegar lá... não haverá ninguém para garantir a segurança de quem quer que seja voluntário.

Houve um silêncio quando Bones terminou. Tate foi o primeiro a quebrá-lo.

– Isso evitará que um vampiro cace você, Cat? Então, conte comigo.

Don tossiu um pouco abalado.

– Deve haver uma abordagem diferente que poderíamos ter...

– Eu também, querida – Juan acrescentou. – Esse *pendaho* pode ter duas minhocas no anzol ao invés de uma. Vai fazer melhor vista.

– Estou dentro – Cooper disse. – Quem quer viver para sempre?

Jesus, Maria e José, eu ia me debulhar em lágrimas. Que antiprofissional.

Bones impediu as iminentes objeções de Don com uma brusca interrupção.

– Deixe disso, meu velho. Eles são homens adultos e não trabalharam com jardinagem nesses últimos anos, não é? Além disso, eu sabia que todos se ofereceriam e acabei de conhecê-los. Como você podia esperar algo diferente?

– Cat, você não pode levar os melhores membros de minha equipe para dentro de um ninho hostil cujos contornos eles nunca viram. Se todos morrerem, isso destruiria esta operação, *acabaria* totalmente com ela!

Don bateu o punho na mesa como ênfase. Bones o mediu com um olhar livre do tom esverdeado.

– De uma vez por todas, decida o que é mais importante para você. Sua sobrinha... ou o risco para esses homens e sua operação. Todos fazemos escolhas com as quais temos que conviver. Esta é a sua.

– E eles não são ovelhas dóceis – acrescentei. – Eles não são apenas iscas, são cavalos de Troia. Quem quer que Ian escolha para guardá-los, nunca esperará que sejam tão durões. Eles têm lutado com vampiros há muito tempo. Se eu não soubesse que poderiam lidar com isso, nunca os deixaria ser voluntários.

Don olhou fixamente para mim. Sustentei seu olhar, sem piscar. Bones tinha feito uma predição sobre esse resultado também.

Don foi o primeiro a desviar o olhar. Quando ele falou, sua voz foi áspera.

– Só peço a Deus para que você não esteja enganada ao confiar nessa criatura, Cat. Se ele a ludibriou, todos nós cairemos em chamas por isso. É bom ele ser tão hábil quanto é arrogante.

Quatro de quatro. Bones sorriu triunfalmente.

– Não se preocupe, companheiro. Eu não a estou ludibriando e *sou*, sim, tão hábil quanto arrogante. Afinal de contas, antecipei suas atitudes. Ela tinha certeza de que você recusaria. Eu disse a ela que não.

Don parecia tão preocupado quanto eu me sentia, mas não objetou mais.

– Vai levar algumas semanas para montarmos tudo – Bones disse – e vocês três vão estar ocupados até então. Se as coisas desandarem, precisaremos reagir rapidamente. Todos vocês sabem o preço de beber sangue de vampiro, certo?

Cooper não sabia. Em poucos minutos, ele foi informado sobre as ramificações de suas ações na caverna. Ele encarou isso muito melhor do que eu. Simplesmente bufou sua descrença.

– Bem-vindo ao clube das aberrações – eu compadeci. – Todos vocês precisarão estar imunes ao controle de mente dos vampiros e o sangue é a única maneira de fazer isso. Quem se recusar, vai ficar para trás. Não vou arriscar suas vidas ou as de quem estiver a sua volta ao deixar algum vampi lançar o olhar esverdeado em vocês para submetê-los.

– Eu topo beber – Tate disse, de novo sendo o primeiro a se oferecer. – Mas você não vai se importar se eu me recusar a sugar o sangue da língua dele como você fez?

Bones soltou uma curta risada de divertimento.

– Não se preocupe, você não é meu tipo. Alguém mais tem alguma preocupação?

Não houve outras vozes de protesto. Bones se levantou.

– Muito bem. Vamos ao laboratório para Don colocar minha veia na extração novamente. Sério, meu velho, você está tão entusiasmado com meu sangue quanto um vampi com uma artéria succulenta. Tem certeza de que não está escondendo algumas características familiares?

– Isso não é engraçado – Don respondeu bruscamente, mas também se levantou e foi em direção ao laboratório.

O caminho até lá havia sido liberado de outros funcionários, minimizando a exposição de Bones nas instalações. O mesmo foi

feito na unidade de patologia. Assim que chegamos lá, Bones lançou a Tate um olhar de análise.

– Pronto para uma atualização? Após sua primeira dose, vou espancá-lo a não mais poder para ver o quanto você aguenta.

– Pode vir – foi a resposta de Tate. – Cat tem me batido há anos. *Anos*. Quanto tempo você passou com ela, no total? Apenas seis meses?

Bones o agarrou, intencionando fazer algo doloroso, sem dúvida, mas eu puxei seu braço.

– Pare com isso. Tate, chega de provocações e, Bones, *quantos* anos você tem? Você não quer uma calcinha para pendurar em volta do pescoço? Aí, quando estiver com ciúmes, pode acená-la a quem quer que esteja irritando você.

– Como se você usasse calcinha – Tate murmurou.

Eu o soquei.

– Isso não é da *sua* conta, mas eu apenas saio sem calcinha quando estou em uma missão!

Ao invés de ficar enraivecido pelo conhecimento de Tate sobre minha roupa de baixo, Bones deu-me um estranho olhar conforme se sentava na cadeira que Don indicou. Don arrumou um tubo, uma bolsa e inseriu uma agulha, porque o Dr. Lang, o patologista-chefe, não queria furar Bones.

– Gatinha, você ainda está caçando vampiros sem calcinha? – ele perguntou com aquela mesma estranha expressão.

– Quando estou me fazendo de isca, sim, mas se for só busca e destruição, não. Por quê?

Os lábios dele se curvaram.

– Falaremos sobre isso depois – ele objetou.

Eu insisti. Para ele parecer tão esquisito, devia haver algo ali.

– Diga-me *agora*.

Cinco conjuntos de olhos analisaram-no expectantes. Apenas Don não pareceu intrigado por essa troca. Seus olhos estavam pregados

na bolsa de IV enchendo-se com líquido vermelho.

Os lábios de Bones curvaram-se ainda mais.

– É que você pode ampliar seu guarda-roupa, amor. Não que eu esteja defendendo isso, claro, mas aí sou parcial. Aquilo que eu disse sobre não usar calcinha fazer diferença quando se tratava de seduzir vampiros... Bem. Posso ter aumentado um pouco a verdade.

– Você *o quê?* – Meu queixo caiu em incredulidade.

Juan deu a Bones o olhar mais admirado que já conjurou em si.

– Você a convenceu a sair sem calcinha todos esses anos? *Madre de Dios*, isso sim é impressionante. Eu poderia aprender muito com você, amigo.

– Você *mentiu* para mim.

Ignorei o elogio de Juan e avancei até apontar um dedo para o peito de Bones, que chacoalhava com risadas contidas.

– Veja, Gatinha, não foi exatamente uma mentira. Meramente um embelezamento da verdade. Eu disse a você que vampiros achavam isso irresistível, e alguns acham. Eu, por exemplo, sempre que estou perto de você. E lembra-se de como você era então? Tão certinha e melindrosa, não resisti a cutucar você. Na verdade, para ser justo, nunca tive a intenção de deixar isso durar tanto tempo...

Minha voz tremeu com fúria.

– Seu pervertido, filho da mãe depravado, como pôde?!

– Que truque baixo – Tate concordou prontamente.

Bones estendeu a mão para mim, rindo, mas dei um tapa nela.

– Não me toque. Você é um homem morto.

– Desde antes de você me conhecer – ele concordou, ainda sorrindo. – Amo você, Gatinha.

– Não tente se safar dessa. Vamos ver se me ama quando eu me vingar de você.

– Mesmo assim, ainda vou amar você – Bones ergueu a voz quando me afastei batendo os pés. – Mesmo assim.

Assisti com compaixão enquanto os tremores dominavam Tate. O copo branco que continha um quarto de litro do sangue de Bones caiu de sua mão que tremia. Bones segurou-o pelos ombros até que o aspecto vítreo deixou os olhos de Tate, que parou de se debater e respirou sem parecer que estava engasgando.

– Solte-me – Tate rosnou assim que conseguiu falar.

Bones o soltou. Tate inalou profundamente por várias vezes e seu olhar escancarado encontrou-se com o meu.

– Jesus, Cat. Isso não é como foi antes na caverna. Que diabos há com o sangue desse cretino?

Não respondi ao insulto, somente à pergunta.

– Poder. O sangue que você bebeu antes era de um vampiro mais fraco e estava murchando, então não se compara. Você está bem agora?

– Estou ouvindo tudo tão alto e tão claro – ele chacoalhou a si mesmo como um cachorro secando-se. – E o cheiro! Maldição, Juan, você fede! Não tomou banho hoje?

– Dane-se – Juan grunhiu, parecendo encabulado. – Tomei banho, mas fiquei sem sabonete. Não sabia que iríamos passar pelo teste do farejador.

Eu sabia o quanto passar a contar de repente com o olfato de um vampiro era uma coisa inacreditável. Era como nascer cego e depois recobrar a visão. Você não conseguia acreditar no quanto tinha perdido.

– Certo, Juan, você é o próximo.

Após os três homens terem recebido sangue, fomos até a sala de treinamento. Tudo correu bem, apesar de eu ter certeza de que meus rapazes tiveram uma visão diferente sobre seu treinamento nas mãos de Bones. Don ficou tenso, mas relaxou visivelmente quando Bones reanimou Tate após sua luta e o dispensou com críticas construtivas e até mesmo elogios. Tate tomou lugar a meu lado e fez uma afirmação sobre a experiência.



– O filho da mãe bate mais forte do que um maldito trem de carga.

Eu apenas sorri.

– Eu sei.

– Você os ensinou brilhantemente, Gatinha.

Cooper tinha acabado de ser revigorado com um pouco de sangue e Bones veio até mim.

– Eles são sem dúvida os humanos mais durões com quem já deparei – ele disse para Don em seguida. – Com a força adicional do sangue, ficarão iguais a um vampiro jovem.

Bones beijou-me na testa enquanto falou. Aquele simples toque, combinado com as duas horas assistindo a seu balé predatório sem camisa, fez-me reagir de uma maneira puramente instintiva. Minhas entranhas se contorceram avidamente exigindo atenção.

*Ai, ai.* Eu tinha que sair dali. Rápido. Antes que os rapazes captassem a fragrância de meu desejo.

– Vou tomar um banho, estou suada. Hã, até mais tarde – eu disse, e praticamente saí correndo da sala em minha tentativa de salvar minha dignidade.

– Aonde pensa que vai? – ouvi Tate perguntar com certa raiva na voz. – Lado errado, Bones. Os chuveiros masculinos são do outro lado.

– Vou arquivar isso com todas as outras informações que não me dizem respeito – foi a desdenhosa resposta de Bones.

Eu os ignorei e continuei em frente, chegando a meu vestiário, fechando a porta e tirando minhas roupas num piscar de olhos. Uma ducha fria, era disso que eu precisava. A voz de Tate ainda chegava até mim através da porta.

– Você tem algo do que se envergonha para nos mostrar, vampiro? – ele provocou.

Bones simplesmente riu. Pelo som, ele estava quase à porta.

– Só não sou burro. Onde  *você* preferia estar?

– Não responda – ouvi Juan alertar Tate e, então, Bones entrou em meu vestiário.

Eu já estava embaixo de uma ducha de água fria. Quando Bones voltou seus olhos para mim, tremi, mas isso não tinha nada a ver com a água gelada.

– Aqui não. Não é... apropriado.

Bones tirou suas calças e chutou fora seus sapatos em um único movimento que fez meu fôlego faltar. Veio em minha direção, estendendo sua mão para trás de mim para mudar a água de fria para quente.

– Danem-se eles – ele respondeu, ajoelhando-se na minha frente. Sua boca acariciou minha barriga. – Eu quero você, Gatinha, e você me quer. – A língua dele veio para fora e foi para baixo com meticulosidade implacável. – É só isso que me importa.

Eu agarrei seus ombros quando meus joelhos bambearam e minhas preocupações sobre decoro saíram pela janela metafórica. A água quente caía sobre nós com um jeito muito semelhante ao sangue agora correndo através de mim.

– Vou cair – eu o alertei, arquejando.

– Vou segurar você – ele prometeu, roucamente.

Acreditei nele.

Quando aparecemos uma hora depois, meu rosto estava avermelhado do sexo, do calor da ducha e do olhar que Tate me deu quando entrei em meu escritório. Ele estava esperando por mim ali. Bones tinha parado no laboratório novamente para mais extração de sangue, a pedido de Don.

– Cristo, Cat, você não pôde nem mesmo esperar para rastejar-se para dentro do caixão com ele? – Tate perguntou, dando uma balançada de repugnância com a cabeça.

Aquilo serviu para reprimir meu estado de espírito.

– Antes de mais nada, isso não é assunto seu e, segundo, como pode saber se não estávamos simplesmente conversando? – Não estávamos, mas essa não era a questão.

Tate bufou rudemente.

– Meus sentidos acabaram de ser mergulhados em esteroides, lembra-se? Não apenas pude ouvir você, como agora consigo sentir seu cheiro. Você está fedendo, mesmo depois do banho.

Deus, como pude ser tão *estúpida*? Francamente, eu estava acostumada a ser a única com percepções extras.

– Então volto a meu primeiro ponto, que isso não é da sua conta.

– De forma alguma eu iria me encolher sob o olhar dele.

Outro bufar, mas com amargura dessa vez.

– Sim, você deixou isso perfeitamente claro.

A dor no rosto dele deteve minha próxima observação mordaz.

– Tate. Não estou tentando ferir você ou provar nada. O que acontece entre mim e ele não tem nada a ver com você.

Como se convocado mentalmente, Bones apareceu à porta. Tate passou por ele sem considerar sua presença, lançando um último comentário ao ir embora.

– Você pode não estar querendo provar nada, mas ele com certeza está. Ele nem precisa mais usar sua calcinha em volta do pescoço. Ele acabou de se cobrir com seu cheiro.

– Pronta, amor? – Bones perguntou, ignorando Tate.

– É verdade? – Não deixei o assunto morrer, apesar de poder já adivinhar a resposta.

Bones considerou-me com toda seriedade.

– Parcialmente. Sempre quero você e você sabe como lutar me esquenta o sangue, mas se passou por minha cabeça que eu estaria literalmente esfregando isso no nariz dele? Sim. Melhor ele perder suas ilusões, e rápido, no que se refere a você. Mas eu teria agido diferentemente se estivéssemos sozinhos? Claro que não. Nunca me canso de você.

– Isso não vai ser fácil – resmunguei enquanto nos dirigíamos até a saída.

Bones deu de ombros.

– Nada que valha a pena é fácil.

# VINTE E OITO

Bones estava muito ocupado no dia seguinte trazendo seu pessoal espalhado pelo país e até mesmo pelo mundo. Ele os queria por perto quando dissesse a Ian que havia me encontrado e tinha reféns. Bones me fez ficar quietinha em sua casa enquanto ele ia até a minha buscar meu gato, que não estava nada feliz por ter sido deixado sozinho por mais de dois dias. Então, na manhã seguinte, acordamos às dez, medonhamente cedo para nós dois, e fomos direto para o complexo.

– Você disse que tinha vampiros cativos aqui, certo, Gatinha? – ele perguntou depois que chegamos.

– Sim, três deles, por quê?

Bones estalou sua língua em contemplação.

– Eles poderiam ser úteis. Deixe-me vê-los.

Tate, Juan e Cooper nos acompanharam até o nível inferior onde os vampiros eram mantidos. Os guardas desviaram seus olhos quando Bones passou, tendo sido instruídos por Don para não interferirem, mas eles nunca tinham visto um vampiro à solta andando por aí. Seu óbvio desconforto encheu o ar.

– Nesta baía temos Rabugento – narrei, acionando a tela de separação que escondia o vampiro em sua prisão. Só foi levantada quando os outros guardas estavam seguros fora de vista. Como Tate, Juan e Cooper tinham bebido o sangue de Bones, podiam olhar para ele sem se preocupar. – Seu nome verdadeiro é Dillon, ou foi o que ele nos disse. Tem cerca de trinta, suponho, em anos de sepultura.

Os olhos azuis de Dillon escancararam-se quando encontraram os frios e analíticos olhos castanhos. Bones acenou com a cabeça, indicando que havia terminado de examiná-lo.

– O seguinte é Jack, mas ele é conhecido como Animado. Sua voz é muito aguda, por isso o apelido. Diria que tem uns sessenta anos? Setenta? Nós o agarramos em um jogo de baseball. Ele gostava de beber as vendedoras de cerveja.

Sessenta ou setenta mais uma vez se referiam a anos mortos-vivos, mas os de vida não pareciam muito longe desse número também. Jack era pequeno, enrugado e de aparência frágil. Até que tentasse rasgar sua garganta.

– E esta – levantei o último escudo protetor para revelar a vampira loira que eu tinha capturado meses atrás – é Raio de Sol. Não sabemos seu nome verdadeiro, ela nunca nos disse.

Tão logo Raio de Sol ergueu os olhos, saltou de seu catre em um piscar de olhos para pressionar-se contra o vidro.

– Bones! Como chegou aqui? Deixe para lá, apenas mate-os e me deixe sair!

– Belinda, que bom ver você aqui – Bones riu. – Sinto desapontá-la, mas não estou aqui para resgatá-la.

– Você a conhece? – perguntei tolamente, pois era óbvio.

Ela tocou o vidro.

– Como pode dizer isso depois do que significamos um ao outro?

Eu fiquei rígida, mas Tate não perdeu a chance.

– Você transou com Raio de Sol?

Eu também estava aguardando sua resposta, com um olhar cortante.

– Não significamos nada um ao outro além de algumas transadas, Belinda – Bones respondeu à pergunta rudemente em sua réplica.

Minhas mãos cerraram-se. Agora eu desejava tê-la matado ao invés de capturado.

Juan disse alguma coisa em espanhol que não consegui entender e, para meu espanto adicional, Bones respondeu no mesmo idioma. A testa de Juan franziu-se enquanto ele ria do que quer que tivesse sido o diálogo.

– Isso é rude – disparei, não achando nem um pouco de graça. De alguma forma eu sabia que eles não estavam discutindo os dentes de Raio de Sol – ou de Belinda.

Pela primeira vez, avalei-a como mulher e não gostei do que vi. Belinda era muito bonita, mesmo sem nenhuma maquiagem. Ela tinha longos cabelos loiros, por isso o apelido que demos a ela, seios grandes e uma cintura fina sobre quadris curvilíneos. Seus olhos de um azul-violeta complementavam seus lábios fartos e róseos. *Tudo de melhor para beijar Bones...*

– Perdoe-me, Gatinha – Bones se desculpou, voltando para o inglês.

Juan bateu em minhas costas.

– Ele fala espanhol melhor do que eu, querida.

– Aparentemente, há *muitas* coisas que não sei sobre ele – falei macia e perigosamente.

Tate escondeu um sorriso por detrás de uma tosse repentina.

Bones voltou-se para Belinda.

– Pare de piscar seus cílios para mim. Se você está aí, deve ter tentado matá-la – ele me indicou com a cabeça. – Então pode encolher até virar pó se depender de mim. No entanto, sua estada aqui pode ser mais agradável se duas coisas acontecerem. A primeira envolve a adorável dama a meu lado. Ela teria que concordar. A segunda refere-se a sua total cooperação ou, se falhar nisso, uma morte horrenda e prolongada. Estamos de acordo?

Belinda assentiu e afastou-se do vidro. Fechei a tela obstrutora, pois o rosto dela era mais do que eu queria ver.

– Voto por sua morte horrenda e prolongada – eu disse enquanto batia o pé ao me afastar.

Quando estávamos fora do nível de contenção para vampiros, enquadrei Bones.

– Você e ela? *Argh.*

Meus três capitães ficaram mais atrás, mas com suas novas habilidades de audição; porém, isso não importava. Bones cruzou os braços e deixou escapar um suspiro resignado.

– Gatinha, isso foi antes de você. Não significou nada.

Eu entendia isso, mas, mesmo assim... Isso foi pior do que quando conheci outra ex-namorada de Bones, Francesca. Pelo menos *ela* havia nos ajudado a rastrear um canalha que costumava dirigir um serviço de entrega de comida que servia humanos como prato principal. Belinda, que eu havia conhecido quando sua companheira de quarto me levou para casa pensando que eu daria um bom jantar para dois, não possuía tais atributos atenuantes.

– Claramente significou algo para *ela*.

Bones deu de ombros.

– Então, mate-a, se isso a faz se sentir melhor. Não posso dizer que a condenaria e eu realmente não me importo. Se quiser, faça isso eu mesmo.

Isso me deteve. Por sua expressão, Bones falava sério. Ele realmente a mataria ou simplesmente ficaria e assistiria enquanto eu o fazia.

– Não mato pessoas só porque estou com ciúmes. – *Pelo menos, por enquanto.* – Tudo bem. Serei adulta, apesar de o pensamento de você com ela me fazer querer vomitar. Pois bem, então. Qual é sua ideia?

Tate, Juan e Cooper entraram na sala de treinamento. Eles não estavam vestindo o equipamento completo de batalha, o qual seria um colete à prova de balas, protetor de pescoço flexível feito com fios de prata (que projetei depois da morte de Dave) nem armas automáticas e semiautomáticas com cartuchos de prata. Não, cada



um deles estava apenas vestindo suas usuais calças de algodão com camisetas que todos em nossa equipe usavam enquanto treinavam.

Só que esta não era uma operação de treinamento comum, mesmo para nossos padrões. Ao meu lado, Bones segurava Belinda com punhos de aço. Don, protegido em seu aquário de verificação acima, parecia decididamente sombrio. Ele não tinha gostado dessa ideia. Nem eu, mas isso não significava que não via o mérito dela.

– Vocês estão prontos, rapazes? – perguntei.

Meu tom foi calmo, contradizendo meu estômago, que se revirava por dentro. Todos os três homens concordaram.

– Então, peguem uma faca, cada um de vocês. Apenas uma.

Eles obedeceram, indo até o contêiner onde tínhamos facas empilhadas como um monte de lixo. Olhei para Bones. Ele assentiu e então curvou-se até o ouvido de Belinda.

– Lembre-se do que eu disse a você – ele falou muito suavemente, apesar de sua voz verter gelo.

Em seguida, ele a soltou e ela investiu como um diabo loiro da Tasmânia sobre meus homens. Eles se espalharam, movendo-se a uma velocidade que teria sido impossível a eles uma semana atrás. Abastecidos com o sangue de Bones, no entanto, eles conseguiram evitar o primeiro ataque dela. Tate girou para trás de Belinda, enfiando sua faca em suas costas e ela se alojou exatamente onde seu coração estaria.

Ela girou, levando sua mão para trás enquanto eu berrava uma repreensão.

– Isso é ótimo se estiver querendo matá-la, mas eu disse a vocês para tratarem esta situação como um teste para os guardas de Ian. Se eles estiverem *mortos*, com que reféns eu poderia barganhar?

Uma rápida expressão de vergonha cruzou o rosto de Tate.

– Desculpe – ele murmurou. – Foi apenas um ato reflexo, acho.

Belinda arrancou a faca de suas costas e atirou-a aos pés de Tate.

– Idiota – ela rosnou para ele.

Bones concedeu-me uma expressão astuta.

– Vê por que insisti em facas de aço ao invés de prata? Eu calculei que um deles poderia entrar em pânico e partir para a matança em vez de captura.

Eu sabia que era de acabar com os nervos encarar um vampiro com nada além de uma única arma, mas Tate e os outros tinham de controlar suas emoções. Não apenas seria ruim para propósitos de barganha estar sem reféns como, se matássemos os homens de Ian, eu suponha que ele seria ainda menos razoável para se lidar.

– Seu objetivo é conter Belinda sem meios letais – eu disse, enfaticamente. – Se não puderem lidar com isso, então estão fora dessa missão. Ponto final.

– E se depois de uma hora não tiverem me contido – Belinda disse com voz macia –, dou uma provada em vocês. Hum, sangue fresco. Não tenho *isso* há mais de um ano.

Ela lambeu os lábios ao dizer isso, olhando-os com uma luxúria que nada tinha a ver com sexo. Juan engoliu em seco. Tate deu passos para trás. Até mesmo o normalmente impassível Cooper pareceu inquieto.

Isso era novidade para eles.

– Para motivação – eu disse, friamente. – Agora, quem vai estar feliz daqui a uma hora? Vocês, rapazes, ou ela?

Belinda expôs suas presas e saltou sobre eles novamente. Dessa vez, ela escolheu apenas um e mergulhou baixo, acertando as pernas de Juan e tirando seu apoio. Juan reagiu prontamente, mas Belinda foi mais rápida. Suas presas estavam próximas ao pescoço dele antes que pudesse afastá-la.

Fiquei tensa, pronta para me lançar à ação, mas Bones agarrou meu braço. No mesmo instante, Cooper e Tate pularam sobre Belinda. Cooper puxou sua cabeça pelos cabelos e Tate chutou seu

rosto com um giro de pernas que teria quebrado seu pescoço se fosse ela uma pessoa normal.

Belinda ficou atordoada por um momento. Somente um momento. Então, estendeu as mãos para trás e lançou Cooper por sobre ela com tanta força que ele aterrissou a três metros e meio de distância.

– Deixe-os lidar com isso – Bones disse em voz baixa. – Você não pode estar sempre lá para protegê-los.

Travei meus maxilares. Claro, Bones tinha ameaçado Belinda com uma punição verdadeiramente horrível se ela saísse da linha e matasse um deles, mas isso não tornaria o infeliz menos morto. Bones não achava que ela fosse burra o suficiente para tentar. Eu não estava tão confiante. Mesmo assim, sua lógica tinha sido inegável. Belinda era uma vampira de força média; se meus rapazes não pudessem lidar com ela, então não poderiam enfrentar os homens de Ian. *Nada como um julgamento por presas*, pensei sombriamente. *Vamos, rapazes, deixem-me orgulhosa. Ponham a vadia loira no chão.*

Tate e Juan circularam em volta de Belinda enquanto Cooper se levantava e se chacoalhava. Sua testa estava sangrando. As narinas de Belinda inflaram-se de fome. Ela olhou para Juan e, então, arrancou a parte de cima de sua roupa. Seus seios fartos e despidos ficaram à mostra.

Juan olhou fixamente, vacilando por um instante. Foi tempo suficiente para Belinda. Ela investiu, desfechando violentamente seu punho na cabeça dele. Os olhos de Juan rolaram nas órbitas e ele caiu ao chão. Tate foi atrás dela, mas ela já tinha chegado a Cooper. Um golpe forte em seu abdome o fez instintivamente dobrar-se e a língua dela saiu para lambar a trilha vermelha pingando da testa dele.

– Um aperitivo – ela murmurou. Então, levantou Cooper como se ele fosse um brinquedo e atirou-o em Tate, que estava quase sobre

eles. Os dois homens foram despachados em uma confusão de braços e pernas.

Rangi os dentes. Bones estendeu a mão para baixo e apertou a minha. Eu sabia o que ele estava pensando. Tínhamos que criar um plano B para capturar os homens de Ian, porque a Betty Boop aqui estava chutando seus traseiros apesar de a contagem ser de três contra um. Bem, dois contra um agora, uma vez que Juan estava decididamente desmaiado. Espere até eu colocar minhas mãos nele por deixar um par de peitos distraí-lo daquela forma. Juan iria desejar não ter acordado.

Cinquenta minutos mais tarde, Tate e Cooper estavam empapados de suor, Juan apenas voltando à consciência e Belinda não tinha sido contida com sucesso. Tate e Cooper haviam chegado perto algumas vezes, mas não tinham conseguido segurá-la por tempo suficiente para entregá-la a Bones, que era seu objetivo. Meu estômago parecia cair. Se tivesse sido apenas questão de dar um golpe mortal, eles teriam sido bem-sucedidos muitas vezes. Mas não puderam subjugá-la sem lançar mão de meios inaceitáveis. Maldição. Haveria duas consequências ruins, a primeira delas a começar agora.

Belinda sorriu com suas presas plenamente estendidas.

– Venci, portanto, agora quero meus despojos da vitória. A menos que você seja um mentiroso, Bones.

Bones cruzou seus braços, dando a ela um olhar duro.

– Eu disse que você receberia seu prêmio. Não especifiquei *quando*, porém.

Belinda começou a maldizê-lo quando, surpreendentemente, Tate a interrompeu.

– Vamos acabar logo com isso – ele disse bruscamente e andou, ou melhor, saltou – até ela.

Meu olhar se escancarou.

– Tate... – comecei.

– Pode parar – ele me cortou. – Falhamos com você, Cat. Você acha que a mordida dela em mim vai doer mais do que isso?

A crueza em seu tom me fez piscar e virar para o outro lado. Queria dizer a ele que não era sua culpa, que, mesmo com a força adicional do sangue de Bones, ele ainda era humano e Belinda *não*. Era muito mais fácil matar do que capturar um vampiro, mesmo para mim, ou Don teria muito mais pares de presas em seu estábulo de mortos-vivos. Mas eu sabia que minha compaixão apenas faria Tate se sentir pior, então não disse nada. Fingi estar fascinada pela parede na direção oposta à que ele estava.

– Quem disse que é você que eu quero? – Belinda disse com desdém.

– Não interessa, sou eu que você vai *ter* – Tate respondeu, seu tom de voz endurecendo. – Você entende de cadeia de comando, sanguessuga? Dentre nós três, estou no topo da cadeia, então vai ter minha veia e a de ninguém mais.

Isso me fez piscar mais rapidamente. Deus, como era típico de Tate insistir em levar a bala ou, nesse caso, a mordida. Era isso o que o fazia ser um líder tão bom. Ele nunca se esquivava de sua obrigação para com seus homens.

Eu senti Belinda sorrir.

– Acho que você vai servir, então. Venha aqui.

– Não tão rápido – Bones disse, mesmo quando eu me recompus e me volvei. – Só o pulso, Belinda. Não o pescoço.

Ela fez um beijo que foi ameaçador e sensual ao mesmo tempo.

– Mas gosto mais do pescoço.

– Que grande pena – Bones disse friamente. – Se discutir novamente, não vai ganhar nada.

Eu estive prestes a insistir na mesma coisa. Um braço rasgado era muito menos letal do que uma jugular rasgada, no caso de Belinda pensar em renegar sua promessa de se comportar. Mesmo assim, ela parecia ter medo o bastante de Bones para acreditar que

ele a faria se sentir mais do que arrependida se fizesse isso, o que acho que provinha de seu conhecimento sobre a reputação dele. Foi por isso que Bones a escolheu ao invés dos outros dois vampis enjaulados para testar os rapazes, ele tinha explicado. Eles não o conheciam, então não sabiam que ele cumpriria exatamente o que tinha dito. Belinda o conhecia. Demais para meu gosto, mas não havia nada que eu pudesse fazer quanto a isso.

Ela sorriu ao estender as mãos para Tate. A blusa dela ainda jazia aberta, deixando seus seios nus e ela puxou o braço dele para perto dela. A taxa cardíaca de Tate estava acima do normal e continuava aumentando, mas achei que isso tinha mais a ver com a ansiedade de ser mordido do que por excitação por causa dos peitos de Belinda.

– Não se preocupe, bonitão, você vai gostar – ela falou suavemente, dando uma última lambida em suas presas.

Tate resmungou.

– Nem no além, vadia.

Belinda apenas riu. Baixo, guturalmente e com conhecimento de causa.

– Sim, você vai. – Então, ela afundou seus pontiagudos incisivos no antebraço de Tate.

Vi o tremor atravessá-lo quando seu coração começou a bater mais rápido. Ele apertou seus lábios, mas não antes que um som suave, quase como de surpresa, escapasse deles. Quando Belinda engoliu e perfurou mais profundamente, sugando seu braço, os olhos de Tate fecharam-se trêmulos por um segundo antes de ele abri-los de repente. E fixá-los em mim.

Foram apenas alguns instantes, mas pareceu prolongar-se por muito mais. Os olhos azuis-escuros de Tate foram tomados por aquela mesma intensidade ardente que tinham na noite em que ele tinha ficado bêbado e confessado como se sentia a meu respeito. Eu sabia que ele estaria sentindo aquele mesmo calor intoxicante

correndo através de suas veias. Aquele prazer inebriante e sedutor que negava qualquer lógica. Isso não acontecia toda vez que um vampiro mordida alguém, lógico. Eu sabia por experiência própria, após algumas lutas medonhas com eles, que uma mordida poderia doer infernalmente. Mas quando um vampi não queria que doesse... *não* doía. Nem de leve.

– Basta – Bones disse em um tom cortante.

Belinda lentamente recuou, lambendo as gotas de sangue em suas presas. Tate não se moveu. Ele apenas continuou a me olhar fixamente como se eu, de alguma forma, tivesse desenvolvido poderes mortos-vivos e o tivesse hipnotizado.

– Feche os buracos – Bones orientou Belinda. Tate não tinha nem ao menos se incomodado em limpar o sangue vertendo do gotejamento de seu braço.

Belinda furou seu dedão com uma presa e o levou por sobre as punções. Elas sumiram em segundos.

– É por isso que você não consegue ficar longe dele, Cat? – Tate perguntou, afinal, ignorando todos à volta.

Fiquei pasma com a pergunta, mas Bones apenas sorriu, mostrando uma insinuação de suas próprias presas.

– Você gostaria de acreditar nisso, não é, companheiro?

– Tate, por que você *pensaria* uma coisa dessas? – consegui dizer.

– Não se preocupe, amor – Bones disse com leveza, ainda mostrando aquele sorriso pontiagudo. – Eu não me importo com as mentiras que ele usa para confortar a si mesmo quando está sozinho à noite e você está comigo. Belinda, seu tempo acabou. De volta a sua cela.

Sáimos sem mais palavras, Belinda ainda lambendo seus lábios enquanto nós a conduzíamos de volta ao nível inferior e a seu confinamento.

# VINTE E NOVE

Nós trazíamos Belinda para fora todos os dias para treinar com Tate, Juan e Cooper. Isso devido à insistência deles, não minha. Eles se recusavam a aceitar que não poderiam estar à altura do desafio de imobilizá-la e estavam determinados a ainda ter um papel ativo na captura dos homens de Ian. Eu não gostava disso, mas Tate tinha sido inflexível como eu nunca o havia visto

Belinda parecia não se incomodar. Apesar de não ganhar mais seu prêmio em sangue fresco, ela podia sair um pouco de sua pequena cela e também recebia uma bolsa extra de plasma por cooperar. Além disso, acho que ela gostava de quão frustrados eles ficavam com sua inabilidade em imobilizá-la – pelo menos a princípio.

Após quatro dias de humilhação, os rapazes começaram a ficar melhores naquilo. Conseguiram algumas vezes acertar o peito de Belinda bem no ângulo certo de forma que uma virada pudesse acabar com ela, se a faca fosse de prata. E isso, eu sabia, era o suficiente para fazer qualquer vampiro de repente se tornar *verdadeiramente* colaborativo. Com mais uma semana de prática mais ou menos, eles poderiam estar prontos para Bones fazer aquela ligação para Ian dizendo que tinha me encontrado e possuía reféns. Então, eu poderia pôr em prática meu *outro* plano. Aquele relativo a meu pai sobre o qual não tinha falado com Bones. Oh, sim. Eu estava esperando ansiosamente por aquilo.

Na quinta-feira fomos pegar uma pessoa da turma de Bones no aeroporto. Essa pessoa estava vindo de Londres e era



aparentemente o primeiro vampiro que Bones tinha feito. Algumas vezes, a hierarquia dos vampiros lembrava *O Poderoso Chefão* para mim. Durante uma viagem de ácido.

– Você não me perguntou e houve pouco tempo, mas precisa saber quem estamos indo buscar, Gatinha.

Tínhamos acabado de chegar à seção do aeroporto onde o restante do público que não voaria esperava os passageiros que chegavam. Com a segurança atual nas linhas aéreas, era o mais longe que podíamos ir, a menos que Bones ligasse seus faróis óticos.

– Outra antiga paixão? – brinquei.

Bones não riu.

– Você poderia chamá-la disso, sim.

Eu precisava de gim para essa porcaria.

– Ótimo, mal posso esperar para conhecê-la.

– Lembra-se de quando disse a você que, quando eu era humano, uma de minhas clientes salvou minha vida ao convencer o juiz a me enviar de navio para a Austrália ao invés de me enforcar por bater carteiras? Bem, essa foi Annette. Quando voltei a Londres como vampiro, procurei pelas pessoas que tinham sido gentis comigo. Madame Lucille, a dona do bordel que ajudou a me criar, já estava morta a essa altura, como muitas das prostitutas com quem vivi, mas Annette ainda estava lá. Eu ofereci esta vida a ela, que aceitou. É ela que vamos pegar agora.

Droga. Eu já a odiava e ainda nem tínhamos nos conhecido. Esse foi um novo baque para mim.

– E ela vai ficar conosco esta noite. Que agradável!

Bones pegou minha mão.

– Não deixe que isso a perturbe. Você é a única mulher para mim, Gatinha. Acredite nisso.

Houve uma corrente de ar carregado instantes depois.

– Ela está aqui – ele disse, sem necessidade.

Uma mulher veio em nossa direção com a graça inigualável que apenas um vampiro poderia portar. Seus traços frios e patrícios gritavam aristocracia e sua pele levemente vincada possuía aquela marca registrada de brilhante luminescência. *Por que ela não podia ser feia?*, foi meu primeiro pensamento. *Ela parece uma mescla de Marilyn Monroe e Susan Sarandon!*

Seus olhos cor de champanhe fixaram-se imediatamente nos meus e, no mesmo instante, eu soube que tínhamos algo em comum. Ela também já não gostava de mim.

– Crispin, posso ganhar um beijo depois de meu longo voo?

Seu sotaque era o da perfeita alta sociedade britânica. Ela também estava elegantemente vestida em uma jaqueta azul-marinho combinando com as calças e eu apostaria que seus sapatos tinham custado tanto quanto meu último pagamento. Ao olhar para ela, senti como se eu tivesse uma mancha de alguma coisa em meu rosto, ou comida nos dentes.

– Lógico – Bones respondeu, roçando seus lábios por cada uma de suas bochechas. Ela retornou o gesto enquanto me concedia uma rápida avaliação que me fez sentir tão insignificante quanto seu sorriso afetado julgava que eu fosse.

Ele se voltou para mim.

– Esta é Cat – ele me apresentou.

Estendi minha mão. Ela a tomou com uma graça de dama, apenas apertando sua palma pálida e delicada por um instante.

Oh, ela tinha poder também. Não era uma Mestra, mas tinha um bom e estável nível de torque.

– Encantada por finalmente conhecê-la, querida. Esperei ansiosamente que Crispin conseguisse encontrá-la. – Ela traçou um dedo pelo rosto dele como a confortá-lo. – Pobrezinho, ele estava mesmo miseravelmente preocupado que algo medonho pudesse ter acontecido com você.

Era oficial. Eu a odiava. Que gracioso da parte dela me lembrar de que eu o tinha feito se sentir miserável por vários anos. Onde estava um bom punhal de prata quando se precisava dele?

– Como você pode ver, Annette, ele me encontrou bem e viva. – Para efeito, eu trouxe a mão dele apertada à minha a meus lábios e a beijei.

O sorriso dela tornou-se gélido.

– Minhas malas devem chegar a qualquer momento. Crispin, por que você não vai buscar o carro enquanto Cat e eu pegamos minhas coisas?

Foi um cara ou coroa entre o que eu gostaria menos – estar sozinha com ela ou me oferecer para pegar o carro para que ele ficasse sozinho com ela. Escolhi o primeiro, pois era mais suportável, e Bones nos deixou para pegar nosso carro.

Annette tinha muitas coisas, as quais ela prestativamente carregou sobre mim como se eu fosse uma mula de carga, enquanto puxava conversa com uma vivacidade de tom hostil.

– Não é que você tem uma pele adorável? Todo aquele ar campestre sem dúvida ajudou. Crispin não me contou que você veio de uma fazenda? – *Como os animais*, seu sorriso pretensioso subentendeu.

Ergui uma pesada mala por sobre meu ombro antes de retrucar. Deus, o que ela colocou na mala, tijolos?

– Um pomar de cerejeiras. Mas isso não afetou minha pele. O vampiro que estuprou minha mãe me deu isso.

Ela estalou sua língua.

– acredite, tive dificuldade em acreditar em Crispin quando ele me disse o que você era, mas, depois de duzentos anos juntos, você tem que levar fé no que a pessoa diz.

*Boa tacada. Jogar na cara por quanto tempo você o teve, como se eu não soubesse.* Mas bastavam dois para jogar com golpes baixos.

– Mal posso esperar para ouvir tudo a seu respeito, Annette. Bones mal chegou a mencioná-la, apenas como você costumava pagá-lo para ter sexo com ele quando era humano.

Ela deu uma pequena curvatura de lábios.

– Que encantador você chamá-lo por seu nome adquirido. Todos os novos conhecidos dele fazem isso.

Conhecidos? Meus dentes rangeram.

– Esse foi o nome que ele me deu quando nos encontramos pela primeira vez. Somos quem nos tornamos, não o que começamos sendo. – *Ele não é mais seu menininho de brinquedo, entendeu?*

– Mesmo? Eu sempre acreditei que as pessoas nunca mudam verdadeiramente aquilo que foram no começo.

– Veremos isso – murmurei.

Com seus inúmeros itens me sobrecarregando, fomos para a saída. Enquanto a seguia, aproveitei a oportunidade para analisá-la. Seu cabelo ia até a altura dos ombros e era de um loiro arruivado claro, simplesmente adorável em contraste com sua pele pêssego cremosa. Ela era muito mais voluptuosa do que eu e cerca de sete centímetros mais baixa do que meu um metro e setenta e cinco. Se fosse humana, julgaria que estaria com quarenta e poucos. Isso não era um ponto negativo para ela, apesar disso, porque ela vertia uma sensualidade madura e ardente que fazia as jovens parecerem uma enfastiante perda de tempo.

Bones deu uma olhada em mim soterrada sob toda a bagagem dela e apressou-se em ajudar.

– Caramba, Annette. Você devia ter dito quantas malas tinha!

– Oh, perdoe-me, Cat – Annette riu com falsas desculpas. – Estou acostumada a ter uma criada viajando comigo.

– Tudo bem. – Saiu secamente. *Criada! Quem diabos ela pensava que era?*

Com a bagagem finalmente no porta-malas, saímos.

– Quando o restante de nosso pessoal vai chegar? – ela perguntou, recostando-se em seu assento. Dirigíamos um novo veículo, pois meu Volvo era conhecido por Max. Este era uma BMW carregada. Eu perguntaria depois a Bones onde ele o tinha conseguido.

– Entre hoje e amanhã. Por volta de sexta-feira, calculo que estaremos todos aqui.

Annette fungou, embora não fosse como se ela precisasse limpar seu nariz.

– Eu me pergunto, Crispin, como Belinda foi parar na pequena ratoeira de Cat? Eu não a tenho visto desde seu aniversário seis anos atrás, ou foi há cinco anos?

– Ela foi pega porque começou a andar com um grupo que gostava de trazer refeições vivas para casa.

Havia algo frio em seu tom que alertou meus ouvidos mesmo quando o sorriso de Annette tornou-se malicioso.

– Terrível. Ela deve ter mesmo mudado. Não foi há apenas cinco anos que nós três estivemos juntos?

Bones olhou-a pelo retrovisor bem quando eu traduzi “Nós três estivemos juntos”. Eu estava apostando que não foi para o chá. E cinco anos atrás Bones estava comigo.

– Responda à pergunta, *querido*. Foi há seis ou cinco anos que vocês três transaram juntos? Sabe, Annette, Bones já tinha me dito que havia transado com Belinda, mas obrigada por me informar que você também participou.

Bones encostou o carro na beira da estrada.

– Não vou tolerar tamanha grosseria, Annette – ele disse, virando-se para encará-la. – Ela bem sabe o que está insinuando, como pode ver, e eu não sei por que você sente que precisa jogar isso nela. Você também sabe que foi há oito anos, antes de eu a conhecer, e vou agradecer se parar de entretê-la com quaisquer outras lembranças.

Ele soava tão irritado como eu me sentia. Annette olhou para mim antes de levantar suas sobrelanceiras em fingida inocência.

– Perdoe-me. Talvez tenha sido o longo voo que me fez perder a noção de mim mesma.

– Gatinha – Bones olhou para mim. – Isso é suficiente?

Não, não era, e eu alegremente jogaria Sua Majestade e seus cinquenta quilos de bagagem na calçada, mas isso não seria maduro.

– Acho que consigo lidar com uma pequena reminiscência de *ménage à trois*, mas, só para registro, Annette, você pode esquecer quaisquer repetições envolvendo nós três.

– Nem sonharia com isso – ela me garantiu com um lampejo que flagrei pelo retrovisor.

Oh, ela e eu ainda não tínhamos terminado. Eu apostaria minha vida nisso.

O resto do caminho passou sem incidentes. Annette fez arranjos para acomodações alternativas após essa noite, para meu alívio. Bones planejava dizer a Ian na semana seguinte que tinha me encontrado e ele fingiria capturar meus três capitães na semana subsequente. E em algum lugar entre a preocupação com Ian, a segurança de meus homens, meu pai ativamente tentando me matar e Bones sendo bem-sucedido quanto a ganhar sua liberdade, eu tinha a imagem de Annette, Belinda e Bones fazendo um *pretzel*\* nu em minha mente. Maldita. Essa era a última coisa na qual eu precisava pensar.

Quando Annette ouviu a parte do plano envolvendo meus homens, ficou fascinada.

– Meros humanos? De livre vontade entrando no covil de Ian como sua garantia? Oh, Crispin, você tem que me deixar conhecê-los. Podemos tê-los para o jantar hoje?

– É melhor que ela esteja se referindo a jantar com comida de verdade na mesa – resmunguei.

– Ora, Cat, isso foi precisamente o que eu quis dizer. Não podemos arcar comigo comendo a isca agora, podemos? – Ela riu.

Bones olhou para mim. Dei de ombros.

– Não é uma ideia tão ruim fazê-los se conhecerem antes. Talvez isso os deixe menos agitados com toda essa coisa de Exército da Escuridão. – Ou mais ainda, dependendo de Annette.

– Como quiser. Eu não me importo. Se eles concordarem, eu os pegarei quando buscar Rodney. Ele é nosso outro hóspede esta noite.

– Rodney, o zumbi? – Quão baixo eu tinha deslizado do Totem Sagrado Humano para ficar tão entusiasmada por reencontrar um comedor de carne, apesar de que *isso* complicaria o cardápio. – Ah, eu gostava dele. Ele não ficava bravo independentemente de quantas vezes minha mãe o insultara.

Bones me deu um sorriso enviesado. Ele tinha acabado de levar as malas de Annette para o quarto dela. Ela estava sentada na mesa da cozinha, bebericando chá. Eu estava sentada no sofá com um copo alto de gim e tônica quase vazio.

– Espere. – Eu odiava ter de dizer isso diante da Rainha Vadia, mas sussurrar seria redundante. – Ele está... Quero dizer, por causa da última vez que nos vimos... ele me odeia?

Foi na casa de Rodney que estávamos anos atrás quando deixei Bones. Os dois tinham saído para resolver algumas coisas e sem dúvida houvera uma cena desagradável quando voltaram e a encontraram vazia.

Bones sentou-se a meu lado, pousando meu copo.

– Claro que ele não odeia você. Ele ficou bem sentido com Don por ameaçar você, embora não soubéssemos que ele tinha feito isso então. Quanto a sua mãe... Bem, ela não fez um amigo.

Soltei uma risada superficial.

– Ela raramente faz.

Ele curvou-se mais para perto.

– Na realidade, ele está um pouco desconfortável em ver você de novo, mas não por essa razão. Rodney pensou que talvez você estaria chateada com ele por causa de Danny.

Ah! Eu tinha me esquecido disso. O assassinato de meu ex-namorado não estava no topo de minha atual lista de preocupações. Pobre Danny. Ele tinha certamente se arrependido de ter me seduzido, de uma maneira permanente.

– Isso foi mais obra sua do que dele, Bones. Já encerramos isso. Além do mais, ele está vindo ajudar.

– Eu disse a ele que vocêalaria isso.

Ofendida, bati no peito dele.

– Você acha que sabe tudo?

As mãos dele me acariciaram as costas.

– Não tudo, mas algumas coisas. Eu sabia sem dúvida alguma que tinha me apaixonado quando nos conhecemos. Então soube que faria tudo para você se sentir do mesmo jeito.

A xícara de Annette bateu-se contra a mesa.

– Vou tomar uma ducha agora.

Bones nem mesmo levantou os olhos.

– Faça isso.

A porta do banheiro fechou-se com decisão atrás dela.

– Você fica dizendo que se apaixonou imediatamente, mas me surrou até eu desmaiar, e foi tão ríspido comigo naquelas primeiras semanas.

Bones riu.

– Você pediu por aquela surra e teria me pisoteado até a submissão se eu tivesse mostrado qualquer fraqueza a você. Claro que não demonstrei como eu me sentia a seu respeito. Você não podia nem me ver.

– Eu não odeio você *agora*.



Para provar isso, dei uma longa e lenta lambida em seu pescoço. Ele respondeu me pegando em seus braços e se dirigindo às escadas.

Eu engasguei com sua clara intenção.

– Espere, eu estava brincando! Nós não podemos, ela nos ouviria! – Mesmo com o chuveiro ligado, bem que poderíamos tê-la convidado a se juntar a nós, de qualquer forma.

Bones continuou indo, subindo os degraus de três em três; em seguida, depositou-me na cama.

– Eu não estava brincando e não me importo. – Ele me beijou profundamente, tirando minhas roupas. – Temos apenas uma hora. Não vamos desperdiçá-la.

# TRINTA

– Vou levar cerca de duas horas para buscar Rodney e pegar seus rapazes, Gatinha. Você vai ficar bem com Annette até lá?

Bones já estava atrasado. Mas eu era a razão de seu atraso e não poderia me dar ao luxo de me incomodar.

– Não se preocupe com isso. Se ela começar a falar demais, tenho minha prataria. – Para enfatizar, olhei para a pilha de armas no armário.

Ele fungou uma risada.

– Se tanto faz para você, eu preferiria voltar para as duas do jeito que as deixei.

– Se insiste. Vá em frente, estarei esperando por você.

Eu disse isso automaticamente, mas os olhos dele se anuviaram. Com um suspiro, pulei da cama e o abracei.

– Pode dizer a Rodney para apostar o traseiro dele como estarei aqui desta vez.

Bones pressionou seus lábios contra minha testa e sorriu, novamente animado.

– Pode apostar que vai. Ligue para seus homens e os deixe preparados. Vejo você daqui a pouco.

– Não esbofeteie Tate no caminho.

Ele fungou.

– Veremos.

Quando ele saiu, fiz o convite para o jantar, e tive que ouvir Don discutir por cinco minutos sobre os homens saírem do complexo com Max à solta.

– Dois vampis e um zumbi, Don, além de mim. Quem vai encarar isso? É só um jantar, pelo amor de Deus. Juro que eles não estão no cardápio. E eles também vão conhecer uma das pessoas a quem estarão confiando suas vidas.

Ele finalmente deu o telefone para Tate e repassou a oferta. Tate aceitou imediatamente. Ele queria checar todos os pesos mortos que pudesse, como tão gentilmente colocou. Não havia comida na casa e nem tempo suficiente para cozinhar, então tomei uma ducha e fui à cozinha para achar a lista telefônica. Rodney estava mesmo sem sorte, porque nenhum *delivery* que vi anunciava carne crua ou partes de corpos. Decidi por comida italiana e pedi diferentes pratos para todos. A entrega seria em uma hora, bem quando eles estariam chegando.

Annette entrou na sala vinte minutos depois, vestindo uma longa saia esvoaçante com uma blusa de clara cor de pêssego. Estava magnífica, mas, assim que senti sua vibração, soube que ela estava atrás de encrenca.

– Bem, minha querida, você deve estar se sentindo bem presunçosa após aquela cena no carro, mas deixe-me lembrá-la de que estou com Crispin há mais de duzentos anos e irei durar os próximos duzentos. Você, por outro lado, vai me deixar abismada se durar até o fim do mês.

Fechei as Páginas Amarelas com um estrondo. Oh, então as manguinhas estavam de fora, não é?

– Posso ver por que você se sente ameaçada, Annette. Quando a pessoa que você ama se apaixona por outra, as coisas ficam ruins, não é? Olhe, estou disposta a desconsiderar seu relacionamento anterior e ser amigável, mas se me irritar, vai se arrepender.

Ela sorriu, com um feio curvar de lábios.

– Sua garota tola, enfrentei milhares de sonhadoras como você. Dezenas de milhares, na verdade. Crispin sempre volta para mim e você sabe por quê? Porque dou a ele o que ele realmente quer. Ele

não mencionou o resto da história do aniversário dele, mencionou? Não fomos somente nós três. Éramos *cinco*. Duas garotas humanas, além de Belinda e eu, todos transando juntos. Eu mesma escolhi as humanas. Crispin simplesmente adora carne viva quentinha; além disso, tínhamos que comer alguma coisa. Bem, quero dizer, algo mais.

*Maldita*. Annette riu de minha expressão lívida, seu objetivo fora alcançado.

– Oh, meu docinho, já perdi a conta de quantas vezes estivemos pelo menos em duas com ele. Crispin é tão insaciável. Ele sempre foi, mesmo quando humano. E você não é tão sagrada assim para ele, querida. Ele não contou a você sobre nós dois há apenas alguns meses? Você não é nada para ele além de uma lombada em uma longa e sinuosa estrada. Melhor perceber isso agora.

Alguns meses atrás. Então ela era a “quase” de Chicago. Meus nós dos dedos bateram brancos na mesa.

– Na realidade, Bones me contou, sim, sobre isso, Annette, mas você não conseguiu o serviço normal, não é? Bones me disse que lhe deu uma passada de língua e então a deixou na seca. Isso deve ter doído um pouco, não? Toda acesa e nada para montar? – Se ela queria jogar sujo, eu estava pronta para a partida. Vamos ver quem ficaria mais coberta de lama.

Ambas as sobrancelhas impecavelmente feitas se arquearam.

– Você não teve muitas experiências com homens, teve? Ele pode ter me deixado acesa, mas de forma alguma na seca. Crispin consegue fazer mais com sua boca do que a maioria dos homens consegue alcançar com todo seu corpo. Eu estava bem satisfeita, garanto a você, antes de ele sair. Não que eu preferisse dessa forma, certamente, mas vampiros são pacientes. Ele vai voltar e eu estarei esperando.

Foi a gota.

– Sabe o que você fez? – perguntei em um tom brando. Annette me deu um olhar interrogativo. – Você acabou com minha paciência.

A mesa despedaçou-se sobre ela antes que pudesse piscar e então meu punho arrumou um lugar em seu cabelo perfeitamente arrumado. Ela esparramou-se no ladrilho do piso antes de saltar com rapidez nosferatu. Meu gato decidiu correr para o andar de cima, aparentemente desinteressado a respeito de quem ganharia esta batalha.

– Criancinha rápida, não é? – Annette zombou. – Tinha que ser, para ainda estar viva. Oh, querida, eu a deixei chateada? Ouvir vocês dois na cama antes quase me ninou para dormir. Nunca ouvi Crispin soar tão entediado.

– Vou arrancar a vadia de dentro de você, Annette – rilhei entre os dentes cerrados. – E *isso* deve dar um bom trabalho, sua vagabunda inglesa arrogante!

– Não sou tão fácil de... uff!

A cadeira quebrou-se sobre sua cabeça, partindo em pedaços, e joguei seu corpo dentro da sala ao lado. Mas ela não era nenhuma mosca-morta. Annette veio para cima de mim com seus olhos acesos e suas presas para fora; lascas da cadeira de jantar arruinada a decoravam. Ao invés de esperá-la agir, investi contra ela e a derrubei ao chão. Ela fechou suas mandíbulas com propósito, mas eu a segurei pelo pescoço, disparando golpes brutais com minhas pernas e com o punho livre. Rolamos pelo chão em uma confusão de braços e pernas, mas a vadia não parava de falar um minuto.

– Você nunca o teve como eu tive, sua neném puritana. Deixar Crispin foi a coisa mais inteligente que poderia ter feito, porque isso simplesmente acendeu o interesse dele. Ele a teria dispensado há tempos se você não o tivesse abandonado. Não consigo imaginar por que ele aguenta a monotonia de transar com você, uma vez que você não conseguiria lidar com ele se ele não estivesse em uma coleira. Oh, e Crispin diz que a ama? Já ouvi isso dele milhares de

vezes também, mas, no *meu* caso, o tempo revelou a verdade disso. Você pode muito bem fazer as malas e partir agora, você já era.

Golpeei a cabeça dela contra o chão para fazê-la se calar, sorrindo quando ouvi o som de algo se fraturando. Annette era forte, mas não o suficiente. Enfiei meu joelho em sua espinha até que se partiu. Ela urrou conforme seu corpo se dobrava no ângulo errado. Enquanto ela estava temporariamente imobilizada, corri escada acima para o quarto, para pegar uma faca de prata curva.

Annette ainda estava no chão quando desci correndo de volta e um riso seco de sinistro bom humor escapou de mim.

– Por Deus, você acha que eu cairia nessa? A primeira coisa que Bones me ensinou foi chutar alguém quando estiver caído.

Lancei meu pé para trás visando atingir suas costelas, mas ela se moveu mais rápido do que acreditei que faria, varrendo minha outra perna debaixo de mim.

– Sei disso, sua mestiça insolente, mas você claramente não o ouviu explicar como *bloquear* isso!

De volta ao carpete, rolamos com a mobília voando em nosso rastro. Por dez sólidos minutos, nós nos atracamos uma com a outra. Annette computou vários golpes, mas no fim enfiei aquela lâmina de prata em seu peito.

Ela congelou. Seus olhos foram do esmeralda ao champanhe imediatamente e uma única bufada provocativa escapou dela.

– Pelo menos provou ser tão boa quanto dizem ser, mas errou. Nem chegou perto.

Montei nela, segurando a faca parada.

– Não errei, vadia. Uma torcida de meu pulso e você vira uma lembrança ruim com um cheiro ainda pior. Acho que precisamos ter uma conversinha agora, de mulher para lambisgoia. Eu sei por que você está fazendo isso. Você quer que eu o deixe novamente, mas pode poupar seu fôlego, porque isso não vai acontecer. Bones me perdoou por desertá-lo e fugir por anos, então pode apostar sua

“perseguida” superusada em orgias grupais que vou perdoá-lo por todas as coisas ruins que você disse. Agora, estamos conversadas sobre isso?

Annette olhou para cima com dor em sua expressão. Aquela prata doía, eu sabia por experiência própria.

– Você não o merece.

Eu quase ri.

– Você tem razão. Mas isso é problema dele, não seu. Aqui está *seu* problema: você vai aceitar as coisas do jeito que estão ou vai perder esta vida? Veja, só não a despache agora porque Bones realmente se importa com você. O pobre coitado não tem nenhum juízo quanto a mulheres, não é? Se você conseguir ficar perto dele de uma forma platônica, lidarei com o fato de não fatiar seu coração, muito embora eu queira *demais* isso. O que me diz? Temos um acordo?

De repente, os olhos dela se escancararam.

– Saia de cima, ele está quase aqui! Sério, ele vai ficar danado da vida comigo!

Espantada, pisquei para ela. Aqui estou eu sentada com uma faca em seu peito e ela estava mais preocupada com uma repreensão de Bones? As prioridades dela estavam bem fora de ordem.

– De acordo? – persisti.

Ela me disparou um olhar irritado.

– Céus, sim, agora deixe-me levantar! Tenho que arrumar a casa. Droga, ele acabou de acelerar!

Revirei meus olhos e cuidadosamente tirei a faca do peito dela. Ela saltou imediatamente, mas não com hostilidade. Pelo contrário, transformou-se em um acelerado movimento de limpeza, parecia Martha Stewart sob efeito de *crack*.

A porta do carro bateu um momento depois e a porta da frente se abriu com violência. Bones deu um olhar fulminante para Annette com uma expressão tão furiosa que eu efetivamente tive pena dela.

– E *isso*, Annette, chama-se Pilates – eu disse, me esticando exageradamente.

– *Muito* divertido – ela se apressou em concordar, voltando olhos inocentes para ele. – Ora, Crispin, você voltou cedo...

– Pode parar – ele a cortou. Com uma sobancelha erguida, veio para mim, levou a mão para dentro de minhas calças e retirou a faca ensanguentada que eu havia apressadamente enfiado ali. Ele, então, foi até Annette e a balançou diante de seu rosto angustiado.

– A menos que Pilates tenha se tornado absurdamente letal, diria que vocês duas estiveram brigando. Brigando tão alto que, de fato, pude ouvi-las a quilômetros de distância.

Havia uma ameaça fervilhante em seu tom. A tensão ficou mais densa. Atrás dele um rosto apareceu no vão da porta.

– Rodney!

Joguei meus braços em volta do surpreso zumbi, que parecia não estar esperando boas-vindas tão calorosas. Tate, Juan e Cooper esperavam perto do carro, mas acenei para que entrassem. Qualquer coisa para aliviar a explosão de uma cena da qual não queria participar. Ao mesmo tempo, outro veículo encostou à entrada de carros com um logo italiano na porta.

– Vejam. – Um sorriso largo e falso. – A comida chegou! Quem está com fome?



# TRINTA E UM

Annette polidamente pediu licença para trocar de roupas e eu fiz o mesmo. Rodney pegou a mobília quebrada sem comentários, enquanto Bones me seguiu até o quarto.

– Agora não – comecei antes de ele abrir a boca. – Nós nos acertamos. Os rapazes estão aqui e o jantar também. Vamos sentar nos móveis que sobraram e comer. O resto pode esperar.

Os lábios dele se apertaram.

– Tudo bem. Mas isso não terminou. Você ainda está louca da vida, posso sentir o cheiro, e vamos lidar com isso após o jantar.

Bones jogou seu casaco em cima da cama e fez um último comentário por sobre os ombros ao sair.

– Melhor pôr uma roupa com mangas, seus braços estão cobertos de arranhões.

O jantar foi um exercício de resistência. Annette foi charmosa com os três homens sem fazer esforço. Não havia nenhum traço de humilhação constrangedora nela. Estava tão comportada que nem manteiga desmancharia em sua boca; por outro lado, ela estava na temperatura ambiente. Juan flertou com ela descaradamente e Annette conseguiu alguns sorrisos até mesmo de Tate. Bones, enquanto isso, ficou sentado e remoendo coisas com uma quietude que chegava às raias da grosseria.

Engajei Rodney em uma conversa e tentei ignorar aqueles olhos castanhos que queimavam ao meu lado. Será que Bones estava bravo por eu ter apunhalado Annette? Deus, ela ainda estava falando e ganhando terreno! Além disso, apesar de minhas recusas,

o que ela tinha dito estava se inflamando. *Múltiplas mulheres de uma só vez. Carne viva morna. Dezenas de milhares.*

Será que era verdade? Claro, eu sabia que Bones não tinha sido um monge antes de mim – ora bolas, ele era um ex-gigolô, portanto, eu esperava alguma promiscuidade –, mas esse tipo de histórico me abalava. Sim, eu sabia que haveria outras no passado. Provavelmente muitas delas, mas não esperava que as marcas no cinto de Bones possuísem um número semelhante aos quilômetros do odômetro de meu carro. Só de pensar nisso me dava vontade de matá-lo e de rastejar para dentro de uma redoma ao mesmo tempo. Quando os pratos foram finalmente recolhidos, eu estava uma massa de emoções conflituosas.

– Cartas, cavalheiros? – Annette perguntou. Ela puxou um maço de cartas de uma de suas muitas bolsas e embaralhou-o com mãos habilidosas. Os olhos de Tate e Juan brilharam. Havia poucas coisas que eles amavam mais do que um bom jogo de pôquer.

Bones levantou-se imediatamente.

– Não para nós dois. Aproveite seu jogo, Annette, de todas as formas. Depois, pode levar os amigos dela de volta. Rodney irá acompanhá-la e mostrar o caminho. Depois disso, sua sorte terá acabado.

Os quatro homens não eram tolos. Todos sabiam que tinha havido uma briga e era fácil imaginar o motivo. Que diabos, Rodney tinha provavelmente ouvido também. Ele deu um olhar compassivo a Annette.

– Isso não foi nada educado – sibilei quando subimos as escadas, e Bones fechou a porta do quarto atrás de nós. – Você pode muito bem deixá-la aberta. Eles ainda conseguem nos ouvir.

– Qualquer um sem educação o suficiente para esticar os ouvidos pode escolher nos ignorar ou ouvir por sua própria conta e risco – Bones respondeu em um claro aviso aos que estavam lá embaixo.

Ele se encostou contra a porta. – O jantar foi uma perda de tempo. Você mal comeu. Agora me diga o que aconteceu.

Francamente, eu estava tentando esquecer, porque larvas de dúvida se contorciam dentro de mim. Não era de se admirar que eu não tivesse apetite.

– Uma briga entre gatas, sem intenção de trocadilho. Annette me disse algumas coisas desagradáveis e eu também, e então eu a apunhalei para demarcar o território. Isso, sim, foi um trocadilho.

Bones não achou graça.

– Então, foi isso? Está tudo bem e sem rancor?

Eu assenti sem convicção.

Ele se moveu de repente, apenas centímetros de distância em um piscar de olhos. Quando abaixou sua cabeça para me beijar, eu me encolhi.

Ele se endireitou.

– Certo. Há duas maneiras de eu ouvir cada maldita palavra que Annette disse a você. Uma é de você, o que vou pedir. A outra é eu arrancar isso dela na pancada. Agora, minha parte egoísta espera que você mantenha silêncio, mas isso iria contra o bem maior. Você pode me dizer qualquer coisa, Gatinha, como eu sempre disse. Qualquer coisa mesmo. A questão é: você vai me contar?

Havia um quarto de garrafa de gim no criado-mudo. Sentei-me na cama e a sequei antes de responder.

– Muito bem. Aí vai. Annette disse que você era basicamente um pervertido desembestado que gostava de no mínimo duas mulheres, humanas, mais especificamente, por causa de seus corpos quentes, que você transou com mais mulheres do que a população deste estado, que eu nunca manteria seu interesse... – Dei uma pausa para tomar fôlego. – Que você sou entediado comigo na cama, que eu nunca seria capaz de lidar com o que você *realmente* gostava de fazer, que você diz para a metade das mulheres com quem transa que você as ama, que você teria me dado o fora anos atrás se eu

não tivesse deixado você primeiro... Oh, e que foi ela que você traçou alguns meses atrás.

– Vou arrancar o couro de Annette a chicotadas por isso – a voz de Bones foi baixa e furiosa. – Se eu fosse você, eu a teria matado. Que *diabos*.

Ele abriu a porta com violência.

– Rodney, leve-os de volta e deixe Annette aqui!

Ele não se incomodou em esperar uma resposta antes de bater a porta novamente. Ouvi alguns murmúrios de Rodney concordando e depois o som deles partindo.

– É verdade? – perguntei. – Você está furo da vida com ela, mas é porque ela mentiu para mim? Ou porque ela me disse a verdade?

Os olhos dele se fecharam por um segundo.

– Sinto por estar tendo esta conversa sob estas circunstâncias, Gatinha, mas não tive nenhuma intenção de esconder meu passado de você. A resposta curta ao que Annette disse a você é *sim*, estive com muitas mulheres. Muitas. Humanas ou não.

*Muitas*. Mais uma vez, isso era de se esperar considerando a idade dele, sua antiga profissão e a beleza fulminante – literalmente! – de sua aparência. Mas eu precisava de um esclarecimento maior do que a palavra *muitas*.

– Normalmente às pencas? Milhares? *Dezenas* de milhares?

Bones veio até a cama e ajoelhou-se próximo de onde eu estava.

– Deixe-me explicar como eu era após ter sido transformado em vampiro. Por alguns anos, eu me consumi por causa do destino que Ian me forçou a ter, mas por fim percebi que poderia me divertir muito estando morto. À época, eu tinha um talento para exatamente uma coisa, que era transar. Se uma garota quisesse companhia feminina também enquanto estivéssemos na cama, eu certamente não objetaria. Então, os anos passaram, e comecei a infligir morte àqueles que eu achava que mereciam. Mais tarde, comecei a ter uma renda com isso. Logo, matar tornou-se algo em que eu me

destaquei e, entre as duas coisas, achei que era tão feliz quanto tinha o direito de ser.

– Minha vida foi indo assim e, sim, Annette era frequentemente uma das mulheres com quem eu transava, fosse sozinha ou acompanhada. Então, um dia, um amigo meu me pediu para encontrar o assassino de sua filha e eu rastreei o assassino e sua operação até um bar em Ohio. Lá eu conheci você e me apaixonei. Você não faz ideia do que foi isso após séculos de... vazio. Eu não achava que seria *capaz* de me apaixonar, mas finalmente tinha algo para dar além de uma boa transada ou de matar um sujeito para alguém. E agora minha amiga de confiança Annette tentou arrancar isso de mim insultando você com coisas de meu passado, esperando destruir seus sentimentos por mim.

Nós nunca tínhamos conversado sobre como Bones tinha se tornado um matador nem sobre seus anos anteriores. Apesar de nossos meses juntos, percebi que tínhamos passado a maior parte de nosso tempo perseguindo bandidos e muito pouco tempo conversando sobre o que éramos ou o que tínhamos sido. Também não era difícil imaginar o tipo de vida que Bones havia descrito. Eu não conseguia entender todo aquele sexo, mas nos últimos quatro anos e meio também tive pouco a oferecer às pessoas além de minha habilidade para matar. No final das contas, era um sentimento de muita solidão.

– Não a julgue tão duramente, Bones. Annette o ama, por isso fez o que fez. Não gosto de sua extensa história sexual, mas posso lidar com isso... se ela permanecer no passado. Mas eu nunca participaria de uma transa a três, quatro, cinco, o que seja. Se for isso o que está esperando que eu acabe fazendo... então, nós temos um problema.

– Exceto pela única ocasião que eu realmente lamento com Annette, não toquei outra mulher enquanto estivemos separados, porque não quero ninguém mais além de você. E no que se refere a

dizer a outras mulheres que eu as amava, quando me prostituía, eu costumava dizer a todas as minhas clientes que as amava. Era como parte do trabalho, colocando-se dessa forma. É por isso que disse isso antes a Annette, mas desde que fui humano eu não disse isso a ninguém além de você.

A verdade estava nos olhos dele e curou a dor causada pela descoberta de tudo e de todas que existiram antes de mim.

– Bem, então... tudo bem.

– Tudo bem? – Bones me puxou para o chão com ele até que nossos rostos estavam no mesmo nível.

– Sim – eu disse suavemente, tocando seu rosto. – Tudo bem.

Quando ele me beijou dessa vez, não hesitei. Enrolei-me nele.

Bones se afastou após um longo momento.

– Eu ainda tenho assuntos com Annette. Você pode encará-la de forma suave, mas ela violou minha confiança e não posso ignorar isso. Annette! – ele chamou em voz alta de repente. – Suba aqui!

Dei de ombros, uma ideia que eu normalmente não teria considerado fazendo seu caminho para dentro de minha mente.

– Faça do seu jeito, mas sugiro outra coisa. Você pode ir em frente e espancá-la até arrancar sangue ou... poderia me dar orgasmos tão sonoros que fariam surgir feridas nos ouvidos dela. Se tiver quaisquer truques de ex-gigolô-transformado-em-vampiro-promíscuo que vem escondendo, bem, pode mostrá-los. Tenho apenas uma exigência. É melhor você extrapolar a *performance* de qualquer serviço que tenha dado a ela *ou* a qualquer outra pessoa, porque se eu não acordar amanhã com o rosto vermelho de vergonha pelo que fez comigo, ficarei desapontada.

Annette abriu a porta sem bater. Bones levantou-se e deu a ela um olhar ameaçador.

– Temos assuntos a resolver – ele disse com uma ameaça suave. Então, olhou para mim. – *Depois*.

E bateu a porta na cara dela.

– Tentando pendurar minhas roupas de baixo em volta do pescoço?

A expressão em seus olhos, já marmorizada com verde, deixou minha resposta instável.

– Você não usa isso.

Ele se aproximou e me colocou sobre meus pés.

– Posso garantir que na cama você não tem nada a provar para mim, e que nunca apreciei fazer amor com ninguém mais, mas somente um tolo deixa passar o que você acabou de me oferecer. Agora, estou com poucos acessórios e não há tempo suficiente em uma única noite para repassar todas as maneiras em que fantasiei ter você. Mas prometo uma coisa... – a voz dele se aprofundou. – Você vai estar escandalizada de manhã quando conseguir pensar de novo.

# TRINTA E DOIS

Bones começou a desabotoar sua camisa propositalmente bem devagar. Assisti à sua pele cremosa sendo revelada a cada botão que se soltava. Quando terminou, ele a tirou e rasgou cada manga com um puxão. O motivo dessa estranha ação foi revelado quando ele amarrou o tecido em volta de meus olhos, vendando-me.

Minhas unhas cravaram-se nas palmas de minhas mãos e tudo ficou negro. Ele fez um bom trabalho. A próxima coisa que senti foi que suas mãos me empurraram de volta à cama, depois tiraram minhas roupas até que eu estivesse nua. Alguma coisa foi amarrada em volta de meu pulso, esticando meu braço completamente e em seguida prendendo-o, presumivelmente na armação da cama. A mesma ação foi repetida com meu outro braço.

– Não lute com elas – Bones sussurrou. – Elas não são fortes o suficiente para segurarem você. Relaxe. – Uma risada baixa. – Deixe-me trabalhar.

Assim presa, podia apenas ouvir conforme ele se movimentava. Parecia que estava no banheiro remexendo os armários – para o que, eu não fazia ideia. Estar vendada e amarrada nua a uma cama era no mínimo desconcertante, mas ele não demorou a retornar.

Suas mãos passaram por meus ombros e se moveram até meus seios para pegá-los. Uma boca se fechou sobre meu mamilo, com as presas já estendidas. Ele banhou o bico com sua língua e, com a uniformidade de seus dentes humanos, mordiscou-o até deixá-lo enrijecido. Inalei profundamente quando ele cuidadosamente afundou seus incisivos em seguida, quase rompendo a pele. Ele



sugou mais forte meu mamilo até que ondas de desejo bruto me atravessaram.

– Quero tocar você – gemi, forçando as amarras que me prendiam.

Ele espalmou as mãos sobre meus pulsos sem interromper o contato com sua boca.

– Depois.

Seu sotaque inglês estava ainda mais pesado e eu soube pelo esfregar de seu quadril que ele também estava nu agora. Abaixo de nós a TV foi ligada, e Annette intencionalmente elevou o volume, mas nem registrei isso. Não com Bones aumentando a pressão até que meu mamilo pareceu queimar, foi quando senti uma pontada aguda ao suas presas furarem a pele. Um grito escapou de mim, mas não de dor. Ele emitiu um som rouco e começou a sugar com mais força, puxando meu sangue para sua boca. Como antes quando ele bebeu de mim, comecei a sentir calor por todo o corpo. Meu seio estava categoricamente queimando, mas também senti uma ponta de apreensão. Eu tinha dito que valia tudo e Bones não estava perdendo tempo.

– Seu coração está ribombando em meus ouvidos, mas não vai continuar tensa por muito mais tempo – ele murmurou, mudando para meu outro seio. – Vou arrancar o medo de dentro de você.

Arfei e me arqueei debaixo dele quando me mordeu de novo da mesma forma. Agora, meus dois mamilos estavam latejando e cada seio pulsava com calor. Seus lábios deslizaram até meu braço quando ele se moveu para cima na cama, saindo de cima de mim. Senti sua língua sondar meu pulso abaixo de onde aquelas amarras que eu não podia ver me seguravam. A boca dele cobriu a região no instante seguinte, e as presas perfuraram tão rapidamente que não tive nem tempo de ficar tensa. O mesmo pulsar de meus seios estava agora duplicado em meu pulso. Ondas de calor pulsante batiam em sintonia com meu pulso. *Se era isso que os viciados em*

*heroína sentiam*, pensei atordoada enquanto o calor se espalhava como caramelo quente em meu braço, *então eu entendia perfeitamente por que faziam isso*.

– Isso que você está sentindo é o sumo de minhas presas – Bones disse guturalmente. – Ele está se movendo por suas veias a cada batimento cardíaco. Se você fosse humana, eu não me arriscaria a mordê-la mais. Muito iria drogá-la, mas você não é humana. Então posso fazer isso...

Gemi alto quando ele mordeu meu outro pulso. Agora aquele inacreditável e doce calor cobria toda a parte superior de meu corpo. Meu bom *Deus*, eu não sabia que mordidas de vampiro podiam ser assim, senão teria exigido que ele bebesse de mim todos os dias.

Bones apertou meus pulsos e eu pulei. A pressão pareceu empurrar aquele calor mais fundo em mim.

– Não se mexa, amor.

Mais fácil falar do que fazer. Eu queria puxar aquelas amarras para que sua tensão levasse aquele calor mais profundamente para dentro de mim. Mas a pele dele raspando contra minha boca me distraiu disso, conforme ele escorregou seu corpo para baixo pela extensão do meu e depois beliscou meus mamilos. Aquela repentina espetada de duplo fogo me fez virar em sua direção com um grito.

– *Mais!*

Ele riu suavemente.

– Oh, sim. Muito mais.

A antecipação aumentou dentro de mim quando Bones abriu minhas pernas e colocou-se entre elas, com um braço debaixo de meus quadris. Sua boca estava tão próxima, mas ele não fez o que eu queria que fizesse. Ao invés disso, começou a acariciar minha coxa.

– Bones, por favor. – O pedido foi com contrariedade. Eu precisava sentir sua língua dentro de mim. Sondando-me. Lambendo-me.

– Ainda não.

O sopro de suas palavras me excitou, fazendo a dor se expandir. Rilhei meus dentes, maldizendo-o mentalmente.

– Sim. Agora.

– Ainda não.

Eu ia efetivamente discutir, presa em um turbilhão de luxúria com o calor correndo através de mim, quando Bones mordeu minha coxa.

Todo meu corpo se arqueou e eu inadvertidamente puxei as amarras que me seguravam. Mais líquido jorrou dentro de mim, triplicado por novas chamas em minha perna e eu experimentei um espasmo interno que me deixou tremendo. Minha nossa! Ele nem tinha me *tocado* entre as pernas e lá estava eu tremendo com um orgasmo 9.0 na escala.

A boca de Bones deixou minha perna, que latejava tão forte a ponto de minha artéria parecer tentar *lançar* seu soro através de minhas veias. Eu não havia nem tido tempo de recuperar meu fôlego quando uma enfática lambida dentro de mim me fez perdê-lo de novo. Com seu braço sob meus quadris, ele me pressionou mais contra ele, sua boca avidamente violando minha carne rósea. Minha cabeça caiu para trás enquanto meus gemidos ficavam ainda mais altos. Outro clímax se aproximava, acelerado por sua língua rodopiando e entrando em mim, e então ele parou abruptamente.

– Ainda não! – gritei em necessidade cega.

– Não se mexa.

Os braços de Bones apertaram-se em volta de mim até que eu estava imobilizada da cintura para baixo. Um raspar de sua boca contra minha carne me fez tremer e então ele a fechou sobre meu clitóris, sugando-o lentamente. Deliberadamente. Apesar do êxtase entorpecedor, algo no jeito em que ele o fez disparou uma trepidação dentro de mim. Ele não tinha a intenção de...?

Houve uma clareza em décimos de segundo quando senti suas presas penetrarem e então nada além de ardor incandescente.

Indistintamente, senti mais sucção e ouvi berros de arrebentar ouvidos, mas não consegui registrar quem os fazia. Um após o outro, orgasmos me convulsionaram, estilhaçando-me de dentro para fora. Tudo queimava e depois explodia, somente para queimar novamente. Por fim, voltei à consciência e descobri que os gritos frenéticos vinham de mim.

Minha venda fora tirada. As tiras de sua camisa que me prendiam à armação da cama foram partidas e aparentemente eu havia rasgado os lençóis a nossa volta. Bones tinha me prendido sob ele, contendo-me com seu corpo. A última névoa cedeu e seu rosto entrou em foco.

Ele estava com um sorriso puramente masculino que ultrapassava a presunção e pairava próximo à vaidade. Eu não conseguia parar de tremer, especialmente quando ele me beijou e senti sangue e outras coisas em sua língua.

– Oh, Gatinha – ele grunhiu. – Você não faz ideia do quanto gostei disso. Já ejaculei dentro de você, que diabos, achei que iria me castrar com sua pressão. Sabe quanto tempo você esteve sob os efeitos de minha mordida?

Nem ideia.

– Cinco minutos?

Para meu choque, minha voz estava rouca e quase irreconhecível. Ele riu.

– Vinte, mais ou menos. A polícia já veio e foi embora. Annette os dispensou. Acho que os vizinhos pensaram que alguém estava sendo assassinado.

– Hã? – Eu resmunguei e então arquejei quando ele se moveu mais para baixo e forçou-se plenamente dentro de mim com um movimento. Aquele arquejo tornou-se um grito quando sua pelve pousou em meu clitóris mordido e latejante. Parecia que um relâmpago acabava de me atingir abaixo da cintura.

Ele gemeu de satisfação.

– Uma sensação quente, não é?

Aquilo nem começava a descrever.

– Isso queima. Queima. Deus, Bones, *é tão bom!* – Minha veemência surpreendeu-me a um nível interno, mas à flor da pele; eu queria mais. *Precisava* de mais e não fui tímida ao dizer isso a ele.

– Não pare, não pare!

Bones moveu-se mais forte, mais rápido e eu me deleitei com seu furor. Cada estocada enviava uma nova explosão de calor para dentro de mim, deixando-me insana de desejo. O peito dele achatou meus seios, pressionando meus mamilos, e ele fechou suas mãos em volta de meus pulsos. As pressões combinadas me fizeram rodopiar em outro orgasmo e, mesmo assim, não foi suficiente. Eu o incitei entre gritos, implorando por mais até que não conseguia falar. Quando ele gozou, juntei-me a ele com um berro que levou quase toda minha voz com ele.

Bones saiu de mim e deixou a cama, mas eu mal notei. Não conseguia me mexer e meu coração estava batendo tão rapidamente que tive certeza de que isso era perigoso.

Ele voltou momentos depois, virando-me até que fiquei de lado. Seus dedos deslizaram entre minha coxas com algo líquido, porém espesso, sobre eles. Ele beijou meu pescoço e então esfregou a substância dentro do vão de minhas nádegas.

Eu estremei. *Oh, Deus.* Eu sabia qual era sua intenção.

Bones ajeitou seu corpo pela extensão do meu, posicionando-se.

– Tudo bem, Gatinha, não se preocupe. Relaxe...

Grunhidos sem palavras emergiram de minha garganta quando ele afastou minhas nádegas e eu senti o começo da penetração. Um grito suave escapou de mim, quase um sibilo. Bones gemeu, agarrando meus quadris. Sua estocada seguinte me abriu e sua cabeça deslizou para dentro.

Ele tremeu, ou talvez fosse eu. De qualquer forma, a nova sensação era estranha e quase perturbadora. Bones levou a mão para baixo, esfregando meu clitóris para rapidamente reacender o fogo em mim. Então, ele lentamente invadiu mais dentro de profundezas que nunca antes haviam sido cruzadas.

Outro som entrecortado partiu de minha garganta. Bones parou imediatamente.

– Está doendo?

Sua voz estava grossa com luxúria, mas ele não se moveu enquanto esperava por minha resposta. A plenitude dentro de mim não era dor em um sentido estrito, mas indescritivelmente intensa. Não tinha certeza se doía, ou se eu gostava, ou os dois.

Quando não respondi na afirmativa, ele fez outra pergunta.

– Quer que eu pare?

Minha voz, quando veio, foi rouca e muito suave.

– Não.

Bones esticou seu pescoço para me beijar. Seus dedos bombardeavam minha carne enquanto ele começava a se mover para dentro e para fora, lentamente, um pouco mais profundamente a cada vez. Eu não sabia se era a paixão em seu beijo, seus dedos alimentando o fogo em mim, ou alguma outra coisa, mas quando minhas costas se arquearam, fiquei chocada ao me perceber movendo-me com ele.

– Assim – ele gemeu. – *Assim...*

Minha mente podia ainda estar contestando esta nova atividade, mas meu corpo não tinha moralidade. Bones aumentou o movimento em graus infinitesimais, construindo um ritmo ao qual eu não conseguia evitar corresponder, enquanto esfregava meu clitóris a cada movimento. Afundei minhas unhas em seu braço, gemendo em sua boca, e deixei um instinto oculto tomar conta de mim.

Não achei que isso fosse possível. Provavelmente não *teria* sido possível se eu estivesse pensando de alguma forma, mas, por fim,

meu gozo atingiu-me tão seguramente quanto o espanto do que o causou.

Bones grunhiu profundamente em sua garganta e abruptamente jorrou. Uma umidade morna respingou por cima de minha coxa momentos depois.

– Não se mexa, amor – ele sussurrou, a voz ainda vibrando com seu clímax. – Vou nos limpar.

Segundos depois do desnecessário comando – porque eu não achava que conseguia mexer nada –, ele tirou uma toalha ensaboada de uma tigela próxima e passou por minha coxa. Com os olhos meio fechados, eu o vi limpar-se com outro pano depois que eu tinha sido cuidada. Depois, jogou os trapos no chão e me tomou em seus braços.

Ele me beijou, mordendo sua língua para que sua boca ficasse com o gosto de gotas de sangue, que eu engoli como se estivesse com sede. A dor em minha garganta desapareceu, o que foi um extra, mas aquele calor ardendo dentro de mim também diminuiu. Interrompi o beijo para olhar para meus seios. As marcas de perfuração em meus mamilos desapareceram diante de meus olhos. O sangue de Bones curou mais do que minha voz, claro, e não consegui evitar um ínfimo desapontamento.

Ele sorriu quando viu para onde eu estava olhando.

– Ah, Gatinha, não estou nem perto de ter terminado de me banquetear em sua carne. Não me canso daquele *espocar* quando sua pele se rompe nem do gosto do seu saboroso sangue enchendo minha boca.

Ele provou sua afirmação ao morder cada lugar que tinha mordido antes, até que eu corresse o risco de danificar minha voz novamente. Não que isso importasse enquanto eu estava em cima dele, cada balançar de meu corpo disparando extraordinário prazer dentro de mim. Cordas vocais? Quem precisava delas?

Bones se sentou, trouxe-me mais para perto e afundou suas presas em meu pescoço. Deus, se ele não me matasse antes do amanhecer, eu ficaria impressionada. Ele aprofundou as perfurações enquanto me mudava em seu colo até que minhas pernas envolvessem seus quadris. Sua penetração trouxe outra sucção profunda, e outra, e outra, enquanto eu vagamente me perguntava por que minha pele não estava soltando fumaça, pois eu sentia que estava pegando fogo.

– Morda-me, Gatinha. Beba de mim como eu bebo de você.

Enterrei meus dentes em seu pescoço com muito mais rudeza do que ele tinha demonstrado. A pele cedeu – sim, um *espocar* – e então o sangue encheu minha boca. Era morno, aquecido por estar em meu corpo minutos antes, mas irrevogavelmente alterado após ter entrado no dele. Bebemos um do outro, eu mais profundamente, e nada mais parecia separado. O corpo dele era o meu, seu sangue meu sangue, *nosso* sangue, e fluía pra lá e pra cá entre nós a cada engolida.

Cheiros começaram a encher meu nariz. As cores afilaram-se, tornando-se mais vívidas. Meu batimento cardíaco, que tinha soado alto antes, agora praticamente me ensurdecia. Bem quando uma fome esmagadora abateu-se sobre mim, Bones afastou-me com firmeza.

– Chega.

Em fúria, eu o agarrei para pegar sua garganta. Ele me empurrou de volta ao colchão, arremetendo contra mim com uma veemência desenfreada que ainda não era o suficiente. Houve um rangido quando a cama quebrou debaixo de nós.

– Maldição, Bones, dê-me *mais!* – rugi sem saber se clamava por sangue, sexo ou os dois.

– Isso é tudo o que você tem? – ele me provocou.

Abri suas costas com minhas unhas, tentando lambe o sangue dos arranhões em minhas mãos. Ele segurou meus pulsos juntos,



mergulhando repetidamente dentro de mim, sua garganta próxima de uma forma hipnotizante. Eu queria aquela garganta em minha boca. Queria rasgá-la e sentir seu sangue respingando em mim, transbordando sobre mim, cobrindo-me. Algo tinha me dominado por dentro e estava resistindo com unhas e dentes para sair.

– É melhor você não parar de transar comigo – eu rosnei, e um sorriso indulgente iluminou seu rosto. – Porque, se parar, eu seco você.

Bones riu, feroz e exultante.

– Você vai me secar, mas não meu pescoço, e você vai implorar para eu parar antes de terminar – ele prometeu antes de entrar de cabeça na batalha.

# TRINTA E TRÊS

– Acorde, amor. É quase meio-dia.

Minhas pálpebras tremularam e abriram, encontrando um par de olhos castanho-escuros. Bones sentou-se na cama (ou no que sobrou dela). A lucidez retornou como uma vingança. Ele riu com a cor que imediatamente esaldou meu rosto.

– E aí está meu pagamento, os rubis em suas bochechas. Você está apropriadamente escandalizada por seu comportamento pervertido? Se você fosse católica, iria chamuscar os ouvidos do padre a quem confessasse. Você se lembra de me fazer jurar repetir todas aquelas ações travessas novamente, independentemente do que você dissesse hoje de manhã?

Agora que ele trouxe o assunto à baila, eu me lembrei, *sim*, de ter dito aquilo. Ótimo. Traída por minha própria imoralidade.

– Deus, Bones... algumas coisas foram depravadas.

– Vou encarar isso como um elogio. – Ele diminuiu a distância entre nós. – Amo você. Não se envergonhe de nada do que fizemos, mesmo se seu recato estiver na UTI.

Analisei seu pescoço onde eu o havia mordido. Não havia marcas, lógico, e também nenhuma em meu próprio pescoço. Com todo o sangue que bebi dele, eu provavelmente sararia tão rapidamente quanto ele pelos próximos dias.

– Nunca mais vou olhar para suas presas da mesma forma depois da noite de ontem. Uma parte de mim quer se desculpar por tê-lo contido antes e a outra parte quer que  *você*  se desculpe  *comigo*  porque sabia muito bem de tudo isso!

Ele riu novamente.

– Ainda tenho mais para mostrar a você, acredite, mas não há tempo agora. Estamos atrasados porque deixei você dormir.

Tirei as cobertas de cima de mim e fui ao banheiro. Estivéssemos atrasados ou não, eu iria tomar um banho. Bones já tinha se lavado e se vestido. Seu cabelo ainda estava levemente úmido.

– Há algo que você devia saber – ele disse atrás de mim. – Tate está aqui. Passou a noite.

O xampu espirrou pela parede ao invés de cair em minha mão. Pela primeira vez, notei o batimento cardíaco no andar de baixo.

– Por quê?

Havia uma branda deliberação nas palavras de Bones conforme ele entrava no banheiro.

– Ele convenceu Rodney a deixar os outros e trazê-lo de volta, por enganosa preocupação para com você. Quando ele chegou, você e eu estávamos ocupados. Annette o convidou para ficar e entretê-la. Ele aceitou.

A barra do boxe saiu quando puxei a cortina com força demais para olhar para ele. Bones a pegou e pendurou de volta sem comentários.

– Tate e Annette? Não ficaram jogando pôquer, não é?

– Não, por quê? Está com ciúmes? – ele perguntou rudemente.

– Não, *você* está?

– De forma alguma. Só irritado por ela jogar o despeito dela sobre você, mas isso já foi resolvido.

– Tate me chamou de necrófila uma vez. – Havia certa raiva em minha voz. – Vou ter que devolver o elogio.

– Acabou de fazer isso. Ele está ouvindo, posso senti-lo.

Ele estava? Babaca xereta. Ele sabia que eu não gostava de Annette. Não era só ela que estava sendo rancorosa.

Outro pensamento surgiu.

– Você sabia na noite passada, não sabia?

Bones inclinou a cabeça em confirmação.

– Pode esquecer de me perguntar por que não disse a você. Eu não nos teria interrompido por nada nesta vida, e se ele escolheu ficar, foi prerrogativa dele. Não tema, eu me esqueci dele imediatamente, porque você exigiu toda minha atenção.

Enquanto ensaboava meu cabelo, decidi que não estava chateada com Bones. Afinal de contas, até mesmo tomar banho, e não jogá-lo de volta à cama, era bem difícil. Meu pudor poderia ainda estar indignado, mas o resto de mim não estava.

Bones inspirou, e seus olhos brilharam quando captou meu cheiro.

– Vou lá para baixo. Não posso ficar tão perto de você sem desejá-la e não temos tempo.

Ele saiu em um zunido, fazendo-me sorrir enquanto voltava a me banhar.

Quatro cabeças se voltaram em minha direção quando descii. A mesa da cozinha estava cheia. Como a maioria das cadeiras estava quebrada devido à noite anterior, tínhamos poucos assentos. Bones me colocou em seu colo sem interromper sua conversa com Rodney, batendo de leve no prato de comida em frente a ele.

– Coma algo. Não posso deixar você desmaiar por ficar pulando refeições.

– Estou impressionado que ela esteja conseguindo andar – Tate resmungou sem levantar os olhos. – Você deve ter dado uns quatro litros de sangue a ela após o que eu ouvi na noite passada.

– Isso é algo que lhe diga respeito? – Bones inquiriu friamente, apertando-me com força quando eu teria levantado para esbofetear Tate. – No trabalho você tem o comando, Gatinha, mas ele está em ambiente pessoal agora, então essas regras não se aplicam.

– Eu pararia por aí se fosse você, Tate – eu alertei. – Também acho bom ver você andando sem mancar, ou está mancando? Você está sentado, então não dá para saber.

Tate não recuou.

– Foi você que disse que é só morrer para ser de matar na cama. Pensei em conferir se você tinha razão.

Rodney riu.

– Você disse isso, Cat?

Bones me deu um sorriso enviesado.

– Estou feliz por representar minha espécie.

Olhei para Tate, mas então minha boca se curvou. A dele também, e ele grunhiu uma vez em perplexidade.

– Cristo, Cat, pode imaginar Dave olhando para nós de lá de cima agora? Ele provavelmente não acreditaria no que vê. Café da manhã com uma mesa de vampiros.

Lágrimas embaçaram minha vista diante da menção a Dave. Tate desviou o olhar envergonhado pela repentina umidade em seus olhos.

– Gostaria que tivéssemos você conosco naquele dia, peso morto – Tate disse rispidamente para Bones. – Pelo menos você provavelmente o teria salvado com esse seu sangue turbinado. Cat não conseguiu dar o suficiente a ele, mesmo quando espremeu o outro vampiro como uma esponja. Se você conseguir evitar que isso aconteça de novo, talvez valha a pena ter você na equipe. Apesar de eu não suportá-lo.

Ao invés de se sentir ofendido, Bones bateu de leve em seu queixo, pensativamente. Ele trocou um olhar com Rodney e, em seguida, virou-me mais plenamente em seu colo.

– Gatinha, você não me disse que derramou sangue de vampiro em seu amigo enquanto ele estava morrendo. Ele chegou a engolir?

– Juan o fez engolir um pouco, mas, por Deus, Bones, Dave perdeu quase metade da garganta. Ele sangrou até a morte antes que ela pudesse sarar completamente.

– Complicado – Rodney afirmou.

Lancei-lhe um olhar.

– Muito mais do que complicado. Ele era um amigo.

O zumbi ia abrir sua boca quando Bones o impediu.

– Agora não, companheiro. Gatinha, o cronograma foi acelerado. Enquanto você estava dormindo, Ian me ligou e disse que tinha conseguido informações sobre sua localização. Sabíamos que era apenas uma questão de tempo, embora eu preferisse ter mais uma semana ou duas para ajeitar tudo. Não importa, a sorte está lançada. Eu disse a Ian que eu mesmo a tinha encontrado na noite passada e que teria reféns para hoje, mais tarde. Ian ficou radiante e está preparando uma festa de boas-vindas. Esse sujeito sempre gostou das coisas bem badaladas.

Fiquei tensa.

– Certo, bem, então vamos fazer isso hoje à noite. Direi a Don que reuniremos o resto dos rapazes e... acertaremos as coisas.

– Na realidade, amor, há alguns problemas. Ian não ficou satisfeito quando eu disse a ele que tinha três de seus homens como garantia. Ele quer mais e enviou alguém para conseguir isso.

Um calafrio subiu por minha espinha.

– O que quer dizer mais?

– Noah – Tate esclareceu, secamente. – E a coisa não para por aí.

– Você se importa? – Bones fulminou Tate com o olhar antes de continuar. – Seu homem apressadinho tem razão, Gatinha, e esse é o segundo problema. Ian planeja matar um de seus homens na sua frente, tanto como incentivo para você considerar suas exigências quanto como vingança por você ter matado seu mordomo Magnus. No entanto, Ian planeja deixar Noah para o final, porque quem quer que tenha dado a ele informações sobre você, não sabia de seu rompimento com Noah. Além disso, ele enviou seu pai, Max, para pegar Noah, pois aparentemente Max se ofereceu para fazer isso.

Lancei o prato longe e saltei de seu colo.

– Don está vigiando a casa de Noah, certo? Pegaremos Max, aquele cretino, e eu vou matá-lo. Isso vai fazer valer toda essa minha existência.

Bones meneou a cabeça.

– Não podemos, amor. Se fizermos isso, Ian saberá que o estamos enganando. Em que outra circunstância você teria uma equipe de matadores de vampiros lá a postos? Perderemos nosso elemento surpresa e não vou colocá-la em risco dessa forma. Por que você acha que Max se ofereceu para ir? Ele provavelmente tem a intenção de usar Noah para chantagear você e depois matá-la no local! Ian não sabe disso, mas nós sabemos. Não se preocupe. Estou mandando Rodney para garantir a segurança de Noah. Ele vai pegá-lo primeiro e deixar Max para trás. Ian não vai matar Noah, ele o acha valioso demais. Max, por outro lado, iria fazer isso só para enfurecê-la e fazê-la ir atrás dele.

– Você vai – eu disse no mesmo instante. – Rodney, nada contra você, mas se algo der errado... se Max aparecer antes do que vocês esperam, quero alguém lá que amedrontará meu pai a ponto de ele não tentar nenhum truque. E esse alguém é você, Bones. Você não apenas é um vampiro antigo com a reputação de assassino cruel, mas está acima na linhagem de Ian e Max sabe disso. Ele não se atreveria a tentar porcaria alguma com você por perto; e, sem você, posso ver a lápide de Noah dançando em minha cabeça.

– Não – Bones disse, inflexível. – Vou estar com você, ajudando a capturar os guardas de Ian. Annette pode acompanhar Rodney para pegar Noah, se você está preocupada com Max.

– Por favor – debochei. – Como se Annette se importasse se as coisas saíssem erradas com Noah. A morte de Noah jamais partiria o coração dela, ou o *seu*, por sinal, mas significa algo para mim!

Era uma coisa baixa a se dizer, mas ainda assim verdadeira. Bones ergueu um ombro em confissão.

– Por mim, não dou a mínima se Noah morrer. Não negarei isso. Mas você sofreria e com isso eu me importo.

– Levarei Annette – as palavras escaparam sem muita premeditação. – Ela pode vir comigo como apoio para ajudar com os guardas de Ian, então você pode ficar com Rodney para pegar Noah.

Bones me lançou um olhar como se eu tivesse ficado louca, o que não estava muito longe da verdade nesses termos.

– Você acha que eu o deixaria atacar um grupo de vampiros – e um grupo que você não tem a intenção de matar, o que torna tudo muito mais difícil, como todos sabemos – enquanto estou lá garantindo a segurança de seu veterinário de estimação?

A insinuação cáustica naquelas duas últimas palavras me deixou ainda mais determinada a assegurar a proteção de Noah. Rodney sabia que Bones *realmente* não ficaria chateado se algo acontecesse a Noah. Annette também sabia. Mas se Bones fosse ele próprio... então se sentiria obrigado por sua honra a garantir que Noah ficasse em segurança. Não importando o quanto não gostasse dele.

– Na realidade, funcionaria melhor dessa forma – eu disse, improvisando. – Podemos garantir duas coisas: uma, os guardas não saberão quem eu sou logo de cara, graças a meu cabelo castanho; dois, assim que *perceberem* quem sou, tentarão não me matar. Ian ficaria puto da vida ao não receber seu prêmio, certo? Eles saberiam disso. Estou mais segura com eles do que com qualquer outra pessoa.

– Isso pode realmente funcionar melhor, Crispin – Annette ofereceu. – Eles estariam menos inclinados a suspeitar de uma emboscada se pensassem que estamos lá para sua... diversão.

Bones não respondeu por um longo tempo, então voltou-se para Annette e sorriu friamente para ela.

– Depois de ontem, tenho motivos para duvidar que você esteja se oferecendo sem motivos ocultos, então deixe-me dizer quais



serão as consequências se algo de ruim acontecer a ela. Corto você de minha linhagem. – Bones pegou uma faca de seu bolso e cortou a palma de sua mão, seus olhos nunca deixando os de Annette. – Pelo meu sangue, juro que a cortarei. E depois vou oferecer uma recompensa permanente a qualquer um que faça de sua vida um insuportável inferno, você está me entendendo?

Annette efetivamente engoliu em seco. Não consegui evitar estremecer em empatia por ela. O que Bones tinha acabado de prometer a ela era pior do que uma sentença de morte. Annette seria um jogo fácil para qualquer morto-vivo desapiedado e ela não era forte o suficiente para proteger a si mesma. Oferecendo alguns prêmios em dinheiro a qualquer Morto-Vivo Depravado, ela estaria verdadeiramente ferrada.

Bones arqueou uma sobrancelha para mim.

– *Agora* Annette pode acompanhar você e eu irei atrás de Noah.

Pobre Noah. O único motivo de ele estar envolvido nisso, para começo de conversa, era ter tido a infelicidade de me namorar. Na realidade, dentre todos, eu era a única verdadeiramente segura nesse cenário conturbado. Annette me protegeria com sua própria vida agora e os homens de Ian provavelmente arriscariam serem mortos para que o novo brinquedo cobiçado por seu *sire* não fosse ferido. Isso deixava Bones sob o risco de tentar manter Noah seguro, sem mencionar que, se eu e Annette não pudéssemos vencer os homens de Ian, meus três rapazes estariam em maior perigo dentre todos. Ian tinha dito que mataria um deles, por vingança e para provar algo. Esta noite decidiria tudo e, de repente, não pude suportar simplesmente apostar que todos nós seríamos fortes o suficiente, ou espertos o bastante, para vencermos. E se *não* fôssemos? Por que qualquer um deles deveria se arriscar a morrer para me salvar?

Afinal de contas, havia outra forma de resolver isso. Seria apenas necessário meu sacrifício e tomei a decisão em décimos de segundo.

– Bones – aproximei-me e peguei sua mão. – Na verdade, nada disso tem que acontecer. Ian apenas me quer porque ser mestiça faz de mim uma coisa rara, mas se eu for uma vampira plena, então não serei mais especial. Então, faça-o. Me transforme. Faça de mim um vampiro.

O grito de protesto eu já esperava de Tate, mas a recusa mais enfática veio muito mais suavemente.

– Não.

Pisquei com raiva, surpresa.

– Vamos lá, que droga! Ou será que Annette tinha razão? A temperatura de meu corpo significa tanto assim para você?

Golpe baixo número dois. Bones intensificou seu aperto quando tentei me soltar com um puxão.

– Você não vai agir antes de pensar nesse assunto. Agir com coragem no lugar do cérebro não vai dar certo. – Sua recusa afinal penetrou a fúria de Tate, que calou a boca e olhou fixamente para Bones em descrença. – Você não quer isso, amor – Bones continuou. – Você acha que não tem escolha, mas eu disse a você, diversas vezes, que *sempre* há outra maneira. Se você realmente quisesse que eu a mudasse, então eu faria isso. Você sabe disso. Mas não assim. Não há retorno dessa decisão e até mesmo o mais pungente remorso é desolador.

Bones me puxou para ele e suas próximas palavras caíram suaves em meu ouvido.

– E se eu *realmente* gostasse tanto de sua carne morna, eu a jogaria em uma banheira quente toda vez que fosse transar com você. Você estaria com trinta e sete graus em vinte minutos, vampira ou não, então dane-se Annette e seus comentariozinhos maldosos.

– Alguma coisa poderia acontecer a você com Max – murmurei.

Bones soltou uma risada curta.

– Sem chances. Você tem razão: Max é covarde demais para me enfrentar e, se fizesse isso, eu o dobraria ao meio do lado errado e o entregaria a você em uma caixa.

– Mas tem também meus rapazes. Se Annette e eu falharmos, não posso simplesmente ficar ali assistindo a Ian matar um deles.

Bones recostou-se, mas mesmo assim não soltou minha mão.

– Há outro caminho para evitar isso também, se chegar a acontecer. Assim que estiver livre da linha de Ian, sou livre para levar meu pessoal... e minhas posses... comigo. Você não gosta disso, mas o fato é que, na cultura dos vampiros, você é considerada minha por direito de sangue e cama. Reivindicarei seus homens como meus também. Ian não poderia matá-los então, não sem se arriscar a uma guerra comigo.

– Mas você não se alimentou deles nem transou com nenhum deles! – explodi. – E, a não ser que as coisas estejam ficando para lá de esquisitas, isso não vai mudar!

– Eu, por sinal, preferiria morrer – Tate resmungou.

– Você já está protegido, seu cretino – Bones disse, bruscamente.

– Annette está sob minha linhagem, portanto, quando transou com você, isso deu a ela a habilidade de considerá-lo dela. O que o torna meu por consequência, embora não me sinta orgulhoso de dizer isso.

– O quê? – Tate perguntou, indignado. – Não sou um brinquedo de ninguém com presas.

Annette riu guturalmente.

– Mas de acordo com as leis dos vampiros, querido, você é *meu* brinquedo se eu disser que é.

– Você deveria ter lido as letras miúdas do contrato antes de pular na cama com ela, Tate – eu disse sem dó. – Você vai ter sorte se eu não me vingar de você pelo que me fez e contar a Don toda a história. Apesar disso, neste momento temos questões maiores.

Certo, Bones, se você ou Annette morder Cooper e Juan, estaremos garantidos se as coisas derem errado com Ian?

– Sim – ele disse, ignorando o olhar raivoso de Tate.

Isso bastou para mim. Não queria anunciar a mim mesma como propriedade em uma sala cheia de vampis, mas se fosse entre isso e assistir a um de meus homens morrer... que se danasse meu orgulho. O deles também. A vida era mais importante do que egos feridos.

– Tudo bem – eu disse, ficando em pé. – Iremos ao complexo para que um de vocês morda Juan e Cooper, então Annette e eu pegaremos os rapazes para servirem de isca e trocaram de lugar com os homens de Ian, você e Rodney pegarão Noah... E quando deveremos todos nos encontrar mais tarde com Ian?

– Por volta da meia-noite, Gatinha, o que dá tempo a você, porque entre a captura do pessoal de Ian e encontrá-lo, você precisa ir a um *spa*.

– Um *spa*? – repeti, como se nunca tivesse ouvido a palavra antes. – Por que diabos eu faria isso?

– Porque precisa de pelo menos uma hora na sauna para transpirar meu cheiro de seus poros – Bones respondeu calmamente. – Se você for até Ian do jeito que está agora, ele saberá, com uma cheirada, que estamos armando algo para ele e podemos dar início ao caos. Não se preocupe, tudo já foi arrumado.

– Um *spa* – repeti novamente, balançando a cabeça. Isso teria feito parte das dez coisas que *não* esperava fazer hoje, mas parece que eu tinha um encontro marcado com uma sauna. E com os homens de Ian. E com Ian. E com meu pai.

A noite seria agitada, sem sombra de dúvida.

# TRINTA E QUATRO

Tate, Juan e Cooper estavam na traseira da van, algemados, com uma fita adesiva sobre suas bocas e três rolos não usados próximos a seus pés. Essa van não era do tipo luxuoso com DVD *player*, som *surround* ou assentos aquecidos. Na realidade, não havia bancos traseiros e, fora a grade de metal que separava os dois bancos dianteiros do resto da cabine do veículo, o interior era tão despojado quanto poderia ser. Rodney tinha fornecido a van e, pela aparência do veículo, meus rapazes não eram os únicos a terem sido presos na traseira.

Annette dirigia. Não reclamei disso, pois fazia sentido, para manter as aparências. Bones tinha dito a Ian que estava enviando Annette para entregar os reféns a seus homens e Ian deveria ter espalhado a notícia. Eu deveria ser a bissexual com uma queda por presas que seria a namorada de Annette mais tarde. E uma bissexual muito *lasciva*, uma vez que deveria insinuar aos guardas que eles teriam um pouco de diversão conosco. Nem Annette nem Bones achavam que seria difícil convencê-los, pois que perigo representariam três humanos amarrados para um grupo de vampiros? Nenhum, pelo menos de que eles tivessem conhecimento, o que era a ideia.

– Estamos quase lá – Annette disse, e estas foram suas primeiras palavras durante a viagem toda. A longa hora de silêncio me agradou muito. Conversar com Annette não estava no topo de minha lista de prioridades.

Um novo sopro de odor do banco traseiro coincidiu com um aumento dos pulsos de meus rapazes. A notícia de que estávamos quase lá estava injetando adrenalina em seus motores. Como não tínhamos tido mais tempo para que eles praticassem com Belinda, eu não esperava que fossem capazes de imobilizar os homens de Ian por tempo suficiente para Annette e eu os prendermos. Mas esperávamos que Tate, Juan e Cooper provassem ser distração suficiente para facilitar as coisas para Annette e eu. E para não serem mortos no processo, lógico.

Inspirei novamente. Era uma coisa impressionante ser capaz de discernir emoções pelo cheiro. Herdei muitas coisas de meu pai morto-vivo, mas um olfato apurado não tinha sido uma delas. Talvez, quando o encontrasse naquela noite, eu o agradeceria por minhas outras habilidades. Logo antes de eu matá-lo.

Então, inspirei profundamente mais uma vez e franzi o cenho. O cheiro de Bones ainda estava grudado em mim, claro, mesmo após meu banho naquela manhã. Por isso aquela sua ideia de um *spa* mais tarde, mas isso não me faria bem algum agora, a dez minutos de encarar os homens de Ian.

– Ainda estou com o cheiro de Bones – eu disse a Annette. – Será que isso não vai causar suspeita quando fizermos nossa pequena atuação com os guardas de Ian?

A boca de Annette curvou-se.

– Eles pensam que você é só mais uma garota bonita, não a Ceifeira Ruiva de quem Ian está atrás, portanto faria pleno sentido que você tivesse o cheiro de Crispin. Nós duas supostamente acabamos de pegar os prisioneiros dele, lembra-se? Crispin tem uma reputação. Na realidade, você deveria ter mais o meu cheiro para que as coisas sejam mais verossímeis.

Rangi meus dentes, o que apenas fez o desdenhoso sorriso de Annette ampliar-se.

– Quando o inferno congelar – eu disse, imparcialmente.

Ela estalou sua língua.

– Que pena. – E me concedeu uma lenta avaliação que me lembrou muito claramente que Annette achava mulheres tão atraentes quanto homens. Suponho que, como não tinha sido bem-sucedida em me afastar de Bones, ela pensava em tentar uma abordagem “se não pode vencê-los, junte-se a eles”.

Dei leves batidas com minhas unhas na porta da van, engolindo o impulso de resmungar um “Já chegamos?”. Lutar com vampiros tinha um apelo muito mais forte do que ser alvo do ex-principal caso de Bones. Especialmente porque ela apenas me queria na cama para que Bones pudesse se juntar a nós.

Cerca de cinco minutos depois, Annette entrou em um estacionamento de uma fileira de armazéns. Dei uma olhada em volta. Passava das seis da tarde de uma sexta-feira, portanto, a maior parte do mundo trabalhador tinha ido embora, assumindo-se que quaisquer desses armazéns fosse propriedade de empresas comuns com funcionários comuns. Annette pegou seu celular e discou.

– Abra a porta de aço – ela disse como saudação. – Estamos aqui.

Annette deu ré com a van, entrando pela porta de aço, a qual se fechou tão logo estávamos no interior. Eu estava me perguntando como é que poderíamos entregar três homens algemados e amordaçados sem atrair atenção. Dei uma rápida olhada ao redor para o que conseguia ver do armazém de onde eu estava na van. Fora os seis vampiros que se aproximavam de nós, não parecia haver ninguém mais por perto. Isso era uma vantagem.

O fato de o armazém ser um enorme espaço aberto era definitivamente negativo. A van era a única coisa a interromper o espaço ali. Xinguei mentalmente. Melhor seria trazer os vampis para dentro dois por vez para que ninguém mais pudesse ver o que

estava acontecendo. Peguei o olhar de Annette e indiquei com a cabeça a área aberta em volta de nós. Ela apenas deu de ombros e saiu da van.

*Vadia.*

– Olá, minha linda – um dos vampiros saudou Annette com sotaque. Ele tinha um tapa-olho do lado direito e um nariz curvo que, quando era humano, devia ter sido quebrado repetidamente. Mesmo assim, tais defeitos de alguma forma favoreciam o resto dele, dando-lhe um ar malandro que complementava sua aparência sombria.

Annette o cumprimentou com um beijo na boca. Bem longo. Minhas sobrancelhas se ergueram de supetão. *Bem*, ou Annette era *muito* simpática quando conhecia pessoas ou ele não era um estranho.

– François – ela murmurou. – Há quanto tempo!

Ele disse algo em francês que não pude traduzir, mas Annette pôde, porque riu e respondeu no mesmo idioma. Era irritante não saber o que estavam dizendo. *Lembrete interno: expandir habilidades linguísticas.*

Qualquer que tenha sido a conversa, fez com que François olhasse para mim com um brilho em seu, hã, olho. De repente fiquei na dúvida sobre minha brilhante ideia de ter Annette como apoio ao invés de Bones. Ela não gostava de mim, isso tinha sido firmemente estabelecido. E se ela estivesse dizendo ao outro vampiro que isso era uma armadilha? E se a ameaça de Bones quanto a uma punição horrível não a tivesse assustado tanto quanto deveria? Ciúme *era* uma emoção irracional e Annette poderia estar pensando em inventar uma história bem mentirosa depois para evitar a raiva de Bones. Eu me mexi inquieta em meu banco, lançando um rápido olhar para trás para meus rapazes amarrados. As coisas poderiam ficar feias bem rapidamente.



François afagou uma mecha de cabelo loiro arruivado do rosto de Annette antes de se virar e vir para meu lado da van. Fiquei tensa, e minha mão deslizou pelas minhas botas com cano até as coxas. Eu havia colocado facas de prata dentro delas. Talvez não fossem haver quaisquer reféns para usar na negociação com Ian, no final das contas.

François abriu minha porta e eu sorri, fingindo brincar com a parte de cima de minhas botas em um flerte feminino quando, na realidade, estava com os dedos no cabo de uma de minhas facas.

– Não tive o prazer de conhecer você – François disse. – Sou François e minha amiga Annette me disse que você é Selena.

Deixei-o pegar minha mão e beijá-la, apesar de isso significar estar bem longe de minhas facas. Atrás do ombro de François vi Annette cumprimentando os outros guardas. Ela sabia o nome de todos eles, percebi com um estremecimento interior. Se ela não estava me apunhalando pelas costas, estava prestes a fazer isso grandiosamente com aquelas pessoas. Afinal percebi a magnitude do que Bones estava fazendo. Esse era o pessoal de Ian e, conseqüentemente, é provável que Bones os conhecesse por alto, se não muito bem. E os estava enganando por mim. Claro que eles não eram pobres inocentes, afinal, tinham concordado em ser guardas e executores em potencial de meus homens, mas mesmo assim... Seria muito mais fácil trair estranhos do que amigos.

– Selena, minha querida, venha cá – Annette disse, acenando para mim.

Sorri para François mais uma vez e pedi licença. François calmamente foi para a traseira da van, fora de meu campo de visão, enquanto eu me unia a Annette ao lado do grupo de cinco vampiros. *Se ela fosse me entregar*, pensei sombriamente, *agora seria a hora perfeita para fazer isso*. Mas tudo o que Annette fez foi me puxar para perto e beijar meu pescoço enquanto casualmente afagava meus braços.

Atrás de nós, na traseira da van, parecia que François estava descarregando Tate, Juan e Cooper. Os corações deles estavam batendo mais rápido, mas nada me fazia crer que estivessem em perigo iminente.

– Selena, esses são meus amigos – Annette disse.

Fui rapidamente envolvida em calorosos olás e beijos, como se isso fosse um bar de troca de casais ao invés de um armazém para transferência de reféns. Annette riu quando um dos homens, Hatchet – acho que foi o nome que me disse –, me deu um beijo de língua e decidi sentir todos os contornos da minha bunda.

– Chega disso, Hatchet – Annette disse, jovialmente puxando-me para trás. – Selena gosta de um aquecimento, mas através de persuasão feminina. Não é mesmo, querida?

*Vadia*, pensei de novo, vendo o desafio em seus olhos, mas sorri e deixei Annette envolver-me em seus braços. Pelo menos ela não estava agarrando minha bunda. Ainda.

– É verdade – eu disse, suspirando. – Mas é gostoso ter algo mais substancial do que uma língua para arrematar. Você homens vão estar muito ocupados aqui? Ou vão ter, hum, uma folga?

Lambi meus dedos ao falar. Annette estava atrás de mim, acariciando-me dos lados sugestivamente, e foi quase engraçado ver cinco pares de olhos de repente tornarem-se verdes.

– Quando temos que estar na casa de Ian? – um deles perguntou.

A voz de François veio do outro lado da van.

– Só às onze, mais de quatro horas ainda.

A boca de Annette percorreu a linha de meu pescoço até meu ombro e eu tremi com prazer sem fingi-lo. A forma como seus dentes raspavam minha pele fez aparecer pequenos arrepios. Então, ela seguiu a linha com sua língua, esfregando-se em minhas costas com um movimento lento e voluptuoso.

Hatchet começou a tirar suas roupas. Eu pisquei. Aparentemente aquilo era incentivo suficiente para ele. François deu a volta pela van e colocou seus braços em volta de Annette. Ela soltou um murmúrio e esfregou seu quadril contra ele, o que me fez mover da mesma forma também, pois as mãos delas ainda agarravam os lados de meu corpo. Então, François estendeu as mãos e envolveu meus seios com elas. O resto dos homens começou a tirar suas roupas também. Logo eu teria uma prova visual de que nenhum deles estava carregando armas. Até o momento, as únicas facas que tinha visto estavam descuidadamente colocadas vários metros adiante, perto de onde a van tinha entrado. Eles realmente não esperavam uma armadilha.

Inclinei-me para frente, como se estivesse perdida em sensações... e então, peguei quatro facas de minhas botas. Na hora certa, também. François estava prestes a me apalpar, ou aquelas eram as mãos de *Annette* começando a ficar abusadas?

– Agora! – gritei e atirei as facas.

Duas foram parar nos olhos de Hatchet e as outras duas nos olhos do vampiro ao lado dele. Eles berraram, arrancando as lâminas enquanto eu pulava para frente, jogando-me sobre eles e empurrando suas cabeças uma contra a outra com força suficiente para ouvir sons de esmagamento. Mas não com força suficiente para matar. Hatchet e seu amigo estavam no chão, contorcendo-se e cegos, mas sarariam. Os outros três vampiros tinham ido até suas armas – e deram de cara com Tate, Juan e Cooper ao invés disso.

– Lembram-se daquelas algemas? – Tate perguntou, balançando uma. – Falsas.

Os vampiros não se deram ao trabalho de tentar submetê-los com seus olhos verdes. Avançaram sobre eles com suas presas e punhos em vez disso. Tudo isso eu vi enquanto em combate com os dois feridos no chão, tentando conseguir a exata inclinação com as facas em ambos sem matá-los. As mãos de Annette estavam

ocupadas com François, que soava como se a estivesse amaldiçoando de cima a baixo em francês.

Meus três rapazes tinham exatamente uma faca de prata cada um, que haviam escondido na sola de seus sapatos. Elas eram tudo o que se interpunha entre os vampiros e seu estoque de armas. Naquele momento, vendo os vampiros atacarem como se o tempo estivesse em câmera lenta, soube que não poderia intervir. A menos que matasse os dois vampiros com os quais lutava.

Eu me sentava sobre Hatchet, segurando-o embaixo, enquanto rudemente cortava a garganta do outro vampiro fundo o bastante para quase arrancar sua cabeça. Aquilo o manteve ocupado por alguns instantes. Tempo suficiente para eu pegar uma de minhas facas, ignorando a dor quando Hatchet desferiu um golpe brutal em meu estômago, e cravá-la em seu peito.

Ele paralisou. A faca tinha atingido seu coração em cheio. Inclinei-me até que meu cabelo roçou em seu rosto.

– Não se mova e eu não irei torcer esta faca. Não quero matá-lo. Só quero que fique dócil.

Ele olhou fixamente para mim e disse uma palavra:

– Ceifeira.

Sabia que meus olhos deviam estar brilhando, o que era típico devido às circunstâncias. Eu assenti.

– Isso mesmo. Agora, nem pense em se mover.

Saltei de cima dele e vi um borrão de movimento à minha direita enquanto Juan, Tate e Cooper estavam envolvidos nas lutas de suas vidas. Cooper já tinha dois largos cortes em sua clavícula, mas estava segurando a onda e combatendo cada movimento, veloz como um relâmpago. Tate tinha sangue escorrendo pela boca, mas também parecia relativamente ileso, e Juan... onde diabos estava Juan?

O vampi a meu lado estava se levantando, sua garganta quase completamente curada. Bati sua cabeça contra o chão duro para

deixá-lo atordoado e o arrastei para longe de Hatchet. Então, saltei para evitar que ele me passasse uma rasteira e o espetei no peito.

– Quer viver? – perguntei, dando uma leve torção na lâmina. – Então, não se atreva a fazer um movimento.

Annette estava com François no chão. Nenhum deles estava com armas, então parecia que estavam tentando *mastigar* um ao outro até a morte. Olhei para ela e depois para meus rapazes. Juan ainda não estava à vista. Devia estar do outro lado da van. Fiz uma pausa e arremessei uma lâmina ao flagrar a mão de Hatchet começando a se insinuar em direção à faca em seu peito. Ela foi parar direto em sua testa.

– A próxima acaba com você – rosnei. – Não me teste novamente.

Juan saiu voando por cima do teto da van. Ele estava com talhos por todo o corpo, mas seu coração estava estável. Batendo infernalmente, mas estável, e saltei para pegá-lo antes de ele se espatifar no chão.

– Cuidado para onde está indo – disse com um rápido sorriso, ajudando-o a ficar em pé e saltando para cima do teto da van.

Desse ponto de vista mais elevado, pude ver o vampiro loiro com o qual Juan havia lutado quase chegando à pilha de armas. Não hesitei, saltei da lateral da van como se fosse uma prancha de mergulho e lancei-me contra nele. Ele caiu com força, comigo agarrada a suas costas.

– Juan, não deixe que esses dois vampiros arranquem a prata! – consegui gritar antes de ser interrompida por um cotovelo em meu rosto. Ai, ai, ai! Meu nariz quebrou e senti gosto de sangue. Isso, no entanto, não me impediu de retornar o favor e arrebentar o rosto do vampiro contra o chão, o que produziu um satisfatório som triturante.

– Agora estamos empatados – arfei, depois puxei uma faca de minhas botas e a cravei em suas costas. – E agora estou na frente.

– Cat, cuidado! – Cooper gritou.

Minha cabeça levantou de repente e vi outro vampiro voando em minha direção. Levei as mãos para minhas botas novamente... e não encontrei nada. Estava sem facas e sem tempo de me afastar.

Então, de repente, o vampiro foi lançado para o lado. A cabeça de Tate apareceu na confusão de braços e pernas que voavam. Ele deve ter se lançado contra o vampiro no último instante. Arrastei-me em direção às facas de prata, estraçalhando meus joelhos no concreto, mas ressurgi com várias e adoráveis lâminas brilhantes.

– Cuidado! – gritei. Meus rapazes se curvaram rapidamente e as lâminas se enterraram em carne morta-viva, resultando em novos urros. Tate saltou de volta sobre o vampiro que tinha tentado me emboscar; atirei uma faca para ele, que pegou com uma das mãos antes de enterrá-la nas costas do vampi.

– Não torça, não torça! – lembrei-o, unindo-me à luta de Cooper.

Cinco minutos depois, estava tudo acabado. François foi o último vampiro a ser derrubado e quando o tirei de cima de Annette, enfiando uma faca firmemente em suas costas, ele ainda a estava xingando.

– Por quê? – ele quis saber por fim, seu sotaque tornando as palavras quase incoerentes.

Annette tinha sangue por todo o corpo, um pouco dela, um pouco de François. Com sua pele sem manchas e aquele sangue vermelho coagulado cobrindo-a, ela poderia ter passado por uma Sissy Spacek curvilínea ao final de *Carrie, a Estranha*.

– Você está vendo quem é ela? – ela perguntou a François bruscamente, virando a cabeça em minha direção. – Seu *sire* a quer. *Meu sire* a ama. Desculpe, François, mas minha lealdade é para com Crispin, e não Ian.

Levei François até a van, onde Annette começou a enrolar uma fita adesiva em volta de seus pulsos. Normalmente, isso não seria suficiente para segurar um vampiro, mas muita agitação levaria

aquela faca mais profundamente para dentro de seu coração e François sabia disso.

– Você pode muito bem me matar – François disse, amargamente. – Pois é isso o que Ian fará assim que descobrir que fomos ludibriados e que falhamos com ele.

– Eu não acho que ele vá fazer isso – retruquei. – Ou direi a todos que Ian caiu no mesmo truque em fevereiro. Veja, eu o tive na mesma posição que você está agora, François, e Ian parece ser do tipo arrogante que não iria querer que isso se tornasse de conhecimento público. Se vocês se comportarem, viverão para morder outro dia, prometo.

Tate se aproximou. Tirou sua camisa e estendeu-a para mim.

– Seu nariz ainda está sangrando, Cat.

Sim, eu sabia disso. Conseguia sentir o gosto, pois estava escorrendo em um lento fio dentro de minha boca. Limpei meu rosto com a camisa de Tate. Annette terminou de amarrar os pulsos de François e cortou a palma de sua mão, deixando-a a uma polegada de mim.

– Obrigada – eu disse, soltando sua mão.

Um leve sorriso curvou seus lábios.

– Não iríamos querer esse rostinho adorável desfigurado agora, não é? Afinal de contas, você tem outra festa para ir.

# TRINTA E CINCO

Uma hora depois, ninguém jamais imaginaria que eu tivesse feito algo mais extenuante hoje do que pintar as unhas do pé ou fazer compras no shopping. Eu estava relaxando na sauna, com uma atendente massageando meus pés, dentre tantas outras coisas. Tentei delicadamente recusar tal paparico, mas me disseram que era parte do tratamento previamente acertado. E, pra falar a verdade, era tão maravilhoso que meu protesto foi bem pouco enfático.

Em seguida, vieram a sauna, uma esfoliação e um banho de ervas com óleos exóticos e hortelã. Se houvesse quaisquer traços do cheiro de Bones em mim após tudo isso, seria um bendito milagre. Até mesmo meus dentes foram tratados com uma solução branqueadora que quase derreteu minhas gengivas.

Quando terminei de passar pela versão sofisticada de uma lavagem de carros, a atendente entrou e me entregou uma caixa.

– Aqui está, senhorita. Isto é para você.

Dentro havia um vestido, um celular, um conjunto de chaves de carro com uma descrição do veículo e um par de sapatos de salto alto. Assim que os tirei, sorri. Os rapazes não seriam os únicos com calçados perigosos. Os saltos desses eram de prata sólida, recoberta apenas com uma camada de tinta preta.

Vesti-me rapidamente, verificando o relógio na parede. Depois, olhei meu reflexo e parei. O vestido era a cara de Bones, porque estava mais para *lingerie* do que para um vestido de noite. Possuía uma frente única que descia até minha cintura e teria feito Jennifer Lopez parar para olhar. Uma fita dupla-face segurava as duas faixas



negras de material a meus seios em linhas verticais. A parte de baixo vinha afixada, cortada alto nas pernas na frente e atrás, e a única coisa que impedia a roupa de ser obscena eram os translúcidos pedaços de tecido que iam do quadril até a metade das coxas e balançavam quando eu me movia.

Uma coisa era certa: este vestido com absoluta certeza não carecia de fluidez. Não havia pano suficiente para impedir os movimentos.

Assim que fui maquiada, o celular na caixa tocou como se estivesse esperando a deixa. Uma voz desconhecida falou do outro lado da linha.

– Ceifeira, encontre-nos no viaduto da Quarenta e Cinco com a Wilkes. É melhor vir sozinha. A essas horas, você deve saber que estamos com quatro de seus homens e não precisamos de nenhum deles.

Que charmoso. Nem mesmo um “alô”.

– Vou fazer seu jogo, mas se matar qualquer um deles, você é o próximo.

Eu já estava a caminho do estacionamento, com aquelas chaves em minha mão. Eram de um Explorer azul estacionado próximo à entrada. Coloquei o cinto de segurança enquanto saía, uma vez que atravessar o para-brisa não estava em meus planos nesta noite. Pelo menos não que eu soubesse.

Dois carros aguardavam por mim na área designada, com quatro vampiros em cada um.

– Vamos colocar esse show na estrada, meninos – eu os saudei.

Dezesseis pares de olhos me percorreram dos pés à cabeça. Prestativamente, girei e estendi meus braços.

– Podem me revistar atrás de armas, mas o que tenho é o que estão vendo. Agora, se já tiverem acabado de arregalar os olhos, tenho um encontro com quem quer que seja seu chefe.

– Olá, querida – uma voz atrás de mim disse, com um sotaque inglês bem acentuado.

Girei e vi um vampiro alto com cabelos negros longos e espetados recostado ao gradil. Não estava lá um minuto atrás. Sua aura o anunciava como o mais poderoso do grupo, um Mestre vampiro, e não era a primeira vez que eu o encontrava.

– De onde venho, é educado apresentar-se antes de chamar alguém por um degradante apelido sexista, ou talvez você não tenha sido criado com boas maneiras.

Ele sorriu e endireitou-se de sua postura displicente para curvar-se diante de mim em uma saudação que foi a mais cortês que já vi.

– Claro. Que *rude* de minha parte. Meu nome é Spade.

Controlei minha expressão para não demonstrar nada, mas sorri por dentro. Esse era o melhor amigo de Bones. Anos atrás quando nos conhecemos, eu tinha automaticamente assumido que ele era um bandido e tentei arrebentar sua cabeça com pedras de bom tamanho. Quando Bones chegou e confirmou sua identidade, Spade tinha se livrado das pedras e depois me criticou severamente por meu método de apresentação.

– Spade. Belo nome. Você foi forçado a tirá-lo de alguma revista em quadrinhos ou algo assim?

Eu sabia por que ele tinha escolhido o nome, claro. Spade<sup>\*</sup> havia sido um prisioneiro no sul de Gales juntamente com Bones. O capataz costumava chamar o ex-Barão Charles DeMortimer pela ferramenta que tinha que usar, uma pá. Ele havia mantido o nome para não se esquecer de seu antigo desamparo.

Sua boca se contorceu e depois se voltou ao normal.

– Ponderarei minha escolha depois, anjo. Você viria até aqui? Vou revistá-la atrás de armas.

Os outros oito formaram um círculo de proteção a nossa volta enquanto Spade conduzia suas mãos vagarosa e completamente sobre mim. Quando terminou, tinha um leve sorriso no rosto.

– *Agora* é um prazer conhecê-la. – Ele inclinou a cabeça em direção aos carros. – Depois de você.

Fomos até uma estrada deserta onde um helicóptero aguardava. Não houve mais conversas.

Fiquei batendo as unhas em minha perna enquanto decolávamos. Os outros vampiros permaneceram olhando fixamente para mim, mas eu os ignorei. Spade, por sua vez, ficou em silêncio, mas de vez em quando me dava um sorrisinho enviesado.

Pousamos cerca de duas horas depois. Eu não estava de relógio, mas supus ser por volta de onze e meia. *Breve, então. Muito em breve.* Fiz uma prece silenciosa para que ninguém a não ser meu pai fosse morto e então saí para começar a festa.

Ian certamente gostava de receber com estilo. Aquela casa era ainda maior do que sua outra, praticamente uma mansão. Jardins mostravam formas misteriosas à luz da lua e tochas tinham sido decorativamente dispostas para efeito máximo. Esculturas congeladas em poses permanentes à luz do luar poderiam servir tanto de boas-vindas como de aviso, e algumas delas eram completamente primitivas. Ociosamente, perguntei-me se as que pareciam gregas seriam autênticas enquanto passávamos sob uma treliça de mármore. Sabendo da queda de Ian por coisas raras e valiosas, provavelmente eram.

A força coletiva de poder sobrenatural que me atingiu quando as portas se abriram me fizeram hesitar. Era como entrar em eletrocussão sumária com todas as correntes inumanas zumbindo em volta. Meu *Deus* do céu, que tipo de criaturas havia ali? Uma pontada de apreensão disparou dentro de mim. Era a primeira divisão e eu não tinha certeza se estava pronta para enfrentar profissionais, mas era tarde demais para recuar agora.

Havia um grande grupo de vampiros e zumbis alinhados no corredor que atravessamos. O peso de seus olhares era árduo, mas

olhei em frente e forcei minhas pernas a não tremerem. *Nunca demonstre medo*. Isso seria a mesma coisa que tocar a sineta do jantar.

Um conjunto de portas duplas gigantes impressionantemente entalhadas foi aberto por dois vampiros. Spade fez sinal para que eu entrasse. Firmei meus ombros e endireitei minha coluna, deslizando para dentro do perigo desconhecido tão casualmente quanto Cinderela no baile.

*Cúpula do Trovão* foi meu primeiro pensamento. Uma Cúpula do Trovão gótica e luxuosa. Um anfiteatro de suntuosas cadeiras, sofás e pedestais formava um círculo em volta de um centro vazio do que poderia ter sido uma arena. O ambiente havia sido organizado como se fosse um estádio, com cada nível contemplando a agourenta plataforma quadrada. Como meu caminho me conduzia em linha reta ao centro do palco, foi para lá que me dirigi.

Murmúrios *espocaram* diante de minha aparição, tantos que era difícil traduzir. Aparentemente, eu era a atração principal da noite. Que lisonjeiro. Com toda minha força de vontade, recusei-me a vasculhar as dezenas de dezenas de rostos atrás daquele que eu amava. Bones estava aqui. Mesmo naquele turbilhão de energias rodopiantes, eu conseguia senti-lo. Que diabos, eu conseguia sentir seu *cheiro* após ter consumido todo aquele sangue na noite anterior.

Ian estava sentado ao centro e adiante como realeza. A galeria mais baixa era um nível acima da plataforma, então inclinei minha cabeça em sua direção e fingi surpresa.

– Então é *você* que está por trás de tudo isso? Benfeito para mim por não ter torcido aquela faca antes. Desça daí para eu consertar meu descuido.

Ian também estava muito bem-vestido, usando uma esvoaçante camisa de época com babados de seda antiga. Supus que datava dos anos de mil e setecentos, pelo estilo. Sua cor perolada era

quase igual à de sua pele e seu cabelo castanho estava ajeitado com bom gosto. Os olhos turquesa brilhavam para mim em antecipação.

– Seu traje de calças luxuosas não estão nem perto de lhe fazer justiça, Catherine. Você é simplesmente estonteante.

– De uma vez por todas, e é bom que tantas pessoas vão ouvir isso de forma que eu não tenha que repetir: meu nome é Cat. – Uma vez que todos eles tinham me visto, esconder meu nome de guerra não parecia importante. – Agora, arrastei meu traseiro até aqui por uma razão e não foi para ouvi-lo dizer que gostou de meu vestido. Onde estão meus homens? E o que você quer? Deve ser algo inusitado para você me rastrear e chantagear.

Ian ostentava um sorriso superior quando respondeu, confortável em seu presumido controle.

– Pode agradecer a seu velho amigo por me ajudar a encontrar você, *Cat*. Tenho a impressão de que irá se lembrar dele. Crispin, diga olá a sua ex-protégida.

– Olá, amor. Há muito tempo sem ter o prazer – uma voz desceu até mim.

Escondi um sorriso e voltei-me em sua direção.

Bones destacava-se muito mais do que Ian, em minha suspeita opinião, e não pude evitar o repuxão de um sorriso quando vi seu cabelo. Em algum momento desde a última vez em que o vi, ele o havia tingido com o mesmo loiro platinado de quando nos vimos pela primeira vez. Também tinha sido recentemente cortado, envolvendo sua cabeça com cachos cortados curtos. Sua camisa era de um vermelho encorpado, contemporânea em contraste com a de Ian, e sua pele brilhava como diamantes cobertos com creme contra o tecido de cor viva. Era hora de desviar o olhar. Rápido. Antes que eu babasse.

– Bones, que desgosto inesperado – eu disse claramente. – Jesus, você ainda não está morto? Esperava tê-lo visto pela última vez anos atrás. Ainda com problemas de ejaculação precoce?

Ian gargalhou com prazer. Bem como o resto de sua seção. Eles estavam segregados por linhagem, com os membros mais jovens na última e mais alta fileira de cadeiras. Bones sentava-se simbolicamente no canto mais baixo do grupo de Ian e uma risada bufada acompanhou sua resposta.

– Talvez se seus roncões não tivessem sido tão altos no meio-tempo, eu teria sido capaz de me concentrar melhor.

*Touché.* Voltei minhas costas a ele.

– Tudo bem, Ian. Basta desta porcária. Estou toda adornada com meu belo vestido e isto é claramente uma festa. Qual é a ocasião?

Ian entrou de cabeça no melodramático.

– Por toda a parte eu tenho dito a todos que a vingativa humana chamada Ceifeira Ruiva é na realidade uma vampira disfarçada por detrás de um coração pulsante e carne quente. Não há nenhuma outra mestiça conhecida no mundo. Colocando a coisa de forma simples, quero você comigo, Cat, como parte de meu pessoal. Como calculei que você não concordaria com a ideia depois de nosso último encontro, peguei quatro de seus homens para assegurar que você esteja... mais receptiva para discutirmos isso agora.

Ian não sabia que eu já havia pegado de volta três daqueles quatro e tinha seis de seus próprios homens para chutar. Ele provavelmente apenas achava que François e os outros estavam atrasados.

– Ahã – eu disse, clinicamente. – Estou supondo que toda essa coisa de “ser parte de sua gente” significa que eu teria que passar muito tempo com você.

Ian sorriu com mais do que uma insinuação de perversidade.

– Você precisaria de supervisão antes, afinal de contas.

– E se eu recusar, suponho que você matará meus homens?

Ele deu de ombros.

– Realmente, boneca, seria necessário que eu matasse todos eles antes de você perceber que o que estou oferecendo não é tão

repugnante? Acho que seria preciso matar somente um ou dois, quando muito.

*Seu filho da mãe frio*, pensei, encarando Ian. O fato de ele estar sendo prático, e não maníaco, revelou-me muito sobre ele. Ian não parecia particularmente gostar da ideia de matar alguns de meus homens, mas faria isso. Bones tinha um pouco daquela mesma frieza, eu sabia. E eu também, se fosse honesta.

– Você falou sobre mim para as pessoas – eu disse, abruptamente, mudando de tática. – Mas aposto que foi difícil para elas acreditarem. Quer que eu lhes dê uma demonstração do que posso fazer? Quero dizer, você tem todos esses convidados, mas, até agora, eles ainda não viram nada de excitante.

Uma expressão de interesse apareceu no rosto de Ian. Bones havia dito que Ian gostava de um show espalhafatoso. Não parecia que ele estava enganado.

– O que você está oferecendo como demonstração, minha adorável Ceifeira Ruiva?

– Traga seu guerreiro mais forte. Eu derrotarei a ele ou a ela somente com o que tenho agora.

Abri minhas mãos e girei para mostrar que não tinha quaisquer armas, mas claro que Ian sabia que eu tinha sido revistada. Não era culpa minha que ninguém tivesse dado uma boa olhada em meus sapatos.

– O que você quer, se vencer? – Ian perguntou.

– Um de meus homens de volta ileso. E eu escolho quem.

Ian analisou-me por um longo momento. Olhei para ele com minha mais inocente expressão.

– Combinado – ele disse, afinal.

– Ótimo – falei no mesmo instante. – Ficarei com Noah.

Droga, se eu conseguisse recuperar Noah por mim mesma, isso tiraria um grande peso de minha cabeça. Quão surpreso será que

Ian ficaria quando descobrisse que tinha trocado seu único refém comigo?

Bones escolheu aquele momento para se levantar.

– Ian, antes de esse circo começar, tenho uma questão para acertar com você. Francamente, eu jamais teria vindo a este evento se você não tivesse me ordenado a aparecer. Aí está o problema, meu *sire*. Eu não gostaria de estar sob a autoridade de ninguém além de minha própria, e já está mais do que na hora disso. Liberte-me de sua linhagem.

Ian parecia ter sido socado no estômago antes de recompor sua expressão.

– Falaremos sobre isso depois, Crispin, quando não houver tantas distrações – ele disse, lutando para ganhar tempo sem parecer fraco.

Bones abrangeu a multidão com um aceno de sua mão.

– Não há hora melhor do que agora, com todos presentes como dita a tradição. Não desejo nada além do que é meu por direito quando partir: os vampiros que criei, suas posses e todas as minhas propriedades humanas. Já esperei tempo o bastante por isso, Ian, e não vou esperar mais.

Houve um tom intransigente em sua última sentença e todos ali o ouviram.

O tom de Ian mudou de persuasivo para brusco no ato.

– E se eu recusar? Você está ameaçando me desafiar para ganhar sua liberdade?

– Sim – Bones retrucou, asperamente. – Mas por que precisamos disso? Nossa história vem desde a época em que éramos humanos e não deveríamos partir com um de nós destruído pela teimosia. Liberte-me por sua livre vontade, e não através de uma luta, pois esse é meu desejo.

Eu não conseguia imaginar ter uma história com séculos de idade com alguém como a que Bones tinha com Ian, que literalmente



transcendia a morte. Ian não parecia nada especial para mim, mas para Bones esforçar-se tanto para não ter de matá-lo deveria significar mais para ele do que os olhos alcançavam. Eu sabia que a lealdade por Ian ter transformado Bones em um vampiro era tamanha.

Talvez Ian fosse um pouco como Don. Impiedoso e manipulador em relação ao que queria, mas no fundo não era uma pessoa má. De outra forma, Bones não se incomodaria em pedir sua liberdade quando poderia desafiar Ian para um duelo e matá-lo por ela. Bones poderia derrotar Ian em um duelo e sabia disso. A questão era: será que Ian sabia disso?

Ian pesou sua decisão silenciosamente por um minuto. Houve uma expectativa silenciosa. Fiquei tensa quando ele pegou uma faca de suas calças e percorreu o caminho por entre os convidados até Bones. Ele olhou para a faca, para Bones e então a inverteu até a lâmina estar voltada para dentro ao invés de apontando para fora.

– Vá, então, e seja Mestre de sua própria linhagem, sujeito a ninguém além de si mesmo e às leis que governam todas as crianças de Caim. Eu o liberto.

Então, ele estendeu a faca a Bones, que a aceitou respeitosamente.

– Vocês são todos testemunhas – Bones disse em voz alta para ouvirem.

Nossa, aquilo tinha sido rápido e direto ao ponto. Eu estava esperando algo mais sangrento e cerimonial.

Ian deixou escapar um suspiro resignado.

– Estivemos juntos por um longo tempo, Crispin. Vou me sentir estranho sem você entre os meus. Quais são seus planos?

– Os mesmos de qualquer novo Mestre de uma linhagem, suponho – Bones disse com leveza, apesar de sua expressão ter endurecido. – Protegerei aqueles que me pertençam, custe o que custar.

Eu sabia o que ele queria dizer com aquilo, mesmo que seu significado mais profundo fugisse a Ian.

– Você não está mais sob a obrigação de ficar. Vai partir, então? Ou irá esperar para ver se sua ex-protégida vence o desafio?

Bones sorriu e seus olhos se voltaram para mim.

– Eu não perderia essa parte, companheiro. Aposto que ela ganha, a menos que ela tenha esquecido tudo o que ensinei.

– E como eu duvido disso – Ian respondeu, secamente.

– Quais são as regras para esta luta? – perguntei. – Você julgará o vencedor por quem estiver imobilizado e indefeso primeiro?

Ian retornou a seu sofá e acomodou-se confortavelmente nele.

– Não, boneca, esta não é uma luta de competição. Você só receberá seu homem de volta se matar seu oponente. Agora, seu oponente não conta com a opção de matar você. Mas ele pode entregá-la em qualquer estado, e assim que fizer isso, então você é minha.

Absorvi aquela observação. Com isso, deixei que minha própria luz saísse por meus olhos. Seu brilho perfurou o ar como *lasers* esmeralda, fazendo uma multidão de vozes manifestar-se ao mesmo tempo. Ian tinha dito a eles o que eu era, mas ver era crer.

– Traga seu melhor, Ian. Estou pronta.

Ele sorriu.

– Primeiro, você não quer que seu ex-amante deseje-lhe boa sorte? – E apontou para o teto acima de mim.

Olhei para o alto e meus olhos ficaram fixos. *Filho da mãe*. Suspenso em uma gaiola no topo do teto da abóbada estava Noah. Aquilo sim era uma vista aérea... Ele estava até mesmo inclinado em um ângulo para perfeito escrutínio. Que droga de posição para se estar, assistindo a seu destino se desenrolar debaixo de seus olhos enquanto se está indefeso para fazer algo a respeito.

O brilho esverdeado de meu olhar recaiu sobre o rosto de Noah, que olhava para mim horrorizado. Era a expressão que eu sempre

soube que ele teria se descobrisse o que eu era. Às vezes era uma tremenda porcaria estar certa.

– Grendel – Ian chamou em voz alta. – Como você gostaria de entregar essa mestiça para mim?

Houve uma risada do outro lado da sala. Um homem careca levantou-se e deu um assovio lento e apreciativo.

– Eu a levarei a você, Ian. Será um prazer quebrá-la.

Olhei meu desafiante de cima a baixo.

Ai, ai. *Isso* poderia ser um problema.

# TRINTA E SEIS

Para começar, o homem em pé deveria ter mais de dois metros de altura. Seus braços eram mais grossos do que minha cintura e suas pernas eram como troncos de árvores cobertos de pele. Para alguém de seu tamanho, ele veio pelo corredor com uma graça leve e ligeira que me deu uma sensação de peso no estômago. Massivo e rápido, aquilo não era bom. No entanto, o que mais me preocupou foi que aquele homem que agora saltava para a arena não era um vampiro. Era um zumbi.

Eu poderia enfiar meus saltos de prata em seu coração até o mundo acabar, mas isso não iria matá-lo. E esses saltos também não fariam as vezes de uma espada para cortar fora sua cabeça.

Tudo bem, então. Isso seria interessante.

Ian sorriu para mim com expectante vitória.

– Você sabe quem é ele, Cat? Este é Grendel, o mais famoso mercenário dos zumbis. Ele tem quase seiscentos anos de idade, e foi um *stradioti*<sup>\*</sup> dos exércitos venezianos. Grendel costumava ser pago de acordo com o número de cabeças que derrubasse em uma batalha e isso, minha querida boneca, foi quando ele era humano.

Flagrei o olhar de Bones. Ele levantou uma sobrancelha. *Você quer que eu interfira?*, estava me perguntando silenciosamente. Ele poderia evitar tudo isso mostrando seu cartão de propriedade, eu sabia, e a expressão de Bones me dizia que Ian não estava exagerando nem um pouco em sua descrição sobre o animal que Grendel era.

Dispensei ao zumbi de cabeça lisa outra avaliação cuidadosa. Sim, ele parecia um filho da mãe cruel, sem dúvida. E aqui estava eu armada somente com um par de sapatos de salto alto. Levantei os olhos para Noah, que possuía uma expressão resignada em seu rosto. Ele claramente pensava que era um homem morto independentemente do que acontecesse. Eu poderia escolher o caminho de saída mais fácil. Chamar a mim mesma de cadelinha de Bones e sair dali sem nem uma unha quebrada, mas esse não era meu estilo. Não, eu preferia lutar com esse gigante e ganhar minha liberdade a recebê-la de presente. Mas onde estavam os canhões quando você precisava de um?

– Não judie demais, Grendel. Tenho planos para ela mais tarde – Ian deu um sorriso presunçoso.

O zumbi deu uma risada agourenta.

– Ela vai estar viva. O resto cabe a você consertar.

Que reconfortante. Meneei minha cabeça bem discretamente para Bones, indicando que não queria que ele intercedesse. Então, estalei os nós de meus dedos com uma insinuação sinistra, observando Grendel conforme ele se aproximava. O zumbi me analisou com um escrutínio profissional e indiferente, sem dúvida decidindo qual de meus ossos ele quebraria primeiro.

– Para mostrar que não tenho nada a temer – ele disse em sua voz profunda –, deixarei você desferir o primeiro golpe sem me defender.

– Não vou fazer o mesmo – respondi no mesmo instante.

Um gélido sorriso enfeitou seu rosto.

– Eu sabia que não. Pois isso acabaria cedo demais e estragaria minha diversão.

Que ótimo. Grendel, o Gigante, era um sádico. Quem disse que a vida era fácil?

Inspirei profundamente e em seguida saltei no ar na direção dele, chutando com os pés com toda minha força. Meus saltos atingiram

sua garganta e eu os deslizei para fora, esperando cortar a coluna espinhal em seu pescoço.

Mas não cortei. O que fiz foi arrancar dois nacos de seu pescoço e me fazer cair com as pernas abertas sobre ele quando ambos desabamos para trás com o impacto. Caí com meus joelhos indecentemente um de cada lado do rosto dele; então, saltei para trás.

Ian riu tanto que seus olhos ficaram vermelhos de lágrimas.

– Você não usou *essa* tática de batalha comigo antes, Cat. Ouso dizer que me sinto passado para trás.

Grendel não estava achando graça. Ficou em pé, esfregou sua garganta onde a pele estava sarando e me deu um olhar bem desagradável.

– Você vai pagar por isso com dor.

O que eu deveria dizer? Também não foi bom para mim?

O pulso de Grendel disparou. Foi quase cômico, porque eu somente vi um borrão e então *bum!* Voei de encontro às arquibancadas atrás de mim. Pousei em duas vampiras bem-vestidas que prestativamente me jogaram de volta à arena sem nem ao menos um “como vai?”. Assim que atingi o chão, rolei, por pouco escapando de um chute que teria levado meus intestinos para a cavidade do peito. Então, saltei para evitar que ele se chocasse contra mim como um lutador da WWE<sup>\*\*</sup>. Macacos me mordam, ele era rápido! E não estava de brincadeira! Outro salto fez com que seu pulso redondo atingisse meu ombro ao invés de minhas costelas. Houve um estalo quando minha clavícula quebrou. Outro quando ele fingiu uma esquerda e veio com uma direita baixa, esmagando pelo menos três de minhas costelas. Afastei-me como um raio, mas fui atingida nas costas por não ser rápida o suficiente. Esparramei-me no chão da arena, caindo primeiro com o rosto; depois, rastejando, meu coração falseou quando senti seu punho de ferro próximo a meu tornozelo.

Grendel me puxou para perto e desfechou seu punho na lateral de meu corpo. Fui para trás no último momento, portanto, ele não conseguiu esmagar toda minha caixa torácica, mas acabou com meu rim. Dobrei-me ao meio, tossindo sangue em uma linha vermelha, mal conseguindo respirar. Grendel soltou meu tornozelo. Ficou em pé e começou a rir.

– Esta era a tão temida Ceifeira Ruiva? *Esta?*

Houve uma explosão de aplausos. Eu não era a favorita da multidão, obviamente. Grendel curvou-se em saudação, ainda rindo, enquanto uma raiva fria entrou em erupção dentro de mim. Esse cretino não ia me entregar a Ian enquanto zombava sobre quão fácil havia sido. Eu o derrotaria com ou sem dor. *Vamos lá, Cat. Você não está acabada ainda.*

– Mulherzinha.

Eu disse isso enquanto assumia uma posição meio agachada. Grendel parou de rir no mesmo instante. Ele cresceu sobre mim, levando sua mão para trás para me socar. Ao invés de me desviar, eu ataquei. Minha posição inferior deixou-me no ângulo perfeito para causar o maior dano possível que pudesse fazer com minha boca.

Grendel deixou escapar um guincho alto. Não mordeu mais, porque meu propósito principal era distrair e não havia nada como um escroto mastigado para ter a atenção de um sujeito plenamente focada naquilo. Quando ele instintivamente protegeu sua virilha, disparei à sua volta para saltar em suas costas como um macaco, usando minhas pernas para me segurar. Então, enfiei meus dedos em seus olhos.

Grendel berrou com empenho diante disso. Enfiei meus dedos mais profundamente, ignorando a nojenta sensação gelatinosa. Seus braços arremeteram para trás quando ele tentou atingir qualquer parte minha que pudesse. Saltei de cima dele, escapando de vários golpes assassinos e passei-lhe uma rasteira que lhe tirou o apoio dos pés. Embora meus dedos não estivessem mais em seus olhos, ele

ainda não conseguia ver. Eles ainda não haviam sarado. Eu tinha apenas alguns segundos.

Lancei-me sobre ele novamente, usando a velocidade daquele ataque como uma alavanca quando apertei sua cabeça e a torci com toda a força que tinha. Houve um som audível de algo se quebrando, mas não o suficiente. Todos os meus músculos se uniram quando puxei com minha última explosão de força, usando minhas pernas para abraçar, e então caí sobre as costas com a cabeça de Grendel em meu colo, órbitas sangrentas olhando fixamente para mim.

– Você esqueceu... de me chutar... quando eu estava caída – consegui arquejar.

O momentâneo silêncio chocado foi rompido quando várias vozes começaram a falar de uma só vez. Cuspi sangue de minha boca, sem me importar quão pouco feminino isso pareceria, e afaguei minha lateral dolorida. Grendel teria acabado comigo se não tivesse sido tão presunçoso. Mais um golpe como o último ao lado de meu corpo e eu não teria sido capaz de abrir uma tampa de garrafa de refrigerante. Mesmo agora, eu me sentia como se tivesse sofrido um acidente de carro. Ou melhor, um acidente de trem. Dos grandes. O rosto de Grendel olhava para mim, sua pele estava começando a enrugar, e eu joguei sua cabeça para longe com repugnância. Algumas pessoas gostavam de troféus. Eu não era uma delas.

Lentamente, coloquei-me em pé e fulminei com os olhos Ian, que ainda estava abismado.

– Desçam... a gaiola.

Eu ainda não conseguia falar direito por causa da pressão de minhas costelas quebradas. Ian assentiu com os lábios cerrados e, com um áspero som metálico, Noah foi trazido ao chão. Quando deixaram-no sair da jaula, ele olhou para o zumbi sem cabeça com horror. E então, começou a gritar.

– Alguém faça-o calar a boca – Ian ordenou, irritado.



Spade adiantou-se imediatamente, seu olhar afiado e a ordem para silenciar aquietaram Noah em segundos. Então, ele o conduziu pelo corredor até as portas duplas de onde ele estava assistindo. Relaxei um pouquinho. Era o lugar mais seguro em que Noah poderia estar.

Surpreendentemente, Ian começou a aplaudir, mas seus aplausos eram mais um som zombeteiro do que o genuíno aplauso que Grendel tinha brevemente recebido.

– Muito bem, Ceifeira Ruiva! Ninguém pode zombar desse seu nome agora. Estou mais do que impressionado, como todos aqui. Você provou ter muito recursos, força e crueldade. Venceu seu desafio e ganhou um de seus homens de volta. No entanto... eu ainda estou com mais três deles. Quanto vale a vida deles para você, boneca? Una-se a mim, jure sua lealdade a mim, e eu os deixarei ir. Venha agora, não será tão desagradável. Na realidade, há muitos privilégios, como você irá descobrir.

Ian sorriu quando disse essa última sentença, deixando-me poucas dúvidas quanto a sobre o que ele estava falando.

Bones ficou em pé.

– Já vi o suficiente, Ian. Estou indo embora agora.

– Mas esta é a melhor parte – Ian disse, piscando para mim. Mostrei a ele meu dedo médio. Ele riu. – Agora você está lendo minha mente, Cat.

Bones desceu até o corredor. Mais de cem pessoas também se levantaram e começaram a seguir seu gesto. Meus olhos se esbugalharam. Será que eram todos *dele*?

– Não há necessidade de ficar mais, companheiro. Desejo-lhe boa-noite. – Ele continuou descendo até chegar ao nível mais baixo da arena e, em seguida, voltou-se e sorriu para Ian. – Mas, antes de ir, acho que irei cumprimentar sua convidada de honra.

Ian gargalhou.

– Cuidado. Você pode acabar ao lado de Grendel.

– Sempre gostei de viver perigosamente – Bones retrucou, saltando para dentro do espaço quadrado junto a mim. Uma vez ali, seu sorriso alargou-se. – Parabéns pela magnífica demonstração de uma conduta não esportiva. Que jogadora suja você é. Alguém *realmente* habilidoso deve ter treinado você.

Ri apesar de doer.

– Sim. Um filho da mãe arrogante.

– Você sabe o que dizem sobre paus e pedras<sup>\*\*\*</sup>. Venha, querida, que tal um beijo de adeus pelos bons tempos?

– Quer um beijo? Venha buscar.

Pude ver Ian do lado direito, atrás de Bones. Ele riu zombeteiro e murmurou algo à pessoa ao lado sobre a enorme chance de Bones ter seus lábios arrancados com uma mordida. Aquele riso se transformou em um sibilar de indignação quando Bones me pegou em seus braços e eu lancei minha boca sobre a dele. Também não fechei meus olhos quando o beijei. A expressão no rosto de Ian era impagável.

– Que diabos...?

Ian levantou-se tão abruptamente que o sofá atrás dele tombou para trás. Ignorei isso, sugando o corte profundo na língua de Bones que ele tinha feito a si mesmo à vista de todos. Minha boca sarou bem quando comecei a me sentir melhor, seu sangue curando os danos dentro de mim.

Ian estava lívido com essa mudança de programa. Ele disparou para Bones um olhar fulminante faiscando com ira cor de esmeralda.

– Basta, Crispin! Cat é minha agora, tire suas mãos e saia.

Bones, pelo contrário, apertou seu abraço.

– Receio que tenho que discordar. Prefiro minhas mãos onde estão.

– Você enlouqueceu? – Ian saltou para a arena. Se ele fosse humano, estaria tendo um ataque cardíaco. – O que é isso? Você ousa me antagonizar por causa de uma mulher que você mal tolera?

E que não vê há anos? Esse não é o comportamento que um novo líder mostra a sua gente, a menos que haja algo mais. Isso é algum tipo de desculpa para começar uma guerra comigo?

Bones deu a Ian um olhar contido.

– Não estou tentando começar uma guerra com você, Ian, mas se  *você*  começar, eu a termino. É muito simples. Não vou deixar que você a force a fazer nada, mas se ela gostar de você, irei embora. Então, amor, com quem você prefere ficar? Comigo ou com Ian?

– Com você – disse imediatamente, com um sorriso malicioso. – Ian, perdoe-me, mas você não é meu tipo. Além disso, sequestrar meus amigos e tentar me tornar um troféu em seus braços...  *não*  foi legal.

Um brilho de raiva f piscou no olhar de Ian e ele sorriu, mas perigosamente.

– Você se lembra de ter matado meu amigo Magnus, Cat? Você acabou de decidir esse destino para um de seus amigos.

Então, Ian pegou o celular e continuou enquanto discava:

– Se você se afastar de Crispin neste exato momento, poderei considerar permitir a você me persuadir a deixar essa pessoa viver. Mas é melhor vir com uma bela de uma oferta tentadora, porque estou muito contrariado. Senão, quem meus homens irão matar será escolhido aleatoriamente.

Ouvi o primeiro toque do celular de Ian. A voz de Tate atendeu.

– Alô – ele disse, alegremente. – Telefone do François.

– Coloque François na linha – Ian falou bruscamente.

– Oi, amigão – falei alto o suficiente para Tate me ouvir. – É Ian quem está falando com você. Dê as boas-novas a ele.

A risada de Tate flutuou através do telefone.

– Ah, olá, Ian. François não pode vir até o telefone agora. Ele está amarrado... com uma faca de prata em seu peito.

Ian bateu o celular com força e sua expressão tornou-se gelo puro e lívido.

– Você não está com nenhum de meus homens como refém, Ian  
– eu disse de forma clara. – Mas eu estou com vários dos seus.

# TRINTA E SETE

Ian olhava para Bones fixamente, parecendo que poderia atacá-lo ali mesmo naquele exato momento.

– Você me traiu – ele disse com um rosnado.

Bones não hesitou.

– Tomei as medidas necessárias para garantir que você não forçasse Cat a tomar uma decisão insensata. Não estamos mais no século dezoito, Ian. Manipular mulheres para levá-las para cama não está mais na moda.

– Se quiser seus homens de volta, Ian – continuei –, então vai concordar em deixar a mim e aos *meus* em paz. Não matei nenhum de seus homens e os retornarei a você ilesos. Mas primeiro preciso de sua palavra de que não irá me importunar novamente. O que vai ser? Seus homens ou seu tesão?

Os olhos de Ian deslizaram pelo entorno, absorvendo os muitos rostos para tomar sua decisão. Então, pousaram em Bones, dando a ele outro olhar fulminante verdadeiramente irritado, e, por fim, fixaram-se em mim.

– Parabéns, Ceifeira Ruiva – ele disse mais uma vez, agora com uma ponta de amargura. – Parece que mais uma vez subestimei você... e sua engenhosidade. – Ele fатиou Bones com mais um flamejante olhar esmeralda e então estendeu sua mão. – Temos um acordo. Você está livre para ir.

Bones sorriu, pegando meu braço, mas finquei meus calcanhares.

– Não tão rápido – eu disse, inspirando profundamente. – Há mais uma questão a ser resolvida primeiro.

– Gatinha, o que está fazendo? – Bones perguntou em voz baixa.

Não olhei para ele, mas concentrei-me ao invés disso em Ian. Se eu tivesse dito a Bones com antecedência o que eu havia planejado, ele teria discutido. Diria que era muito perigoso, talvez até mesmo se recusado a me colocar diante de Ian. Mas Bones não entendia que eu não poderia ter chegado tão longe e *não* fazer o que estava prestes a fazer.

– Sei que vampiros têm o direito de desafiar seus *sires* a um duelo. Bem, Ian, eu desafio meu pai, Max. Se você está aqui, então ele também está aqui em algum lugar. Traga-o. Estou reivindicando meu direito vampiro de duelar com ele.

Bones grunhiu algo que soou como “Que diabos, Gatinha” e, para minha surpresa, Ian começou a rir. Com gosto. Como se eu tivesse acabado de contar a ele a piada mais engraçada de todas. Ele efetivamente começou a verter lágrimas cor-de-rosa no canto de seus olhos e as enxugou enquanto ainda tomado de riso.

– O que diabos é tão engraçado? – eu quis saber.

– Vocês todos ouviram isso? – Ian perguntou, controlando seu riso o suficiente para girar e falar a toda a plateia. A meu lado, o rosto de Bones virou pedra.

– Você devia ter falado comigo sobre isso antes, Gatinha – ele rilhou os dentes.

– Você teria me dito para esperar – sibilei de volta, o que somente fez Ian rir mais ainda.

– Oh, com certeza ele teria, Cat. Veja, você acabou de reconhecer que se considera um vampiro. *Você* sabe o que isso significa, Crispin, como todos os outros aqui. Como vampira, Cat, você é consequentemente minha, e eu o agradecerei, Crispin, se você se afastar de uma de minhas pessoas.

– Mas eu desafiei *Max* – eu disse com raiva. – Então, ele tem que aceitar. E se eu o matar, então sou dona de meu próprio lado vampiro e *ninguém* tem reivindicação alguma sobre mim!

Ian riu mais enquanto Bones me lançava um olhar que dizia que ele estava tentando a me estrangular.

– Oh, boneca, você entendeu algumas coisas de forma errada. Você *poderia* desafiar Max por sua liberdade, se ele fosse o chefe de sua própria linha. Mas ele não é. Ele ainda está sob *meu* comando e você, enquanto mais novo membro de minha linhagem, não pode me desafiar por um ano. Essa lei foi instituída para evitar que bebês vampiros imprudentes abraçassem mais do que poderiam em seu primeiro ano – Ian gentilmente explicou. – Como acabou se comprovando, eu não precisava raptar seus homens em absoluto, porque você acabou de se colocar em minhas mãos. E receio que você tenha mais trezentos e sessenta e cinco dias antes de poder endereçar esse mesmo desafio a mim. Eu me pergunto como iremos preencher nosso tempo.

O sorriso de Ian dizia que ele já tinha algumas ideias. Eu xinguei internamente. Que diabos, *por que* eu não tinha procurado descobrir mais sobre herança e linhagens antes de decidir que essa era uma boa ideia? Por que tinha deixado que minha necessidade cega de vingança contra meu pai se transformasse na armadilha que me fez esconder isso de Bones? Mencheres tinha dito que a vingança era a mais vazia das emoções. Aparentemente, ela motivava as pessoas a fazerem as coisas mais estúpidas também.

– Exceto que já pertença a Bones – eu disse, usando o cartão de propriedade como último recurso. – Ele me mordeu e fez coisas na cama comigo que são ilegais pelo menos em alguns Estados!

– Linhagem sobrepõe-se a propriedade, minha querida Ceifeira – Ian disse, suavemente. – Então, apesar de Crispin com certeza ter doces memórias de seu tempo juntos... elas serão as únicas coisas que ele terá de você,

– Eu discordo, Ian – Bones retrucou, apurando-se. – Você tem razão, linhagem tem mais força do que propriedade. Mas você não tem reivindicação alguma se ela for minha esposa.

Ian pareceu tão confuso quanto eu.

– Mas ela não é – ele apontou o óbvio.

Bones tirou uma faca de seu bolso. Fiquei tensa, assumindo que iríamos partir para o tudo ou nada. Mas Bones apenas deslizou-a por sua palma e a seguir colocou-a por cima da minha.

– Por meu sangue, você é minha esposa – ele disse em uma voz clara. Então, ele disse mais suavemente para mim: – Eu teria vislumbrado algo mais romântico para isso, Gatinha, mas as circunstâncias não permitem.

– Você deve estar *louco!* – Ian enfureceu-se, arrebatando sua própria lâmina de suas calças.

– Não se mova! – uma voz ribombou no mesmo instante.

Ian ficou paralisado e Bones, no ato de voltar sua própria faca em direção a Ian, congelou-se também. Uma figura de cabelos escuros veio pelo corredor, as pessoas se moveram para os lados para deixá-la passar. Eu nem precisava ver seu rosto para saber que era Mencheres. O poder inalterado a me invadir dizia isso.

– Mencheres – Bones disse, com uma inclinação de sua cabeça. – Estou correto em minha suposição?

– Em todas as coisas, menos em uma – foi a resposta suave do vampiro.

– Você sempre foi para o lado dele ao invés do meu! – Ian disparou, perdendo sua calma deferência.

Bones revirou seus olhos.

– Não, *isso* de novo não.

– Não é uma questão de lados – Mencheres afirmou calmamente.

– Eu disse que Bones estava certo de todas as formas, menos uma. Cat ainda não o declarou como seu marido.

Ian agarrou a oportunidade.

– Você não sabe o que isso significa, Cat. Não é como o casamento humano, em que o divórcio é tão comum como respirar. Se concordar com isso, estará ligada a Crispin pelo resto de sua



vida. Nada de mudar de ideia, não há como sair disso, até que um de vocês esteja verdadeiramente morto. Se você transar com outro homem, ele terá o direito de matá-lo sem punição.

Mencheres sorriu, mas sem alegria.

– Sim. Uma vez declarado, não há retratação.

Os olhos castanhos de Bones se encontraram com os meus quando desviei o olhar de Mencheres. Bones arqueou uma sobrancelha, esperando.

– Você não acha que está na hora de conhecer seu pai? – Ian logo jogou a isca.

*Aquilo* prendeu minha atenção. Virei-me em sua direção e minha mão se fechou sobre a faca que tinha acabado de aceitar de Bones.

Ian forçou sua vantagem.

– Farei uma troca com você, Cat. Uma bem diferente daquela que eu intencionava primeiramente. Você pode sair daqui esta noite com minhas garantias de que não irei pressionar minha reivindicação sobre você *ou* perturbar seus homens novamente. Além disso, darei Max a você, para fazer o que você quiser. Tudo o que quero em troca é que você recuse essa oferta e afaste-se de Crispin permanentemente. Dando sua palavra sobre isso.

Minha boca pendeu aberta, dedos esbranquiçados no cabo da faca.

– Maximillian, venha cá! – Ian chamou.

As portas para o corredor se abriram e Spade saiu do caminho para deixar um homem alto passar. Ora, ora. Aparentemente aquela foto mostrara apenas um vislumbre da semelhança entre nós. Cara a cara não havia dúvidas. Eu era *exatamente* igual a ele.

Tirei minha mão da de Bones com um tipo de choque. Max foi para a ponta da arena e parou, não se aproximando mais. Encurtei os últimos passos que nos separavam.

Seu cabelo era escarlate, tão brilhante e grosso quanto o meu. Deus, *aqueles olhos*, de um cinza prateado e exatamente como os

meus. Ele tinha malares altos, lábios cheios, nariz reto, linha do maxilar forte... Tudo era idêntico a mim, mas em proporções masculinas. Até mesmo a forma como se postava. Era como olhar em um espelho de distorção de gênero e, por um minuto, tudo o que consegui fazer foi olhar fixamente.

Max, por sua vez, não disse coisa alguma. Seu rosto brilhava em desafio e resignação em partes iguais enquanto olhava de mim para Ian. No entanto, ele não pediu por misericórdia. De nenhum de nós. Aquilo era bravura... ou uma simples percepção de que não adiantaria droga nenhuma?

Finalmente consegui falar.

– Sabe o que prometi a mim mesma quando minha mãe me disse o que eu era e como isso aconteceu?

Cheguei o mais próximo possível sem tocá-lo. Ele se manteve impassível, como uma das estátuas lá fora. Somente seus olhos se moviam e seguiam-me com absorta concentração. Meus dedos roçaram em seus ombros conforme eu circulava em volta dele. Ele se encolheu sob o peso de minhas mãos e eu ri baixo e maldosamente.

– Ah, Max, eu sinto seu nível de energia e não é tão alto. Sou muito mais forte do que você, mas você deve saber disso, certo? É por isso que tentou fazer com que me explodissem a cabeça, para que eu não chegasse antes a você. *Faz ideia de quanto tempo eu venho esperando para matá-lo?*

Ele ainda não dizia nada. Ian me concedeu um olhar indagador, mas eu o ignorei. Ele não sabia o que Max tinha programado, isso era certo. Andei em volta de meu pai, ficando mais irritada por ele não estar falando.

– Eu ouvi sobre você pela primeira vez em meu aniversário de dezesseis anos. Os doces dezesseis anos, e o que ganhei? O pleno conhecimento sobre minha amaldiçoada herança. Então *jurei* a mim mesma que um dia eu o encontraria e o mataria por causa dela. Que

você pagaria com sua vida por estuprar minha mãe. Você ouviu o que Ian acabou de me oferecer? Seu traseiro, com todas as outras partes em anexo!

A ira vertia de meus poros e meus olhos o fulminavam com seu brilho quando tornei a encará-lo.

– Vamos lá, Max, o que você acha? Que presente, não é? Quem poderia dizer não a isso? Quero dizer, eu queria matá-lo mais do que a qualquer coisa nessa minha vida completamente deturpada, debilitada e conflituosa.

A faca que Bones tinha me dado tremia em minha mão com o desejo de enfiá-la em seu coração. Finalmente, após outro longo olhar, eu ri novamente. Com uma mistura de alegria e tristeza. Minha necessidade por vingança quase já havia me custado Bones uma vez nesta noite. Pelo menos eu não me permitiria cometer o mesmo erro duas vezes.

– Seu merdinha inútil, você está prestes a fazer a primeira, última e única coisa que já fez para mim como pai, porque há alguém em minha vida que significa mais para mim do que até mesmo matar você. Parabéns, seu patife. Você acaba de dar a mão da noiva.

Ao invés de torcer aquela faca através do coração de meu pai, eu a deslizei pela minha palma e coloquei-a sobre a pálida mão ainda estendida a mim.

– Ligados um ao outro para sempre, hein? Me parece bom. Por meu sangue, Bones, você é meu marido. É isso que devo dizer? Está correto?

Bones me inclinou para trás com a força de seu beijo e presumi que essa era minha resposta.

# TRINTA E OITO

Max rompeu seu silêncio somente após bones me levantar de seu beijo. Ele me avaliou com um olhar e depois sorriu. Gelidamente.

– Se não for bem-sucedido na primeira, tente outra vez. Você acredita nisso, garotinha? Eu acredito. Nosso dia vai chegar, grave minhas palavras.

– Ele a está ameaçando? – Bones perguntou a Ian com fria afabilidade enquanto eu me voltava para o olhar glacial de meu pai. – Talvez você precise lembrá-lo de que qualquer um que venha atrás de minha esposa, ou de alguém que pertença a ela, tal como seu tio, está de fato declarando guerra a mim também. Essa é sua posição, Ian? Ele fala por você?

Ian deu a Max um olhar fulminante verdadeiramente ameaçador.

– Não, ele não fala por mim e não tem nada mais a falar sobre o assunto. Tem, Max?

Max passou os olhos por todas as pessoas de Bones, que o observavam também com ameaça.

– Não, não tenho nada mais a dizer sobre isso – ele respondeu em um tom de quem teria muito a falar sob outras circunstâncias. – Mas eu tenho, sim, algo a dizer sobre a mãe dela. – Ele fixou seus olhos em mim. – Você foi mal informada. Eu transei com ela, sim. Mas não a violentei.

Bones intensificou o aperto de sua mão em mim, sentindo que eu estava prestes a explodir. Ian viu isso também.

– Você desistiu de sua chance, Cat, e isso vale para os dois lados. Max é meu e está sob minha proteção. Se colocar suas mãos nele, é

um ato de guerra.

Eu me contive. *Outra hora, outro lugar.* Não aqui onde isso se transformaria em um banho de sangue entre o pessoal de Bones e o de Ian.

– Você provavelmente violentou tantas mulheres que nem mesmo se lembra de quem ela era – afirmei, imparcialmente.

Max sorriu.

– A gente nunca esquece a primeira e ela foi minha primeira após eu ter sido transformado. Ela era uma bela morena com grandes olhos azuis e belos peitos redondos. Tão jovem e ardente. Tão fresca. Passei ótimos momentos traçando-a no banco de trás daquele carro e o único momento em que ela se queixou foi quando terminei. Ela abriu seus olhos, viu os meus brilhando verdes, viu minhas presas... e começou a gritar feito louca. Começou a chorar também. Simplesmente berrou histericamente e disse que eu era uma criatura do inferno ou algo assim. Foi engraçado. Tão engraçado que não me incomodei em contradizer isso. Disse a ela que estava certa, que eu era um demônio. Que todos os vampiros eram demônios e que ela tinha acabado de deixar um transar com ela. Então, bebi seu sangue até que ela parou de berrar e desmaiou, e isso, garotinha, é o que realmente aconteceu entre mim e sua mãe.

– Mentiroso – eu cuspi.

O sorriso dele tornou-se cruelmente sagaz.

– Pergunte a ela.

Max era obviamente capaz de mentir. Qualquer um que pudesse conspirar para assassinar sua própria filha não deixaria de mentir para tirar seu traseiro da reta, mas, de alguma forma... de alguma forma... eu não tinha certeza se ele estava mentindo agora. Minha mãe veementemente afirmava, desde que eu conseguia lembrar, que todos os vampiros eram demônios. Eu achei que era apenas uma forma geral de repugnância, mas talvez fosse mais do que isso. Se

Max *tinha* dito a ela que era um demônio, e que todos os vampiros também eram, isso certamente explicaria seus sentimentos conturbados em relação a mim, bem como sua absoluta recusa em considerar que vampiros pudessem não ser malignos.

– Você se lembra da mãe dela bem distintamente, não é? – Bones perguntou em tom de conversa enquanto eu questionava aquilo.

Max não perdeu aquele odioso sorriso de desdém.

– Não foi isso que eu acabei de dizer?

– Qual o nome dela?

– Justina Crawfield! – Max disparou. – Vai me perguntar agora a cor da calcinha que ela estava usando?

Bones sorriu de repente, mas isso estava longe de ser agradável.

– Quando Ian descobriu que você era o pai dela, aposto que ele também mencionou quanto ela queria vê-lo morto. Isso o deixou muito assustado, não foi? Descobrir que alguém forte o suficiente para levar a melhor sobre ele estava vindo atrás de você. Você se lembrou da mãe dela, claramente como comprovou, e teria sido demasiadamente simples procurar o nome da criança que ela havia dado à luz tantos anos atrás. Você deu essa informação a um assassino chamado Lazarus, não deu? Você o fez matar um casal na antiga casa dela para fazer com que ela aparecesse, apesar de que, mesmo quando ela caiu na armadilha, ele não conseguiu matá-la. Você deve ter ficado realmente assustado então, portanto, decidiu ir atrás dela através da única fonte que restava: seu irmão. Você sabia que ele a havia mandado atrás de Ian, quem mais poderia ser, e então você foi procurando até que encontrou um cagete em sua operação. Um que poderia dar a outro assassino a localização dela e, mais importante, suas fraquezas. Bom plano, companheiro, mas estou aqui para informá-lo de que seu ratinho e seu cúmplice foram exterminados.

– Seu *cretino*! – gritei, vendo tudo se encaixar.

– O que é isso? – Ian perguntou com suspeita.

– Max a encontrou muito antes do que eu, mas manteve isso para si mesmo. Ele tem agido por detrás de suas costas há meses, Ian, tentando matá-la para proteger seu miserável traseiro. Não é muito leal da parte dele, é?

– Não sei do que ele está falando! – Max insistiu.

Olhei fixamente o homem que era meu pai e soube que agora, irrevogavelmente, ele estava mentindo. Ian tinha uma expressão em seu rosto que dizia que ele sabia disso também.

– Você tem alguma prova disso, Crispin?

Ninguém se enganou com seu jeito contido. Os olhos de Ian estavam plenamente verdes.

Bones assentiu.

– Tenho cópias de registros e transações bancárias da tentativa mais recente. O estúpido usou sua conta pessoal para pagar o informante na operação do tio dela. Se você olhar, calculo que verá que a conta pode ser rastreada até Max. Você com certeza também encontrará outra grande transferência de fundos em abril, quando as pessoas que moravam na antiga casa dela foram assassinadas.

Ian ficou branco em volta dos lábios. Sorri maliciosamente para Max.

– Ops! Parece que alguém está encrencado.

Certo, não era a cabeça dele na guilhotina, mas, pela expressão de Ian, Max poderia logo estar desejando que eu o tivesse matado antes.

Ian deu a Bones um último e longo olhar e então se virou, gesticulando rudemente para que Max o seguisse.

– Ei, Max – chamei em voz alta quando ele estava indo atrás de Ian. – Cuidado com suas costas. Nunca se sabe quando alguém poderia enfiar uma faca nelas.

Vi seus ombros ficarem tensos, mas ele não se virou. Passou direto por aquelas grandes portas duplas e então sumiu. *Eu verei*

*você novamente, prometi a ele silenciosamente. Sei quem você é agora e você pode correr, mas não se esconder.*

Talvez meu maior choque foi quando os outros vampiros começaram também a se dispersar, sem nem ao menos uma ameaça murmurada entre eles. Suponho que estivessem levando o aviso de Bones a sério sobre o fato de que qualquer um que arranjasse problemas comigo teria notícias dele e de sua gente também.

Spade veio pelo corredor até a arena para dar um afetuoso tapa nas costas dele.

– Que diabos, companheiro. Você, um homem casado? Agora eu já vi de tudo.

A tensão visivelmente saiu dele quando sorriu para seu amigo.

– Charles – ele disse, chamando-o por seu nome humano. – Acho que estamos precisando de uma carona.

Pegamos uma carona com Spade, que nos levou de carro até a pista de decolagem onde o mesmo helicóptero que havia nos trazido iria agora nos levar de volta ao armazém. Assim que chegamos lá, Bones soltou os seis homens de Ian e disse a eles que estavam livres para ir embora. Eles pareceram assombrados por serem soltos tão facilmente, mas não questionaram, e mesclaram-se à noite. Então, houve mais uma parada para liberar Spade antes de chegarmos ao complexo. Nessa hora eu já estava cansada, física e emocionalmente, mas ainda havia coisas a fazer.

Quando chegamos, nós cinco fomos direto ao escritório de Don. A testa de meu tio se franziu demonstrando algo que poderia ter sido embaraço e ele rapidamente interrompeu seu exame de minha roupa. Ah, sim. Eu tinha esquecido que mal estava vestida.

– Hã, Cat, você gostaria de um jaleco ou... algo assim?

Bones tirou sua jaqueta.

– Aqui, amor, coloque isso antes que seu tio fique vermelho. Melhor fazer isso de qualquer forma, uma vez que estou prestes a



bater em Juan por tentar memorizar cada curva de seu traseiro.

Peguei o casaco oferecido e fulminei Juan com um olhar severo. Ele sorriu, obstinado como sempre.

– O que você esperava? Você não devia tê-la deixado andar na minha frente, amigo, se não queria que eu olhasse.

– Vocês estão todos aqui, então obviamente a operação foi um sucesso. – Direto aos negócios, como Don sempre fazia. – Cat, você deu instruções para que Noah Rose fosse transferido diretamente a um hospital? E para que ele tivesse seu carro batido e relatórios de polícia sobre uma colisão e fuga?

– Correto. Bones poderia deixar seus lavadores cerebrais desempregados, Don. Noah não faz ideia alguma do que viu esta noite. Tudo o que ele irá lembrar é que sofreu um acidente de carro e que tem que ligar para a seguradora de manhã. Você não precisa se preocupar com ele.

– Sabe, isso traz à tona uma questão muito boa – Tate deu a Bones um olhar hostil. – Como sabemos que ele não tem ferrado nossas mentes esse tempo todo? Sua decisão de torná-lo parte desta equipe pode ter sido plantada, Don!

Bones respondeu à acusação por ele.

– Ele sabe que não foi. Para começar, este escritório está sendo filmado por uma câmera à bateria embutida no teto. Eu consigo ouvi-la, meu velho – ele disse a Don, que estava estupefato. – Claro, eu poderia simplesmente fazê-lo pensar que assistiu ao que ocorreu quando na verdade não viu nada disso, mas você ficou alerta tão logo soube que sua sobrinha estava transando com um vampiro. Você tem bebido de garrafa, para falar corretamente. Bebendo sangue de vampiro para imunizar-se contra controle mental. Posso sentir o cheiro de sangue em você.

O rosto de Don confirmou isso tudo. Meneei a cabeça.

– Você nunca vai confiar em mim, vai? Olhe, estou cansada, então vamos encurtar isso. Ian e Max ainda estão vivos, mas não

irão mexer mais conosco. Isso foi acertado. Sob as leis dos nosferatu, Bones meio que... hum, casou comigo.

Don deu um puxão em sua sobancelha.

– *O quê?*

Expliquei resumidamente as leis de comprometimento e a seguir dei de ombros.

– Humanamente falando, ainda sou solteira. No que se refere aos mortos-vivos, no entanto, estou casada com Bones para todo sempre, amém. Desculpe não ter dado lembranças suas a Max, Don, mas eu o pegarei algum dia. Prometo.

Aqueles olhos de mesmo cinza-aço fixaram-se em mim. Por fim, Don sorriu levemente.

– Eu mandei lembranças a Max. Enviei você a ele.

Um nó subiu pela minha garganta e tive que piscar.

– Há outro assunto que precisamos discutir – Bones disse, surpreendendo-me.

– Certo, mas seja rápido. Estou quase dormindo em pé.

– Ontem, Tate me disse que seu amigo bebeu sangue de vampiro enquanto morria. Esse é um detalhe muito significativo.

Franzi a testa, cansada.

– Como assim? Isso não poderia tê-lo tornado um vampiro. Ele apenas bebeu alguns goles quando muito. Nós o enterramos três dias depois e, pode acreditar, ele estava morto.

– Bem morto, no que se refere a vampiros e humanos. Mas há outra espécie, não há?

Todos o olhamos inexpressivamente. Bones suspirou resignação.

– Vampiros e zumbis são raças irmãs, como eu disse a você. Você sabe que um vampiro nasce após um humano sangrar ao ponto de morrer e então beber profundamente sangue de vampiro. Criar um zumbi não é tão diferente disso. Primeiro, você fere mortalmente um humano e, em seguida, o faz beber sangue de vampiro, *mas não o suficiente para que ele viva*. Depois de morto, um zumbi pega o

coração de um humano e o troca pelo seu próprio. Zumbis podem sobreviver ao terem seu coração arrancado, que é o motivo pelo qual a única forma de matá-los é a decapitação. Após os corações terem sido trocados, você derrama sangue de vampiro sobre o coração transplantado. Isso o ativa, por falta de termo melhor, e então temos o nascimento de um novo zumbi.

O que ele quis dizer foi se infiltrando. O rosto de Rodney na noite passada, quando ele olhou para Bones e disse "complicado", espocou em minha mente. Ele não se referia ao assassinato de Dave. Ele aludira a seu possível renascimento.

– Dave está morto há meses, Bones. Enfiado no solo após ter sido completamente encharcado de formol. Você está me dizendo que é possível? Claro que está, por que outro motivo estaria mencionando isso? Ó Deus. Ó Deus.

– É possível, mas vocês querem isso? Ele ainda seria seu amigo, com todas as suas memórias e características de personalidade, exceto uma: o que ele come. Zumbis comem principalmente carne crua, mas de vez em quando têm que variar sua dieta e vocês *sabem* do que estou falando.

– Jesus – Tate murmurou. Eu o segui nisso. Lá se foi meu apetite.

– Deixem de lado sua aversão instintiva por um momento – Bones continuou. – Eu normalmente jamais consideraria participar da transformação de uma pessoa sem o consentimento dela, mas como ele não está disponível no momento, estou perguntando a todos vocês. Vocês eram amigos dele. O que acham que ele escolheria? Permanecer enterrado morto no solo... ou sair dele?

A oportunidade de ter Dave de volta – andando, falando, contando piadas engraçadas e *efetivamente* estando ali – era real. De repente, eu não estava nem um pouco cansada.

– Temos que decidir agora? – Don perguntou.

Bones assentiu.

– Normalmente, o rejuvenescimento é feito à hora da morte, por motivos óbvios. A cada dia que ele passa no chão, a chance de levá-lo diminui. Do jeito que está, será necessário muito poder para conseguir isso. Rodney se ofereceu para ser seu *sire*, mas ele quer deixar a cidade devido a essa questão com Ian. Ele tem sua própria linhagem, por consequência, não está sob minha proteção, e imagina que Ian pode tentar se vingar daqueles pelos quais não haverá retaliação. Ele parte amanhã, então, se o fizéssemos, teria que ser esta noite.

– Se seu amigo está partindo, o que aconteceria a Dave se fizermos isso? – Don perguntou de forma prática. – Ele partiria com ele?

Bones dispensou a preocupação com um gesto.

– Não é necessário. Eu poderia lidar com ele. Vampiros têm sido pais adotivos de zumbis por milênios e vice-versa. Como eu disse, raças irmãs. Após poucas semanas de adaptação, vocês poderiam tê-lo de volta melhor do que novo, por assim dizer.

– E se dissermos sim, façamos isso, e Dave decidir que prefere estar morto do que morto-vivo? E aí? – Tate pareceu perturbado pelo pensamento. O mesmo ocorreu a mim.

– Então ele obtém o que deseja – Bones disse, suavemente. – Ele já está morto, e se escolher voltar a isso, ele irá. É por isso que teremos uma espada no túmulo. Seria rápido e ele ficaria como estava.

Eu quis vomitar com a imagem mental. O sentimento pareceu mútuo em todos ali. Bones apertou sua mão sobre a minha.

– Se nenhum de vocês puder aceitá-lo como um zumbi, então não esperem que ele aceite a si mesmo. Ele teria que ter seu apoio sem preconceitos ou esta conversa termina agora. Ser um zumbi não o mudaria como pessoa. Somente modificaria suas habilidades. Ele seria mais forte, mais rápido e teria novos sentidos, mas ainda

seria o mesmo homem. Aquele homem vale mais a todos vocês do que seu mal-estar para com o que ele comer?

– Sim – foi Juan quem falou. Seus olhos estavam brilhantes com lágrimas não vertidas. – Nós o acordamos e o deixamos escolher. Sinto falta de meu amigo. Não me importa o que ele come.

O nó na garganta retornou, com reforços. Ali perto, Cooper deu de ombros.

– Eu não o conhecia muito bem, então minha opinião deve contar menos. Contudo, se Cat consegue lidar com o fato de ser metade aberração, por que Dave não conseguiria lidar com o fato de ser uma inteira? Isso pareceria mais fácil para mim.

Tate fixou os olhos em Bones de uma maneira soturna e calculada.

– Você não se importa com o que o resto de nós pensa. Você está apenas se oferecendo para fazer isso por ela.

– Com certeza – Bones disse no mesmo instante. – Isso também serve ao resto de vocês? É simplesmente pura sorte.

– Sim, bem, eu digo vamos lá, mas acho que você está falando besteira e não vai conseguir tirá-lo de sob a lápide. Mas com certeza pedirei desculpas se estiver errado.

Don e eu éramos os únicos que ainda não haviam se manifestado e o tempo estava correndo. Quase não haviam restado fios na ponta da sobancelha de meu tio enquanto ele olhou para Bones.

– Temos um ditado entre os militares: não deixe nenhum homem para trás. Nunca fizemos isso em nenhuma de nossas missões e não vou ser eu a começar. Traga-o de volta.

Restava apenas eu. Pensei em Dave e no medo de tentar trazê-lo de volta e falhar. Ou, ainda pior, ele voltar e então ser impelido ao suicídio pelo que era. Por fim, pensei nas últimas palavras truncadas de Dave enquanto sangrava até a morte em meus braços: ... *não... 'e deixe... `orrer...*

Isso me fez tomar a decisão.

– Manda bala.

# TRINTA E NOVE

O cemitério estava completamente isolado. Até mesmo o espaço aéreo estava fechado. Minha equipe inteira encontrava-se no local em volta do perímetro. Mais atrás havia mais guardas. Don não iria arriscar interrupções. Ele estava até filmando e um dos doze homens mais próximos do túmulo tinha em mãos uma câmera portátil.

Rodney correu os olhos por toda a pompa e balançou a cabeça.

– Vocês devem estar brincando. Veja toda essa porcaria.

“Toda essa porcaria” englobava a presença de mais de cem militares. Rodney ficava tímido diante de câmeras. Ele não confiava em um tipo de governo que pudesse derrubar, o que, em seu caso, estava bem longe da realidade; mas seria suficiente dizer que ele não gostava da plateia administrativa.

Bones não se importava com os espectadores. Quando afinal chegou o momento, ele esticou três dedos. Dos doze voluntários em nossa unidade, foi esse o número dos que se adiantaram. Poderíamos ter usado bolsas de plasma, mas, segundo Bones, sangue fresco teria mais efeito. Meus três capitães e eu não estávamos no cardápio esta noite, pois ele nos queria fortes no caso de as coisas desandarem. Como a cabeça de Dave, por exemplo. Uma espada estava a meus pés só por garantia. Eu tinha insistido em ser a pessoa a manejá-la, se as coisas chegassem a esse ponto. Dave era meu amigo. Se ele quisesse morrer uma segunda vez, seria pela mão de alguém que o amasse, embora o quanto isso trazia de conforto era questionável.

Uma equipe médica estava de prontidão, discretamente fora de vista. Depois de Bones beber deles até o ponto de vertigem, os três homens cambalearam até a unidade médica. Eles receberiam transfusões no local com o auxílio da ciência moderna.

O caixão havia sido elevado da terra. Doía só de vê-lo. Todos os fechos e travas foram rompidos e os holofotes iluminaram o rosto de Dave quando a tampa foi aberta. Estávamos sob uma tenda apesar de ser noite alta. A paranoia de Don de que alguém testemunhasse esta tentativa exigiu a tenda, acima de tudo o mais. Uma pequena reanimação de cadáver o deixou bem agitado.

Rodney tinha uma faca recurvada especial para a etapa seguinte. Nós cinco nos reunimos mais perto enquanto Dave era retirado de seu caixão e deitado ao solo.

– Jesus – Tate murmurou quando viu Dave plenamente sob as luzes.

Agarrei sua mão e percebi que ela tremia. A minha também. Até mesmo Juan tremia a meu lado e eu peguei sua mão também. Meu aperto aumentou quando eles cortaram a roupa dele da cintura para cima. Eu sufoquei um arquejo quando aquela lâmina cruelmente recurva entrou no esterno de Dave tão facilmente como uma faca em um bolo. Rodney cortou um bom pedaço da cavidade torácica, expondo o coração e órgãos vizinhos. Bones casualmente colocou aquela parte ao lado em um recipiente raso, que agora não deixava nada a dever a uma travessa.

*Quem pediu costelas?*, o pensamento macabro cruzou minha mente.

Rodney tirou sua camisa e a dobrou cuidadosamente antes de colocá-la fora do círculo. Ele já tinha um par de calças extra ali. Então, agachou-se ao lado de Bones, que vestia apenas um short preto. Sua pele reluzia sob as luzes fluorescentes, mas minha usual admiração estava ausente. Deve ter sido a visão dele enfiando



aquela mesma faca na cavidade torácica de Rodney, contornando-a e depois tirando o coração do zumbi.

Dois doadores que aguardavam vomitaram. Parecia que o resto queria se juntar a eles. Eu não poderia julgá-los, mas felizmente minha garganta permaneceu limpa. Rodney estava impressionantemente quieto durante todo o processo, apenas grunhindo umas poucas vezes e fazendo um comentário sobre vinganças. Bones fungou com um divertimento macabro diante disso. O coração de Rodney foi então colocado em outro recipiente antes de eles voltarem sua atenção para Dave.

Esta parte foi muito mais simples com o esterno fora. *Corta, corta, corta* e lá vinha o coração de Dave. Rodney jogou-o sem cerimônia dentro de sua cavidade torácica enquanto Bones ajustava o ex-bate-bate de Rodney em Dave. Afinal satisfeito com a colocação, ele se inclinou sobre o torso de Dave e arrastou a faca profundamente por sua garganta.

O leve grito veio de mim, não dele, diante da visão de seu pescoço aberto com o talho. Bones tinha me avisado de que isso seria bem chocante, mas ouvir e ver eram duas coisas diferentes. Com sua força, ele forçou o sangue para fora de seu corpo. Ele veio em fluxos escarlates. Bones teve que cortar seu pescoço mais três vezes após este ter sarado e houve mais som de indigestão vindo das tropas. Quando o fluxo vermelho finalmente diminuiu, Bones depôs a faca e acenou para os doadores remanescentes.

– Mexam-se – sibilei quando houve hesitação.

Um por um dos sete homens ajoelharam-se, e Bones bebeu de seus pescoços antes de eles saírem cambaleando. Quando o último foi em direção à unidade médica, Bones reabriu sua artéria e a torneira voltou a funcionar.

Algo começou a acontecer. Pude sentir antes de começar a ver alguma coisa. O ar ficou carregado de energia. Minha pele fervilhou conforme a energia deslizava sobre mim. O sangue continuava a

jorrar dentro da transbordante cavidade do peito de Dave e então meu coração parou por um segundo quando vi seu dedo se mexer.

– Santo Cristo – Tate arfou.

A mão de Dave preguiçosamente se curvou, flexionando-se. Depois vieram seus pés, com os dedos esporadicamente se remexendo mesmo quando a torrente de sangue fornecida por Bones escasseou novamente.

– Ele precisa de mais. Pegue mais seis homens – Rodney vociferou, pois com sua garganta aberta, Bones mal poderia falar.

Eu gritei a ordem, incapaz de arrancar meus olhos dali. Houve um ruído de pés quando mais doadores foram trazidos. Rodney prestativamente os segurou em frente a Bones por tempo suficiente para as reposições acontecerem e então cada homem foi arrastado até os médicos. De forma distante desejei que eles tivessem trazido plasma suficiente, pois isso estava consumindo muito mais sangue do que tínhamos antecipado.

Quando a cabeça de Dave girou para o lado e seus olhos se abriram, caí de joelhos. Rodney colocou o pedaço de cavidade torácica de volta ao peito de Dave, encaixando-a como um pedaço de quebra-cabeça. Bones esfregou a área com o sangue empoçado em volta dele e eu tive que tentar duas vezes antes de conseguir falar.

– Dave?

Sua boca abriu e fechou antes que uma resposta arranhada fizesse lágrimas correrem por minhas bochechas.

– Cat? O vampiro... fugiu?

Deus, ele achava que ainda estava na caverna em Ohio! Isso fazia sentido, pois tratava-se de sua última memória. Bones e Rodney se afastaram. Juan chorava, murmurando em espanhol. Tate ajoelhou-se, em estado de choque, antes de tocar a mão de Dave e cair no choro diante do aperto que recebeu em troca.

– Não acredito. *Simplesmente* não acredito!

Dave franziu a testa diante de nós três.

– O que aconteceu? Vocês estão horríveis... Estou no hospital?

Abri minha boca para responder quando ele se ergueu de repente e sentou.

– Um vampiro! O quê...

Ele finalmente notou o sangue. Bones também estava coberto por ele onde estava sentado, a alguns metros de distância. Segurei Dave pelos ombros e falei com ele com urgência.

– Não se mova ainda. Seu peito ainda não fechou completamente.

– O quê...? – Ele olhou para baixo, para si mesmo, e depois para a área da tenda antes de seus olhos pousarem no caixão e na lápide com seu nome.

– Dave, ouça-me – minha voz estava grossa. – Não se preocupe com o vampiro, ele não vai ferir você. Nem o zumbi ao lado dele. Você... você não foi ferido naquela caverna em Ohio. *Você foi morto.* Este é seu túmulo e aquele é o caixão onde você esteve nos últimos três meses. Você morreu naquele dia, mas... trouxemos você de volta.

Ele me olhou como se eu tivesse ficado louca, então um sorriso de cortar o coração tomou seus lábios.

– Você está tentando me assustar por romper a formação. Eu sabia que você ficaria louca da vida, mas nunca achei que chegaria *tão* longe...

– Ela não está tentando assustar você – Tate falou com a voz embargada através de suas lágrimas. – Você morreu. Nós vimos você morrer.

Dave olhou alarmado para Juan, que engoliu em seco e o abraçou com força, agachado atrás dele.

– *Mi amigo*, você estava morto.

– Mas o que... como...

Fui até Bones e Rodney, pousando uma mão em cada um deles.

– Tivemos uma escolha, Dave, e agora você vai ter que fazer uma também. Esses dois trouxeram você de volta, mas há um preço. Sua humanidade morreu com você e nada pode mudar isso. Você só está conosco agora... porque é um zumbi. Desculpe por não avisá-lo a tempo quando o vampiro correu para fora da caverna. Ele o matou, mas você *pode* continuar... morto-vivo.

A negação encheu sua fisionomia enquanto ele olhava para nós, à sua volta e depois para a lápide.

– Olhe, companheiro, sinta seu pescoço – Bones disse de forma prática. – Você não tem pulso. Pegue aquela faca – ele apontou para o instrumento que trabalhou a noite toda. – Deslize-a por sua mão. Veja o que acontece.

Dave cautelosamente colocou dois dedos em sua garganta, esperou e em seguida seus olhos se escancararam. Ele agarrou a faca ensanguentada e a passou por seu antebraço. Uma fina linha de sangue verteu antes de sua carne se fechar perfeitamente e então ele gritou.

Saí de minha posição anterior e agarrei suas mãos.

– Dave, deixe-me dizer por experiência própria que você pode superar uma herança inesperada. Somos o que fazemos de nós mesmos, *não importa o que aconteça*. Não importa o que aconteça. Você ainda é você. Você ainda irá rir, chorar, fazer seu trabalho, perder no pôquer... *Escute*, todos nós amamos você. Há mais em você do que um batimento cardíaco! Muito mais.

Ele começou a chorar, lágrimas cor-de-rosa vertendo de seus olhos. Juan, Tate e eu o envolvemos em um abraço grupal, cobrindo-o enquanto ele tremia. Por fim, ele nos empurrou e enxugou seus olhos, olhando fixamente para o sangue em seus dedos.

– Eu não me sinto morto. Lembro-me de ouvi-la gritar, Cat, e ver seu rosto, mas não me lembro de morrer! E *como* posso prosseguir se estou morto?

Tate respondeu com energia.

– A morte está enfiada naquela caixa, não no que você é agora. Você é meu amigo, sempre será, não interessa que porcaria for comer. Não acreditei naquele cretino pálido quando ele disse que poderia acordá-lo, mas você está aqui e não se atreva a se cobrir com terra de novo. Preciso de você, amigo. Tem sido um inferno sem você.

– Senti sua falta, amigo – Juan disse em um quase incoerente inglês com sotaque. – Você não pode me deixar de novo. Tate é chato e Cooper só quer saber de treinar. Você fica.

Dave nos olhou fixamente.

– O que tem acontecido para estarem com um vampiro e um zumbi levantando os mortos para vocês?

Eu apertei sua outra mão.

– Venha conosco e contaremos tudo a você. Você vai ficar bem, eu prometo. Você costumava confiar em mim. *Por favor*, confie em mim agora.

Ele ficou sentado onde estava, silenciosamente olhando a lápide e os rostos próximos a ele. Afinal, um sorriso torto tomou seus lábios.

– Esta é a coisa mais estranha que já vi. Estou me sentindo bem. Minha mente está amaciada, mas para um homem morto, sinto-me às mil maravilhas. Estamos em um cemitério?

Diante de meu assentimento, ele lentamente se levantou.

– Detesto cemitérios. Vamos dar o fora daqui.

Lancei meus braços em volta dele e as lágrimas caíram de novo, mas dessa vez eu sorri através delas.

– Estarei logo atrás de você.

Juan conduziu-o para fora da tenda. Sem palavras, Don bateu uma mão em suas costas, com seu próprio olhar brilhando enquanto se afastavam. Bones ainda estava sentado no chão ao lado de Rodney. Saltei sobre ele com tanta força que o estendi no chão,

indiferente ao sangue a empapá-lo. Com toda a felicidade, beijei-o e, quando finalmente me endireitei, ele sorriu.

– De nada.

– A-hãhã – Rodney sorriu. – Eu ajudei também, lembra-se?

Dei nele um selinho apertado de gratidão que fez Bones me puxar para trás com um fungar de divertimento.

– Já está bom, amor. Você não vai conseguir se livrar dele se continuar.

– Você está horrível, Bones. Deus, é sempre tão brutal?

Rodney respondeu à pergunta.

– Não, normalmente não. Normalmente, apenas cerca de meio litro já é suficiente, mas seu rapaz esteve frio por um longo tempo. Francamente, não achei que fosse funcionar. Você tem sorte de Bones ser forte.

– Tenho sorte – concordei, mas não apenas por aquela razão.

– Ei, Guarda da Cripta. – Era Tate e estava com uma expressão resoluta em seu rosto. – Eu sou um homem de palavra, então estou aqui para pedir que me perdoe por dizer que você estava falando besteira e, nesse caso, estou mais do que exultante por ter errado. E como vampiros são mais de ações do que de palavras, você pode tomar um gole por minha conta. Você está um lixo. Alguém já lhe disse que você é pálido demais?

Bones riu.

– Uma ou duas vezes, e como estou exausto, vou aceitar sua oferta.

Ele ficou em pé e Tate inclinou sua cabeça.

– Não me beije antes – ele lembrou, desdenhosamente.

Bones não retrucou a isso, apenas afundou seus dentes nele. Um minuto depois, sua cabeça loira se ergueu.

– Desculpas aceitas. Gatinha, não queremos deixar seu amigo esperando. Ele tem muito que aprender. Rodney, sua ajuda foi mais

do que apreciada, mas sei que você quer ir embora. Ligo para você daqui a alguns dias.

Dei um abraço final no zumbi antes de ele desaparecer dentro da noite. Bones caminhou com seu braço à minha volta enquanto Tate vinha a meu lado.

– Ainda temos que resolver as coisas com minha mãe – eu disse.

– É verdade. Não podemos deixá-la tentando me matar a toda hora, não é? Mas não se preocupe. Ela não vai ser mais difícil de lidar do que levantar os mortos.

– Não tenha tanta certeza. – Mas nem mesmo minha mãe poderia estragar meu estado de espírito. Não com o túmulo vazio atrás de mim e seu antigo ocupante esperando à nossa frente ao lado do carro.

° INFORMAÇÕES SOBRE NOSSAS PUBLICAÇÕES  
E ÚLTIMOS LANÇAMENTOS °

Cadastre-se no site:

[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br)

e receba mensalmente nosso boletim eletrônico.





\* [Bram Stoker](#), autor de *Drácula* (N.T.).

\* Cat, abreviação do nome verdadeiro da personagem, significa "gato" em inglês (N.T.).

\* Dança erótica comum em clubes de *striptease* (N.T.).

\* Jogo de *video game* no qual o jogador controla um sapo que tem de cruzar uma estrada movimentada (N.T.).

\*\* Título medieval usado para referir-se a uma autoridade superior ou pertencente à nobreza. Também forma arcaica em inglês para "pai" (N.T.).

\*\*\* Referência ao "merry men", bando do folclórico Robin Hood (N.T.).

\* Marca de um creme anti-idade fabricado pela Procter & Gamble (N.T.).

\* Ajudante humano do Conde Drácula no romance de Bram Stoker (N.T.).

\* "Porta dos fundos" em inglês – falha de segurança em um programa de computador ou sistema operacional (N.T.).

\* Título honorífico hindu dado a pessoas com grande poder e domínio espiritual (N.T.).



\* Tipo de pão alemão em forma de nó (N.T).

\* *Spade*, em inglês, significa "pá" (N.T.).

\* Mercenários albaneses e gregos ortodoxos que formavam unidades de cavalaria militar da República de Veneza e do Reino de Nápoles, nos séculos XV e XVI (N.P.).

\*\* World Wrestling Entertainment, campeonato mundial de luta sediado nos Estados Unidos (N.T.).

\*\*\* Rima infantil: *Sticks and stones may break my bones, but words will never hurt me* – Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca irão me machucar (N.T.).

# Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[PRÓLOGO](#)

[UM](#)

[DOIS](#)

[TRÊS](#)

[QUATRO](#)

[CINCO](#)

[SEIS](#)

[SETE](#)

[OITO](#)

[NOVE](#)

[DEZ](#)

[ONZE](#)

[DOZE](#)

[TREZE](#)

[QUATORZE](#)

[QUINZE](#)

[DEZESSEIS](#)

[DEZESSETE](#)

[DEZOITO](#)

[DEZENOVE](#)

[VINTE](#)

[VINTE E UM](#)

[VINTE E DOIS](#)

[VINTE E TRÊS](#)

[VINTE E QUATRO](#)

[VINTE E CINCO](#)

VINTE E SEIS

VINTE E SETE

VINTE E OITO

VINTE E NOVE

TRINTA

TRINTA E UM

TRINTA E DOIS

TRINTA E TRÊS

TRINTA E QUATRO

TRINTA E CINCO

TRINTA E SEIS

TRINTA E SETE

TRINTA E OITO

TRINTA E NOVE

Informações